

OS MÉDICOS E AS ARTES

no Rio Grande do Sul

NOTA DO APOIADOR CULTURAL

A medicina e as artes compartilham o mesmo princípio: o olhar atento ao ser humano. Para a Unimed Federação/RS, apoiar esta obra por meio do seu braço cultural, a Casa da Memória, é celebrar a trajetória de médicos que transformam a técnica em arte e o cuidado em cultura. É uma honra viabilizar este registro histórico da Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina, reafirmando nosso compromisso com o patrimônio intelectual e artístico do Rio Grande do Sul.

ACADEMIA SUL-RIO-GRANDENSE DE MEDICINA

APRESENTA

OS MÉDICOS E AS ARTES no Rio Grande do Sul

Organizadores:
Miriam da Costa Oliveira
e Darcy Ribeiro Pinto Filho

Porto Alegre, março de 2026

Publicado por

Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina (ASRM).

Comissão Editorial

Miriam da Costa Oliveira e Darcy Ribeiro Pinto Filho.

Produção editorial, projeto gráfico e diagramação

Maiara Alvarez www.maiaraalvarez.com

Preparação de texto

Ana Carolina Buzzetto, Fadua Matuck, Natália Ramos de Oliveira e Nathallia Protazio.

Revisão Final

Laura Cravo e Maiara Alvarez.

Arte de capa

Gabreli Anezi

Direitos cedidos a esta publicação

Cada capítulo foi cedido pelos seus autores, assim como as fotos de seus acervos pessoais. Também constam fotos de arquivos e de membros da ASRM.

Sobre a capa

A arte é baseada livremente na interpretação da obra perdida intitulada *Medicina*, de Gustav Klimt.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Os médicos e as artes no Rio Grande do Sul /
organização Miriam da Costa Oliveira, Darcy
Ribeiro Pinto Filho. -- Porto Alegre, RS :
Ed. dos Autores, 2026.

Vários autores
ISBN 978-65-981920-7-5

1. Artes plásticas - Brasil 2. Escultura
3. Literatura 4. Mágica 5. Museus 6. Piano - Música
7. Rio Grande do Sul (RS) - Usos e costumes
8. Teatro I. Oliveira, Miriam da Costa.
II. Pinto Filho, Darcy Ribeiro.

26-339752.0

CDD-700.981

Índices para catálogo sistemático:

1. Artes : Brasil 700.981

Livia Dias Vaz - Bibliotecária - CRB-8/9638

APRESENTAÇÃO

Possivelmente a origem deste livro esteja em 2022, quando eu exercia a Diretoria Cultural da Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina (ASRM), na gestão do Presidente Luiz Lavinsky. Naquela ocasião, consultei os acadêmicos sobre questões culturais, incluindo suas habilidades pessoais no exercício da música e das artes visuais. A atividade literária de muitos já era de conhecimento dos colegas e seu registro já estava sendo sistematizado na ASRM. As respostas revelaram instrumentistas, artistas plásticos, colecionadores, e reafirmaram o interesse (e conhecimento) em Arte. A ideia de trabalhar objetivamente nesse tema deu o primeiro passo quando reassumi como Presidente da ASRM na gestão de 2024, e “Editar livro sobre Médicos e Artes no RS” foi uma das ações constantes no Plano de Metas do período.

Por ocasião do término da gestão, tinha-se em mãos o material bruto do volume que aqui entregamos. Treze capítulos, dez deles escritos por acadêmicos e três por autoridades nas respectivas áreas: teatro, escultura e história da Medicina, dois dos autores, médicos.

Fui arrebatada pela leitura, ao me deparar com textos encantadores e surpreendentes. A riqueza de conteúdo vai do conhecimento sobre o tema e da experiência pessoal à revelação de nomes de médicos talentosos de nosso estado, que exerceram um real “duplo ofício”. Este termo, conforme salientado pelo autor José Francisco Alves, é utilizado pelo acadêmico Nilson Luiz May, que prefere, para sua definição, como consta em seu próprio capítulo, “qualquer atividade de trabalho que requer técnica e habilidades específicas e que deve ser exercida com arte e competência”. Os textos trazem

também extensão, não apenas aos médicos-artistas, mas à abrangente pesquisa sobre uma determinada tipologia artística no Rio Grande do Sul, como pode-se apreciar no capítulo sobre poesia. Eu poderia me estender e apontar detalhes primorosos em cada capítulo, mas isso ficará a cargo dos leitores.

Não resta dúvida sobre a contribuição dos médicos para o terreno das artes, como executores e apreciadores. O registro que este livro proporciona, certamente parcial, considero um presente para a área cultural do estado e da história da Medicina local.

Agradeço ao querido Dr. Darcy Ribeiro Pinto Filho, atual primeiro vice-presidente da ASRM, que dividiu comigo a construção do livro. Agradeço também, e em nome da ASRM, aos autores e a todos que permitiram a materialização desta entrega.

Miriam da Costa Oliveira
Cadeira 52 da ASRM

SUMÁRIO

1. ARTES PLÁSTICAS

Arte e Medicina | 9

2. CANTO

Os médicos e o canto | 45

3. MÁGICA

A arte mágica | 67

4. PIANO

O piano e os médicos pianistas | 73

5. LITERATURA

O ofício literário e os médicos gaúchos | 101

6. FOTOGRAFIA

A ASRM e a Fotografia | 125

7. ORQUESTRA

Os médicos e a nossa grande orquestra | 159

8. COLECIONISMO

Netsukes e arte africana subsaariana | 167

9. TEATRO

A arte de desenhar palavras no ar | 193

10. MÉDICOS NA OBRA DE VERISSIMO

O caso do Dr. Carlo Carbone | 199

11. ESCULTURA

O universo criativo e inquietante dos médicos escultores | 215

12. MUSEUS

Das doenças e dos museus da Medicina | 233

13. POESIA

Médicos e poetas no RS desde a sua povoação | 257

ARTE E MEDICINA

Nilton Brandão da Silva
Paulo Silva Belmonte de Abreu

INTRODUÇÃO

A ideia de escrever este livro sobre Medicina e arte, pela Academia Sul-Riograndense de Medicina, é levantar uma oportunidade de reflexão sobre o que leva o médico, como pessoa e profissional, a desenvolver expressões artísticas de diferentes modalidades. O primeiro pensamento poderia simplesmente estar ligado à busca de lazer, ou de um “hobbie”, como forma compensatória para as intensas e complexas vivências ligadas à nossa atividade profissional. Existem evidências repetidas de que a arte, em diferentes modalidades, evoca sensações agradáveis e de bem-estar nas pessoas ao apreciá-la. Dessa forma, o contato com a arte traz o bem para o espírito e para nossa saúde. Nessa perspectiva, a arte poderia contribuir para o aumento da atitude de reflexão dos médicos dentro de seu trabalho.

Sabe-se que o cuidado médico e o trato com a pessoa humana estão direta e essencialmente ligados às condições de vida e do viver, da existência, da natureza biológica e da inserção social. O processo de criação artística, ao estimular diferentes formas de pensar e de agir, torna possível a representação e expressão da vida interna sob diversas formas discursivas, verbais ou não, escritas ou figurativas, e por meio de elementos simbólicos, por assim dizer, semiológicos.

No presente texto, a Arte pode ser considerada “alimento” da reflexão, em seus mais diversos campos: literatura, desenho, pintura, escultura, fotografia, música, dança, teatro etc. Nele serão expostos os aspectos referentes à pintura, à fotografia, à música, à escultura e à literatura.

O que leva uma pessoa à arte não costuma ser simplesmente uma característica peculiar para cada um; depende, na verdade, dos modelos de educação, das vivências, da sensibilidade própria, do treino das habilidades pessoais, do exercício da capacidade de reflexão e do uso refinado dos sentidos humanos na interpretação do mundo e da natureza. A criação artística pode propiciar a representação do pensamento, tanto real como imaginário, e a expressão da curiosidade e da satisfação interior. Assim, o registro de um momento e a montagem de uma obra podem tomar como ponto de partida uma memória involuntária (como desenvolvida na obra literária de Marcel Proust), mais do que da memória consciente que informa sem fazer pensar.

Dentro desse entendimento, a leitura da obra de Claude Lévi-Strauss (um dos maiores antropólogos e etnicistas conhecidos, autor de *Tristes trópicos*), em sua obra *Olhar, escutar, ler*, mostra que a imaginação propicia que cada peça advinda da nossa memória involuntária mantenha sua individualidade, pitoresca ou expressiva, preservando sua independência absoluta de qualquer comparação (como dizia Delacroix), ou seja, “[...] é o que deve ser”. A linguagem oral e a escrita dependem das 25 letras do alfabeto para que possamos expressar nosso pensamento; já a expressão em desenho ou pintura, por outro lado, usa o “lineamento” do corpo humano ou da figura para traduzir as paixões da alma, fazendo aparecer, no exterior, o que se tem no espírito. Visto do ângulo de Lévi-Strauss, o espectador, a partir das paisagens ou

das figurações, é convidado a mergulhar e a escolher seu itinerário e os espaços que são representados dentro da obra, como efeito sobre a sua imaginação.

Indo nessa direção, a partir do exemplo do *trompe-l'oeil*, ou seja, da figuração distorcida de uma imagem que exerce o domínio sobre a pintura (conforme nos mostra a obra de Marcel Duchamp). A pintura é despertada do seu efeito primariamente figurativo para expressar aspectos do mundo sensível, e mesmo a "alma" de objetos inanimados, como uma natureza morta que evoque tanta expressão e alma quanto um rosto humano. Desta forma, a Arte constitui a expressão de uma vontade interior alcançada pelo poder daquilo que a imaginação pode produzir, unindo o sensível ao inteligível. Por outro lado, mas ainda no campo das expressões artísticas, o impressionismo (técnica que pessoalmente muito admiro) não usa o *trompe-l'oeil*, mas trabalha a partir das diferenças entre o relativo e o absoluto, como uma ilusão de poder instalar-se, de modo duradouro, no ponto de encontro entre os dois.

A visão da Arte por meio da fotografia, por si só, não extingue a importância do *trompe-l'oeil*. A fotografia não evidencia os acidentes da natureza ou das cores, deixando-as no mesmo plano. Enquanto técnica acabada por inteiro, uma visão que seria mais "ingênua" do mundo, o *trompe-l'oeil* reconstrói e sugere, ou seja, apresenta uma reflexão que se origina do sistema das qualidades sensíveis.

Neste sentido, a foto é mais simples se comparada ao cérebro e à mão, como virtudes inversas: demarca o que não se via, de modo fugidio, e que agora permanece para sempre. No entanto, existe na fotografia o que Cartier Bresson, um dos maiores gênios da fotografia artística, denominava como "o momento decisivo", considerado como registro definitivo do instante genial, em que a ex-

pressão humana se mostra em todos os seus significados e representações.

Poussin, pintor francês do século XVII, muito citado por Lévi-Strauss, afirmava que o pintor adquire sua habilidade pela observação das coisas, e não as copiadas à exaustão: o pintor deve fixar o olhar e representar o modelo na mente, reproduzindo-o naquilo que lhe for sensível.

Em *Olhar, escutar, ler*, Lévi-Strauss discorre que as cores e os sons diferem por natureza. Enquanto o som é um passar, fugidio, que tem seu espaço irremediavelmente ligado ao tempo e dependente do movimento, as cores são sujeitas ao espaço e nele se fixam de forma mais permanente. Assim, o som está para a cor, como o grave-agudo está para o claro-escuro. Acrescenta esse autor que a apreciação das cores depende da cultura adquirida, logo o preto é uma abundância de cores e o branco resulta da mistura de todas as cores. É a oposição que faz ressaltar as diferenças entre os sons e as cores. Prosseguindo, Lévi-Strauss afirma que, no entendimento da Arte, a natureza da cor, do som e da palavra encontram no tempo da criação artística uma ação, sem passado, sem futuro e sem seu próprio tempo.

No que se refere à música, entre a melodia que tem seu caminho determinado e fixado, é na harmonia que se percebe as variantes entre tons, semitons e dissonâncias. Acrescente-se a esse fato que a relação entre música e escritura tem diversas nuances. A música consiste, ao mesmo tempo, no expresso e no implícito do texto, fora do sentido e do não sentido, na referência de Lévi-Strauss a Roland Barthes. Nesse aspecto, a música seria o que luta com a escritura, privilegiando o instante. Música considerada, pois, como valorização do instante é vislumbrada como possibilidade de romper limites cronológicos para dar lugar à emergência de desejos, concedendo ao sujeito

o mergulho em sua intimidade como certo girar da vida com ressignificada descoberta.

Depreende-se que, por sua vez, se a melodia aciona o aflorar da emoção, a palavra, muitas vezes, sob a forma da voz, enuncia a emoção ao expressá-la: música torna-se palavra e palavra torna-se música. Ainda para Lévi-Strauss, o caráter surpresa experimentado pelo sujeito ouvinte, nele provoca certa sensação de conhecido e desconhecido mesclado, irradiando um singular encantamento. Aflorar o inesperado, na relação e entrelaçamento entre literatura e música, configura-se como prática de um livre sentir da melodia que a palavra traça e a música diz.

Deslocando-nos da relação da literatura com a música para a percepção da Medicina pela literatura, percebe-se que o médico estabelece o contato humano com o paciente no tocante aos aspectos da sua existência e da vida, muito focado no sofrimento humano, na dor e no alívio, nas questões psicológicas e sociais. A sua ação envolve a escuta, o tocar e o fazer, que, se bem praticados, contribuem para o desenvolvimento da sua formação humanística, absolutamente essencial e intimamente ligada a esta função. Portanto, podemos dizer que o elo da Medicina à arte e também ao humanismo não se resume somente à intenção de propiciar um tipo de lazer isolado, mas, antes, à necessidade de descrever uma concepção da vida e do mundo pela representação do pensamento. Essa ligação desenvolve os registros do momento vivenciado.

Nesse sentido, a literatura tem sido, por vários séculos, repleta de exemplos e descrições desses encontros e dos aspectos ligados à doença e ao sofrimento. Tanto escritores médicos quanto escritores clássicos da literatura mundial traçaram a figura do médico e do doente por meio da representação da doença e do fazer médico em obras que se perpetuaram desde sempre. Temos como

exemplo a interpretação da pintura de Van Gogh pela sua doença mental; do mesmo modo, o *Contrato social*, de Rousseau, também se relaciona aos seus problemas urinários e à perseguição que sofreu; igualmente a música de Chopin, influenciada pela sua tuberculose; bem como Baudelaire, pela sífilis.

Em síntese, diz Paul Ricoeur (2002): “o sofrimento do doente chama a sua descrição”. Visto desse ângulo, o médico atua contra a falência do corpo, ao cruzar, em seu caminho, com o olhar do escritor que coloca a reflexão sobre quem somos, o que devemos conhecer sobre a história passada e a história que se desenvolve no presente.

Após o advento da covid-19, por exemplo, existe uma necessidade de refletir sobre a prática médica pela filosofia e pelas demais ciências humanas. Na França, há um curso de Literatura e Medicina, disciplina ministrada em algumas escolas médicas, usando os recursos literários de leitura e escrita para escapar aos simplismos do discurso técnico, em busca de um novo olhar sobre o homem, progressivamente integrado à cultura e ao humano.

Na visão de Gérard Danou, um dos médicos responsáveis por essa disciplina em Paris, o estudo dos textos literários pode suscitar para os futuros médicos uma reflexão pessoal indispensável para a compreensão do seu trabalho médico nas múltiplas exigências por ele suscitadas. Gérard Danou cita Lacan (1998), quando este diz: “O que se passa nas tripas é inominável. No entanto, isto termina por ser nomeado. É nisto que você é um homem”. Entende-se, assim, que a literatura criou um laboratório experimental da realidade humana e a submete ao exame, à reflexão, ao questionamento e ao diálogo.

Ana Kerwin, filósofa citada por Danou, afirma: “A ética médica é tão somente a maneira de suscitar e responder às questões do doente”. Escritores médicos tra-

çam novos campos desse questionamento inquieto que oscila, como um pêndulo, do doente a si e de si ao doente, sem perder de vista a técnica, cada vez mais utilizada. A linguagem obedece a estratégias diferentes de manifestação, como um caso médico quando vem pela descrição de quem sofre ou pela narração do próprio médico.

A linguagem do médico segue um certo saber ou saber fazer, com uma poética (*poiesis*=fazer) do discurso médico (da mesma forma que existe uma linguagem comum ao serviço da literatura). No caso do médico, ela segue em três tempos: passado (anamnese), presente (diagnóstico e tratamento) e futuro (prognóstico). Isso corresponde ao que Roland Barthes, citado por Danou, falava acerca da “consciência objetivante do médico”.

Existem, ainda, as queixas não classificadas somente pela anatomia ou pela fisiologia, como aquelas ditas funcionais ou do “nervosismo”, que representam sofrimento. A literatura nos fornece exemplos múltiplos nesse sentido. *A montanha mágica*, de Thomas Mann, é um deles. Nessa obra, por exemplo, a descrição da tuberculose pelo médico difere daquela narrada por Hans Castorp, o personagem tuberculoso, cujos pontos de vista descritivos diferem dos do médico. Ainda assim, os relatos não se anulam, mesmo sendo diferentes sob os pontos do olhar. O discurso literário do doente sofredor revela ao discurso do médico a sua aporia, o seu objetivo inalcançável, o seu ponto cego e o limite do seu olhar. Essas modalidades discursivas, cada uma no seu contexto, não podem se ignorar umas às outras. Assim, devido ao inesperado das coisas, o discurso literário é sempre diferente do discurso da ciência e da Medicina, sendo o inverso não verdadeiro, depois que a Medicina se tornou cada vez mais técnica e que obteve seus sucessos incontestáveis.

Figura 1.

O médico, de Sir Luke Fildes, Tate Gallery, Londres 1891. A cena retrata a figura emblemática do médico perante o paciente, uma menina em plena agonia, e o desespero dos pais. Sir Luke Fildes o pintou em memória de seu filho, falecido na noite de Natal, um ano antes da realização da obra. Obra clássica que ilustra, de forma exemplar, os conceitos e valores do médico ideal e as inadequações da profissão, como registro simbólico dos conceitos que quis descrever neste artigo, ressaltando a figura do médico como personagem, face à dor e ao sofrimento humanos compartilhados.



ARTE NA HISTÓRIA DA MEDICINA

A arte tem sido utilizada desde o início da Medicina para fins de educação, de terapia e de diagnóstico. Na primeira, dentro da educação médica, para a ilustração de livros de anatomia e de outros materiais educacionais, ajudando estudantes e profissionais de saúde a compreender melhor a anatomia humana e as condições médicas. Na segunda, na terapia artística, para ajudar pacientes a expressar emoções, lidar com o estresse e melhorar o bem-estar mental, em ambientes de saúde mental e de reabilitação. No último, para fins de diagnóstico, com o estudo de desenhos de pacientes e de registro de lesões, para médicos desenvolverem habilidades de observação mais aguçadas, e para o diagnóstico mais preciso de condições médicas. Mais recentemente, a arte também tem sido utilizada dentro do contexto de humanização de cuidados em ambientes hospitalares, para facilitar a criação de um ambiente mais acolhedor e menos estressante para pacientes e suas famílias. Por último, como forma de educação sobre doença, com ilustrações do mecanismo doença e do corpo humano.

Adicionalmente, pode-se observar com frequência médicos dedicando seu tempo de lazer à prática artística, justificada por diferentes razões: redução do estresse; relaxamento; desenvolvimento da empatia; aumento da compreensão das experiências humanas e da habilidade de observação; equilíbrio entre trabalho e vida pessoal; expansão da criatividade; inovação; expressão pessoal de emoções e experiências íntimas de forma plástica.

Em síntese, pode-se considerar que essas diferentes razões para a expressão artística podem sugerir que os médicos buscam, por meio da arte, o equilíbrio entre a prática clínica e o bem-estar pessoal, além do desenvolvimento de habilidades interpessoais e profissionais.

Uma questão adicional se refere ao tipo de técnica artística mais buscada e/ou mais benéfica. Várias técnicas artísticas já possuem evidência de efeito positivo em profissionais de saúde, cada uma com os seus ganhos peculiares, como desenho, pintura, escultura, fotografia, música e teatro.

O desenho e a pintura facilitariam a observação e a percepção de detalhes, além de proporcionar um meio de expressão pessoal e alívio do estresse. A escultura, por meio do trabalho com materiais tridimensionais, facilitaria o desenvolvimento de habilidades motoras finas e o aumento de criatividade. A fotografia facilitaria a percepção visual e a capacidade de identificar e interpretar detalhes sutis na prática clínica. A música, vocalização e canto coral facilitariam o relaxamento, alívio do estresse e estimulariam a criatividade. O teatro e a performance de palco facilitariam comunicação e empatia, simplificando a interação com pacientes, a comunicação de notícias e o planejamento de tratamento. Como um todo, essas diferentes técnicas artísticas podem ser integradas à rotina dos médicos para promover o seu bem-estar mental e emocional, além de aprimorar suas habilidades profissionais.

Efeito da atividade artística sobre o cérebro

Existem algumas evidências de que a prática de pintura e outras formas de arte visual estão associadas a mudanças positivas de desempenho na função cerebral. Bolwerk et al. (2014) estudaram modificações na conectividade entre diferentes regiões do cérebro, evidenciando que a atividade de produção de arte visual aumenta a conectividade entre o córtex cingulado posterior e o córtex frontal e parietal, de forma que puderam constatar o aumento de resiliência e resistência a estresse nos praticantes de arte visual.

Outro estudo, de Katz et al. (2021), investigou as mudanças funcionais no cérebro de estudantes de arte ao longo de um curso de desenho observacional, demonstrando aumento de conectividade entre córtex pré-frontal e cerebelo, associado à melhora no processamento cognitivo, na atenção, na tomada de decisão e na memória de trabalho. Adicionalmente, Schlegel et al. (2015) descobriram que o aprendizado de arte visual alterou a estrutura e a função neural, induzindo a reorganização da conectividade pré-frontal e, paralelamente, ganhos em criatividade. Outro estudo, de Chamberlain et al. (2014), demonstrou que o aprendizado de desenho observacional foi correlacionado ao aumento de densidade de substância cinzenta em regiões cerebrais relacionadas ao controle motor fino e à memória de procedimento.

De maneira geral, os estudos citados reforçam a evidência de que a prática de diferentes artes induz efeitos positivos na função cerebral, aumentando a plasticidade neural e desenvolvendo habilidades cognitivas e motoras. Adicionalmente, foi visto que artistas visuais, como pintores, apresentam o cérebro com uma organização modular de conectividade peculiar, refletindo plasticidade adquirida em longo prazo. No mesmo estudo, artistas experientes

apresentaram adaptações corticais cerebrais seletivas que promoviam melhor desempenho em tarefas visuoespaciais.

Esse fenômeno não foi demonstrado somente em artistas profissionais, sendo detectado também em adultos aposentados e ligado ao aumento de conectividade em redes associadas à resiliência ao estresse. Outro estudo, em adultos com demência, observou que a prática de atividades artísticas promoveu maior engajamento social, maior comunicação e melhor qualidade de vida, com efeitos variáveis sobre o funcionamento cognitivo. Assim, de forma geral, podemos observar evidências de que a prática de artes visuais, como a pintura, pode ser benéfica em diferentes populações, desde artistas profissionais até pessoas com doenças neurodegenerativas, passando por idosos.

Evidências de ganho de função cerebral em diferentes formas de expressão artística

Existem poucos estudos comparativos de pintura com outras formas de arte em relação à função cerebral, mas, apesar dessa limitação, são encontradas evidências de ganho em mecanismos neurais específicos para diferentes formas de criatividade artística. Chen et al. (2023), em metanálise de neuroimagem funcional, evidenciaram um padrão geral de maior ativação cerebral de área motora pré-suplementar, córtex pré-frontal dorsolateral esquerdo e giro frontal inferior direito com diferentes formas de expressão artística. Adicionalmente, mostraram uma ativação diferencial de circuitos de acordo com a modalidade. A música ativou o giro frontal médio esquerdo; o desenho ativou o giro fusiforme e precuneo à esquerda. Outro estudo, Lin et al. (2013), investigou a mudança na conectividade cerebral de pintores, dançarinos e pianistas, evidenciando diferentes padrões de modulação de atividade cerebral para cada uma destas atividades artísticas.

Em resumo, existe evidência em diferentes estudos, demonstrando que, além da existência de mecanismos neurais comuns para a criatividade artística, existem circuitos neurais específicos para diferentes formas de arte que são diferencialmente ativados pelas exigências cognitivas e sensoriais específicas de cada atividade artística.

Evidências de ganho na prática médica com a incorporação do ensino de arte na educação médica

A incorporação das artes na educação médica já demonstrou excelência clínica e ganhos em várias competências, associadas à aquisição de habilidades de comunicação, profissionalismo, humanismo, acuidade diagnóstica e raciocínio clínico. Lahti et al. (2025) demonstraram que a integração de práticas de artes e literatura no currículo favorece o desenvolvimento de habilidades de estudantes de Medicina na identificação de preconceitos, na observação de pacientes sob diferentes perspectivas, no desenvolvimento de empatia, especialmente em alunos de grupos minoritários.

Adicionalmente, Fornetti et al. (2024), em revisão sistemática, revelaram que intervenções educacionais baseadas na prática de artes, apesar de avaliadas de forma negativa, tendem a produzir ganho nos níveis de empatia de estudantes da área da saúde, especialmente na prática de artes visuais, possibilitando maior capacidade de entender as perspectivas de pessoas em sofrimento. Outra revisão sistemática sobre treinamento baseado em artes visuais no ensino médico de graduação identificou ganho em habilidades de observação clínica, empatia, tolerância à incerteza, sensibilidade cultural, trabalho em equipe e resiliência, especialmente em programas mais longos e mais estruturados.

Por último, um estudo randomizado controlado mostrou que o treinamento de arte, em observação, pode

melhorar significativamente as habilidades de observação clínica em estudantes de Medicina, especificamente em oftalmologia, resultando em ganho subsequente de habilidades clínicas. De forma geral, esses estudos indicam que a integração de artes na educação médica pode melhorar várias competências clínicas essenciais, contribuindo para uma prática médica mais empática e eficaz.

Grupos que mais se beneficiam da incorporação do ensino artístico no currículo médico

A incorporação da arte na educação médica beneficia de forma mais marcada estudantes sub-representados na Medicina, como estudantes não-brancos e mulheres, com ganhos na capacidade de considerar a perspectiva do outro, de ter empatia e de identificar preconceitos. Estudantes envolvidos em práticas artísticas mostraram níveis mais altos de empatia, especialmente aqueles que começaram suas práticas artísticas mais cedo ou que engajaram em múltiplas atividades artísticas. Isso sugere que tal prática pode ter mais benefícios naqueles estudantes com contato prévio com as artes, e que múltiplas artes podem produzir ganhos adicionais.

E NO CASO DOS ACADÊMICOS, QUAL SERIA A MOTIVAÇÃO?

Atividade artística em Acadêmicos da ASRM

Na revisão de bibliografias e no contato direto com membros da Academia, foram identificados dois patronos (César Ávila e Martim Gomes), um Fundador (Gerda Caleffi) e quatro efetivos (Flavio Kapczinski, Nilton Brandão da Silva e Paulo Silva Belmonte de Abreu) com produção artística visual, contrastando com ampla produção literária e musical dos diferentes membros.



Figura 2.
César Ávila: para
sua neta Márcia
Achutti.



Figura 3.
César Ávila: Marinha.



Figura 4.
Cesar Ávila: Noturno na praia.



Figura 5. César
Ávila: Noturno.



Figura 6.
César
Ávila:
Praia
Grande.

Patronos

César Ávila: sua neta, Márcia, lembra que ele começou a pintar mais tarde, depois de viúvo, e dedicava cada pintura a um parente ou amigo. Márcia guardou um desses quadros, especialmente feito para ela.

Martim Gomes: sua biografia refere um gosto por caricatura. Seu bisneto, Francisco Gomes, no momento de encerramento do prazo, seguia em busca de exemplares da obra.

Fundador

Gherda Caleffi: sua filha Lorena, também médica, relata interesse em pintura em porcelana, com várias produções. Até o momento do fechamento do documento, não obtivemos resposta dela.

Titulares

Flávio Pereira Kapczinski: *A arte como extensão da prática médica: uma homenagem a Dyonélio Machado*

Flávio se apresenta como médico psiquiatra e membro da Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina, ocupando a cadeira cujo patrono é Dyonélio Machado — também ele psiquiatra, escritor e humanista. Dyonélio foi uma figura notável por sua dedicação à luta por direitos iguais, melhores condições de vida para os mais vulneráveis, e pela sua contribuição pioneira à literatura brasileira. Admirador profundo da obra de Dyonélio Machado, não apenas pelo seu valor literário, mas também pela dimensão artística e social que ela encerra. Quando publicou seu livro *Os ratos*, laureado com um prêmio da Academia Brasileira de Letras, críticos o compararam a Dostoiévski por sua habilidade de dilatar o tempo narrativo e aprofundar a experiência subjetiva do indivíduo frente à modernidade e ao ambiente urbano — em uma Porto Alegre dos anos 1930 em processo de industrialização.

Inspirado por essa tradição, Flávio dedica parte do seu tempo livre à pintura. De forma modesta, em diálogo com um pequeno grupo de amigos, cultiva esse hobby como um espaço de reflexão estética e humanização. Acredita firmemente que a arte, inserida no escopo das humanidades médicas, tem papel fundamental na formação de uma escuta mais sensível, de um olhar mais atento às dores e singularidades humanas. O estudo e a prática das artes visuais — assim como o contato com o cânone literário, incluindo autores regionais — são formas de ampliar a percepção do mundo e aprofundar o vínculo com os pacientes. Como afirmou Rudyard Kipling, há um poder curativo na arte — não apenas no sentido terapêutico estrito, mas no resgate dos valores essenciais que estruturam a existência humana.



Figura 7. Flávio Kapczinski.

Comentário crítico da obra pictórica: Flávio descreve sua obra apresentada como a interpretação lírica de um céu estrelado — daqueles que ainda podemos contemplar em noites límpidas nas cidades do interior do Rio Grande do Sul e, por vezes, também em Porto Alegre. Com fundo azul vibrante e formas brancas irregulares, entremeadas por manchas escuras e arredondadas, a composição evoca o movimento e o brilho de estrelas dispersas no céu noturno. A linguagem plástica adotada se aproxima de uma abstração geométrica sensível, que confere ao observador a liberdade de experimentar, mais do que identificar, os elementos representados. Essa representação do céu noturno, longe de ser apenas contemplativa, propõe uma reflexão existencial, que remete à célebre frase de Immanuel Kant, afirmando que “Duas coisas enchem o espírito de admiração e respeito: o céu estrelado acima de mim e a lei moral dentro de mim”. O céu, aqui, aparece como símbolo de transcendência, de idealismo, e da busca por uma ética superior que guie a nossa prática — não apenas como médicos, mas como seres humanos. Nesta obra, o céu não é apenas o que se vê; é também o que se sente. É metáfora de um horizonte ético e sensível que se abre para além do tecnicismo, chamando-nos à contemplação, à escuta e à presença atenta diante do outro. A pintura, nesse sentido, assume um papel pedagógico e simbólico: nos lembra de que há sempre algo acima de nós que inspira, e algo dentro de nós que orienta.

Nilton Brandão da Silva: sua experiência pessoal, ligada a uma atividade relacionada à arte, iniciou-se já na infância. Filho de médico — que mais tarde seria também professor da então recém-inaugurada Faculdade Católica de Medicina em Porto Alegre —, Nilton teve a sua cama colocada pelo pai ao lado do escritório da casa.

Bem cedo pela manhã, por volta das seis horas, o pai lia seus livros de Medicina sobre as doenças dos pacientes que iria atender, talvez como forma de estimular o filho a seguir a mesma profissão. Assim, sem ser forçado, Nilton relata que acordava e se sentava ao lado do pai, tendo ao seu alcance, propositalmente, livros de Medicina com figuras anatômicas e fisiológicas, bem como de semiologia médica. De forma curiosa e interessada, ele os folheava. Dessas figuras surgiu, bem cedo, a vontade de reproduzir os desenhos ali demonstrados, como também os de outras revistas existentes na sala. Esse hábito o estimulou a buscar, em enciclopédias, respostas que o levaram a ler sobre mitologia grega, interesse que desenvolveu desde aquele tempo e ao longo da vida.

Mais tarde, mesmo incentivado pelo pai a matricular-se em cursos de escolas de arte, Nilton relata que, talvez erroneamente, não o fez, de forma que seguiu desenhando somente pela vontade e curiosidade técnica, sem método ou orientação profissional — fato que hoje lastima, pois acredita que perdeu a oportunidade. Em sua família, havia, também, o hábito de ensinar música às crianças em aulas particulares, o que despertou nele o gosto pela música, seja popular ou clássica. Nilton seguiu praticando o violão, de forma espontânea, o que foi muito proveitoso e útil, posteriormente, nas rodas de música entre amigos e na faculdade, habitualmente no Centro Acadêmico, onde foi desenvolvendo as dissonâncias da Bossa Nova. Era o tempo dos Beatles, dos quais conhecia todas as músicas, e também do auge da Bossa Nova, essa que considera o maior produto de exportação que o Brasil já produziu.

Assim, Nilton manteve o seu lazer e a sua curiosidade sobre arte, na pintura e na música, visitando museus e assistindo a concertos de música clássica, sempre que possível, nas suas viagens. Seguiu praticando o desenho e a pintura,

principalmente em pastel — tinha menos habilidade para pintura a óleo —, como forma de registrar suas vivências, tanto em cópias quanto de forma espontânea, sem pretensão de uma afirmação artística ou de querer demonstrá-la aos outros, que não aos da família. O objetivo sempre foi o de representar aquilo que era capaz de motivá-lo.

Teve também, ligado à sua profissão, o privilégio e a honra de ser médico de alguns grandes artistas locais como Alice Soares e Ado Malagoli. Além de presentear-lo com as suas obras, eles proporcionaram uma rara oportunidade de troca: Nilton pôde ouvir o que os motivava na arte e procurou evitar que o discurso médico pudesse constranger a relação — o espera ter agido de forma adequada. Isso ilustrou de forma real para Nilton o que ele sempre procurou ler em depoimentos de grandes artistas em livros e reportagens sobre suas obras e herança artística.

Lendo a edição sobre Arte e Medicina de Alejandro Aris, que reproduz múltiplos exemplos de pinturas e desenhos relacionados à Medicina, e procurando entender um pouco mais sobre os conceitos relacionados à Arte, como buscou registrar anteriormente neste artigo, Nilton deixa uma citação encontrada no livro de um médico espanhol de Barcelona, professor de Medicina, menos conhecido no Brasil, mas muitíssimo famoso em seu país, que foi o Dr. José Letamendi, 1897: “O médico que não conhece nada além da Medicina, não conhece nada de Medicina”.

Adiante, seguem compiladas algumas gravuras de figuras humanas, paisagens e naturezas mortas na técnica em Pastel, como exemplos das suas vivências pessoais, motivadas e decorrentes da relação com Medicina e arte. Nesta pequena amostra, não são trazidos modelos diretamente relacionados à Medicina, mas simplesmente aqueles que Nilton tentou aprender a partir dos grandes artistas, a técnica e o motivo.

Figura 8. Nilton B. S., detalhe da obra: *La femme aux puits*, do quadro de Jean-François Millet, França, Museu de Orsay. Tentativa de reproduzir a figura que motivou a sua contemplação.



Figura 9. Nilton B. S., representa a singularidade de um certo conjunto de traços femininos.



Figura 10. Nilton B. S., *Vaso de flores*, motivada por detalhes de um quadro de Cézanne.



Figura 11. Nilton B. S., modesta tentativa de Nilton de reproduzir uma paisagem de Cézanne.



Figura 12.

Nilton B. S.,
natureza
morta de
concepção
pessoal,
evidenciando
o jogo de tons
entre o real e
o refletido.



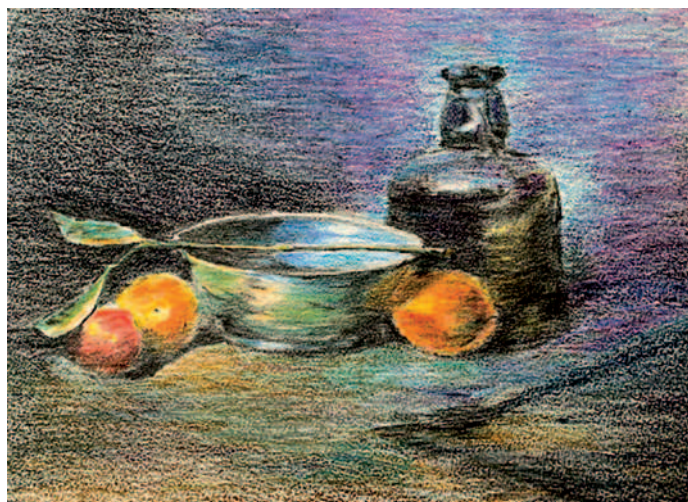
Figura 13.

Nilton B. S.,
natureza
morta de um
conjunto de
elementos
dísparos,
compondo
certa figura
inusitada.



Figura 14.

Nilton B. S.,
natureza
morta, de
concepção
pessoal,
buscando
ressaltar o
contraste
entre
claro-escuro.



Paulo Silva Belmonte de Abreu: desde pequeno, ainda morando em Camaquã, sua cidade natal, Paulo diz que seu pai gostava de contar histórias para os filhos mais velhos, depois do jantar, ilustrando os personagens com caricaturas feitas simultaneamente à história, o que ajudava a montar a sua evolução, seja de mocinhos ou de vilões, com mudança das expressões ao longo do desenvolvimento da história. Curiosamente, vilões com face aterradora de início, no final eram ilustrados com rosto de derrota e decepção frente à vitória do mocinho. Em sequência, ia com sua mãe visitar o pai na atividade de ilustração gráfica de painéis na parede da sede do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) de Camaquã, do qual ele era o ilustrador oficial. Desenhava figuras de políticos — como Getúlio Vargas, João Goulart e Brizola —, com rostos em painéis do tamanho da parede, que tinham os detalhes de olhos, testa, sorriso e expressão, apreciados com um orgulho silencioso. Desafortunadamente, Paulo não conseguiu nenhuma imagem dos painéis, tendo-os somente na memória.

Depois da vinda para Porto Alegre, com sete anos, Paulo começou a treinar os desenhos com lápis, e junto ao seu irmão, Silvio, um ano mais velho, desenhava batalhas históricas da antiguidade — como a Guerra do Peloponeso e a de Tróia —, lidas nas enciclopédias. Cada um dos irmãos tomava posições opostas nos cenários de batalha, que eram inicialmente desenhadas em uma folha em branco. A seguir, iam montando o cenário de vales, mares e de cidades, gradualmente, colocando, de forma sequencial, novas tropas, bigas e catapultas, como na montagem de um quebra-cabeças, até o desfecho final, quando a folha já estava cheia dos desenhos de ambos.

Na escola, lembra que desenhava na borda dos cadernos o que vinha à sua mente, rostos de colegas e

professores, detalhes de armamentos primitivos, como elmos, escudos, espadas e bigas, enquanto acompanhava a exposição da aula. Intuitivamente, utilizava o desenho como forma de manter a atenção e controlar a tendência a fazer comentários e brincadeiras com os demais colegas. Desenhava os colegas de diferentes ângulos ao longo das aulas, ao mesmo tempo disfarçando a vista dos professores. Depois, começou a fazer caricaturas, geralmente de professores, buscando ressaltar detalhes característicos, como nariz, queixo, dentes, cabelos, sapatos, mãos, de forma a fazer com que os colegas facilmente identificassem o retratado, buscando na simplicidade do traçado, sintetizar a pessoa que servia involuntária e inadvertidamente de modelo.

Se o ambiente doméstico estimulava a prática do desenho, havia também o reforço da escola. Aos 11 anos, ao entrar no Colégio de Aplicação, passou a receber estímulo e educação com diferentes estagiários de Belas Artes da UFRGS, começando por carvão, passando por crayon, nanquim, têmpera, aquarela, depois por diferentes gravuras (xilo, linóleo, metal), esculturas em argila e pedra-sabão. Encarava cada nova técnica como um mundo novo, com seus particulares instrumentos e técnicas. Uma estagiária que muito estimulou a sua prática foi Magliani, que após formada mudou-se para São Paulo, onde fez carreira brilhante na gravura. Da época, restam desenhos de colegas em diferentes posições na aula, revelando a dificuldade em manter atenção de forma contínua durante a classe.

Nas férias do final do ginásio, passava o verão em Tramandaí, e cruzava a pé a ponte para participar de atividades no Imbé, onde tinha vários colegas de escola e primos, e onde as casas tinham pátios com redes de vôlei, nas quais eram disputadas diferentes partidas. Como não era sócio do clube e desejava participar das atividades que

eram bastante atrativas e intensas, conseguiu, após uma conversa com o presidente do clube — pai de um de seus amigos de vôlei —, seu primeiro contrato, para ilustrar a temporada de verão da Sociedade dos Amigos do Imbé (SAPI), com avisos, indicativos, chamadas para eventos, desenhados em papel pardo com têmpera e pincel atômico. Como ilustrador oficial da temporada, passava as tardes desenhando os cartazes das atividades, ilustrando salões de baile para diferentes bailes temáticos (noite no Saara, jantar no Havaí), pintando cartazes com coqueiros, bananeiras, ondas de mar e camelos.

Curiosamente, o presidente do clube que lhe confiou a tarefa era médico pediatra. Seu contrato de pagamento dava passe livre para todas as atividades da temporada (a boate era a mais cobiçada, onde tocava o então famoso conjunto Je Reviens). O bônus vinha com o prestígio alcançado junto às meninas, que eram convocadas para ajudar na pintura, e aceitavam orientação sobre a maneira de fazer o traçado, segurando o pincel e alcançando vasos de tinta. Depois, a montagem era feita nas paredes do salão de bailes com fita adesiva.

Seu segundo trabalho foi decorar a — possivelmente — primeira loja dedicada a surfwear da cidade, na Galeria Moinhos de Vento. Nela, apareciam desenhos caricatos inspirados em Richard Crumb e ilustrações da revista MAD, de criaturas divertidas e bizarras dominando ondas, pintadas na parede da loja. O primeiro pagamento foi investido na compra de roupas que eram o sucesso na época — como o cobiçado mocassim tipo argentino, vendido de forma exclusiva numa das primeiras boutiques de adolescentes, instalada em uma casa geminada no bairro Independência, a Pandulheta — e na aquisição de roupas trazidas do Rio de Janeiro, da loja Richard. Todos os itens eram vendidos em casas na região dos bairros Independência e Moinhos de

Vento, e indisponíveis nas lojas tradicionais. Nas diferentes festas de aniversário, caprichava em desenhos individualizados para cada pessoa, sempre mostrando expressões de alegria com o aniversariante, ou homenageado, bem como em eventos como Páscoa e Natal.

No colégio, aprendeu a técnica de desenho com giz molhado, coberto depois de seco com giz comum. Essa técnica deixava o trabalho encoberto, e para revelá-lo, era necessário passar o apagador, que removia somente o giz seco, e deixava exposto o desenho feito molhado. Em geral, eram feitas caricaturas e desenhos de cenas satíricas de um professor — como o professor careca que disfarça a calvície penteando uma madeixa lateral para encobrir a parte glabra; ou a professora que namorava escondida outro professor mais jovem dentro de um Fissore; ou, ainda, outra que tirava os sapatos ao se sentar na classe. Paulo lembra que a meta era expor o máximo com o mínimo de traços, para fácil identificação, muitas vezes acompanhada de risos, quando era bem-sucedido na tarefa.

Mais adiante, na época das disputas de gincanas estudantis, em que diferentes escolas competiam para resolver charadas e conseguir objetos raros — como livros, patins, esquis de neve, ou trazer ao pódio músicos ou escritores conhecidos —, encontrou sua posição como ilustrador e desenhista dos carros, do mascote (a ave Fênix, que deu o nome à Escuderia Fênix), e de faixas que adornavam a entrada da casa de colegas — às quais chamavam de “quartel-general”. Sentia-se confortável e recompensado na tarefa, pois não tinha carro nem o intelecto necessário para quebrar e decifrar os códigos das tarefas, que eram divulgadas pelo rádio e depois quebradas pelo grupo seleto de gênios, no qual ele não estava incluído.

Na faculdade, desenhou o emblema da turma médica, as pastas de cadernos de várias turmas, com letras e em-

blemas, camisetas, e depois o mural de formatura, com a já então tradicional caveira sorridente com cabelos compridos — mantida até hoje em comemorações de formatura —, além de bonés e canecos. Ainda sobrava tempo para fazer caricaturas de diferentes professores — ressaltando as grossas mãos cruzadas de um, os óculos com a haste fixada com esparadrapo de outro — e do time esportivo da turma. Na tradicional festa de encerramento do último ano, que, na época, ocorria no Bar do Instituto de Biociências, anteriormente a Faculdade de Medicina, desenhou os painéis na parede, acima dos nomes dos formandos.

Depois, desenhou o personagem narizito, para a campanha de higiene bucal da Secretaria de Saúde, e cartazes da Campanha de Cuidados de Saúde da então FEBEM. Ainda hoje, segue produzindo ilustrações para cartazes, canecos alusivos, encontros de médicos residentes, e desenhos, em nanquim, de casas antigas da família e de familiares de amigos.

Figura 15.
Paulo S.
B. Abreu,
Fazenda da
Reserva, Julio
de Castilhos.

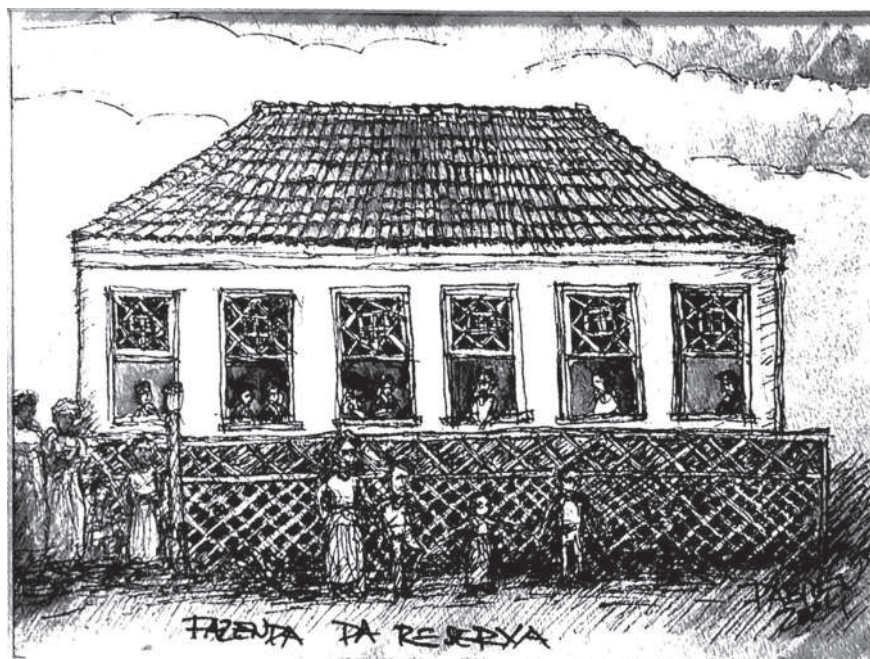


Figura 16.

Paulo S. B. Abreu,
Casa Annes Dias.



Figura 17.

Paulo S. B. Abreu,
Cassino Guarany
Iraí.

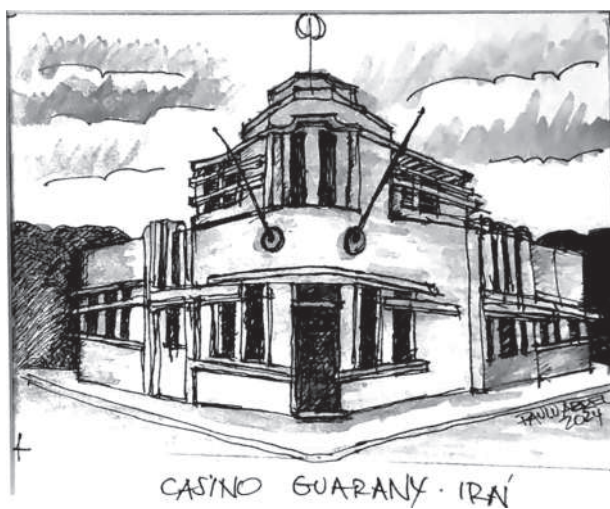


Figura 18.

Paulo S. B. Abreu,
casario de Parati,
1982.



Figura 19.
Paulo S. B. Abreu,
Rua Duque de
Caxias, casario
ao redor do
Museu Júlio de
Castilhos, 1982.



Figura 20.
Paulo S. B. Abreu,
anotações na
aula, Faculdade
de Medicina, 1972

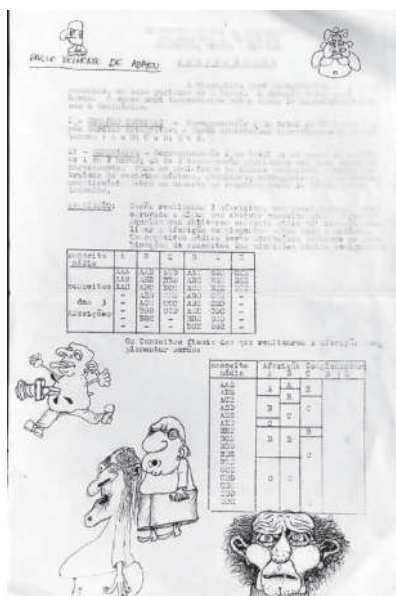


Figura 21.
Paulo S. B. Abreu,
campanha de
educação para a
saúde, FEBEM,
1984.



Figura 22. Paulo S. B. Abreu,
adesivo da ATM77.



Figura 23. Paulo S. B. Abreu,
ensaio, 1970.



Figura 24. Paulo S. B. Abreu, turma Ciclo Básico, UFRGS, 1972.



Figura 25. Paulo S. B. Abreu, campanha de educação para a saúde, FEBEM, 1988.



Figura 26. Paulo S. B. Abreu, caricatura, RS, 1970.

Figura 27.
Paulo S. B. Abreu.



Figura 28.
Paulo S. B. Abreu.



Figura 29.
Paulo S. B. Abreu, ilustração para mascote do Centro Acadêmico da Faculdade de Medicina, UFRGS.



Figura 30. Paulo S. B. Abreu, primeira ilustração em parede de loja.

Figura 31.
Paulo S. B. Abreu,
comemoração
de formatura
ATM77.



Figura 32.
Paulo S. B.
Abreu, detalhe
de pintura
em camiseta
de gincana,
Ipiranga:
Escuderia
Pfheinx.



REFERÊNCIAS

- ARIS, Aristides. **Art et médecine**. Paris: Mengès; Barcelone: Lunwerg, 2002.
- BERWANGER DA SILVA, Maria Lúcia. Literatura e música: voz, escuta e reencantamento. **Revista da USP – Criação e Crítica**, n. 31, p. 19-31, São Paulo, 2021.

- BOLWERK, Anja; MACK-ANDRICK, Jennifer; LANG, Frieder R.; DÖRFLER, Arnd; MAIHÖFNER, Christian. How art changes your brain: differential effects of visual art production and cognitive art evaluation on functional brain connectivity. **PloS One**, v. 9, n. 7, e101035, 2014. doi: 10.1371/journal.pone.0101035.
- CARTIER-BRESSON, Henri. **Des images et des mots**. Italie: Delpire; Musumeci, nov. 2003.
- CHAMBERLAIN, Richard; McMANUS, Ian C.; BRUNSWICK, Nicola; et al. Drawing on the right side of the brain: a voxel-based morphometry analysis of observational drawing. **NeuroImage**, v. 96, p. 167-173, 2014. doi: 10.1016/j.neuroimage.2014.03.062.
- CHEN, Tzu-Chiao; LIN, Chin-Song. Neuroimaging meta-analysis of brain mechanisms of the association between orofacial pain and mastication. **Journal of Oral Rehabilitation**, v. 50, n. 10, p. 1070-1081, out. 2023.
- CHUGH, Neha; KIM, Kyungmi; KELLY-HEDRICK, Megan; CHISOLM, Margaret S.; BALHARA, Kirti S. Impact of diversity representation in art on pre-health professions students' sense of belonging: a randomized experimental study. **BMC Medical Education**, v. 24, n. 1, p. 1499, 2024. doi: 10.1186/s12909-024-06532-6.
- DANOU, Gérard; OLIVIER, Alain; BAGROS, Pierre. **Littérature et médecine**. Paris: Ellipses, 1998.
- FORNETTI, Martina; BARBOSA, Mariana. The association between empathy and artistic practice: a cross-sectional study with medical students. **BMC Medical Education**, v. 24, n. 1, p. 1156, 2024. doi: 10.1186/s12909-024-06146-y.

- KATZ, Joshua S.; FORLOINES, Margaret R.; STRASSBERG, Laura R.; BONDY, Brian. Observational drawing in the brain: a longitudinal exploratory fMRI study. **Neuropsychologia**, v. 160, 107960, 2021. doi: 10.1016/j.neuropsychologia.2021.107960.
- LAHTI, Elina; LANOCHA, Natalia; VASQUEZ GUZMAN, Carlos Eduardo; et al. Whole personhood in medical education: visual thinking strategy, close reading, and creative practice with a diversity and equity lens. **Social Science & Medicine** (1982), v. 366, 117645, 2025. doi: 10.1016/j.socscimed.2024.117645.
- LEVI-STRAUSS, Claude. **Olhar, escutar, ler**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- LIN, Chin-Song; LIU, Yu; HUANG, Wei-Yi; et al. Sculpting the intrinsic modular organization of spontaneous brain activity by art. **PloS One**, v. 8, n. 6, e66761, 2013. doi: 10.1371/journal.pone.0066761.
- MANN, Thomas. **A montanha mágica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- MORRONE, James M.; PEDLAR, Chris R. Selective cortical adaptations associated with neural efficiency in visuospatial tasks: the comparison of electroencephalographic profiles of expert and novice artists. **Neuropsychologia**, v. 198, 108854, 2024. doi: 10.1016/j.neuropsychologia.2024.108854.
- RICOEUR, Paul. **Le juste 2**. Paris: Éditions du Seuil, 2022.
- SCHLEGEL, Alexander; ALEXANDER, Peter; FOGELSON, Samuel V.; et al. The artist emerges: visual art learning alters neural structure and function. **NeuroImage**, v. 105, p. 440-451, 2015. doi: 10.1016/j.neuroimage.2014.11.014.

OS MÉDICOS E O CANTO

Lucio Bakos

INTRODUÇÃO

O Brasil possui uma antiga e rica tradição de médicos que também se dedicam à carreira musical, inclusive ao canto. Dentro dos exemplos mais conhecidos e divulgados, a nível nacional, de profissionais ligados à área médica e ao canto, podemos destacar o Dr. Alceu Valença, inicialmente estudante de Medicina que, mais tarde, passou para o Direito e consolidou sua carreira como cantor e compositor.

Mais conhecido como médico e divulgador científico, o Dr. Dráuzio Varella também canta, embora não de forma profissional. Ele já participou de vários eventos musicais e culturais exercendo essa atividade.

Cofundador da Biquini Cavadão, o Dr. Marcelo Leite é médico de formação, mas também músico e vocalista de um dos conjuntos mais icônicos e populares do rock nacional.

Além da formação em Direito, o Dr. Luiz Ayrão cursou Medicina e se tornou cantor de samba e de MPB. Por mais que não tenha chegado a exercer a profissão de fato, ele é bastante citado quando se fala de médicos ligados à música.

Temos de lembrar que, considerando suas dimensões continentais, o Brasil certamente abriga numerosos médicos/cantores regionais que não têm grande repercussão

nacional, sendo de difícil registro a sua contabilização. No entanto, esses profissionais fazem sucesso cantando, a nível de suas cidades e estados, seja com música erudita, regional, sertaneja, forró, religiosa, evangélica etc., por vezes chegando a alcançar certa notoriedade através de festivais, eventos, emissoras de televisão e redes sociais.

Dentro desse contexto, observamos que Porto Alegre, com suas ruas arborizadas, cafés movimentados e efervescente vida cultural, também foi solo fértil para talentos múltiplos. Entre as figuras que ajudaram a construir a paisagem artística e afetiva da cidade, destaca-se um grupo de médicos que, além de transitarem por hospitais, clínicas e consultórios, exerciam também atividades que envolviam o uso da voz, dos microfones, das partituras e dos palcos.

Este capítulo trata desses profissionais, que ainda transitam, ou que outrora transitaram, com maestria entre a ciência e a arte, entre os cuidados com a vida, o bem-estar e a saúde, e o encantamento pela música, tanto erudita como popular. Suas histórias revelam não apenas fatos pessoais e trajetórias individuais marcantes, mas também momentos da própria evolução social e cultural de Porto Alegre, especialmente a partir da segunda metade do século XX, período em que o cenário musical da cidade florescia através de rádios, teatros, bares, bailes e saraus.

Neste texto, revisitaremos algumas biografias que entrelaçam Medicina e canção, relembremos momentos emblemáticos das carreiras desses médicos e revelaremos como suas vozes ajudaram a compor a trilha sonora dessa cidade que pulsa entre o rigor acadêmico e a liberdade artística. Trata-se de um tributo a esses cantores de jaleco que, com sensibilidade rara, souberam alinhar o ritmo do coração ao da música.

Como não foram encontrados registros escritos oficiais sobre médicos cantores em Porto Alegre, uma pequena lista

de nomes foi compilada, baseada em informações pessoais e na memória de colegas envolvidos nesse cenário e que participaram de grupos artísticos, como o Médicos & Música. Citamos a seguir, em ordem alfabética, colegas artistas, tanto do canto erudito, quanto do popular: Dr. Almerindo Boff, Dr.^a Ana Oliveira, Dr. Arnaldo José da Costa Filho, Dr.^a Bernardete Medeiros, Dr. Daniel Soruco Gandarillas, Dr. Jair Ferreira, Dr. José Jerônimo Filho, Dr.^a Jussara Fiterman, Dr.^a Lidia Beatriz Sá, Dr. Marcos Rovinsky, Dr.^a Naida Dellamora Degrazia, Dr. Regis Coelho, Dr.^a Renata Serdeira, Dr. Sabino Vieira Loguercio e Dr.^a Virginia Fedrizzi.

Conseguimos obter o nome de alguns desses médicos através de depoimentos pessoais, bem como de familiares ou de amigos que acompanharam suas carreiras, além de dados biográficos, os quais muito bem ilustram suas atuações, e também alguns fatos e eventos da cidade, costumes e momentos da sociedade sul-rio-grandense.

Todos esses colegas, os citados e os não citados, amantes das artes, merecem fazer parte desta publicação sobre Médicos e Artes, iniciativa pioneira da Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina, pois fazem parte da história do nosso meio, e da nobre Arte Hipocrática!

Quanto às biografias obtidas, iniciaremos por citá-las também em ordem alfabética, iniciando pela do ilustre Decano da ASRM, o Dr. Arnaldo da Costa Filho.

DR. ARNALDO DA COSTA FILHO, ORTOPEDISTA E MÉDICO DO ESPORTE (*IN MEMORIAM*)

Nascido em Porto Alegre, em 29 de setembro de 1922, filho de Arnaldo José da Costa e Magdalena Bruzamolín da Costa. Em 1935, ingressou no Colégio Militar da capital gaúcha e terminou os estudos secundários no Colégio Militar do Rio de Janeiro. De volta a Porto Alegre, ingressou em 1942 na

Foto 1.

O Dr. Arnaldo da Costa Filho em plena atividade canora, durante uma apresentação do sarau Médicos & Música.



Faculdade de Medicina da UFRGS. Foi também fundador da Associação Desportiva dos Alunos da Faculdade de Medicina (ADAFM). Além do esporte, sempre teve como hobby a música, a qual praticava como “cantor de chuveiro”. Durante os tempos de aluno de Medicina, quando residia em um edifício na av. Borges de Medeiros, era aplaudido pelos vizinhos, que conseguiam ouvi-lo através do poço de luz.

Graduou-se em 1947, especializando-se em Traumatologia e Ortopedia, Medicina do Trabalho e Fisiatria. Atuou no Hospital de Pronto Socorro de Porto Alegre (HPS) por cerca de 30 anos.

Ficou conhecido como médico do esporte e professor da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEF-UFRGS) e do Instituto Porto Alegre da Rede Metodista de Ensino (ESEF-IPA), onde lecionou a disciplina de Anatomia Aplicada à Educação

Física e aos Desportos. Atuou, como médico, em clubes esportivos, como o Grêmio Esportivo Renner, o Floriano de Novo Hamburgo, o Esporte Clube São José, o Cruzeiro e o Sport Club Internacional, bem como nos clubes Grêmio Náutico Gaúcho e Grêmio Náutico União. Atuou também na Federação Gaúcha de Futebol e foi médico de diversas seleções gaúchas de futebol, voleibol, basquete e pugilismo.

Ainda, foi um dos três médicos aprovados no primeiro curso de Medicina Aplicada à Educação Física e aos Desportos, da Faculdade Superior Estadual de Educação Física, instituição fundada em 1940 e federalizada em 1969.

Em 1948, foi contratado pelo clube de futebol profissional das empresas Renner, sendo assim o primeiro médico profissional de um time de futebol do Rio Grande do Sul. Trabalhou no clube até o encerramento das atividades do futebol em 1959. Em 1954, foi campeão invicto nos campeonatos porto-alegrense e do estado como médico do Grêmio Esportivo Renner de Porto Alegre.

Em 1958, foi idealizador da construção da atual sede da Escola de Educação Física do Rio Grande do Sul, inaugurada em 1962. Nesse estabelecimento de ensino, lecionou Anatomia, inovando por meio da introdução de aulas práticas ministradas no Instituto Anatômico da Faculdade de Medicina (necrotério) da UFRGS. Dois anos depois, começaram a surgir os primeiros preparadores físicos esportivos no estado. Em razão dessa contribuição, detém o título de Catedrático em Anatomia desde que se aposentou, em 1969. Na ocasião da unificação dos departamentos da universidade, foi um dos fundadores do Departamento de Ciências Morfológicas. Organizou também o curso de Educação Física do Instituto Porto Alegre da Rede Metodista de Ensino.

No decorrer de sua carreira, nunca deixou de ter a música como sua inspiração. Chegando o primeiro aniversário de casamento, gravou um disco compacto duplo, para

presentear a esposa, no qual cantava suas músicas românticas preferidas. E sempre que encontrava um violonista disposto a acompanhá-los, convidava os amigos para rodas de samba que varavam as madrugadas.

No ano de 2000, assistindo a uma apresentação de médicos cantores líricos na AMRIGS, sugeriu ao Dr. Aury Hibernon Hilário, então Diretor Cultural da Associação Médica do Rio Grande do Sul, que também fosse proporcionado aos médicos cantores populares um momento para mostrarem seus dotes artísticos. Ali se iniciava o grupo Médicos & Música que fez grandes apresentações no teatro da AMRIGS, como o especial “As Mulheres de Vinicius de Moraes” e uma homenagem ao centenário de Lupicínio Rodrigues. Promovendo apresentações mensais, o grupo, que já contou com o magistral acompanhamento de Mário Barros e Toneco da Costa, hoje é acompanhado pelo tecladista César Teixeira. O local das apresentações também foi mudando ao longo de seus 25 anos de trajetória, tendo passado pelo “Se Acaso Você Chegasse”, a casa de espetáculos de Lupicínio Rodrigues Filho, grande amigo e incentivador do Dr. Arnaldo Costa Filho enquanto intérprete das músicas de seu pai. O grupo Médicos & Música ainda se apresenta mensalmente, agora no Auditório do Museu da Medicina, apoiado pelo SIMERS.

Até os 102 anos de idade, o Dr. Arnaldo José da Costa Filho ainda continuava se apresentando nesses eventos, cantando com afinação impecável. Em 13 de junho de 2025, veio a falecer, vitimado por grave acidente vascular cerebral.

A ATUAÇÃO DO CIRURGIÃO PLÁSTICO DR. AURY HILÁRIO

Aury Hibernon Hilário nasceu em Porto Alegre, em março de 1940, e formou-se como médico em 1967 pela

Faculdade Católica de Medicina, como era então denominada a faculdade hoje pertencente à Universidade de Ciências da Saúde de Porto Alegre. Aury, por cerca de 50 anos, exerceu a profissão de cirurgião plástico, mas suas qualidades artísticas não se limitaram a essa área. Ele sempre teve uma paixão pela música, pelas composições eruditas e, especialmente, pelas óperas. Já bem estabelecido como especialista em cirurgia plástica, decidiu fazer aulas de canto, para desenvolver sua voz de tenor. Tornou-se para ele um costume, em festas familiares e outros eventos sociais, cantar para os amigos e parentes árias de óperas e canções italianas.

Entretanto, apenas cantar não satisfazia o Dr. Aury. A partir de 1985, ele criou uma agenda particular, visando difundir a música de ópera e reunir nessa empreitada outros colegas médicos que também se dedicavam ao canto erudito. Obtendo o apoio da Associação Médica do Rio Grande do Sul (AMRIGS), passou a angariar informações e contatar os médicos cantores do estado, dos quais recebera notícias em retorno. Depois de uma longa preparação, pôde finalmente organizar, na Semana do Médico de outubro de 1988, o primeiro Recital de Canto Lírico da AMRIGS, no qual ele e oito outros colegas de profissão apresentaram-se ao público, cantando árias e duetos de ópera. Esse evento passou a ser promovido todos os anos no mês de outubro, no Dia do Médico (18) ou em alguma data próxima, dentro das comemorações da Semana do Médico realizadas pela AMRIGS, e teve um total de 26 edições, a última delas em 2013. Ao longo desse período, apresentaram-se nos recitais vinte e três colegas dedicados ao canto lírico, alguns deles vindos do interior do estado. Entre os de fora da capital que participaram de vários recitais, estiveram Afonso Heckler (Passo Fundo), Anderson Marks (Santa Maria), Aildo Muñoz (Pelotas) e Jussara Gomez (Passo Fundo). Quanto aos residentes de Porto Alegre, podem ser citados, além do

próprio Aury Hilário, André Luiz Andrade, Athos Schmidt, Bernadete Medeiros, Daniel Soruco, Elnora de Paiva Ayres, Ernani Haas, Francisco Eduardo Martins, Jair Ferreira, José Jerônimo Filho, Lucas Leonetti, Luiz Henrique Degrazia, Miguel Sorrentino Júnior e Virgínia Fedrizzi. Além desses, alguns outros colegas tiveram participação esporádica, cantando em apenas um ou dois recitais.

Entre 1998 e 2011, o Dr. Aury organizou um outro evento anual, este integrando a Semana Cultural da AMRIGS. Nesse evento, que contava com o mesmo elenco de médicos, eram apresentadas composições populares, cuja exigência vocal era apropriada para cantores que se apresentavam sem o uso do microfone, tais como canções populares italianas, peças de musicais da Broadway, músicas de filmes, modinhas e sambas-exaltação do Cancioneiro Popular Brasileiro.

Paralelamente a esses eventos, o Dr. Aury colaborou, a partir de 2006, com a Sociedade Italiana do Rio Grande do Sul, participando e levando outros colegas para a Noite da Canção Italiana, evento que ocorria todos os anos no mês de julho, dentro das comemorações da Settimana Italiana. Essa colaboração evoluiu e, anos depois, ele passou a organizar para a Sociedade Italiana as chamadas Cortinas Líricas, de frequência mensal, das quais participavam cantores líricos profissionais e amadores, entre eles alguns médicos.

Em 2008, Aury Hilário deu início a uma outra atividade mensal com cantores líricos, agora em colaboração com o Sindicato Médico do Rio Grande do Sul (SIMERS). O evento ocorria no auditório do Museu de História da Medicina (MUHM), sendo que, em cada espetáculo, havia um ou dois cantores profissionais convidados, que apresentavam árias e duetos de ópera.

Não satisfeito em apenas promover esses recitais ao vivo, o Dr. Aury Hilário conquistou espaço em duas emissoras ra-

diofônicas locais, a Rádio FM Cultura, na qual apresentava o programa Cultura Lírica, e a Rádio da Universidade AM, em que tinha o programa Sexta Lírica. Nesses dois espaços, cada um com duração de uma hora, Aury exibia e comentava trechos de óperas por ele selecionados, ou trazia, como convidados, outras cantoras e cantores líricos locais, para entrevistá-los e reproduzir gravações de suas performances.

Sua outra grande iniciativa na divulgação da música erudita foi a criação, em 2003, de um site denominado Agenda Lírica. Semanalmente, eram publicados e divulgados nessa página todos os eventos de música erudita, vocal ou instrumental, programados no estado do Rio Grande do Sul. Além da possibilidade de obterem acesso direto a essas informações pela internet, alguns milhares de interessados inscritos na Agenda recebiam, em seu e-mail, por mala direta, uma edição semanal do conteúdo publicado.

O Dr. Aury Hilário manteve essa atividade intensa até 2019, quando problemas de saúde o obrigaram a descontinuar sua atuação. A Agenda Lírica, entretanto, não parou: ele repassou o projeto a seu professor de canto, o barítono Carlos Rodriguez, que deu continuidade ao site.

DR. JAIR FERREIRA, DERMATOLOGISTA, EPIDEMIOLOGISTA E BARÍTONO

Jair Ferreira nasceu em Rio Grande, em 29 de outubro de 1947. Formou-se em Medicina pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1970, e exerceu a profissão como dermatologista e sanitarista, na Secretaria Estadual da Saúde do Rio Grande do Sul, e como professor titular de Epidemiologia da UFRGS. Pertencia a uma família musical: a mãe estudara canto, tinha voz de soprano e interpretava, com muita emoção e entusiasmo, desde árias de ópera até marchinhas de carnaval. Com ela, o Dr. Jair aprendeu

Foto 2.

O barítono Dr. Jair Ferreira interpretando "Vecchia Zimarra", da Ópera La Bohème, de Giacomo Puccini.



que, mais que por ter uma grande voz, um bom cantor se faz pela qualidade das suas interpretações. O pai não tinha muito bom ouvido, mas gostava de música e comprava muitos discos de composições eruditas e populares. A família tinha um piano em casa, e a irmã, Mara, estudou esse instrumento até o sexto ano. Ela tinha grande facilidade de tocar músicas de ouvido e, assim, Jair e a irmã, quando eram adolescentes, se divertiam em saraus domésticos, ele cantando e ela o acompanhando ao piano.

Jair Ferreira, tão logo ingressou na instituição, em 1965, entrou para o coral da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que, na época, cantava exclusivamente óperas, oratórios e cantatas com a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (OSPA). Como sua voz já era naturalmente empostada, enquanto cantor do Coral, ele foi destacado para fazer pequenos solos da ópera "Fidélio", de Beethoven, e da cantata "Carmina Burana", de Carl Orff. Em 1969, enquanto ainda era estudante de Medicina, Jair prestou concurso para o Coral Profissional da OSPA. Foi

aprovado para o naipe dos barítonos e, por isso, antes de médico, a primeira profissão registrada em sua carteira de trabalho foi "cantor". Como membro do coral da OSPA, no qual permaneceu até 1972, interpretou dois papéis secundários na ópera "Salomé", de Richard Strauss.

Mesmo já estando formado e trabalhando como médico, o Dr. Jair permaneceu no coral da UFRGS até 1981. Nesse grupo, que, a partir de 1969, passou a se dedicar ao canto *a cappella* (sem acompanhamento de instrumentos), ele atuou como solista em diversas composições eruditas, populares e folclóricas.

Devemos fazer um divertido parêntese sobre esses solos. Em 1972, o Dr. Jair passou a atender no consultório do Dr. Lucio Bakos, enquanto este estava na Inglaterra durante um período de bolsa de estudos. Ocorre que Jair descobriu que o poço de ventilação dos banheiros do edifício era uma ótima caixa de ressonância para exercitar sua potente voz de barítono. Assim, deliciando os vizinhos dos andares mais próximos, que o escutavam surpresos, ele treinava suas cordas vocais!

Dr. Jair exercia o cargo de diretor artístico do Coral da UFRGS quando este, em 1978, foi o vencedor do II Concurso Nacional de Coros, o maior do gênero já realizado no país, evento promovido pelo Ministério de Educação e Cultura e transmitido pela Rede Globo.

Após deixar o coral da UFRGS, Jair Ferreira continuou cantando como convidado em vários eventos artísticos. Em 1985, em parceria com o também médico e compositor Marcos Virmond, foi vencedor do concurso para a escolha do hino do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha, tendo escrito a letra da composição, enquanto Marcos compôs a música. O hino foi gravado em disco compacto pela orquestra e pelo coral da OSPA, com arranjo instrumental do maestro Alfred Hülsberg.

Em 1988, o Dr. Jair foi incorporado ao grupo dos Médicos Cantores Líricos, organizado pelo Dr. Aury Hibernon Hilário. Com esse grupo, que se manteve ativo até 2013, ele participou de mais de 50 recitais, interpretando árias de ópera para barítono e para baixo cantante, além de outras peças eruditas e populares. Após a desativação dos Médicos Cantores Líricos, Jair Ferreira aderiu ao grupo Médicos & Música, composto por colegas que mensalmente realizam saraus de música popular, especialmente de canções populares brasileiras. Durante a pandemia de Covid-19, ele manteve suas atividades artísticas e participou de dezenas de eventos musicais virtuais por meio de gravações domésticas, aproveitando os inúmeros playbacks disponibilizados na internet.

Grande parte das apresentações e gravações do Dr. Jair Ferreira, as quais contabilizam quase duzentas produções, estão publicadas em vídeo no YouTube. Dentre elas, estão árias e canções de várias épocas e estilos, cantadas em oito idiomas (português, italiano, inglês, francês, espanhol, russo, alemão e latim). O conjunto de suas apresentações publicadas na internet abrange um período de mais de 50 anos. Nas peças compiladas, ele apresenta uma extensão vocal de três oitavas, indo do si bemol 3, no registro mais agudo, ao si bemol zero, no registro mais grave.

DR. SABINO LOGUERCIO, GASTROENTEROLOGISTA E ENDOSCOPISTA

Sabino Vieira Loguercio nasceu em primeiro de agosto de 1939, em Bagé. Durante a década de 1940, vivia cantando com os irmãos, a partir do que ouvia no rádio. Criou-se assim um repertório imenso, e o seu ouvido de criança foi se aperfeiçoando. Tinha cerca de quatro anos quando um dia a mãe o apanhou chorando enquanto ouvia o seu pai tocar violino.

— O que foi, meu filho? Por que estás chorando? — perguntou ela.

— O papai errou o *buiaquinho*.

É que seu pai tinha desafinado no violino.

Dr. Sabino veio para Porto Alegre em 1957, com a finalidade de terminar o curso científico no Colégio Nossa Senhora das Dores, pois em Bagé esse curso terminara na segunda série, em razão da falta de gente interessada.

Durante um retiro obrigatório na Vila Manresa, caiu de um pequeno precipício de mais ou menos cinco metros. Acabou com o pé esquerdo torcido, o que resultou numa fratura de calcâneo. Seu pé ficou do tamanho de uma melancia. Na época, residia na Pensão Riograndina, e os seus colegas o apelidaram de "lunanco", pois ele só usava a perna direita para movimentar-se. A pensão era de uma prima da sua mãe e ficava em frente à Faculdade de Medicina da URGs (nome da instituição antes desta se tornar UFRGS), o que o estimulou a começar um flerte com a universidade. Seu tio Hugo, que tinha pertencido ao exército, conseguiu para o sobrinho um médico clínico do Hospital Militar que de ortopedia não entendia muito, o qual iria tratá-lo. Como resultado, Sabino perdeu um mês de aulas e ficou para o exame de "segunda época".

Com o advento do Cursinho Pré-Universitário de Alfredo Steinbruch, Sabino começou a sonhar alto e conseguiu ser aprovado no vestibular de 1961. Sentindo a alegria dessa conquista, passava um bom tempo cantando, nos momentos de pausa das aulas, no Centro Acadêmico Sarmiento Leite, onde havia um piano, que era usado por muitos colegas. Foi então que, um dia, o Dr. Gilberto Hermann Brodt, já na terceira série da Faculdade de Medicina da UFRGS, guitarrista de Renato e seu Sexteto, um conjunto de baile bem cotado à época, lhe informou que o grupo se ressentia da falta de um bom cantor. Claro que Sabino aceitou o

convite e passou a ser o *crooner* (posição hoje chamada de vocalista) oficial daquele grupo musical.

Assim, o conjunto ficou composto, formado na sua maioria por estudantes universitários: Sabino Loguercio e Gilberto Brodt, da Medicina; dois da Engenharia: Manuel Pereira de Sousa, tratado por Maneca, e Luiz Carlos Ballista; e dois do Direito: Renato Maciel de Sá Jr., o titular, que dava o nome ao grupo melódico, e Jayme Eduardo Machado, que depois foi também cronista esportivo, como quase um irmão gêmeo do Lauro Quadros. Os outros dois componentes, não universitários, eram Gilberto Carvalho Benati, ritmista do conjunto, que atuava na parte comercial da Rádio Gaúcha, e Luis Fernando Verissimo. Na época, Luis Fernando não tinha profissão. Era simplesmente o filho do Erico e da Mafalda e tocava sax tenor!

Um dia, por casualidade, Renato descobriu o dom de cronista do Luis Fernando ao desvendar o mistério de seu esconderijo, localizado no porão da casa famosa do consagrado romancista, na rua Felipe de Oliveira, habitada por ele até hoje. Nem o pai sabia direito que o filho também gostava de escrever. Luis Fernando deixou o conjunto no fim de 1962 para morar no Rio. A partir daí, sua brilhante trajetória é por demais conhecida, não cabendo neste capítulo.

Em 1963, Renato deixou o grupo em razão de ter se formado em Direito, e entregou para Sabino a incumbência de dirigir o agrupamento melódico. Em 1966, num Festival de Conjuntos realizado no saudoso Teatro Leopoldina, o então Renato e seu conjunto, composto por 11 músicos, recebeu o título de Melhor Conjunto Musical do estado. O título permaneceu com ele até a década de 1970. Em 1973, porém, Sabino foi obrigado a deixar o grupo em virtude de sua atividade médica.

Vale a pena registrar alguns fatos que surgiram nesse período de atividade como cantor profissional, ligados



Foto 3.

Premiação de Renato e seu conjunto como o Melhor Conjunto do Rio Grande do Sul, no Festival de Conjuntos Musicais de 1966, abrilhantada pela presença de Elis Regina. Na fotografia, estão, da esquerda para a direita, Fernando do Ô Neto, guitarrista; Gilberto Carvalho Benati, ritmista; Luís Fernando de Carvalho Rocha, no lugar de Luis Fernando Verissimo, saxofonista; Sabino Vieira Loguercio, vocalista e violonista; Geraldo Schuler, saxofonista tenor; Marco Aurélio, acordeonista; Victor Hugo de Carvalho Rocha, contrabaixista; Carlos Calcanhotto, mais conhecido por Canhoto, baterista e pai da conhecida cantora Adriana Calcanhotto; e Luiz Ernani Aguiar Silva, tecladista. Sem o traje oficial do conjunto está Edson, assistente de Holmes Aquino, responsável pelo som.



Foto 4.

Sabino Loguercio interpretando "Jogo de Viola", vencedora do Primeiro Festival Universitário Brasileiro, em junho de 1968, no Salão de Atos da Reitoria da UFRGS.

a pessoas importantes do nosso meio artístico e cultural, bem como a momentos da Medicina local.

Luiz Carlos Ballista, estudante de engenharia cursando o seu último ano, era o contrabaixista do grupo e foi responsável pela criação da famosa cápsula amplificadora, parte que adaptou no seu instrumento para que este pudesse ser ouvido pelos dançarinos nos bailes. Também brindou o “sax” do Luis Fernando com outra cápsula, pois o colega ficava na parte de trás do palco e se recusava a chegar perto do microfone. Ao sair do conjunto, creio que no fim de 1961, em razão de ter se formado em Engenharia Eletrônica, Ballista deixou as cápsulas, para continuarem a serem usadas. Uma delas serviu para um episódio inusitado, quando o brilhante Breno Sauer passou a fazer parte do conjunto. Breno foi líder do Quinteto Breno Sauer e era um acordeonista completo.

O fato curioso ocorreu quando o pessoal do instrumental resolveu testar a cápsula, colocando-a no peito. Sabino chegava aos bailes sempre mais tarde, pois só tinha que testar o microfone, não precisava montar instrumentos. Foi então que ouviu aquele “tum-tac” que chegava em todo o salão, antes que as pessoas estivessem presentes. Quando chegou a vez de Breno testar a cápsula, foi escutado um estranho “tchum-tchac” reverberante. Ao fim do baile, Sabino deu a notícia para o Breno:

— Hoje é o último dia em que tu chegas perto do acordeão!

— Tu tá louco?! — respondeu ele.

— Não. Tu estás com uma lesão cardíaca. Ouvi um duplo sopro quando colocaste a cápsula no peito.

Sabino indicou então o Dr. Jaime Maltz, que confirmou a sua hipótese e recomendou uma cirurgia para Breno, mas este tinha outros interesses e acabou por deixar o conjunto junto com o baterista, Portinho, e o contrabaixista, Ernoe

Eger (nome cuja pronúncia é “Ernê”). O trio foi tocar no México, a convite de alguns conhecidos, mas acabou indo para Chicago, onde Breno passou a dirigir um restaurante (ou um bar, não se sabe bem). Ele acabou sendo operado pelo famoso Dr. Michael Ellis DeBakey, autoridade em Cirurgia Cardiovascular à época. Tudo graças à cápsula do Luiz Carlos Ballista!

Em 1978, já atuando como advogado respeitável, Renato Maciel de Sá comprou uma bateria moderna e convidou os músicos que tinham pertencido ao seu conjunto para “brincarem de música” aos sábados em sua casa. O mundo musical tomou conhecimento do fato, e eles passaram, então, a tocar novamente em bailes, contando ainda com a voz de Sabino, que, embora já afastado do canto profissional desde 1973, aderiu ao grupo. Dessa vez, eles tocavam apenas em ocasiões especiais e de forma não profissional.

Em 1982, gravaram um disco, que levou o nome de “Vivessências”, título que foi escolhido por Sabino para expressar a essência da vivência, já que haviam sido incluídas nesse vinil músicas que não tinham sido tocadas em bailes por eles, como, por exemplo, o tango “Silencio”, que ele tinha gravado solo junto com músicos da OSPA.

Com o falecimento de Renato Maciel de Sá e pelo fato de os ensaios atrapalharem a vida profissional dos músicos, Renato e seu conjunto encerrou as atividades definitivamente em 1992. Desde então, Sabino passou a cantar em ocasiões especiais, como aquelas promovidas na ocasião dos adventos do Hospital Mãe de Deus, local de sua intensa atuação na área da gastroenterologia, notadamente como especialista na área da endoscopia digestiva.

Seu mais intenso exercício da “arte do canto” foi na década de 1960. Eis uma curiosidade: Sabino é colega de Turma Médica (ATM 66) do Acadêmico Lucio Bakos. Por ser de origem italiana, Bakos ensinou a Sabino, a pedido des-

te, a correta pronúncia das letras das músicas italianas de sucesso naquela década, como “Volare”, “Dio Come ti amo”, “Canzone per te”, “Come Sinfonia”, “Roberta” etc., que, cantadas com pronúncia impecável, fizeram sucesso e embalaram muitos jovens casais românticos porto-alegrenses, nos bailes da década.

Conforme mencionado anteriormente, em 1966, ano da sua formatura em Medicina, houve em Porto Alegre um Festival de Conjuntos Musicais. Para se apresentar nesse encontro, Sabino preparou o que ele chamou de “Painel da Moderna Música Popular Brasileira”, uma sequência de músicas da MPB com passagens marcantes, propícias para a interpretação e o aperfeiçoamento de músicos excepcionais que haviam ingressado no conjunto naquele ano. O resultado foi que, com essa apresentação, Renato e seu conjunto foi aclamado no Teatro Leopoldina como o melhor conjunto do Rio Grande do Sul. A premiação foi realizada no Auditório Araujo Viana, e o troféu comemorativo lhes foi entregue por, nada mais, nada menos, que a já famosa Elis Regina, que tinha vindo para o Festival junto com o Zimbo Trio!

Em 1991, foi realizado o último baile de Renato e seu conjunto com a participação de Sabino Loguercio, no Hotel Laje de Pedra, em Canela.

OUTROS PROFISSIONAIS

Ainda, através de pesquisas realizadas por meio de ferramentas de Inteligência Artificial, buscando-se por médicos cantores, surgiram alguns nomes, porém com sucintas informações acerca de suas atuações.

O Dr. Franklin Capaverde foi um médico intensivista conhecido por cantar e tocar violão para os pacientes da Unidade de Tratamento Intensivo do Hospital Beneficência Portuguesa. Planejando gravar um álbum próprio, ele acre-

ditada que a música pode ser uma forma de cuidado emocional para promover o bem-estar dos pacientes.

O Dr. Paulo Bala, médico emergencista, fisiatra, acupunturista e homeopata, também é cantor e compositor. Foi registrada sua atuação, durante o período da recente pandemia de Covid-19, usando a música como forma terapêutica de apoio emocional para os pacientes.

A banda First Aid Medical Band é composta por dez membros, a maioria deles médicos. Compõem o grupo dois vocalistas, Gabriela Nóbrega (cardiologista) e Nadi Nocente (infetologista); dois guitarristas, Daniel Rosa (anestesiologista) e Régis Rosa (intensivista); dois trompetistas, João Marcos Rizzo (anestesiologista) e Fernando Costi (oftalmologista); um baterista, Marcelo Kern; e um baixista, Cassiano Teixeira. O grupo toca rock, blues e soul music, principalmente em eventos beneficentes, demonstrando que a arte também pode ser uma forma de cuidado.

O Dr. Tiago Dalcin, médico pediatra do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, organizou e participou de apresentações de canto e música no Serviço de Oncologia Pediátrica, também trazendo artistas conhecidos para alegrar o ambiente hospitalar e contribuir para o bem-estar das crianças.

Do interior do estado, temos o Dr. João Carlos Stona Heberle, cirurgião plástico de Cruz Alta. Este, além de se dedicar às artes plásticas, toca violão e teclado e canta músicas populares brasileiras e internacionais, sendo conhecido por se apresentar em eventos festivos de familiares e amigos naquela região.

Também merecem destaque profissionais de outras partes do país, mas que atuaram no Rio Grande do Sul em situações especiais. É o caso do Dr. Eduardo Martins do Prado, médico pediatra da cidade de Sorocaba, interior de São Paulo, que integrou a equipe dos voluntários que

reforçaram as ações da Força Nacional do Sistema Único de Saúde (SUS) na assistência em saúde no Rio Grande do Sul, durante o período das severas enchentes de 2024. Aos 64 anos de idade, ele se juntou à equipe da Força Nacional para uma missão de voluntariado em Canoas. O Dr. Prado é médico, ator e professor e, além de suas atividades profissionais, também se dedica à música, participando de festivais de coro e aprimorando seus estudos em canto solo. Ele é professor de Artes e Teatro pela Universidade de Sorocaba e tem formação no coral da Academia Concerto, onde performa como primeiro tenor. No mais, é conhecido por sua paixão pela música, tendo participado de festivais internacionais, inclusive de um evento na Polônia, e por se dedicar a aprimorar suas habilidades no canto solo. É um profissional multifacetado que une a Medicina, a atuação, o ensino e a música, sendo um exemplo de versatilidade e paixão por diferentes áreas. Sua presença profissional na grande Porto Alegre já foi registrada.

Certamente, deve ter havido e ainda haverá outros colegas que se dedicaram e ainda se dedicam, além de sua profissão, ao canto, demonstrando, assim, mais uma faceta de suas personalidades, ligadas também a outro tipo de arte, não só à arte da Medicina. A busca de dados biográficos e de fatos relacionados à atividade médica e musical de todos os profissionais envolvidos nessas duas áreas seria uma tarefa bastante demorada, difícil de se efetuar no prazo disponível para esta publicação.

Esses médicos-cantores de Porto Alegre, ao unirem arte e ciência, construíram pontes entre o cuidado do corpo e o alimento da alma. Sua dedicação à música — seja nos palcos, nos saraus ou nos encontros informais — revela uma faceta humana e sensível da prática médica, que transcende o consultório e alcança a comunidade por meio da beleza e da emoção. Desde a segunda metade do século XX, esses profis-

sionais deixaram marcas sonoras e afetivas na vida cultural da cidade de Porto Alegre, demonstrando que o canto, além de expressão artística, pode ser também uma forma de cura, tanto para quem canta quanto para quem escuta. Seu legado, junto com o exemplo dos que ainda cantam, continua ecoando, inspirando novas gerações a encontrarem nas artes um espaço de equilíbrio, alegria e transformação.

AGRADECIMENTOS

Ofereço agradecimentos especiais ao Dr. Jair Ferreira, por sua inestimável ajuda, pois, além de fornecer sua rica biografia e imagem on stage, ele trouxe também dados biográficos dos doutores Aury Hilário e Daniel Soruco, bem como uma importante nominata de diversos médicos cantores. Também agradeço ao Dr. Sabino Vieira Loguercio, meu colega de turma da ATM 66, por nos fornecer seus dados biográficos e por trazer diversos momentos e imagens da sua trajetória, bem como da de alguns dos componentes do conhecido Renato e Seu Conjunto, ilustrando alguns aspectos da sociedade gaúcha da época. Os meus agradecimentos se estendem também à Sra. Adriana Costa, pela elaboração da detalhada biografia e carreira profissional, bem como da fotografia, de seu progenitor, o prezado Acadêmico Dr. Arnaldo da Costa Filho, decano da ASRM, registrando seu pioneirismo tanto na Medicina como no canto.

A ARTE MÁGICA

Paulo R. Prates

Minha paixão pela magia iniciou quando assisti um famoso cirurgião fazendo mágicas com cartas de baralho. Fiquei impressionado com a habilidade de suas mãos e, desde então, no meu pensamento, a arte mágica ficou relacionada com a cirurgia, especialidade que sempre foi o meu objetivo na Medicina.

A mágica é a arte de criar ilusões de acontecimentos impossíveis para causar mistério e assombro a quem assiste. Surgiu como entretenimento no Egito por volta de 2500 a.C. e encanta as pessoas há milênios.



Figura 1.

O mais antigo registro de uma apresentação de mágica está em um papiro egípcio escrito por volta de 2000 a.C. contando sobre um mago chamado Dedi que se apresentava diante da corte do faraó Keops.

Parece que, na Idade Média, a maior parte da população acreditava em mágicas, mas o cristianismo considerava pecado e seus praticantes eram perseguidos. Nos anos 1400, muitos praticantes da magia foram queimados como bruxos.

Reginald Scot, um fazendeiro que vivia no condado de Kent, na Inglaterra, cansado das cruéis condenações que

associavam a magia à bruxaria, decidiu estudar essa arte e escreveu o livro *A descoberta da bruxaria* – que explicava vários fundamentos da mágica que são usados até hoje. Um truque clássico, realizado até os dias de hoje, é o das bolas que aparecem e desaparecem dentro de três copos.

Já formado em Medicina, soube que aqui havia um clube de mágicos chamado Professor Atkinsons, cujo presidente era o Dr. Mordko Meyer, importante alergista da nossa cidade. Comecei a ir às reuniões do clube, que era frequentado por muitos médicos, e lá fiz amigos que me ensinaram diversos truques.

Sei que seria muito difícil citar todos os mágicos com quem convivi, mas tenho que lembrar da dupla Victor e Miriam. Em 1988, junto com o Dr. Paulo Sérgio Guedes, organizamos o espetáculo *Tangos e Magia* com a participação do Maestro Tulio Bellardi e da dupla Victor e Miriam. Foi um sucesso que não conseguimos repetir.

Figura 2.
Lembrança
de folheto
autografado pelos
mágicos Victor e
Miriam.



Figura 3.
Victor e Miriam fazendo mágicas para os pacientes pediátricos do Instituto de Cardiologia.

Muito se batalhou para termos espetáculos de magia aqui. Um destes lutadores foi o Mágico Tony. Ele criou um salão com palco e restaurante para apresentações baseado na “Magic Island”, de Houston, que havia eu mostrado a ele. Infelizmente, não durou muito.



Figura 4.
Cópia de um dos ingressos do espetáculo Tangos e Magia.

Um grande amigo, o Leo Truda, que escreveu diversos livros de magia com cartas, me ensinou muitas mágicas. Nas tardes em que eu não tinha atividade, ia para a Farmácia Van Der Lan, na avenida Riachuelo — Leo era um dos proprietários —, e lá aprendia truques impressionantes com cartas de baralho.

Outro amigo que tenho que citar é o mágico Kardini, dedicado ao mentalismo. Seus números, fazendo previsões quase impossíveis de cartas e objetos dentro de caixas fechadas, eram impressionantes.



Figura 5.
Capa de um dos livros ensinando truques de cartas, publicado por Leo Truda.

Figura 6.
Leo Truda durante
uma de suas
apresentações.



Figura 7.
Vitor Hugo Cardia, o Kardini,
ilusionista e mentalista.

Os colegas, sabendo destas minhas habilidades, me convidavam para fazer mágicas em aniversários dos filhos, encontro de turmas da faculdade e até em congressos.

Fiz uma apresentação na comemoração dos 50 anos de formatura da primeira turma da Faculdade católica de Medicina.

No Congresso da Sociedade de Cirurgia Cardiovascular, cortei o braço do Ivo Nesralla sob os olhares do Professor Zerbini. Felizmente consegui reimplantar.

E também me apresentei no Hotel Laje de Pedra para a turma do Instituto de Cardiologia.



Figura 8.

O autor deste capítulo, Paulo R. Prates, "cortando" o braço do também médico Ivo Nesralla.



Figura 9.

Paulo R. Prates se apresentando no Hotel Laje de Pedra.

Com a internet, os segredos das mágicas foram disseminados. As apresentações caíram, pois o mistério era o que mantinha as plateias. Com a diminuição do interesse pela arte, o número de mágicos diminuiu. É uma lástima.

Figura 10.
Carteira de
mágico do autor
e médico.



O PIANO E OS MÉDICOS PIANISTAS

Maria Helena Itaquí Lopes

INTRODUÇÃO

O piano, instrumento de cordas percutidas, nesses seus mais de 300 anos de existência, tornou-se muito apreciado mundialmente por sua sonoridade e características específicas. A sua primeira referência foi publicada em 1711, no *Giornale dei Litterati d'Italia*, decorrente da apresentação de seu inventor, Bartolomeo Cristofori, que, a convite da família Médici, radicou-se em Florença, dedicando-se à fabricação de instrumentos musicais. A partir de então, o piano sofreu vários aperfeiçoamentos para chegar ao modelo atual. Como curiosidade, restam três pianos originais, construídos por Cristofori: um no *Metropolitan Museum of Art* de Nova York, outro no *Museo Strumenti Musicali*, em Roma, e o terceiro no *Musikinstrumenten-Museum* da Universidade de Lúpsia, na Alemanha.

A importância do piano como instrumento reside no fato de ser versátil, de possuir um registro abrangente e de possibilitar uma variedade imensa de ritmos, harmonias e melodias. Razões essas que o tornam atraente para uma gama enorme de pessoas que se dedicam ao seu estudo, tornando-se pianistas, e outros que o tocam por gosto e

prazer, sem a preocupação de uma formação estruturada específica para o completo domínio do instrumento.

Temos aqui a primeira bifurcação no tema em pauta: médicos pianistas e médicos apreciadores do piano. Essa compreensão é necessária para registrar como, em algum momento da vida, muitos se interessaram em tocar piano. Tanto é que, em muitas casas, a partir do século XIX, havia um instrumento para deleite da família ou para ser tocado por convivas que possuíssem esse dom, fato esse que não ocorria com outros instrumentos musicais, destacando-se, portanto, o piano.

Nessa abordagem, porém, corre-se um grande risco: o de não contemplar todos os nomes merecedores de serem lembrados nessas páginas que temos a satisfação de registrar.

A Medicina, assim como a música, possui uma vertente artística que consiste na capacidade de interpretar. O bom médico deve desenvolvê-la muito, pois esse quesito é essencial para uma adequada relação médico-paciente e fundamental para a construção do raciocínio diagnóstico. Desse desenvolvimento e aperfeiçoamento, não é raro que os médicos se interessem profundamente pela música, seja por tocar um instrumento, pela expressão vocal ou simplesmente por serem apreciadores qualificados de diferentes gêneros musicais.

A formação pianística envolve uma série de técnicas e conhecimento dos fundamentos da música, o que demanda conhecimento teórico e prático em diferentes disciplinas, para o desenvolvimento de todos os elementos que compõem essa área. Geralmente o estudo se inicia na infância e segue nas academias formadoras de músicos. No Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), o curso Fundamental de Piano é de seis anos e, em seguida, o estudante presta o vestibular para cursar os cinco anos de graduação. Nesse período, o estudante deve

aprender, além do instrumento, programas específicos a serem desenvolvidos nos semestres, de forma progressiva e com dificuldades crescentes, juntamente com as demais disciplinas que envolvem teoria (escrita musical, percepção e desenvolvimento auditivo etc.), harmonia, história da música, canto, música de câmara, prática de orquestra, entre outras. Esse currículo tem aproximadamente 2.500 horas. A razão primordial desse esclarecimento é para lembrar que o estudo que envolve arte está distante da improvisação ou intuição; embora o talento que acompanha muitas pessoas seja importante, existe uma estruturação a ser aprendida para uma completa formação.

Pesquisando os médicos que se dedicaram ao estudo de piano, podemos apresentar as biografias a seguir. Iniciaremos por dois nomes importantes por suas expressões: um como pianista internacional renomado e outro como um brilhante professor de Medicina e do Instituto de Artes, lembrado por várias gerações. Os demais serão apresentados pela ordem alfabética do primeiro nome e, para concluir, a representação na ASRM dessa conciliação entre Medicina e piano.

MÉDICOS PIANISTAS

Roberto Szidon

O pianista Roberto Szidon é uma lembrança notável sobre a união dessas artes. Falecido em 2011, aos 70 anos, natural de Porto Alegre, cidade onde realizou sua formação, estudando com a professora Ilse Woebcke. Apresentou seu primeiro recital aos 9 anos, deslumbrando a cidade com seu talento precoce. Ainda jovem, era regularmente solista da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (OSPA) e, por insistência dos pais, ingressou na faculdade de Medicina da UFRGS. Quando estava no 5º ano de Medicina, recebeu uma pro-

Foto 1.

Roberto Szidon
(foto do acervo
familiar).



posta irrecusável para gravações na Europa, nada menos que na *Deutsche Gramophon*, razão de seu abandono de curso antes de concluí-lo. Em paralelo, teve a orientação de Ilona Kabos e Claudio Arrau, nos Estados Unidos. Na década de

1970, suas gravações foram muito difundidas, e a imprensa afirmava que o número de álbuns vendidos só colocava-o atrás de Herbert Von Karajan e Dietrich Fischer-Dieskau, dois grandes nomes da época. São antológicas suas gravações das dez sonatas para piano de Alexander Scriabin, do 2º Concerto para piano e orquestra de McDowell e das 19 Rapsódias Húngaras e Rapsódia Espanhola de Franz Liszt. Destaque também para as gravações dos ciclos de canções *Dichterliebe* e *Liederkreis* op. 39 de Schumann, em duo com o tenor Thomas Quasthoff. Também gravou muita música brasileira e foi premiado por sua interpretação do *Rudepoema* de Villa-Lobos. Como concertista, realizou brilhante carreira internacional ao longo da vida. Foi professor nas Universidades de Hannover e de Düsseldorf, por concurso, obtendo aprovação com láurea e louvor, como não poderia deixar de ser. Estimulou, inspirou e incentivou jovens pianistas das novas gerações.

Paulo Luis Vianna Guedes

Nascido em Porto Alegre (1916 - 1969), filho de Regina Barreto Vianna Guedes e Luis José Guedes, psiquiatra e professor catedrático de clínica psiquiátrica. Embora não tenha sido pianista, foi violinista, brilhante músico e pro-

fessor, tanto na Medicina como no Instituto de Artes, razão de ser aqui contemplado por sua importância em ambas as áreas. Concluiu o curso de música no Instituto de Artes da UFRGS, tendo se diplomado em 1934, ano em que ingressou em Medicina na UFRGS, onde tornou-se professor em 1943. Em 1936 ingressou no magistério musical superior como assistente de ensino da cadeira de Conjunto de Câmara, para a qual, pouco tempo depois, foi nomeado catedrático, tendo ensinado também História da Música e Análise Harmônica. Em 1939 casou com Zuleika Rosa Guedes, pianista, e mais tarde também professora do Instituto de Artes da UFRGS. Compôs algumas músicas para canto, outras para violão e duas suítes para orquestra. Exímio violinista, tocava também piano e violão, atividades das quais gostava imensamente; nunca desejou, entretanto, ser considerado músico, pois afirmava que era um amador, já que sua profissão era a Medicina. É um dos Patronos da Academia Sul- Rio-Grandense de Medicina, na Cadeira nº 56.

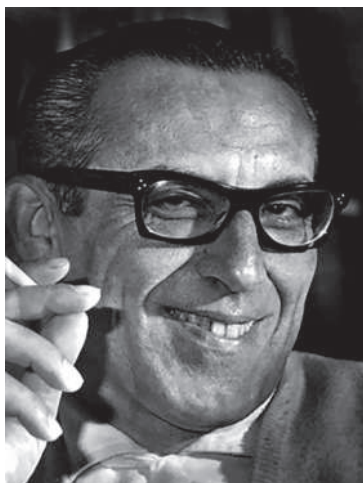


Foto 2.
Paulo Luis
Vianna Guedes
(foto do acervo
familiar).

Bruno Teneos

Natural de São Leopoldo, Bruno Teneos graduou-se em música pela UFRGS em 2019, sob orientação do prof. Dr. Ney Fialkow. Ao longo da sua carreira musical, conquistou prêmios em diversos concursos nacionais, como o Souza Lima (São Paulo), o Rosa Mística (Curitiba), o Cora Pavan Capparelli (Uberlândia) e o da Casa da Música (Porto Alegre). Aperfeiçoou sua formação em masterclasses com pianistas renomados como Cristina Ortiz, Cristian Budu, Gilberto Tinetti, Nicolau de Figueiredo e Eduardo Monteiro. Além disso, foi bolsista

Foto 3.

Bruno Teneos
(foto de Roberto
Teneos).



em duas edições consecutivas do Festival Campos do Jordão e selecionado para o Festival Música nas Montanhas, em Poços de Caldas. Neste último festival, em 2018, foi contemplado com uma bolsa de estudos para a *École Normale de Musique de Paris — Alfred Cortot*, onde estudou por um ano sob a orientação do pianista georgiano Guigla Katsarava. Durante esse período,

apresentou-se em recitais no *Institute France Amériques* e na *Salle Cortot*, tendo também destacado-se ao obter o segundo lugar no Concurso *Les Clés d'Or*, em Le Raincy. É doutorando do sexto ano de Medicina na Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA).

Carlos Alberto von Mühlen

Carlos von Mühlen graduou-se em Medicina pela UFRGS em 1978, e obteve o título de doutor pela Universidade Técnica do Norte do Reno – Westfália, em Aachen, Alemanha. Foi bolsista de pós-doutorado no *The Scripps Research Institute*, na Califórnia, em mecanismos imunes e moleculares de doenças autoimunes. Possui ampla experiência em Medicina clínica e laboratorial, com títulos de especialista em reumatologia e patologia clínica. Durante 21 anos, foi professor na Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre

(PUCRS), onde alcançou o cargo de titular de Reumatologia e Medicina Interna. Foi presidente do Grupo de Pacientes Artríticos de Porto Alegre, o primeiro grupo de autoajuda para pacientes reumáticos do Brasil. Atuou como diretor técnico do Centro Metanalysis de Diagnóstico Médico, um laboratório de referência em autoimunidade para todo o Brasil, e como presidente da Sociedade Brasileira de Autoimunidade. Realizou cursos de Administração em Saúde pela Universidade de Harvard e de Inteligência Artificial na Saúde pelo MIT, em Boston (EUA). Atualmente é pesquisador sênior e consultor médico de empresas líderes em biotecnologia em San Diego (EUA). Possui centenas de publicações nas principais revistas médicas internacionais e é um palestrante ativo em congressos e eventos científicos, contribuindo com capítulos em alguns dos mais importantes livros de Reumatologia e Imunologia. É membro fundador do *International Consensus on Antinuclear Antibodies Patterns (ICAP)* e do Grupo de Trabalho em Autoimunidade da Confederação Latino-Americana de Bioquímica Clínica. Além disso, atua como influenciador digital, gerenciando um canal de informação médica para o público leigo no YouTube, com mais de 360 mil inscritos.

Sua trajetória musical começou cedo, aos quatro anos de idade, quando iniciou estudos de piano com a professora Harriet Hoffmann e com o Maestro Léo Schneider, no bairro Petrópolis, em Porto Alegre. O piano era um antigo Rachals de armário (Hamburgo) emprestado de sua madrinha. Desde então a música passou a ser uma parte essencial da sua vida. Ainda na infância e juventude, completou o Curso



Foto 4.
Carlos Alberto
von Mühlen
(foto do acervo
pessoal).

Fundamental de música na Escola de Belas Artes da UFRGS, consolidando sua formação inicial. Aprofundou seus estudos ao ingressar na graduação da Escola de Artes da UFRGS, onde teve a oportunidade de estudar com professores de grande renome como Norma Bojunga, Jean-Jacques Pagnot e Hubertus Hoffmann. Teve o privilégio de ser aluno da renomada professora Zuleika Rosa Guedes, uma figura fundamental na formação musical gaúcha, integrante do Trio Porto Alegre. Seu compromisso com a música brasileira e repertório pianístico do período romântico em transição para estilos modernos, marcou profundamente a percepção artística do médico. Zuleika ministrava aulas coletivas semanais e realizava audições públicas que eram verdadeiras celebrações da diversidade musical, trazendo ao público repertório e compositores pouco tocados na época, como Paul Hindemith, Shostakovich, Prokofiev, Nazareth, Camargo Guarnieri, Bruno Kiefer e Armando Albuquerque, dentre tantos outros. Para Carlos, foram oportunidades únicas ter estado com estes três últimos compositores ao vivo e ao piano na preparação de suas obras.

Sua formação foi ainda enriquecida por cursos e recitais individuais, que ampliaram sua experiência e o trouxeram maturidade como intérprete: Curso de Interpretação Pianística, ministrado por Bruno Seidlhofer (Viena, Áustria); Curso de Extensão Universitária sobre Técnica Pianística, ministrado por Miguel Proença; Concerto de Professores e Alunos do Departamento de Música da UFRGS; Audição de Professores e Alunos do Instituto de Belas Artes da UFRGS. Seu último recital público ocorreu no Salão Mourisco, da Biblioteca Pública de Porto Alegre, quando então passou a se dedicar integralmente à residência médica no Hospital de Clínicas de Porto Alegre e à carreira médica.

Um dos momentos mais significativos de sua trajetória foi a participação na estreia mundial da obra *Suite Bárbara*

Infantil, do compositor gaúcho Armando Albuquerque, realizada no Auditório Tasso Correa, do Instituto de Artes da UFRGS, em 1975. O evento foi registrado no Catálogo de Obras de Compositores Brasileiros do Ministério das Relações Exteriores, em Brasília.

Atualmente encontra tempo para repassar seu amplo repertório no piano Yamaha C6 em sua casa. A técnica pode ter sofrido com os anos, mas o seu prazer de estar ao piano mantém-se renovado.

Esta formação sólida e diversificada, desde os primeiros anos de estudo até as experiências vividas sob a orientação de grandes mestres, moldou sua identidade musical e trouxe insubstituível contribuição ao seu trabalho como médico clínico. A busca pela inovação, pelo conhecimento e pela valorização da minúcia e do detalhe, o trabalho árduo ao piano, a par dos exemplos marcantes de seus professores músicos, foi indispensável para sua formação como pessoa e para seu sucesso como médico de renome.

Jerônimo José Zanonato

Jerônimo José Zanonato é natural de Farroupilha (1944-2024). Desde a infância, revelou seu gosto pela música e, pelo relato de sua irmã, Adriana Zanonato, tocava pianos imaginários em todas as superfícies que encontrava pela frente. Seu pai almejava que fosse médico, mas sua paixão pela música sempre o acompanhou. Gradou-se em Piano em 1966, no Instituto de Artes da UFRGS,



Foto 5.

Jerônimo José Zanonato
(foto do acervo familiar).

tendo sido aluno da professora Maria Alabarta. Seguiu na especialização de virtuosidade, sob orientação da renomada professora Dirce Knijnik, concluída em 1974. No mesmo período cursou Medicina, formando-se em 1969, também na UFRGS. Seguiu na pós-graduação, com residência médica de Medicina interna e cardiologia, na cátedra de Terapêutica Clínica do professor Faraco. Em sequência fez mestrado em Farmacologia pela UFCSPA, em 1993. Considerado uma fonte importante de valores humanísticos e de profundo senso de justiça, esses traços o tornaram reconhecido pela sua generosidade, sensibilidade no trato com as pessoas, gentileza e profundo respeito por todos. Posteriormente, fez formação em psiquiatria (1982), no referenciado Centro de Estudos Luiz Guedes, tendo múltiplas especializações nessa área. Exerceu a docência na UFRGS, no Departamento de Medicina Interna. Lá recebeu homenagens pelos serviços prestados e foi paraninfo por diversas vezes. Em seu consultório privado, atuava na sua outra área de especialização: a psiquiatria. Realizou diversos recitais, destacando-se o dedicado aos 10 anos da Universidade de Caxias do Sul, que teve lugar no Clube Juvenil daquela cidade, onde executou um robusto programa com músicas de Scarlatti, Bach-Busoni, Scriabin, Chopin, Villa-Lobos e César Frank.

Henry e Raquel Wolff

O texto biográfico a seguir foi enviado por Daniel Wolff, filho do casal, músico, violonista e professor do Instituto de Artes da UFRGS. Henry Wolff (1926-2014) foi médico endocrinologista e professor de Medicina na UFRGS e na UFCSPA. Orientou a formação de inúmeros médicos nas áreas da endocrinologia e da Medicina nuclear, especialidades das quais foi pioneiro no sul do Brasil. Atendeu milhares de pacientes em sua clínica e no serviço de Medicina nuclear que mantinha no Hospital Moinhos de Vento.

Manteve uma coluna no Jornal Zero Hora, denominada Self Médico, e publicou, pela Prociencx, de São Paulo, o livro *Diabete Mérito* (1970). Dedicou-se também à pesquisa, com mais de 20 artigos publicados em periódicos especializados, entre as décadas de 1950 e 1990. Mesmo com tamanha atividade na área médica, manteve também profícua produção literária e musical. Publicou pela editora Movimento os livros de contos *Mar da Solidão* (2007) e *Por Amor Também se Casa* (2010), além do relato autobiográfico *Eu e o Colégio Lemos Júnior* (publicado postumamente em 2017).

Dizia-se “infectado pelo vírus da música” desde a infância, passada na cidade de Rio Grande, onde aventurou-se brevemente com um violino que ganhara ao nascer, da sua avó paterna, oriunda da Bessarábia (hoje Moldávia). Mas foi quando já residia na capital gaúcha, para onde se transferiu para cursar o ginásio e a faculdade de Medicina, que iniciou os estudos de piano e um convívio mais intenso com vários expoentes da música gaúcha de concerto, como Esther Scliar e Bruno Kiefer.



Foto 6.
Raquel e Henry
Wolff (foto
do acervo
familiar).

Arriscou alguns esboços como compositor, mas a maior parte de sua obra musical só apareceria bem mais tarde, nas décadas de 1980 e 1990. Na década de 1960 viu crescer a atividade profissional. Casou-se em 1964 com Raquel, com quem teve dois filhos. Na década seguinte, se manteve sempre junto à minha mãe em sua luta contra o câncer, do qual ela viria a falecer em 1979. Neste ínterim, a música nunca deixou de fazer parte de sua vida. Mantinha uma discoteca invejável (que incluía desde a obra completa de Bach e Chopin até compositores modernos como Boulez e Maderna), era frequentador assíduo de concertos e escutava diariamente a rádio da UFRGS, única emissora de Porto Alegre dedicada à música erudita na época. Adquiriu notável capacidade de identificar os estilos, surpreendendo-me ao ouvir obras que desconhecia e afirmar — corretamente — qual o compositor, mesmo tratando-se de alguém menos conspícuo, como Dittersdorf. Lograva mesmo distinguir os estilos de compositores afins como, por exemplo, Mozart e Haydn, algo que muitos músicos profissionais são incapazes de fazer. A partir de 1980, passou a ter aulas particulares de piano, harmonia, composição e análise (com professores como Elda Pires, Paulo Dorfman, Jocenei Bohrer e Arthur Nestrovski) e solicitou reingresso de diplomado para o curso de Composição no Instituto de Artes da UFRGS, onde estudou com Armando Albuquerque, Bruno Kiefer, Lea Roland Kiefer e Cristina Capparelli Gerling, entre outros.

Sua obra abrange canções, música de câmara e um balé para piano. Trabalhava por meses a fio em uma mesma composição, buscando sempre aprimorá-la. Sua canção *Despertar*, para citar um exemplo, demorou um quarto de século para ficar pronta. A melodia foi composta rapidamente, em um único dia, em 1955. O acompanhamento de piano, contudo, demandou meses de trabalho, já no ano de 1980. Para mim, compôs *Innominata* (1991), para violão

solo, obra que gravei no disco *Porto Allegro* e publiquei na série de partituras *Música Impressa*, do Programa de Pós-Graduação em Música da UFRGS.

Minha mãe, Raquel Wolff (1941–1979), assim como meu pai, foi uma pessoa de muitos talentos. Coursou primeiramente o Normal, tornando-se professora do Ensino Fundamental. Paralelamente, estudava piano com Zuleika Rosa Guedes no Instituto de Belas Artes (atual Instituto de Artes da UFRGS), onde também viria a cursar composição.

A partir das partituras que tínhamos em casa, com copiosas anotações a lápis, pude constatar que ela chegou a tocar obras de porte, como sonatas de Beethoven, além de peças de Bach, Mozart e Chopin. Encontrei também programas impressos e gravações de audições de alunos da Prof^a Zuleika, das quais participou, além de minha mãe, seu colega de classe Miguel Proença, que posteriormente atingiria notoriedade internacional.

Raquel Wolff dedicou-se também à composição. Encontrei entre seus pertences alguns manuscritos de suas peças para piano, incluindo uma sonata em três movimentos. Meu pai contou-me que ela também havia escrito um trio para violino, violoncelo e piano, estreado por Zuleika e pelo violoncelista Jean-Jacques Pagnot (ignoro o nome do violinista), porém, infelizmente, nunca pude localizar essa partitura. Depois de dedicar-se por vários anos à docência e à música, o interesse de minha mãe voltou-se para a Medicina. Mesmo com dois filhos pequenos e padecendo de um câncer agressivo, conseguiu formar-se médica e clinicar por três anos, até falecer precocemente, aos 38 anos de idade.

Uma investigação mais profunda sobre a obra musical de meus pais ainda está pendente. Resgatei há alguns anos gravações de fitas de rolo, feitas na década de 1960, em que meus pais se alternavam ao piano, mostrando um ao outro suas ideias melódicas, discutindo alegremente diver-

sas alternativas composicionais. Lembro também de vê-los ocasionalmente, na minha infância, tocando piano a quatro mãos. Essa imagem permanece viva em minha mente, servindo de frequente fruto de inspiração.

Linda Chee Ming Tse

Linda Chee Ming Tse formou-se médica em 1973 pela Faculdade de Medicina da UFRGS. Fez residência em pneumologia, no Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Realizou seus estudos de piano com a professora Dirce Knijnik, no Instituto de Artes. Obteve o terceiro lugar no I Concurso Estadual de Piano da PUCRS em 1978.

Lucas Krüger Noronha

Lucas Krüger Noronha é natural de Ijuí e iniciou os estudos de piano aos seis anos de idade, com a professora Harriet Wondracek Krüger. Já em Porto Alegre, no Instituto de Artes da UFRGS, graduou-se em Música com ênfase em Piano sob orientação do pianista e médico Dr. Ney Fialkow, no ano de 2010. Durante a graduação, apresentou recitais de piano em diversas ocasiões. No ano de 2007, a convite da Embaixada de Portugal, realizou recital no Instituto Camões, em Brasília.

Foto 7.
Lucas Krüger
Noronha (foto do
acervo pessoal).



Dedicado especialmente ao repertório de Rachmaninoff, Prokofiev e Ravel, também colaborou em performances de música de câmara, com destaque para obras de Beethoven e Brahms. Posteriormente, graduou-se médico pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), realizando estágios em Medicina Interna no Hospital Nossa Senhora

da Conceição (HNSC), e em Neurologia e Neurocirurgia, no Hospital Cristo Redentor (HCR) e no Hospital São Lucas da PUCRS (HSL/PUCRS). No Centro de Estudos Abuchaim (CEA), concluiu a pós-graduação em psiquiatria no ano de 2022, obtendo título de especialista pela Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) e pela Associação Médica Brasileira (AMB), em 2023. Atualmente dedicado à psiquiatria psicodinâmica, mantém consultório privado e integra o corpo clínico do Hospital Espírita de Porto Alegre (HEPA).

Luiz Brandenburger

Luiz Brandenburger iniciou o estudo de piano na infância, no Instituto de Belas Artes, em Novo Hamburgo. Ingressou na graduação do Instituto de Artes da UFRGS, na classe da professora Zuleika Rosa Guedes, diplomando-se em 1966. Também pela UFRGS, formou-se em Medicina em 1969. Fez pós-graduação em residência médica na cátedra de terapêutica clínica do professor Faraco, na enfermaria 38 da Santa Casa de Misericórdia, em Porto Alegre. Estabeleceu-se em Novo Hamburgo, onde exerceu clínica médica em consultório e hospitais. Recebeu título de especialista em Cardiologia pela Sociedade Brasileira de Cardiologia. Participou das aulas de música de câmara e de história da música ministradas pelo Professor Paulo Guedes. Além de repertório pianístico amplo e variado, participou de trio piano e cordas, tocando com o próprio professor ao violino, e com Berno Sudhaus e Rosvita Albers alternando-se ao violoncelo. Apresentou-se em várias audições temáticas coordenadas pela professora Zuleika, nas quais



Foto 8.

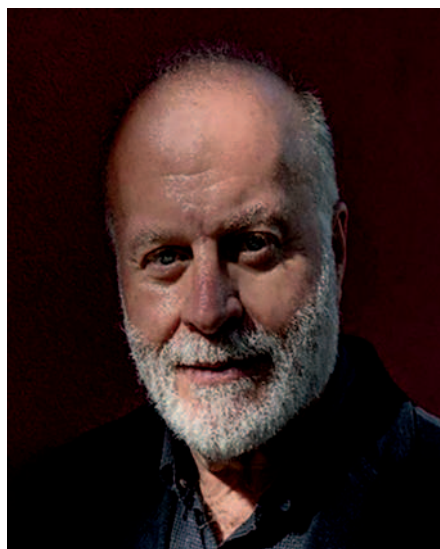
Luiz Brandenburger (foto do acervo familiar).

incluiu a sonata *Appassionata* de Beethoven, a *Polonaise op. 53* e estudos de Chopin, peças de Liszt e Debussy, entre outras. Também apresentou um recital solo em 1965. Participou, juntamente com o Dr. Rafael Celia, de um recital público, tocando a dois pianos as *Valsas Humorísticas* de Alberto Nepomuceno. Em 1966 tocou a *Sonatina nº 5*, de Camargo Guarnieri, em uma série de masterclasses ministradas pelo próprio compositor. Ao longo da vida manteve sua paixão pela música e foi através do piano que conheceu sua esposa, a pianista Olinda Allessandrini, acompanhando escolhas de repertório, ensaios e cada detalhe de suas performances pianísticas.

Ney Fialkow

Premiado em diversos concursos nacionais e no exterior, o pianista Ney Fialkow é hoje um dos destacados músicos do cenário nacional. Tem conciliado uma movimentada carreira de solista e camerista com a atividade de professor titular do Departamento de Música do Instituto de Artes UFRGS, em Porto Alegre. Suas aparições têm cativado plateias de diversas salas de concerto no Brasil e no exterior e suas masterclasses têm sido apreciadas por

Foto 9.
Ney Fialkow
(foto de
Gilberto Perin).



jovens pianistas em festivais de música de diversos países. Em 2016 fez sua estreia em Paris, na Sala Cortot, em duo pianístico com Guigla Katsarava. Lançou os álbuns *Metamorfora* e *Fantasy* nos EUA, em parceria com o baixista Marcos Machado, pelo selo Blue Griffin, e a obra completa de Claudio

Santoro para violoncelo e piano com Hugo Pilger, álbum indicado ao *Grammy Latino* de 2021.

Ao lado do violinista Cármelo de los Santos gravou o premiado álbum *Sonatas Brasileiras*. Em 2023 lançou o *Prelúdios II de Vagner Cunha para piano solo* pelo selo Bell'Anima. Ney é formado em Medicina pela UFRGS em 1982, tendo atuado como intensivista no Hospital de Pronto Socorro (HPS) de Porto Alegre e no Hospital Moinhos de Vento (HMV), antes de se dedicar integralmente à música. Ney possui bacharelado em Música pela UFRGS, mestrado pelo *New England Conservatory*, em Boston, e doutorado pela Johns Hopkins University, em Baltimore, nos EUA.

Nilon Erling Júnior

O texto a seguir é um relato do próprio Nilon.

Tenho alguma lembrança da infância, seis anos, na escolinha de futebol de salão que ficava na mesma rua do ballet frequentado por minha irmã. Ao final dos treinos, eu ia ao encontro dela e ficávamos juntos admirando um pianista que tocava para os ensaios de dança. A partir desta contemplação, chegou lá em casa um piano, originalmente para minha irmã, mas que logo se tornaria meu melhor amigo. Tive a felicidade de ter como primeira professora de piano a Jane Paim dos Santos, uma pessoa amorosa que soube na dose certa brincar, estimular e cobrar evolução nos estudos. Meu gosto pela música erudita ainda na infância já estava estabelecido e, aos nove anos, iniciei meus estudos de violino com o professor Nicolau Richter, passando a integrar também sua orquestra de câmara.



Foto 10.

Nilon Erling Júnior (foto do acervo pessoal).

Segui os meus estudos de piano com a professora Ane Fachin e, aos 11 anos, passei a ter aulas com a professora Vaniza Füller. Nesse momento não era mais possível manter os estudos de violino e as atividades da orquestra com o maior nível de exigência que tínhamos com o piano. A partir daí o piano dominava o meu tempo livre e começamos a nos apresentar em concertos de câmara, iniciando a participação em concursos de piano. Novamente tive a felicidade de ser apresentado para Clodomiro Caspary, que me aceitou como aluno. Ainda com 13 ou 14 anos pude realmente apreciar a música clássica e o piano como a mais bela arte, implacável com nossos deslizes, mas generosa em entregar diferentes emoções em cada compasso.

Iniciamos a participação em concursos nacionais, recebendo o primeiro prêmio no Concurso Nacional de Piano Artlivre, em São Paulo, e no Concurso Jovens Solistas, da OSPA, que me levou a solar o primeiro concerto de Beethoven no calendário oficial da sinfônica, aos 14 anos. A partir daí já me via como um futuro pianista. Troquei de colégio no último ano, saindo do Rosário para uma escola pública à noite, para ter mais tempo e dedicação ao piano, e me preocupava em expandir o repertório além do classicismo, com Chopin e Brahms e já umas pitadas de Liszt e Rachmaninoff.

Mas, ao final do colégio, antes da decisão de seguir estudos fora do país, decidi prestar vestibular para Medicina na UFCSPA, passando entre os primeiros colocados. E assim optei por seguir o primeiro semestre daquele ano, dividindo meu tempo entre o curso de Medicina e o piano. Ao lado dessa nova companhia, a Medicina, comecei a sentir que meu antigo amor não me correspondia como antes. Não me contentava em passar os dias sem evoluir no piano. Por mais que ainda me dedicasse algumas horas diariamente, meus dedos não

tinham a destreza que eu me cobrava e o som não tinha mais o sentimento que me preenchia.

E essa nova companhia arrebatadora me tomou por completo. Me formei médico em 2001, com a pretensão, desde o início da faculdade, de seguir carreira dedicada à cirurgia vascular. Novamente grandes mestres me serviram de exemplo de ética, humanidade e excelência no cuidado dos pacientes, tendo a felicidade de ser orientado pelo Prof. Telmo Bonamigo e pelo Prof. Airton Frankini, entre outros. Fiz especialização em Cirurgia Geral, especialização em Cirurgia Vascular e posteriormente em Cirurgia Endovascular (ainda em seus primórdios). Segui o interesse na vida acadêmica, fazendo doutorado em Cirurgia Cardiovascular na EPM/UNIFESP.

Retornei a Porto Alegre em 2010 atrás de minha outra paixão naquele momento, minha esposa Juliana Echele, futura mãe de nossos filhos, Julia e Felipe. Após uns poucos anos fui aprovado em primeiro lugar em concurso federal para professor de Cirurgia Vascular na minha antiga faculdade. Assim a docência assume parte central na minha vida profissional, mesmo na assistência aos meus pacientes privados, sempre renovado pela necessidade de atualização constante, ensino e pesquisa.

E dessa forma a vida foi tomando diferentes caminhos do que aquela criança aos 12 ou 14 anos imaginava. Mas tentando puxar as memórias, não sei mesmo se tinha essa consciência, tudo foi acontecendo... Às vezes me pergunto onde foi todo aquele amor pelo piano. Às vezes dói apertado ouvir alguma peça que nem cheguei a tocar, às vezes me alegro em mal tocar alguma coisa com meus filhos, não sei bem essa resposta... Pianista ou médico? Bom, essa ficou fácil, médico. Mas a música, esta ficou em mim, ela nos torna mais sensíveis, mais humanos, no fundo, mais médicos!

Rafael Celia

Rafael Celia (1941 - 1996) é natural de Porto Alegre e graduou-se em 1966 em ambos os cursos: Medicina e música. Conquistou o título de especialização em psiquiatria, foi médico perito concursado do Juizado de Menores e também do Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul. Foi docente na PUCRS, no programa de pós-graduação de psicologia. Sua paixão pelo piano levou-o ao Instituto de Artes da UFRGS, estudando com Zuleika Rosa Guedes. Participou de audições e apresentou-se a dois pianos com Luiz Brandenburger, interpretando as *Valsas Humorísticas* de Alberto Nepomuceno. No final das tardes, sempre tocava piano. Realizou apresentações em trio, tendo ao violoncelo Mr. Bennet, um diplomata que veio a Porto Alegre pelo consulado dos Estados Unidos. Em sua casa organizava recitais, especialmente no período final de cada ano. Criou um grupo de ópera, na década de 1980, com apresentações

Foto 11.

Rafael Celia
(foto do acervo familiar).



de óperas em vídeo, e com palestras antes de cada apresentação. Coordenou o curso *Vivências Musicais*, em 1995 e 1996. Participou do livro *Psicanálise uma revolução do olhar*, com o capítulo “Vivências Musicais: conhecimento, comunicação e criatividade”. Por ocasião de seu aniversário de 40 anos,

sua esposa, Aymara Celia, encomendou para o compositor Bruno Kiefer uma obra. Kiefer escreveu, então, *Seis Pequenos Quadros*, (*Vastidão, Com Leveza, Valsa Impossível, Cantilena, Dolente, Linhas Angulosas*), atendendo plenamente a encomenda feita.

MÉDICOS APRECIADORES DO PIANO

Guilherme Simoni de Jesus

Guilherme Simoni de Jesus é médico pela UFSM, possui especialização em Oftalmologia e fellowship em catarata pelo Instituto Ivo Corrêa-Meyer. Iniciou aulas de teclado aos nove anos. Aos onze assistiu a um recital de piano e se encantou com o instrumento. Estudou por dois anos com a Prof^a Fátima Nasi, em Santa Rosa, e por mais 2 anos com a Prof^a Floriana Brum, em São Gabriel. Após um hiato em que se dedicou à sua formação médica, retomou os estudos do instrumento em 2023, fazendo aulas com o Prof. João Bessornia, da Escola de Piano Talita Gondim, em São Paulo. Seus compositores preferidos são Chopin e Ernesto Nazareth e suas maiores inspirações são Nelson Freire e Martha Argerich. Considera a música como forma de conexão emocional, estuda piano com regularidade e aproveita o tempo livre participando de saraus e recitais.



Foto 12.
Guilherme
Simoni de
Jesus (foto
do acervo
pessoal).

Paulo Mello Prestifilippo

Paulo Mello Prestifilippo é médico e toca piano desde os quatro anos de idade. Formou-se em Medicina pela PUCRS, em 1986. Especializou-se em otorrinolaringologia com o Dr. Rudolf Lang e exerce a profissão em seu consultório, sempre mantendo a música em sua vida. Além do piano, toca saxofone, acordeon, violão e contrabaixo, demonstrando grande

Foto 13.

Paulo Mello
Prestifilippo
(foto do acervo
pessoal).



versatilidade. Sua sala de música é invejável, pois alia tecnologia com música instrumental. Através dos estudos de harmonia foi se direcionando para improvisação, jazz, bossa nova, pop e músicas autorais. Apresenta-se em eventos com diferentes grupos de músicos.

Paulo Sergio Rosa Guedes

Filho primogênito de Paulo Guedes e da pianista Zuleika Rosa Guedes, Paulo Sergio Rosa Guedes, nascido em 31 de agosto de 1941, seguiu a carreira dos pais, tendo estudado música no Instituto de Artes enquanto menino e, mais tarde, seguido a profissão médica como psiquiatra e psicanalista. Também toca piano e violão, como amador, e mantém, há quase quarenta anos, um curso denominado Fundamentos da Psicanálise, destinado inicialmente a médicos psiquiatras e,

Foto 14.

Paulo Sergio
Rosa Guedes
(foto do acervo
pessoal).



nos últimos anos, com a denominação modificada para Fundamentos Emocionais da Saúde, passou a ser destinado a qualquer pessoa interessada. Nesse curso, a segunda hora de cada aula é destinada a ouvir música e a comentar aspectos dos principais compositores apresentados. Paulo Sergio é um homem convicto de

que a música necessita sempre estar presente, pois, mais do que as outras artes, ela ensina o silêncio e a possibilidade do encontro da pessoa consigo mesma. Na ASRM, onde seu pai participa como patrono, apresentou uma conferência sobre *Os Fundamentos da Psicanálise* em 30 de setembro de 2006.

Roberto Rick Martins

Roberto Rick Martins formou-se em Medicina na UFRGS em 1986. Fez residência médica no Hospital de Clínicas, trabalhou por dois anos no Hospital da Aeronáutica, em Canoas, e atuou no HPS de Porto Alegre. Atualmente mora e tem seu consultório em Novo Hamburgo. Na infância,



Foto 15.

Roberto Rick Martins (foto do acervo pessoal).

iniciou os estudos de piano por influência da sua mãe, apreciadora de arte. Coursou o Liceu Musical Palestrina, onde participou de audições da escola. Ao entrar na faculdade, o piano ficou em segundo plano, retomando mais tarde os repertórios que mais o encantam. Bach e Chopin são os mais tocados, além de Beethoven, Liszt, entre outros. Estuda regularmente e toca para seu próprio prazer, compartilhando sua música com família e amigos. O grupo Amigos do Sarau tem sido grande estímulo para apresentar-se regularmente.

NA ASRM

Gilberto Schwartsmann

Gilberto Schwartsmann é médico pela UFRGS, com especialização em Medicina Interna no Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Tem especialização em Oncologia pelo

Foto 16.

Gilberto
Schwartzmann
(foto de Luiza
Piffero).



Royal Marsden Hospital, Universidade de Londres; PhD em Farmacologia pela *Free University*, Amsterdam; e Pós-Doutorado no *National Cancer Institute*, Bethesda, Maryland, EUA. Sua paixão pelo piano e pela música fizeram com que dedicasse seu tempo e entusiasmo a instituições de grande importância no meio cultural brasileiro, como a *Bach Society Brasil*, da qual é fundador e presidente. Também assumiu a presidência da Associação de Amigos do Theatro São Pedro e atualmente é o presidente da OSPA. Toca piano por prazer, e considera uma grande alegria congrega a família e amigos nos momentos de lazer. Seu repertório é constituído principalmente por música popular. Ocupa a cadeira número 29 da ASRM.

Maria Helena Itaquí Lopes

Maria Helena Itaquí Lopes nasceu em Porto Alegre e iniciou o estudo de piano aos sete anos de idade. Nos primeiros anos, teve aulas com professoras particulares e posteriormente ingressou no Instituto de Artes da UFRGS para cursar o Fundamental de Piano. Desde então teve como

Professor o Maestro Léo Schneider. Prestou o vestibular da UFRGS em 1972, que na época era unificado com as provas das diferentes matérias e acrescido da prova específica de piano. Tendo se classificado com o primeiro lugar na área, iniciou a graduação em Piano e, no mesmo ano, começou o curso de Medicina na PUCRS. Formou-se nas duas graduações em 1977. Seguiu durante a residência médica, até 1978, aulas de virtuosidade em piano, interrompidas pelo falecimento de seu estimado professor. Sua carreira desenvolveu-se na Medicina, concluindo a residência em Medicina Interna e Gastroenterologia.

Humanista em sua essência, além do trabalho junto aos pacientes, ingressou na docência, praticando aquilo que a fez optar pela Medicina: auxiliar as pessoas para alcançarem a sua cura e qualidade de vida, e na formação de futuros profissionais. Academicamente obteve o título de doutora no programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da PUCRS sob orientação do Prof. Carlos A. von Mühlen. Sua tese foi publicada na forma de artigo no prestigiado periódico *American Journal of Gastroenterology*. Também vale ressaltar que sua dedicação à docência a levou a obter o título de Especialista em Educação, ao concluir o curso de pós-graduação na área.

Alcançou o grau máximo na carreira médica universitária como professora titular por mérito, exercendo diversas chefias e tornando-se vice-diretora e coordenadora do curso de Medicina da PUCRS. Defendeu Doutorado em



Foto 17.

Maria Helena
Itaqui Lopes
(foto do acervo
pessoal).

Ciências da Saúde, fundou e coordenou o Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Psiquiátrico São Pedro, primeiro dessa área a ser credenciado na Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), e organizou e coordenou o Núcleo de Educação Médica da PUCRS. Nos últimos dez anos tem sido professora de Medicina da Universidade de Caxias do Sul.

Em sua formação musical, apresentou-se diversas vezes em recitais públicos. Foi aluna de música de câmara do renomado violoncelista francês Jean-Jacques Pagnot, tocando em trios e fazendo gravações para a Rádio da Universidade em várias ocasiões. Frequentou masterclasses com os seguintes pianistas: o suíço Sebastian Benda (1926–2003), o austríaco Bruno Seidlhofer (1906–1982) e o gaúcho Miguel Proença (1939). Ao mesmo tempo que desenvolvia sua técnica pianística, estudou flauta (contralto e baixo) com a professora Isolde Frank, tocando em quarteto e apresentando-se em casamentos, bem como ministrou, ao longo desse período, aulas de piano. Na comunidade do Colégio Cruzeiro do Sul, por muitos anos, tocou o harmônio da capela durante o culto vinculado à igreja Episcopal. Entre seus famosos professores, encontram-se o alemão Bruno Kiefer (1923–1987), o alemão Hubertus Hans Hofmann (1929–2011), pianista da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre durante 35 anos, a maestrina Madeleine Ruffier (1925–1973), entre outros. O Maestro Léo Schneider foi pessoa de grande influência em sua vida, como mentor e zeloso professor. Doutor em Música, Maestro, compositor, organista e pianista, pessoa rara em talento, dono de um “ouvido absoluto” e de uma grande simplicidade. Com muito orgulho transmitia a linhagem Beethoveniana em sua bagagem de músicos, da qual Maria Helena fazia parte, e foram sendo transmitidas em gerações de brilhantes professores, a saber: Ludwig van Beethoven, que foi professor de Karl Czerny; que foi professor de Ferruccio

Busoni; que foi professor de Leopold Godowsky; que foi professor de Paul van Katwijk, que foi professor de Léo Schneider, por ocasião de sua formação no Texas, quando ganhou a Medalha de Ouro Busoni. Linhagem essa em que Maria Helena foi agraciada, por ser da sexta geração, e que guarda com extremado apreço. Permanece tocando os seus clássicos e aventura-se na música popular, tendo seu marido Carlos Fernando Francesconi, também médico gastroenterologista que estudou piano desde a infância, no acompanhamento. Maria Helena é titular da cadeira número 20 da ASRM.

PALAVRAS FINAIS

Finalizando esse relato, quero registrar a satisfação de apresentar todos esses talentosos médicos pianistas, dizendo que é possível que tenhamos pecado em não registrar a sua totalidade e que futuramente tenhamos a oportunidade de conhecer mais colegas que conjugam essas artes.

Agradeço muito a importante colaboração da pianista Olinda Alessandrini que, com seu conhecimento, interesse, disponibilidade e amizade, fez diversos contatos para obtenção das informações biográficas que constam neste relato. Sem a sua valiosa ajuda, não teria sido possível a obtenção detalhada das biografias que constam aqui. Mais um agradecimento se faz necessário aos Drs. Luiz Brandenburger e Carlos Fernando Francesconi pela leitura atenta e sugestões que foram incorporadas no texto.

Também agradeço à Dra. Miriam Oliveira pela sua brilhante ideia, ao dar visibilidade a esses colegas que conciliaram a música com a nobre arte da Medicina.

O OFÍCIO LITERÁRIO E OS MÉDICOS GAÚCHOS

Nilson Luiz May

APRESENTAÇÃO

*Ciência e arte
jorram da
mesma fonte.
(Theodor Billroth)*

Existe uma Medicina científica, exercida pelos profissionais formados em faculdades e legalmente habilitados a exercê-la, dentro dos parâmetros da competência, dignidade e ética; mas existe também um segundo ofício, frequentemente exercido por esses mesmos profissionais, que encontram tempo e vontade para dedicar-se a ele. Tratando-se de pessoas que exercem essa duplicidade, no caso de médico e artista, não encontrei outra forma de nominar tal atributo, que não fosse “duplo ofício”. Em parte, inspirei-me em C. P. Snow (2015), que, defendendo a proposição das “duas culturas”, afirma que teve uma vivência incomum: “Por formação eu era um cientista, por vocação um escritor. E isso é tudo”. O sentido dessa expressão é o de transitar pelos dois campos do saber, homem da ciência, que se dedica também às artes. E — isso é fundamental — não como um simples hobby, uma distração para ocupar horas vagas, mas como uma verdadeira segunda profissão, de convivên-

cia indissociável entre os dois mundos, e capaz de produzir resultados que fiquem registrados em sua história.

Por outro lado, a expressão “ofício” pode ter variadas conotações. A que prefiro aqui é aquela que a define como “qualquer atividade de trabalho que requer técnica e habilidades específicas e que deve ser exercida com arte e competência” (de acordo com o dicionário Aurélio). Por exemplo, ofício de marceneiro ou ofício de sapateiro. E por que não ofício de escultor ou ofício de escritor?

Em se tratando da profissão médica, uma das explicações para o exercício do duplo ofício deve-se ao fato de que o médico, assim como o escritor, é a mais preciosa testemunha do espetáculo da vida. Assiste e depõe. Pelo contato diário com a doença e pela carga emocional à beira do leito, sente o hálito próximo da morte. São ofícios que se complementam e, no dizer de Ernesto Sábato (1911-2011), “afundam no sentido geral da existência, numa tentativa dolorosa de chegar até o fundo do mistério”.

Se consultarmos a história da Medicina, em sua amplitude documental, encontraremos variados exemplos, por vezes surpreendentes, desse mister vocacional. O médico pesquisador baiano, Álvaro Souza, apresentou em livro, lançado na década de 1950, nomes que deram vida à Medicina e às artes. Uma passagem ilustra tal duplicidade de ofícios:

Theodor Billroth, o pai da cirurgia gastrointestinal, foi um eminente pianista, parceiro de Johannes Brahms; Edward Jenner, mentor da vacinação, era flautista e poeta; Jean Charcot, gigante francês da Neurologia, desenhava, pintava e inovou na utilização da arte em prol da clínica; Alexander Borodin, médico russo, da química orgânica, compôs obras de sucesso; Virgínia Apgar, que classificou os recém-nascidos quanto ao risco de morte, tocava e construía violinos; William Withering, introdutor dos digitálicos no tratamento cardiológico, tocava gaita de foles. (Souza, 2000)

Encontramo-los a mancheias. Antes de focarmos especificamente na área literária gaúcha, considero imprescindível que tenhamos uma brevíssima noção do percurso

desses artistas. Para tanto utilizarei, de forma adaptada, a pesquisa que realizei na produção do ensaio Médicos e escritores: delineando um percurso histórico.

HISTÓRICO

Parece não haver dúvidas de que, desde o Antigo Egito, “os homens que exerciam a Medicina eram pessoas cultas, pelas experiências e doutrinas encontradas em papiros” (de acordo com o escritor Jürgen Thorwald). Essa “cultura”, todavia, era voltada para a prática de ofícios técnicos e manuais. Não foi diferente no curso da história greco-romana e na Antiguidade em geral. Trepanações, banhos de ervas, sangrias, sanguessugas, emplastros, amputações, todos exercícios rudimentares, práticos e de manuseio do corpo, próprios das “artes médicas e que pouco tinham em comum com o pensamento”, ou com as assim chamadas “humanidades” das academias. As letras, em particular, eram “território” dos pensadores (Platão, Aristóteles) dos oradores (Cícero, Demóstenes), dos dramaturgos (Ésquilo, Sófocles, Eurípedes), dos teólogos (Santo Agostinho, São Tomás de Aquino, Abelardo) e até dos viajantes, como Marco Polo. Seja como for, parece não haver médicos literatos em toda a extensão desse longo período. Somente no Cinquecento (século XVI) — quando o mundo europeu acabava de sair do túnel sombrio da Idade Média — encontramos o primeiro escritor médico de importância na história da Literatura Ocidental. Trata-se de François Rabelais (1494–1553), um clérigo, estudioso das literaturas grega e latina, que, por ser admirador do helenismo, cultivou ódio entre os franciscanos. Transferido para a ordem dos beneditinos, teve célebres professores, especializando-se no estudo da Medicina e do Direito Romano. Após algum tempo, conforme a dissertação de Geir Campos, “abandonou o hábito para tornar-se o

*O autor conhece
um só ofício:
escrever; e uma
só vocação:
pensar.*

(Jean Baudrillard)

médico dos pobres. Um seu protetor, Guillaume de Bellay, mandou construir uma confortável casa onde pôde instalar-se com seus livros, medicamentos e instrumentos cirúrgicos”. Em melhores condições, cursou de forma brilhante a Faculdade de Medicina de Montpellier, exercendo plenamente sua profissão e a literatura. Publicou, entre outros escritos, *Gargântua e Pantagruel*, em que, de forma satírica, divertida, indecente, extravagante e irreverente, este gaulês de apetites enormes, mestre de todos nós, expôs a vida de instintos e as funções naturais do povo de sua época.

O Barroco e o Classicismo não fizeram despontar nenhum célebre escritor médico. Nesse período, os médicos eram muito mais personagens, vítimas de críticas e sátiras — como nas comédias de Jean-Baptiste Poquelin (Molière) e nos textos de François-Marie Arouet (Voltaire), do que autores. Foi somente no final do século XIX, no período realista, e depois na denominada Literatura Moderna — aquela entre a Clássica e a Contemporânea —, que detectamos maior participação de médicos com duplo ofício. Entre eles, Anton Pavlovitch Tchekov (1860–1904) se sobressai — um dos mestres inimitáveis do conto moderno, fatalista e cético —, que, pela sua experiência profissional, utilizou o humanismo para atenuar tristezas, enfocando os acontecimentos trágicos de forma risível. No célebre conto *A enfermaria número 6*, no qual um médico que quis reformar o manicômio acaba encerrado nele, Tchecov aborda a vida cotidiana, suas pequenas misérias e vulgaridades, modelo básico de toda sua obra. Arthur Conan Doyle (1859–1930), criador de Sherlock Holmes, por demais conhecido, com experiência humana excepcional — marinheiro, pugilista, corredor de automóveis, campeão de bilhar, esquiador; além de inventor do salva-vidas, do capacete de aço e do método de tirar impressões digitais com gipsita — empregou os requintes da técnica científica e, por meio do método dedutivo, tornou célebre seu principal

personagem pelo esclarecimento de crimes misteriosos. Já William Somerset Maugham (1874–1965), filho de advogado e nascido em Paris, estudava Medicina na Inglaterra, onde formou-se em 1897, quando também começou a escrever e a publicar. Dono de um estilo mordaz e pessimista, de *sense of humour* tipicamente inglês, não acreditava em nada e ninguém. Foi autor de *Servidão humana* (*Of Human Bondage*), uma das grandes e mais desoladas obras da literatura moderna.

O humanista e estilista digno da melhor tradição francesa, Georges Duhamel (1884–1966), participou, como médico, da frente de batalha durante a Primeira Guerra Mundial, e no contato com a dor, o sofrimento e as tragédias dos soldados, na visão dos corpos mutilados, conseguiu transpor, com perfeição, a angústia dos conflitos humanos para sua extensa obra literária. Archibald Joseph Cronin (1896–1981), médico brilhante, formado na Universidade de Glasgow, com cursos de especialização e trabalhos premiados até no Parlamento, clínico e cirurgião no bairro mais rico de Londres, abandonou tudo isso para, aos 34 anos, dedicar-se exclusivamente à literatura. Profissional de sucesso nas duas carreiras, cada uma à sua vez, o autor de *A Cidadela*, *O castelo do homem sem alma* e *Sob a luz das estrelas*, conseguiu esse raro feito.

Fernando Namora (1919–1989), médico pela Universidade de Coimbra, por meio da análise psicológica de seus personagens, explorou o significado existencial, a solidão humana e a necessidade de solidariedade do homem moderno. *Mar de Sargaços*, *Retalhos da vida de um médico*, *Domingo à tarde* são algumas de suas publicações. No Brasil, há um expressivo reconhecimento pela obra maior do estudioso e linguista mineiro João Guimarães Rosa (1908–1967), que depois de clinicar no interior de Itaúna, seguiu a carreira diplomática. Membro da Academia Brasileira de Letras, o autor de *Sagarana* e *Grande Sertão: Veredas*, conseguiu, dentro de sua narrativa regionalista, um texto de significação universal.

*Praticar a
profissão médica
com expressão
artística.
(C. P. Snow)*

PATRONOS DA ACADEMIA SUL-RIO-GRANDENSE DE MEDICINA

Neste capítulo de apresentação do tema, conforme nos foi recomendado, vamos abordar específica e exclusivamente o segundo ofício dos Patronos desta Academia que tiveram produção literária destacada. Entenda-se por isso: narrativas ficcionais, curtas ou longas, peças teatrais e/ou poesias. Consultando nossas publicações a respeito da matéria e investigando a biografia dos Patronos, conseguimos amearhar seis deles com produções literárias dentro dos critérios definidos. Talvez tenhamos cometido algum esquecimento, não por falta de interesse, mas por “escape” em nossa busca. Não estarão aqui, portanto, aqueles profissionais com suas teses, artigos, ensaios ou livros científicos, os quais fazem parte de seu currículo. Tampouco os que exerceram o duplo ofício em outras artes não literárias, tais como música, pintura, escultura etc. Existem capítulos específicos para esses destaques.

Cadeira 7: Aureliano de Figueiredo Pinto (1898-1959)

Aureliano nasceu numa fazenda no interior de Tupanciretã, na Campanha Gaúcha. Em 1914, transferiu-se para Porto Alegre com intenção de estudar Medicina. Algumas poesias foram publicadas na revista *Reação*, de Santa Maria, e no jornal *Correio do Povo*. Nesse período, participou de grupos, entre estudantes e intelectuais, que se reuniam para discutir o movimento modernista da época. Em 1924, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde escreveu o poema *Romance do mar* (“o mar visto por um gaúcho”). Coursou os dois primeiros anos de Medicina e voltou para a capital gaúcha a fim de completar o curso médico. Graduou-se em

1931. Abriu consultório em Santiago, no interior do estado, onde pôde manter contato com os homens do campo, ouvindo seus “causos”, em rodas de chimarrão, com histórias povoadas da vida campeira. Homem atento e observador às circunstâncias do meio, usou tal vivência para embasar sua literatura. Em rápida passagem por Porto Alegre, assumiu a subchefia da Casa Civil no Governo Cordeiro de Farias.

Quanto a seu ofício literário, Aureliano escreveu poemas e narrativas de características regionais, com destaque para *Romances de estância e querência* e *Marcas do tempo* — este publicado pela Editora Globo em 1959, quando já se encontrava em avançado estágio de doença, vindo a falecer pouco depois da publicação. Mais tarde, a Editora Sulina publicou *Romances de estância e querência II*, e, em 1973, pela Editora Movimento, graças ao esforço e reconhecimento de Carlos Jorge Appel, veio a lume o romance *Memórias do Coronel Falcão*.

Em *Memórias*, a narrativa inicia:

No outro dia, cedo, montei a cavalo e me sumi nos meus domínios. Numa longa visita de reconciliação. Tudo — campanhas e reses, matos, asas e céus, tudo convalescia do inverno. Do comprido inverno que me arrasara os rebanhos. Em cada sanga, em cada barro, em cada braço de tremedal — uma carcaça. Fora longe a coisa. Principalmente vacas. Quase tudo prenha. Prejuízo duplo. Mas graças a Deus, ainda o aliado sapecava o alemão na Flandres. A alta de preços compensaria o dano da intempérie.

Em *Marcas do tempo*, o poeta de toada, em voz baixa, confessa que “ninguém tem rumo nem destino/e o mundo inteiro é cerração/e a alma travessa sob a chuva/é como a flama fina e ruiva/dançando em riba do fogão”.

Essas pequenas amostras da escrita de Aureliano de Figueiredo Pinto confirmam a opinião de Antero Marques e Raul Bopp de que “o Movimento Modernista de 1922 vai encontrar no texto de Aureliano o que já estava feito” (Tornquist, 1989).

Cadeira 19: Dyonélio Tubino Machado (1895–1985)

Nascido em Quaraí, perdeu o pai (assassinado) quando tinha sete anos. De infância pobre, exerceu variados serviços, como vendedor de bilhetes de loteria, servente de jornal e balconista de livraria. Mais tarde, transferindo-se para Porto Alegre, ingressou na Faculdade de Medicina aos 29 anos. Logo a seguir, especializou-se em Psiquiatria no Rio de Janeiro. Filiado ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), foi preso algumas vezes no decorrer do período de 1934 a 1937. Em 1947, foi eleito Deputado Estadual Constituinte.

Sua íntima relação com a palavra o possibilitou escrever poemas de adolescência, fundar jornal, ingressar numa “república de estudantes”, convivendo com o poeta Alceu Wamosy, “na qual formávamos um grupo singular... tabernáculo da mais sã, da mais efusiva, da mais fluente verve que jamais se produziu em Porto Alegre. A nossa fantasia brilhava mais que um archote” (Till, 1995).

Depoimento que me foi passado pelo eminente advogado Marco Túlio de Rose, que conviveu com Dyonélio até seus últimos dias, publicado na reedição do romance *Fada*, merece destaque em nossos biografemas, pelo sentimento que demonstra em relação ao autor. Diz ele, na primeira pessoa:

A vida de Dyonélio Machado torna difícil discernir onde o começa o médico e termina o escritor, ou onde sai de cena o escritor e entra o psiquiatra. Isso se evidencia a partir da placa identificadora de seu belo apartamento, no centro de Porto Alegre, onde constava, tão somente, sem maiores identificações: Dr. Dyonelio. No meu caso, custa a saudade. Saudade de um tempo em que era um jornalista esperançoso de corrigir o mundo, tarefa a qual quem sabe pouco me dediquei e menos ainda consegui. Esperançoso de acreditar que em breve viria um tempo em que não existiria mais o ostracismo de talentos, como os que ocorreram com Dyonelio, intencionalmente olvidado unicamente pelo repúdio a suas políticas.

Mal sabia eu que o pouco que alcançaria, para fazer o mundo melhor, estaria em relembrar o talento cujo esquecimento constituiu-se na maior injustiça cultural que o Rio Grande do Sul jamais perpetrrou. Reconheço hoje, com certa satisfação, que ao longo da minha vida,

inclusive agora, tenho ajudado a deixar acesa essa brasa que logo após o trabalho que naquela época realizou recomeçou a cintilar, e que, à semelhança da chama de Heráclito, vem atravessando os tempos inextinguível, ora se acendendo, ora se apagando, como demonstram, hoje, os estudos e os esforços de Camilo Raabe de lançar inéditos do grande escritor. (De Rose, 2021)

Quanto à produção literária de Dyonélio, além de inúmeros artigos para jornais, suplementos culturais e ensaios políticos, destacam-se os livros: *Um pobre homem* (contos, 1927), *Os ratos* (romance, Prêmio Machado de Assis, 1935), *O louco do Cati* (romance, 1942), *Deuses econômicos* (romance, 1966), *Endiabrados* (romance, 1980) e *Ele vem do fundo* (romance, 1982).

Devolvo a palavra a Marco Túlio de Rose (2021):

Dessa interação entre Arte Médica e Arte Literária penso em destacar três obras, por considerar as mais notáveis. O conto Prolongado esforço, no qual o homem que não consegue cicatrizar uma ferida pela medicação sucessivamente apresentada e que tempos depois de abandonar o mal-sucedido tratamento do consultório, a ele retorna, curado, explicando ao perplexo facultativo que se curara... lambendo a ferida!

Os ratos, a história de um homem que deve e, por não ter dinheiro, vai ter cortado o fornecimento de leite para sua família, e que lhe obriga a uma extenuante jornada para conseguir empréstimo para o que faltava, mas, mesmo alcançado, não consegue dormir, com medo de que o credor não receba o dinheiro e com isso faça a interrupção. Nela, a angústia e o “stress” por ela causado no psiquismo humano comparece com toda a sua vestimenta de terror. Pela universalidade da situação, o romance vem sendo constantemente reeditado e é leitura obrigatória, ao longo de todo esse tempo, nos vestibulares universitários.

O louco do Cati, narrando a história de um homem que foi encerrando numa fortaleza que existiu no Rio Grande do Sul nos anos 20, onde presos políticos eram torturados e/ou degolados, e que, de lá tendo conseguido sair, volta a ela, para exorcizar o pânico que se transformou a sua vida, mesmo depois de cessadas as causas de sua detenção.

Sua obra maior — *Os ratos* — foi traduzida na França por Alice Raillaud, sob o título de *L'argent du Laitier*, editora Papyrus. Em decorrência, este precursor do romance psicológico, recebeu do Governo Francês *L'Ordre des Arts et des Lettres*, concedida em junho de 1985, poucos meses antes da morte de Dyonélio em dezembro, aos 89 anos.

Cadeira 34: Jacintho Godoy Gomes (1886-1959)

Natural de Cachoeira do Sul, formado em 1911, fez estágio em Paris, dedicando-se inicialmente a Neuropsiquiatria Forense. Autor da propositura para criação do Manicômio Judiciário, fez diversas atualizações no tratamento de pacientes do Hospital São Pedro. Durante algum período de sua atuante participação política no Partido Republicano, exerceu as funções de Secretário particular do Presidente do Estado, Antônio Augusto Borges de Medeiros. Criou o Sanatório São José para tratamento de pacientes psiquiátricos.

No prefácio de seu livro *Psiquiatria no Rio Grande do Sul* (1954), confessa que “desde menino manifestou pendor pelas Letras, estudou grego e lógica e, durante seu curso universitário, em Porto Alegre, participou ativamente da redação do jornal *O Debate*, no qual escrevia notícias, crônicas e artigos literários”.

Mais tarde, já no decorrer de sua atividade como médico psiquiatra, foi colaborador do jornal *Correio do Povo*, como articulista, buscando, como bom redator que era, melhor compreender o sentido da condição humana. Em seu ofício literário, conseguimos detectar três peças teatrais: *Cachoeira do fandango*, *Quatro estações* e *Fingindo pedra*. Infelizmente, mesmo havendo vestígios de que foram encenadas, não conseguimos os originais, tampouco mais informações sobre as peças.

Cadeira 37: João Carlos Gomes da Silveira (1913-1989)

Nascido em Cruz Alta, formado em 1935, logo seguiu para o Rio de Janeiro, para buscar especialização em Ginecologia. Ao voltar, trabalhou em vilas do interior da Serra Gaúcha, e depois em Caxias do Sul.

Em 1955, já na Capital, assumiu a cátedra de Ginecologia da UFRGS, aprovado em primeiro lugar no concurso. Fato

raro, “para preservar a dignidade docente”, em repúdio a atitudes da direção, pediu demissão de suas funções. Autor de livros e artigos sobre Ginecologia, teve destacada atuação na Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre.

No ofício literário, ainda como estudante, manteve trabalho na imprensa, como revisor, repórter e redator do jornal *Diário de Notícias*. A Editora Globo deu-lhe guarida ao publicar o romance *Uma experiência de amor*. Convidado para ser tradutor, participou da plêiade que traduziu a *A comédia humana*, de Honoré de Balzac.

Garimpando em sebos e livrarias de usados, na busca de algum exemplar físico que pudesse trazer maiores apreciações sobre a obra literária de Gomes da Silveira, depois de muita procura, tive a rara felicidade de encontrar um exemplar de *Uma experiência de amor*, edição da Livraria do Globo.

O romance é linear. Em torno do personagem central transitam outros tipos. A sociedade da época dá mais importância às convenções sociais, ao casamento arranjado entre famílias, às conveniências dos bens materiais, do que às ligações afetivas, por amor, entre os jovens casais. A história propõe a libertação do amor no enfrentamento dessas convenções.

No decorrer da narrativa, escorreita, com muitos diálogos, aparecem as vozes dos personagens discutindo sob argumentos, com inteira independência, seus pareceres a respeito do amor. O romance, lançado logo após o término da Segunda Guerra Mundial (é provável que tenha sido escrito no decorrer dessa ou ainda antes), transmite, pela ficção criativa, a realidade das relações humanas vivenciadas no decorrer desses tempos tumultuados.

Cadeira 40: José Fernandes Domingues Carneiro (1908-1968)

Cearense de nascimento, formado pela Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, em 1931,

cunhou sua formação posterior na área de Tisiologia, no Brompton Hospital de Londres. Admirador incontestado dos ingleses, em 1943 alistou-se para enfrentar os submarinos alemães. Em 1954, foi contratado como professor de Tisiologia da Faculdade de Medicina da UFRGS, e após, por concurso, elevado a titular da cátedra de Clínica Tisiológica.

No ofício literário, destacam-se seus estudos sobre a imigração alemã no Rio Grande do Sul. Também um opúsculo bibliográfico sobre Karl Von Koseritz. Frequentador de sessões literárias, com os amigos Érico Veríssimo, Augusto Mayer, Moisés Velinho, Raul Pilla, deixou vários artigos, críticas, ensaios e crônicas — estas reunidas após sua morte, no livro *Psicologia do brasileiro*. “Esses escritos mostram as muitas faces e possibilidades do talento e da cultura de seu autor, bem como o seu surpreendente ecletismo”, disse no prefácio o escritor Érico Veríssimo (1971), a respeito de seu autor, a quem admirava sobremaneira.

Homem de fortes princípios, pensador cristão, espiritualista e, ao mesmo tempo, com perfil de jocosidade, era rápido nas *boutades* que o caracterizavam em qualquer oportunidade, tanto em diálogos com amigos e alunos, como no decorrer das aulas que ministrava. Fui aluno do professor Carneiro e lembro-me bem que ele dizia que, para “aceitar outro cargo, além de professor, somente o de Presidente da República”, ao qual se considerava apto, disposto e capaz. E era verdade!

Ainda no prefácio referido, disse Érico sobre Carneiro:

Um cidadão do Brasil e do mundo, homem de boas letras e grande verve, filósofo à sua maneira despretentosa, mas original. Se tivesse dedicado mais tempo à literatura, teria sido um dos mais notáveis ensaístas brasileiros.

Cadeira 50: Martim Gomes (1884-1978)

Natural de Quaraí, formou-se em 1908. Fez estudos na França e, em 1917, assumiu a cadeira de Clínica

Obstétrica e Ginecológica da Faculdade de Medicina de Porto Alegre. Mesmo sendo professor de Ginecologia, na década de 1920, deu as primeiras aulas de psicanálise e introduziu as ideias de Freud no Curso de Medicina.

Em seu pendor pela educação e cultura humanista, dedicou-se ao estudo das artes, desenho, pintura e música (flauta). Admirado pelos colegas que o procuravam em busca de conhecimentos, Martim, escritor e orador de raro brilho, também lecionou Grego, Latim e Matemática.

Na área do ofício literário, conhecemos dois livros: *A flor de tuna* e *As loucuras do doutor Mingote*, obras que foram consideradas de elevado conteúdo psicológico. No *Correio do Povo*, em espaço semanal, *Proza das terças*, era responsável por uma coluna de crônicas. Também publicou *História da literatura oral Sul-Rio-Grandense*, como membro da Academia de Letras de nosso estado.

Em busca dos originais que pudessem melhor ilustrar as obras de Martim Gomes, consegui encontrar um único exemplar de *As loucuras do doutor Mingote*, lançado em 1933, edição da Livraria do Globo, que abrigava nossos escritores à época. Na orelha do livro constam outras obras do mesmo autor, tais como: *La rêve et la sélection des idées*, *A criação estética e a psicanálise*, além de *Memórias do doutor Mingote* (anunciada em preparação). Como se pode constatar, o ginecologista Martim Gomes realmente adentrou pelo inconsciente de Freud.

Quanto às *Loucuras*, a história inicia quando Mingote, morando há três anos em Copacabana, vindo de Porto Alegre, onde deixou clientes e amigos, recebe um telegrama urgente de Clara, pedindo sua volta. Quem é Clara? — perguntamo-nos. Pela narrativa, logo saberemos.

A história gira em torno do amor que Mingote mantém, desde a adolescência, por Alice, “a causa de seus padecimentos”. Mas... “um belo dia surge um pretendente,

pessoa de qualidades... um fazendeiro, muito rico... Severo Firmo”, que se casa com ela. Alice morre aos 38 anos e deixa dois filhos, sendo Clara a mais nova. A partir dos capítulos seguintes, a personagem principal é Clara, para quem Mingote transfere o amor que dedicava à mãe, sempre com “respeito à discrição”, até o final, quando cada vez mais passa a agir de maneira estranha, perturbado em sua conduta.

Martim Gomes merece destaque entre os patronos com ofício literário, mesmo que pouco divulgado.

MÉDICOS PATRONOS DA ACADEMIA RIO-GRANDENSE DE LETRAS

*A arte é feita
para perturbar.
A ciência
tranquiliza.
(Georges Braque)*

Na mesma linha de abordagem já exposta na seção anterior, em relação aos critérios dos médicos que produziram obras literárias, fomos buscar entre os Patronos da Academia de Letras (por óbvio, todos escritores), quais eram médicos. Pareceu-nos interessante essa inversão no sentido de complementar a pesquisa. Encontramos apenas dois.

Cadeira 9: Benjamin Franklin de Ramiz Galvão (1846-1938)

Ramiz Galvão nasceu em Rio Pardo e faleceu no Rio de Janeiro. Médico, professor e filólogo. Bacharelou-se em Letras no ano de 1861, no Colégio Pedro II, no qual lecionou grego, retórica, poética e Literatura Brasileira. Considerado um educador a serviço do ensino, formou-se em Medicina no ano de 1868. Por 12 anos, dirigiu a Biblioteca Nacional. Foi professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e primeiro Reitor da Universidade. Tutor do Príncipe Dom Pedro de Alcântara de Órleans e Bragança durante sua infância até a Proclamação da República, ocupou vários cargos importantes no Império, pela sua capacidade de trabalho, valor intelectual e profunda cultura. Membro da Academia

Brasileira de Letras e Patrono da cadeira 9 da Academia Rio-Grandense de Letras. Por decreto do Governo Imperial, em 1888, recebeu o título de Barão de Ramiz.

Sua dedicação à literatura iniciou aos 19 anos, quando escreveu *O púlpito no Brasil*. Nessa obra precoce, Ramiz Galvão trata dos primórdios da oratória sacra, quando diz que:

O padre Antônio de Sá, ainda junto com Antônio Vieira, um luminoso vulto da tribuna sagrada no século décimo sétimo [...] que desde tão cedo ergueu voos de condor altivo [...] assim começou com oradores de primeira ordem em nosso país o púlpito.

Sua contribuição à história da Filologia ficou marcada pelo *Vocabulário etymologico, ortográfico e prosódico das palavras portuguesas derivadas da língua grega*, publicado em 1909, o qual suscitou intensas polêmicas. Também produziu ensaios sobre o *Teatro educativo* e traduziu a terceira edição d'*A retirada da laguna*, obra originalmente escrita em francês pelo brasileiro Visconde de Taunay.

Cadeira 33: João César de Castro (1884-1930)

Nasceu em Porto Alegre e faleceu na Paraíba, em combate durante a Revolução de 1930. Estudou na Escola Preparatória de Rio Pardo e, depois, em escolas militares, tendo concluído o curso na Escola de Guerra da capital gaúcha. No Estado Maior do Exército, obteve o grau de engenheiro geógrafo. Foi conferencista, escritor e militar. Em 1911, fundou a Academia de Letras do Rio Grande do Sul, sendo seu primeiro presidente. Posteriormente, concluiu o Curso de Medicina na Faculdade de Porto Alegre. Seu estilo literário de época, liga-se à Escola Simbolista. Suas principais obras, hoje referendadas, são: *Rumores do silêncio* (1906), *Esperança morta* (1908), *Frutos do meu pomar* (1910), *Péan* (1910), *Esquife de Palissandra* (1914), *Cura pela beleza* (1918), *A concepção freudiana das psiconeuroses* (1925) e *Aforismo de um cabo de esquadra* (1928).

A respeito da obra de César de Castro, encontramos alguns depoimentos de seus contemporâneos. Zeferino Brasil observou que o autor “escreve com os nervos que Deus lhe deu... não me lembro de prosa que tanto me fizesse vibrar [...]”. João Pinto da Silva afirmou que “César é um artista de altos requisitos, um poeta sutilíssimo”. Roque Callage: “aplaudo o autor [...] ele tem feito em nossas plagas, o que ainda ninguém há feito: formar uma escola nova, trabalhar e produzir [...]” (Leite, 2015).

Infelizmente, não conseguimos encontrar nenhuma amostra da escrita deste patrono.

*A Literatura tem
muitos saberes.
(Roland Barthes)*

OUTROS MÉDICOS COM DESTAQUE NA LITERATURA GAÚCHA

Incluímos aqui, ainda neste último setor, alguns médicos que representaram, em épocas diversas, o que poderíamos chamar de “a boa” literatura referencial de nosso estado. Poderíamos citar dezenas deles. O espaço não permite.

Escolhemos apenas quatro.

Ramiro Fortes de Barcellos (1851-1916)

Nascido no meio rural, em Cachoeira do Sul, onde transcorreu sua infância, não demorou a vir para a capital da província e, depois, para o Rio de Janeiro, formando-se em Medicina no ano de 1874. Vivaz polemista, com incansável atividade em muitas áreas, na Medicina, na política, no jornalismo, como parlamentar e membro do Partido Republicano Rio-Grandense, foi imortalizado pela obra *Antônio Chimango* (1915), escrita sob o pseudônimo de Amaro Juvenal.

Nos versos rimados (e ritmados), cantados por tio Lautério (“mulato velho mui sério, cria de dona Maruca”), divididos em rondas, o poeta satírico traveste Borges de

Medeiros em capataz da Estância de São Pedro (o leitor logo entende que se trata do próprio território gaúcho), e depois em patrão. Com versificação exemplar, o *poemeto campestre* se transformou “na sátira mais viva da literatura brasileira”, no dizer de Augusto Meyer. Surgido de uma desavença com o antigo correligionário, então presidente do Estado, tornou-se “uma obra de arte que adquiriu vida própria, ocupando lugar definitivo em nossa literatura [...] uma espécie de bíblia para os tradicionalistas” (Reverbel, 1978).

Pequena amostra — para sentir a dor da seta que atinge o peito do personagem patrão do Estado — pode ser apreciada nos versos 10, 12 e 13 da primeira ronda.

*Para les contar a vida / saco da mala o bandônio / a vida de um tal
Antônio / Chimango por sobrenome / magro com lobisomem / mes-
quinho como o demônio.*

*Veio ao mundo tão flaquito / tão esmirrado e chochinho / que, ao fi-
nado seu padrinho / disse espantada a comadre / “Virgem do céu,
Santo Padre! / isto é gente ou passarinho.*

*Você parteira e não sabe? / isto logo se descobre / terneiro de campo
pobre / não tem quartos nem papada / é produção desgraçada / que
não vale nem um cobre.*

Ângelo Cardoso Dourado (1856-1905)

Mesmo sendo baiano de nascimento, e lá formado em Medicina, logo mudou-se para o Rio Grande do Sul, radicando-se em Bagé. Por seu interesse em nossa história cultural, podemos considerá-lo entre os gaúchos que se enquadram no perfil definido para a apresentação. Foi um dos fundadores signatários do Partido Federalista, liderado por Gaspar Silveira Martins. Participou da Revolução de 1893, junto às tropas de Gumerindo Saraiva, como coronel médico. Desses “factos e epizodios da guerra civil”, resultou sua obra maior *Voluntários do martírio* (1896), editada à época pela Typographia a vapor da Livraria Americana de Pelotas. Documento importante para a historiografia sul-

-rio-grandense, pela narrativa idônea e realista de um participante ativo dos combates da assim chamada Revolução da Degola. “Epopéia tão gaúcha e tão brasileira que até hoje o nosso Rio Grande guarda a marca daquela jornada”.

Ângelo Dourado também é autor do drama *O médico dos pobres*, escrito ainda quando era estudante de Medicina, elogiado pela crítica da época, e de *As minas de ouro*, outra produção literária do autor, abordando dramas sertanejos.

Cyro Martins (1908–1995)

Nasceu em Quaraí. Em 1920, deixou a Campanha, mudando-se para Porto Alegre. Com 19 anos, ingressou na Faculdade de Medicina, formando-se em 1934. Depois de estudar neurologia e psiquiatria, fez formação psicanalítica em Buenos Aires, exercendo a seguir atividades como professor no Instituto de Psicanálise de Porto Alegre. Até o fim da vida foi estoico, solidário, generoso e dedicado aos outros. Tivemos (junto aos demais membros fundadores da Academia de Medicina) a grande felicidade de conviver com o professor Cyro, no decorrer de cinco anos, ouvindo seus ensinamentos e falando sobre literatura, tanto no decorrer das reuniões mensais, como nos encontros festivos sentados à mesma mesa.

Nome definitivo da literatura brasileira, Cyro Martins — com seu mundo ficcional envolto por revoluções, crises sociais, políticas e conflitos da Campanha Gaúcha — está além dos estreitos limites do regionalismo. Há uma riqueza na linguagem do autor que, aliada à criação ficcional das narrativas, ultrapassa o mundo local para tornar-se universal.

Foi médico e escritor de grande produção literária. Em 1934, reuniu contos e novelas, impregnados do imaginário da campanha e da fronteira, na publicação *Campo fora*. No decorrer de 1937 até 1954, já tendo criado o termo “gaúcho a pé” para caracterizar os seus personagens,

publicou os romances que firmaram seu conceito literário: *Sem rumo* (1937), *Porteira fechada* (1942) e *Estrada nova* (1954). Conhecidos até hoje como a “trilogia do gaúcho a pé”.

Sem rumo — o romance mais importante de Cyro — tem como protagonista

um menino que cresce e vira pai de família em meio aos escombros de um mundo que se arruína, o das tradições guerreiras e pastoris da antiga estância da fronteira sulina. Em meio às ruínas vão despondo as balizas da renovação capitalista que se impõe: novos trens, comércios, estradas, caminhões, automóveis, povoados que se ganham em cidadezinhas mal acomodadas [...]. (Aguar, 2008)

De 1964 a 1977, Cyro dedicou-se a publicações científicas relacionadas a sua especialidade, com destaque para: *Do mito à verdade científica* (1964), *A criação artística e a psicanálise* (1970), *Rumos do humanismo médico contemporâneo* (1977), nos quais não deixa de exercer sua forma agradável de narrar, mantendo a atenção e o interesse do leitor. Vários de seus trabalhos foram traduzidos para o espanhol e o alemão.

Em 1979, publicou o romance *Sombras na correnteza* e homenageou seu pai, que foi transformado em personagem: um dono de boliche à beira da estrada. Na década de 1980, suas produções envolveram novelas e romances, nos quais misturam-se, num mundo admirável, o social, o histórico, a introspecção e a Revolução de 30. Entre essas obras, estão *A dama do saladeiro* (1980), *O príncipe da vila* (1982), *Gaúchos no obelisco* (1984), *Na curva do arco-íris* (1985) e *O professor* (1988).

No início da década de 1990, Cyro publicou ainda um livro de memórias para falar de seus amigos artistas, bem como ensaios psicanalíticos e uma novela. Teve a possibilidade de reformular, ao lado de seu editor, toda sua obra, antes de falecer. Em 1997, foi criado o Centro de Estudos de Literatura e Psicanálise, para divulgar e cuidar do legado que Cyro Martins nos deixou.

Moacyr Jaime Scliar (1937-2011)

Formado em 1962, pela Faculdade de Medicina da UFRGS, especializou-se em Saúde Pública, vindo a trabalhar, mais tarde, como médico sanitário, na memorável equipe da Secretaria de Saúde, nos tempos do então Secretário Jair de Oliveira Soares. De pais judeus, provenientes da Bessarábia, passou toda a infância no bairro Bom Fim, em Porto Alegre, no qual alicerçou a temática de toda sua obra literária, de cunho social e judaico. Sua vida profissional, com méritos progressivamente reconhecidos, girou sempre em torno de atividades comunitárias na área da Saúde Pública.

Publicou quase 80 livros em sua carreira como escritor, muitos dos quais foram traduzidos para mais de uma dezena de idiomas. Recebeu três vezes o Prêmio Jabuti, além dos prêmios José Lins do Rego, Casa de las Américas e da Academia Brasileira de Letras, da qual era membro titular (Cadeira 31), eleito pelos seus méritos. Scliar era capaz de desenvolver, com a mesma leveza de estilo, narrativas de gêneros literários variados, indo de artigos e ensaios a contos, crônicas, novelas e romances, agradáveis à leitura.

Devido a sua grande produção (que pode ser encontrada de forma integral nas biografias do autor), vamos referir aqui somente alguns livros mais destacados.

Contos: *O carnaval dos animais* (1968) – “[...] não estamos perante fábulas [...] mas de seu contrário, de anti fábulas, em que se mostra a perda pelo indivíduo, devido a seus atos, de sua humanidade [...]” (Zilberman, 1977). Ainda: *A balada do falso Messias* (1976), *O anão no televisor* (1979), *O olho enigmático* (1986) e *A orelha de Van Gogh* (1989).

Ensaio: *Enigmas da culpa* (2007).

Crônicas: *A massagista japonesa* (1984). Diversas outras em colunas de jornais.

Novelas e romances: *O exército de um homem só* (1973)

– “exploração do fantástico com estilo de humor cruel [...] a lenda maravilhosa de uma utopia [...] do Capitão Birobidjan, personagem inesquecível” (Scliar, 1973). *(Ciclo das águas)* (1977) – “o autor invade um território delicado [...] episódio que envolve tráfico de brancas ocorrido na colônia judaica em Porto Alegre, na década de 30” (May, 1977); atenção para o significado do título entre parêntesis. *O centauro no jardim* (1980) – “narrativa de sua abertura às dores do mundo, à melancolia generalizada, o humor próprio dos sofridos, é um judaísmo universal” (Dines, 1980). *A estranha nação de Rafael Mendes* (1983) – “[...] história fascinante do mundo mágico de Scliar [...] passeará no tempo [...] da saga da família Mendes, desde o ventre da baleia até a corrupção do poder no Brasil” (Scliar, 1983). *Eu vos abraço, milhões* (2010) – narra a trajetória de um militante da época da Revolução de 30. O último romance do médico escritor.

Ainda outros, como *A guerra no Bom Fim* (1972), *Mês de cães danados* (1977), *Os voluntários* (1979), *Max e os felinos* (1981), *A mulher que escreveu a Bíblia* (1999), *Na noite do ventre, o diamante* (2005), complementam as referências indispensáveis de parte da obra de Scliar.

EPÍLOGO

Dentre os propósitos desta apresentação sucinta sobre tão vasta matéria, por mais cuidadosa que tenha sido a pesquisa, certamente ficaram à margem alguns nomes aqui não referidos. Assumimos a responsabilidade dessas lacunas que, talvez, possam ser supridas em próxima publicação. Também, e isso é imprescindível que se diga, não foram citados os inúmeros acadêmicos que hoje ocupam as cadeiras deste sodalício e têm significativas obras literárias em variados gêneros. Toda essa produção, que inclui muitos de nós, já está citada em outra janela infor-

Somente pela
arte podemos
sair de nós
mesmos, saber
o que o outro vê
desse
universo que não
é o mesmo que o
nosso, e cujas
paisagens
permaneceriam
tão
desconhecidas.
(Marcel Proust)

mativa, no site da Academia. Na apresentação de Miriam da Costa Oliveira, à época Diretora Cultural (na gestão seguinte eleita Presidente da Academia), consta que ali está um “inventário de textos, não técnicos e não científicos, produzidos pelos atuais acadêmicos, e que serão atualizados a cada ano. Tal divulgação amplia o comprometimento da Academia com a cultura”. Para conhecer a relação e a produção dos atuais acadêmicos, basta procurar no site <https://academiamedicinars.com.br>. Levantamento mais completo o leitor encontrará em Médicos escritores, do acadêmico Waldomiro Manfro.

Silviano Santiago, em sua obra *Nas malhas da letra* (2012) expõe que

o acesso à carreira de escritor exige um diuturno exercício de autocrítica que visa a impedir de ser o falso ou passar o falso como verdadeiro; e que o próprio escritor deve fazer silenciosamente a sua autoanálise e a análise de sua obra. A crítica apenas diz o que o criador já pressente.

Que de mais verdadeiro poderíamos afirmar também em relação à profissão médica?

Com essas observações finais, encerramos o que poderíamos chamar, parafraseando Umberto Eco (1932–2016), “um passeio pelos bosques da ficção médica” e assim retornamos ao ponto de partida. No intuito de deixar mensagem duradoura, nada melhor que citar Jorge Luis Borges (1889–1986), quando diz “o homem é um bibliotecário imperfeito. Às vezes, frente à impossibilidade de encontrar o livro que procura, escreve outro; o mesmo ou quase o mesmo”. A Medicina também exerce e pratica essa tarefa de busca da perfeição, imperceptível e infinita, num processo de eterna renovação.

REFERÊNCIAS

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Ramiz Galvão (Barão de Ramiz Galvão). **Textos escolhidos**. Academia Brasileira de Letras, [s.d.]. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/ramiz-galvao-barao-de-ramiz-galvao/textos-escolhidos>. Acesso em: 15 ago. 2025.
- ACADÊMIA RIO-GRANDENSE DE LETRAS. **Discurso de posse na Cadeira 33 – Luiz Osvaldo Leite (29/10/2015)**. Academia Rio-Grandense de Letras, 29 out. 2015. Disponível em: <https://www.arl.org.br/textos/discursos/discurso-de-posse-na-cadeira-33-luiz-osvaldo-leite-29102015/328>. Acesso em: 15 ago. 2025.
- AGUIAR, Flávio. Apresentação. In: Cyro Martins. **Sem rumo**. Porto Alegre: Território das Artes, 2008.
- AMARO JUVENAL (Ramiro Barcellos). **Antônio Chimango** (1915). Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1978.
- DE ROSE, Marco Túlio. Um mal-dito que dói. In: Dyonélio Machado. **Fada**. Porto Alegre: Zouk, 2021.
- DINES, Alberto. Apresentação. In: SCLIAR, Moacyr Jaime. **O centauro no jardim**. São Paulo: Nova Fronteira, 1980.
- DOURADO, Ângelo. **Voluntários do martírio**. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1977.
- FIGUEIREDO PINTO, Aureliano. **Memórias do Coronel Falcão**. Porto Alegre: Movimento, 1973.
- GODOY GOMES, Jacintho. **Psiquiatria no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Ars, 1954.
- GOMES, Martim. **As loucuras do doutor Mingote**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1933.
- GOMES DA SILVEIRA, João Carlos. **Uma experiência de amor**. Porto Alegre: Livraria do Globo, Coleção Autores Brasileiros, vol. 23, 1946.

- HOHLFELDT, Antônio. **Letras Rio-Grandenses**. Porto Alegre: IEL, 1990.
- MANFROI, Waldomiro Carlos. **Médicos escritores**. Porto Alegre: Buqui, 2013.
- MAY, Nilson Luiz. Médicos e escritores: delineando um percurso histórico. In: **Médicos (pr)escrevem**. Porto Alegre: Solivros, 1995.
- MAY, Nilson Luiz. **Scliar e as águas**. Correio do Povo, Porto Alegre, 11 jun. 1977. Caderno de Sábado.
- REVERBEL, Carlos. Prefácio. In: BARCELLOS, Ramiro Fortes. **Antônio Chimango**. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1978.
- SANTIAGO, Silviano. **Nas malhas da letra**. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.
- SCLIAR, Moacyr Jaime. **A estranha nação de Rafael Mendes**. Porto Alegre: LPM, 1983.
- SCLIAR, Moacyr Jaime. Apresentação editorial. In: _____. **O exército de um homem só**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1973.
- SNOW, C. P. **As duas culturas**. São Paulo: EDUSP, 2015.
- SOUZA, Álvaro Nonato de. **Grandes médicos, grandes artistas**. Salvador: Casa da Qualidade, 2000.
- TILL, Rodrigues. **Dyonélio Machado, o homem e a obra**. Porto Alegre: ERF Edições, 1995.
- TORNQUIST, Helena. **Letras Rio-Grandenses**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1989.
- VERÍSSIMO, Érico. Prefácio. In: CARNEIRO, José Fernandes Domingues. **Psicologia do brasileiro**. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1971.
- ZILBERMAN, Regina. Apresentação. In: SCLIAR, Moacyr Jaime. **O carnaval dos animais**. Porto Alegre: Movimento, 1977.

A ASRM E A FOTOGRAFIA

Sérgio de Paula Ramos

Louis Jacques Mandé Daguerre, cientista francês, é reconhecido como o inventor da câmera fotográfica, pois, em 19 de agosto de 1839, no Instituto de França, anunciou ao mundo sua descoberta, a qual ficou conhecida pelo nome de daguerreótipo, a primeira câmera fotográfica.

Na verdade, ele vinha trabalhando nesse método da captação da luz havia quatro ou cinco anos, em sociedade com Joseph Nicéphore Niépce, que, aliás, foi o autor da primeira fotografia da história (em 1826 ou em 1827), feito hoje plenamente reconhecido. Outros cientistas, contemporâneos de ambos, também tiveram seus nomes inscritos nessa história. Entre eles, Fox Talbot (inventor do calótipo) e Hércule Florence (cidadão francês, morador do Brasil), cujos estudos e descobertas começaram em 1833, como foi bem demonstrado por Boris Kossoy, fotógrafo paulista e professor de fotografia (Kossoy, 2020).

Apenas cinco meses após o anúncio do daguerreótipo, Dom Pedro II, então com 14 anos, foi presenteado com um deles e recebeu-o em 8 de janeiro de 1840, data hoje consagrada como Dia Nacional do Fotógrafo. Ele se tornou um apaixonado pela fotografia e, anos mais tarde, criou a comenda Fotógrafo da Casa Imperial (Wanderley, 2022).

Durante o século XIX, o Rio Grande do Sul recebeu muitos imigrantes, principalmente italianos, alemães, po-

loneses e lituanos. Com eles, a fotografia chegou entre nós. O primeiro fotógrafo a se destacar foi Luigi Terragno (1831–1891) (Kossoy, 2002).

Em 1865, por ocasião da Guerra do Paraguai, Dom Pedro II visitou Porto Alegre. Nessa visita, foi fotografado em trajes gauchescos por Luigi Terragno, um genovês que havia imigrado, inicialmente, para Pelotas e, posteriormente, para Porto Alegre. Devido a essas fotos, mais tarde, ele foi o primeiro, entre nós, a ser agraciado com a referida comenda de Fotógrafo da Casa Imperial (Wanderley, 2022).

Foto 1.

Luigi Terragno.

Foto 2.

Dom Pedro II
pilchado.



Entre os três mais referidos fotógrafos atuantes em Porto Alegre, nos primórdios da fotografia no estado, está o italiano Virgílio Calegari (1868–1937), nascido na província de Ansegnate, Bergamo. Ele deixou um vasto acervo de retratos e de registros de paisagens. Sua carreira foi iniciada em Caxias do Sul. Posteriormente, mudou-se para Porto Alegre, tornando-se um dos principais fotógrafos da vida urbana dessa cidade. A foto a seguir, da Santa Casa de Misericórdia, é exemplo disso (Kossoy, 2002).



Foto 3.
Santa Casa de
Misericórdia,
Virgílio
Calegari.

Outro que se destacou foi Lunara, como ficou conhecido o porto-alegrense Luiz do Nascimento Ramos (1864–1937), comerciante e fotógrafo amador. Destacou-se por registrar paisagens e cenas urbanas de Porto Alegre no final do século XIX e início do XX. Suas imagens mostram detalhes do cotidiano da capital e são referências históricas (Wanderley, 2018).

Durante o século XIX, muitos fotógrafos itinerantes viajavam pelo interior do estado, registrando famílias, paisagens rurais e eventos sociais. Essas imagens eram frequentemente feitas em placas de vidro ou em daguerreótipos e representam os primeiros registros visuais do cotidiano gaúcho. Entre os que se tornaram conhecidos pela relevância de sua contribuição, destaca-se Carlos Germano Becker. Ele nasceu na Alemanha, onde começou o seu ofício, vindo para o Brasil com a família em 1896. Inicialmente, construiu sua casa em terra cedida pelo governo no noroeste do estado. Na época, trabalhava como agricultor e como fotógrafo itinerante. Começou a ganhar dinheiro, e isso lhe permitiu se transferir, com

Foto 4.

Dois Philosophos-
Riachinho, Luiz
do Nascimento
Ramos.



a família, para o que hoje é conhecida como a cidade de Ijuí. Lá fez sua carreira e criou seus filhos, que também se tornaram fotógrafos.

Os pioneiros mencionados abriram as portas da fotografia no Rio Grande do Sul. Depois deles, o número de fotógrafos, entre nós, teve crescimento exponencial, e este espaço não seria suficiente para nomear apenas os que se destacaram nacional e internacionalmente. Assim sendo, o foco doravante será nos médicos fotógrafos.

DO DR. FOTÓGRAFO AO KODAK

Não encontrei nenhum trabalho sobre médicos fotógrafos. Por esse motivo, neste texto, certamente incompleto, apresento o resultado do que consegui garimpar na literatura.



Foto 5.
Imagem feita por Oswaldo Cruz, retratando sua esposa e filhos (Santos e col, 2023).

O primeiro médico que se popularizou como fotógrafo, a ponto de ser chamado pelos amigos e pelos familiares como Dr. Fotógrafo, foi ninguém menos, ninguém mais que o grande sanitarista brasileiro Oswaldo Gonçalves Cruz (1872–1917). O famoso sanitarista tinha na fotografia seu hobby predileto, e nele investia principalmente suas manhãs de domingo. Ele mesmo revelava suas fotos em um improvisado laboratório que ficava ao lado de seu gabinete de estudo, em sua casa. Deixou vasto acervo fotográfico, tanto de fotos de família quanto de outros registros envolvendo seu local de trabalho, hoje conhecido como Instituto Oswaldo Cruz.

Conta-me o Presidente Aloyzio Cechella Achutti que seu pai, um farmacêutico que foi quase médico, Bortolo Achutti (1898–1977), quando adolescente, no início do sécu-

lo XX, também se encantou com a fotografia e montou um laboratório em um quartinho escuro junto à casa de seu pai, em Santa Maria. Na época, não havia estabelecimentos comerciais para revelar e processar imagens, principalmente no interior, o que o levou a ter seu próprio laboratório. Essa experiência, certamente, influenciou-o a, mais tarde, escolher a Farmácia como sua profissão. Alguns de seus amigos seguiram carreira em Medicina, dentre os quais o Dr. Francisco Mariano da Rocha, tio do acadêmico José Mariano da Rocha Filho (Marianinho), que fundou a Faculdade de Medicina de Santa Maria e a primeira Universidade do interior do país. Bortolo colaborou com o início da Faculdade de Medicina e foi nomeado como Fotógrafo e Laboratorista.

Ele usou sua máquina fotográfica a tiracolo durante toda a vida, a ponto de os guris da rua onde morava costumarem dizer quando o enxergavam: “Lá vem o Kodak!...”, segundo depoimento do Presidente Achutti.

Um de seus netos, o primeiro filho do Presidente Achutti, Professor e Doutor Luiz Eduardo Robinson Achutti, é titular de Fotografia do Instituto de Artes da UFRGS, criador do novo conceito de Fotoetnografia e um dos palestran-

Foto 6.
Bortolo Achutti.
Foto original
restaurada pelo
autor deste
capítulo.



tes de nossa Academia. Ele tem a mesma paixão do avô e possui várias publicações na especialidade. “De brincadeira, permito-me dizer que ele herdou um gene do avô. E eu não atrapalhei”, completa o Presidente Achutti.

ALGUNS MÉDICOS FOTÓGRAFOS DA ATUALIDADE

Como supramencionado, são raras as informações sobre médicos que levam a fotografia a sério. Usando a técnica “bola de neve”, fui pedindo para conhecidos indicarem médicos fotógrafos de que se recordavam e, assim, cheguei à nominata abaixo. Ela está certamente incompleta, mas ilustra o tema. Pedi que cada fotógrafo escrevesse sobre si.

Carlos Gandara

Minha paixão pela fotografia começou antes da Medicina. Durante o Ensino Médio, eu fazia inúmeras visitas ao setor que antigamente chamávamos de audiovisual do Colégio São João, na zona norte de Porto Alegre. As câmeras fotográficas ali expostas me fascinavam. Eram um enigma, e eu sempre duvidei de sua capacidade de produzir imagens. Lembro-me nitidamente das muitas teorias que eu construía na cabeça sobre o processo de revelação. Essa insistente visita diária ao audiovisual fez-me pegar a câmera da família e, com ela, vencer meu primeiro concurso ainda antes de terminar o Ensino Médio.

É estranho como, durante o tempo em que cursei a Faculdade de Medicina, não me recordo da fotografia como um assunto importante nos meus dias. Provavelmente, muito diferente de hoje, quando vejo os alunos abusarem da câmera de seus celulares para todos os fins, nos anos 1980, muito raramente, alguém trazia uma câmera fotográfica para registrar as aulas, no máximo, para alguma festa da turma. Não me lembro do uso da fotografia como

instrumento didático entre os alunos, mas recordo-me de alguns professores que apresentavam imagens muito bem executadas de seus pacientes, indicando que essa ferramenta tinha muito a ver com minha futura profissão.

Foi somente como residente do Serviço de Cirurgia Pediátrica do Hospital São Lucas da PUCRS que me deparei com a fotografia médica de forma séria. Tínhamos, no serviço, uma linda câmera Canon, disponível para uso dos residentes. Creio que era autofoco, um luxo para a época. Fotografávamos nossos pacientes com filmes positivos, os famosos “slides”, para serem usados pelos professores nas aulas acadêmicas e nos congressos. Passei três anos carregando aquela câmera pelos andares do hospital. Adorava fotografar os pacientes e as cirurgias. O filme diapositivo exigia muito rigor técnico na escolha das configurações da câmera. Acredito que foram esses anos que desenvolveram minha paixão, tanto que, mesmo durante a residência, comprei minha primeira Reflex, infinitamente mais simples que a do hospital, mas que me proporcionava o mesmo prazer.

Já morando em Caxias do Sul, onde fui trabalhar como cirurgião pediátrico, encontrei uma cidade que respirava fotografia e havia sido berço e cenário de fotógrafos ilustres. Nos anos 1990, havia muitas lojas de fotografia na cidade que ofereciam revelação de filmes em uma hora e serviços fotográficos variados, desde retratos simples até a cobertura de casamentos e de eventos sociais. Foi em Caxias que tomei contato com dois elementos marcantes da minha formação: o curso superior de Fotografia da Universidade de Caxias do Sul e o Clube do Fotógrafo. Apesar de não ter concluído o curso superior de Fotografia, ingressei na sua primeira turma e fui aluno de professores ilustres da fotografia gaúcha, como Luiz Carlos Felizardo e Clóvis Dariano. O método da academia, que eu já conhecia da Medicina, agora transportado para a fotografia, me era muito constru-

Foto 7.
Carlos Gandara.



tivo e familiar. Aproveitei com afincos as aulas do curso. Elas foram um trampolim para minha melhora técnica. Tanto que o maior conselho que dou a quem está começando é que estude. Fotografia é arte e ciência, talento e técnica.

Inspirado pelo colega Walter Brugger, fotógrafo emérito do Clube do Fotógrafo de Caxias, eu logo me juntei ao clube, participando de forma ativa. Inicialmente, meu foco foi a fotografia de natureza. Aproveitava minhas viagens de férias para fotografar os recantos mais remotos do

planeta, acompanhado de outros colegas médicos. Dessas viagens, surgiram várias exposições fotográficas no Brasil e no exterior, basicamente, versando sobre o tema da natureza. Porém, quando uma foto minha feita na maternidade do hospital recebeu a medalha de ouro da Federação Internacional de Arte Fotográfica, eu me dei conta de que havia um universo que estava à minha frente e que eu não aproveitava: a fotografia da atividade médica, do dia a dia do trabalho médico e dos hospitais. Foi então que comecei a dedicar parte da minha fotografia a registrar o trabalho dos médicos e das enfermeiras nos hospitais onde atuo. Essas fotografias resultaram em uma exposição denominada “Vida”, realizada no Espaço Cultural da Federação Unimed, em Porto Alegre. A exposição foi inaugurada em março de 2020, mas teve que fechar poucos dias depois devido à declaração da pandemia de Covid-19.

O fotoclubismo é um movimento fotográfico que exerce, e continua a exercer, uma influência significativa no cenário nacional. Existem relatos dos primeiros fotoclubes brasileiros começando suas atividades no final do século XIX e no início do século XX, no Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, contando com a participação de vários médicos nos seus quadros sociais. Nos fotoclubes, é comum que os participantes difundam conhecimentos, realizem passeios fotográficos e participem de competições em âmbito nacional e internacional. O movimento fotoclubista me chamou tanto a atenção que fui presidente do Fotoclube de Caxias do Sul por seis gestões e, atualmente, sou presidente da Confederação Brasileira de Fotografia nos últimos três mandatos. A Confederação Brasileira de Fotografia, composta por mais de trinta fotoclubes em todo território nacional, reúne muitos médicos entre seus participantes, reafirmando o que, para mim, sempre foi uma verdade: a Medicina e a fotografia utilizam esse catalisador para uni-las.

A Medicina e a fotografia sempre andaram juntas na minha vida. Uma completando a outra. A Medicina ofereceu à fotografia o hábito de estudar, de conhecer as técnicas, as trajetórias e o exemplo de grandes fotógrafos, a habilidade de buscar conhecimento em várias culturas e em várias línguas. Enquanto isso, a fotografia entregou para a Medicina a capacidade de ver diferente, a dinâmica do não verbal, da busca do belo e da arte.

Mais do que um passatempo ou um “hobby”, a fotografia é, para mim, sem dúvida, um segundo ofício.

Domingos Martins Costa

Minha relação com a fotografia começou ainda na infância. Passava horas observando as fotos da minha família, fascinado pela capacidade de as imagens preservarem momentos e contarem histórias. Além disso, gostava de folhear livros e catálogos fotográficos, admirando paisagens e cidades que, de alguma forma, pareciam me transportar para outros lugares.

Por volta dos quinze anos, peguei minha primeira câmera, uma Kodak Instamatic, e comecei a fotografar com curiosidade. Meu primeiro grande desafio foi registrar o Cânion Itaimbezinho durante uma aventura de dois dias pelo leito do Rio do Boi. A experiência despertou em mim um entusiasmo que só crescia a cada clique.

Na adolescência, minha vontade de explorar o mundo por meio da fotografia aumentou. Peguei carona até Ouro Preto para conhecer a cidade histórica. Depois, acompanhei a construção de Brasília, sempre com minha Kodak em mãos. Cada viagem era uma nova oportunidade de enxergar e de registrar o mundo sob diferentes perspectivas.

Aos vinte anos, decidi investir em um equipamento mais profissional. Para isso, embarquei em uma jornada até a Zona Franca de Manaus, viajando de carona em carros,

caminhões, barcos e até aviões. Depois de muitos desafios, consegui comprar minha tão sonhada Pentax Spotmatic F, que marcou uma nova fase na minha vida fotográfica.

Com a Pentax em mãos, a fotografia tornou-se uma prática ainda mais intensa. Para entender melhor o processo, montei um laboratório fotográfico em casa e comecei a revelar minhas próprias imagens. Essa experiência ensinou-me a importância da paciência, da observação e do controle da luz para capturar detalhes com precisão.

Paralelamente, segui minha trajetória na Medicina. Depois de me formar, fiz residência em dermatologia na Santa Casa, no serviço do Dr. Clóvis Bopp, da UFRGS. Foi ali que tive um encontro definitivo entre minhas duas paixões: fui convidado para chefiar o Laboratório de Fotografia, onde fotografei milhares de doenças cutâneas.

Esse trabalho proporcionou-me um aprendizado profundo sobre a pele e suas manifestações. Cada imagem registrada era uma forma de estudo, uma maneira de observar padrões e de aprimorar diagnósticos. A fotografia médica tornou-se uma ferramenta essencial na minha formação como dermatologista.

Na prática clínica, percebo como meu olhar fotográfico influencia minha abordagem no diagnóstico. Assim como na fotografia, na dermatologia é preciso atenção aos detalhes, sem perder a visão do todo. O essencial está, muitas vezes, nos pequenos sinais, na luz certa, na forma como cada caso se apresenta.

Mesmo com a fotografia integrada à minha profissão, nunca deixei de fotografar por paixão. Viajar com uma câmera na mão permite-me observar o mundo com mais sensibilidade. Paisagens, cidades e retratos fazem parte do meu repertório, e cada foto é uma forma de contar uma história.

Hoje, olhando para minha trajetória, vejo que a dermatologia e a fotografia caminham juntas na minha vida.



Foto 8.
Domingos
Martins Costa,
1997.

Ambas exigem olhar treinado, paciência e dedicação. Seja diante de um paciente ou de uma paisagem, busco sempre capturar a essência do que vejo, encontrando beleza e significado nos detalhes.

Ao longo dos anos, tive a oportunidade de participar de diversos concursos de fotografia, recebendo cerca de trinta prêmios em competições estaduais e nacionais. Além disso, fui membro do Colégio Eleitoral do Prêmio Porto Seguro de Fotografia e tenho obras em acervos públicos e privados, como a Câmara Municipal de Porto Alegre, a Secretaria do Meio Ambiente, o Museu da Santa Casa, o SESC/RS e o acervo de fotografia médica do Laboratório Janssen-Cilag.

Fernando Antonio de Abreu e Silva

Comecei na fotografia aos oito anos, com uma câmera Vrede Box, sem imaginar que aquele pequeno aparelho abriria um universo inteiro. Desde então, usei Kodak, Olympus, Nikon — e hoje tenho como companheira uma Canon Rebel SL2. Na semana passada, ao ver meu amigo-modelo cansado após uma longa sessão, percebi que fotografar não é buscar a melhor pose, mas acolher o que é real, imperfeito, humano.

Cada clique é uma tentativa de eternizar quem somos no instante em que nos deixamos ver.

Interesso-me pela fotografia porque ela congela momentos que a memória esquece e o tempo apaga. Não se trata apenas de registrar rostos e paisagens, mas de captar gestos, luzes e detalhes que escapam às palavras. Ela me ensina a ver o presente antes que desapareça — ou a revistar quem já partiu. No movimento das ruas, nos traços de um rosto comum, no reflexo de uma janela, sempre há algo que merece ser notado. Cada foto nasce no presente e logo vira passado. A fotografia me convida a olhar com atenção e a guardar o mundo antes que se transforme. E a melhor fotografia que já fiz? Para mim, será sempre a próxima.

Foto 9.
Abreu e
Silva, data
desconhecida.



José Roque Guimarães

Eu me formei em 1976 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e fiz residência em Medicina Interna no Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA). Posteriormente, fiz especialização em Pneumologia no Pavilhão Pereira Filho da Santa Casa. Minha carreira médica desenvolveu-se predominantemente no serviço público, ex-INAMPS, e na Secretaria da Saúde do Rio Grande do Sul, no atendimento ambulatorial. Inicialmente, trabalhei em Alvorada e, logo, em Porto Alegre. Hoje, aposentado nessas instituições, mantenho consultório.

Meu interesse por fotografia iniciou no Colégio de Aplicação da UFRGS. Lá essa arte era valorizada e foi de onde saíram fotógrafos renomados.

Durante as férias, eu viajava, de “dedão” (carona) e mochila, com meu colega, e hoje acadêmico, Roberto Giugliani. Fotografávamos o que podíamos. Eu tinha uma Instmatic Kodak, e ele comprou sua primeira câmera Pentax no Paraguai. Fez fotografia profissionalmente durante a graduação.

No colégio, fui aluno do Professor Claudio Moreno, exímio fotógrafo. Lia maravilhado revistas de fotografia americanas. Aos 15 anos, fiz curso de fotografia na SOGIPA, onde havia um operante departamento. Com 17 anos, ganhei de meus pais uma câmera Nikkormat com a maravilhosa lente 50mm/1:1.4. Montei um laboratório em casa nos tempos da graduação. Trabalhava com foto analógica e toda parafernália: ambiente escuro, ampliador, cubas, líquidos, negativos e papéis fotográficos. Essa atividade deu-me experiência, mas não deixou saudade do método.

O corre-corre da profissão e da vida me afastaram da arte por tempos, mas o gosto por viagens, nascido na estrada, de mochila e com o Roberto, sempre me fez fotografar aonde ia. Ao longo dos anos, tenho viajado bastante com minha esposa e com um grupo de moto, sempre com aten-

Foto 10.
Guimarães,
2021.



ção à fotografia. Quando o grupo Guaiecabiker completou dez anos, editamos um livro *10 Anos On The Road: 6 amigos por aí*. A obra contém textos e fotos sobre o grupo. Muitas fotografias foram por mim registradas. Recentemente, expus fotos de Halifax, Canadá, aonde tenho ido para visitar meu filho. Trata-se de uma região lindíssima, em que se pode portar câmeras e telefones celulares livremente, sem medo de furto.

Após minha aposentadoria do serviço público, frequentei cursos de fotografia na Escola Câmera Viajante em Porto Alegre. Em 2020, ingressei no Fotoclube Portoalegrense. Desde então, tenho participado ativamente. O convívio com fotógrafos profissionais e amadores vem aperfeiçoando e estimulando minha fotografia. O fotoclube nos proporciona cursos, palestras, saídas fotográficas, participação em exposições e em concursos.

Atualmente, fotografo com uma Nikon D5100, com lentes 18-55mm, 18-105 e 55-300. Faço edição no aplicativo Lightroom. A mobigrafia, foto com celular, abriu um novo campo na arte. Não tenho restrições a esse equipamento, que gosto e até utilizei em concursos e exposições. Ainda não tive curiosidade

em inteligência artificial em fotografia, mas vejo seu crescimento exponencial. Quem sabe um dia a IA me pegue?

OS FOTÓGRAFOS ACADÊMICOS DA ASRM

Na atualidade, são cinco os membros que se dedicam à fotografia. Deixo que eles mesmos se apresentem.

Jorge Neumann

Iniciei na fotografia por influência de meu pai. Ele fotografava em preto e branco e fazia as revelações e as ampliações em casa. Seu principal objeto para fotografar eram os planadores, tendo sido ele um dos pioneiros do voo à vela no Rio Grande do Sul.

Quando suas viagens para os Estados Unidos aumentaram de frequência, por conta de seu trabalho na Varig, ele passou a usar o clássico Kodachrome, filme de diapositivos, ou slides, que ainda não era disponível no Brasil. Esses filmes eram comprados e depois revelados nos Estados Unidos. Tenho até hoje fotos impecáveis tiradas nos anos 50, minhas e de minha irmã, obtidas com esse filme.

A primeira foto que fiz foi aos doze anos. Estávamos viajando pelo interior de Santa Catarina e pedi a câmara de meu pai para fotografar a fachada da catedral de Blumenau. Ele imediatamente aceitou e rapidamente me explicou como focar e ajustar a exposição. A câmara era uma Pentacon, fabricada na então Alemanha Oriental.

Usei essa câmara, a essa altura, “emprestada” por meu pai mais ou menos de forma regular daí em diante. Quando eu tinha 17 anos e cursava o terceiro ano do científico do Colégio Julinho, formou-se um grupo para participar da Feira de Ciências da escola. Meu grupo escolheu como tema de seu trabalho a comparação de aparelhos digestivos e, para isso, foram dissecados diversos animais. Meu papel foi o de

Foto 11.
Neumann, 2014.



ser o fotógrafo que documentou as dissecções. Quando vi as fotos ampliadas e expostas na feira, dei-me conta de que gostava dessa atividade e dos resultados que estava obtendo.

Ao final da faculdade e da residência, já casado com a Beatrice, fomos morar em Toronto por conta de um Research Fellow. Lá finalmente comprei minha primeira câmara, uma então excelente Canon A1. No Canadá, país extremamente fotogênico em qualquer época do ano, mas especialmente no outono e no inverno, comecei uma coleção de milhares de slides. Naquele período, uma diversão recorrente era sair

nos finais de semana, com mais dois ou três amigos também ligados à fotografia, todos usando Kodachrome, e no final de semana seguinte, passarmos uma noite de sábado olhando os slides e discutindo composição e outros detalhes técnicos, com a complacência das esposas presentes.

De volta ao Brasil e morando em São Paulo, participei de minha primeira exposição/concurso de fotografias promovida pelo Incor, onde estava trabalhando. Inscrevi duas fotos e tive a alegria de ver as duas premiadas. Uma recebeu o primeiro lugar no júri profissional; e a outra também com o primeiro lugar na eleição popular.

Com o retorno a Porto Alegre, já há mais de 30 anos, continuei fotografando, agora focado também no registro dos filhos, além das viagens e de planadores e aviões em geral, paixão desde sempre. Nessa época, comecei a experimentar a fotografia digital, tendo adquirido uma câmara Fuji, que passei a comparar com a minha confiável Canon A1. Em 2003, por ocasião das comemorações dos duzentos anos da Santa Casa de Porto Alegre, fui convidado a expor fotos na recepção do Hospital Santa Rita. Foi minha primeira exposição individual. Alguns anos depois, em 2007, tive meu primeiro livro de fotografias publicado: *Amor mais que perfeito: emoldurando paisagens*. Essa obra foi generalista, contendo fotos de paisagens, de ambientes urbanos, de flores e de aviões.

Convencido de que a foto digital era um caminho sem volta, passei a investir nos equipamentos da Sony. Ainda, e sempre, aficionado por aviação, investi também nas lentes teleobjetivas dessa marca, eu havia recém adquirido uma boa tele quando a pandemia de Covid instalou-se. A lente, adquirida para um show aéreo que haveria em um par de meses, ficou guardada, sem uso, até o recebimento de um convite do Confrade Sérgio de Paula Ramos para visitarmos a Lagoa do Peixe, um Parque Nacional, refúgio de aves, localizado entre Mostardas e Tavares.

Convite aceito e paixão pelas aves à primeira vista. Fotografar vida selvagem, especialmente aves, virou meu principal foco na fotografia desde então. Além de mais algumas visitas à Lagoa de Peixe, o Confrade Sérgio e eu estivemos já duas vezes no Pantanal, região fantástica e linda, riquíssima em natureza, com animais de todos os tamanhos. O resultado dessa recente obsessão foram três exposições coletivas. Uma em comemoração aos 30 da Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina, outra na companhia dos fotógrafos Daisson Flach, Douglas Fischer e Sérgio de Paula Ramos, e a última na companhia apenas do Confrade Sérgio.

Por fim, essa produção recente resultou também na produção de um segundo livro, chamado *Vida*, com fotos exclusivamente da vida selvagem gaúcha e brasileira. Ainda, no início deste ano de 2025, tive o privilégio de ter uma de minhas fotos colhidas na Lagoa do Peixe selecionada entre as finalistas no concurso “Aves do Mundo”, promovido por uma organização com sede na África especializada em fotografia de vida selvagem.

Como rotina, publico minhas fotos no Instagram (@jorgeneumann) e continuo fotografando com equipamentos da Sony. Hoje uso o modelo A7IV e as lentes 24-105, 100-400 ou a 200-600mm, também da Sony.

Miriam da Costa Oliveira

Comecei a fotografar tardiamente, já nos primeiros anos de 2000, em viagens. Claro que guardo imagens de mobiliário urbano, paisagens e pores do sol, mas minha preferência são as fotos de detalhes, sejam arquitetônicos, sejam de expressões artísticas visuais. Já ouvi de gente experiente em fotografia, incluindo o autor deste capítulo, que “tenho olho” para fotografar, mas deve ficar claro que não tenho técnica nem formação na área. Curiosamente, não procurei cursos. Até frequentei um de breve duração,



Foto 12.
Miriam, 2016.

específico para fotos de aparelho celular, e recebi orientações básicas sobre uso de editor de fotos, que, por não ter praticado, precisaria agora reaprender.

Por muitos anos, fotografei com uma Sony não profissional. A cada ida a um congresso médico nos Estados Unidos, e isso significava quase anualmente, eu trocava a câmera por um modelo novo, sempre à cata do maior zoom. Passei depois a usar ao mesmo tempo a máquina e o celular, o que era muito inconveniente, até a chegada do Iphone 13, quando passei a viajar só com o celular. Agora, a renovação anual é do celular, buscando melhor lente. Aderir à mobigrafia foi uma libertação, pois me salvou também do constrangimento de tirar a maquininha da bolsa, ao lado de fotógrafos com seus espetaculares e pesados equipamentos. Também preciso comentar que, na contramão da fotografia atual, não edito fotos para além de posicionamento, corte e uso da “varinha mágica” da edição do Iphone, que, ao “ajustar”, traz brilho. Longe de ser uma posição radical, ainda resisto a qualquer intervenção na cor, na presunção de mostrar o que realmen-

te meus olhos e a lente “vimos”. Por todo o citado, defino-me como uma “fotografeira”.

Anos atrás, passei a fotografar Porto Alegre. Inicialmente, percorria o centro histórico e os bairros no seu entorno, colecionando imagens de fachadas de prédios antigos, especialmente, os do início do século XX, com ênfase em frontões de casas de gente simples, trabalhadores comuns à época. Segui fotografando a cidade e incluí destaques, ao gosto pessoal, de exposições de artes visuais, as quais frequento costumeiramente, bem como de *street art*.

Em agosto de 2017, conversei com um amigo, professor da área de Ciências Humanas na universidade, sobre a vontade de postar no Instagram um contraponto entre a imagem que capturei de algo fora do país e a imagem de algo daqui, de Porto Alegre. Por exemplo: a fonte que representa os continentes em Paris e a fonte que representa os rios que deságuam no Guaíba, isto é, uma coisa bonita lá e a mesma coisa bonita aqui, para chamar uma atenção positiva sobre nossa cidade. Neste ponto, entra uma história divertida. O professor em questão, escritor Rodrigo de Oliveira Lemos, foi entusiasta e incentivador da ideia e fez a seguinte pergunta: “A senhora acha que consegue umas 70 publicações?”. Ele pensava na publicação de um futuro livro. Bem, dessa série, que tem o hashtag #serielaequi, já publiquei próximo a 1000 postagens. Atualmente, final de 2024, entre essa série e outras três, denominadas #seriepuroencanto, #miriamvisualart e #miriamporai (exclusiva de viagens), tenho mais de 3.000 postagens, num total de mais de 10.000 fotos autorais publicadas.

O Instagram é praticamente meu único canal de exposição. Já fiz algumas apresentações em sessões culturais, com foco central em minhas fotos, por exemplo, *Porto Alegre em Pormenores* (2019), *Igrejas de Paris* (2019), *Caelum — o céu visto da minha janela* (2021), *Mulheres trabalhadoras na pintura do século XIX* (2021), e *Metrô de Paris e Moscou* (2022).

Participei de uma exposição presencial, promovida em 2022 pela Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina, em comemoração aos 30 anos da instituição. De nome “Olhar viajante”, a coletiva contou com fotos de Sérgio de Paula Ramos, Jorge Neumann, Miriam Oliveira, Roberto Giugliani e Paulo Belmonte de Abreu. Para mim, fotografar faz parte do ciclo da descoberta, do encanto que poucos veem, da associação de fatos e lembranças, pedaços importantes da vida.

Paulo Belmonte de Abreu

Fotografia, na minha infância, era uma arte secreta, executada por imigrantes com sobrenome polonês, austríaco, alemão ou russo, que eram contratados para tomar imagens de famílias, de casais ou de pessoas individuais. Depois de um processo misterioso, traziam imagens de pessoas solenes e permanentes. Parecia uma arte difícil, quase impossível de executar. Revelavam pessoas e momentos congelados em um tempo especial de suas vidas, com um significado a ser explorado, seja de casamento, de formatura, de aniversário, de primeira comunhão, de novo status, como o clássico da escola primária junto a um mapa-múndi, ou de almoço, na churrascaria, que dava direito a show com o Jimmi Pipiolo.

Meu primeiro acesso a esse mundo foi com uma máquina Flika, de foco fixo, que exigia perícia ao colocar e retirar o rolo de filme, de forma a evitar sua exposição em caso de extensão ou recolhimento inadequado, que era feito por uma engrenagem na parte superior. Mesmo com essas significativas limitações técnicas, divertia-me clicando pessoas em ângulos e em momentos em que elas estavam distraídas e envolvidas em suas atividades usuais, sem saber que seriam fotografadas. Atormentava minhas irmãs em situações de casa: lanchando, bocejando, levando garfo à boca. Tinha que sair correndo para evitar ser atingido com o primeiro objeto que elas encontrassem disponível.

Depois, aprendi, no Colégio de Aplicação, os mistérios da extração daqueles momentos, por meio da revelação. A demonstração em sala de aula era completa por horas na sala escura de colegas, montada em porões de casas de alguns mais afortunados. Na época, a preferência era por registrar rostos explorados por luzes e sombras, com diferentes efeitos obtidos pela variação de tempo, diferença de concentração de fórmulas, textura de papéis, ampliações e cortes. O foco era em rostos, em geral, soturnos, enigmáticos, em um ensaio de desafio à nossa compreensão de suas vidas e de seus sentimentos. Também em caretas, as quais imitávamos de filmes de gangsters e de detetives.

Então veio aquela situação nacional chamada, por uns, de Revolução e, por outros, de Golpe. De repente, fotos que eram guardadas em caixas de papelão, de cenas de churrascos, aeroporto, caminhadas na rua de meus pais e de seus amigos de infância, repentinamente, viraram documentos perigosos, que foram cuidadosamente rasgados e queimados. Foram meses de medo. Aquelas fotografias poderiam levar nosso pai à prisão, à perda do emprego e sabe-se mais a quê. Fotografias traziam riscos, capazes de revelar relações perigosas, mesmo que fosse de aparente confraternização de colegas, parentes e vizinhos de infância. Algum agente dessa nova ordem poderia interpretar aqueles gestos de uma forma maléfica que poderia levar à prisão, sem necessidade de documento legal. Felizmente essa ameaça foi trocada por uma punição invisível a nosso pai. Como era concursado do Banco do Brasil e nada foi encontrado contra ele, a não ser que era vizinho de campo, em São Borja, do presidente exilado, foi privado de todas as progressões e benefícios de sua carreira e deslocado para um cargo subalterno, mas cheio de detalhes burocráticos e físicos. Foi-lhe retirada a tarefa de avaliar e analisar grandes empreendimentos e propriedades rurais ou industriais, para visitar pequenas propriedades ru-



Foto 13.
Abreu, 2017.

rais no vale dos Sinos e do Gravataí. As fotos estavam devidamente eliminadas. Algumas, escondidas.

Esse degrado, ao mesmo tempo, resultou em um presente: de acompanhar meu pai na tarefa de campo, três a quatro vezes por semana. Abria porteiras, colhia laranjas e bergamotas, buscava água com baldes de zinco, em fundo de poço, entrava na roda de mate em galpão no final da tarde. Esses momentos registrados mentalmente, de forma fotográfica, deixaram-me memórias claras de detalhes de porteiras, de mata-burros, de balsas manuais, de fechaduras, de roldanas, de alças de balde e de canecas, de fogo de galpão, de noites estreladas, de faces enrugadas e queimadas do sol, que depois encontrei na literatura de Fernandez, de Erico Verissimo, de Horacio Quiroga, entre outros.

No colégio, desde cedo, colegas mais velhos, como o Giugliani, o Leonid, o Ivan PM, eram feras da fotografia. Sabiam achar a melhor luz. Quando não havia, criavam, faziam mistura de reagentes, regulavam abertura, tempo de exposição. Depois, no laboratório, sabiam escolher o papel de melhor gramatura, sabiam como conseguir papéis e filmes de diferente granulação. Exploravam eventos, como o perfil de um eclipse solar, e alguns partiam da fotografia

para efeitos visuais, como o de projeção de fotos distorcidas misturadas com tintas, com efeitos psicodélicos.

Nesse tempo, lançaram-se filmes como *Blow Up*, que fascinaram pela possibilidade de encontrar, pela fotografia, coisas ocultas, uma realidade escondida e não aparente, em que o fotógrafo age como um explorador e como um descobridor de coisas ocultas no cotidiano, em um trabalho sem fim, pois, quando acha que descobre algo, percebe que existe outra camada de realidade ainda encoberta, escondida em outro ângulo, em outra iluminação ou contraste. Com o bônus de garantir um prestígio junto às colegas.

Assim, comprei, com meu trabalho de estagiário na faculdade, minha primeira Pentax, que teve sua história própria tanto de aquisição, de acidentes, de furtos, de recuperação e de expansão com diferentes lentes e filtros. Foi comprada por meu irmão Silvio, quando ele foi estudar na França, e foi retirada na Alfândega por meses até que eu conseguisse dinheiro e mensageiro para retirá-la em São Paulo (ou foi no Rio de Janeiro?). Quando fui estudar nos Estados Unidos, carregava para documentar parques, jardins e o crescimento da família.

Preparando meu retorno antecipado por chamada em vaga na Universidade aberta por concurso prestado anos antes, a máquina serviu como meu moderador. Atabalhado, passei com a roda do carro por cima da máquina e dei-me conta de que não estava pronto para retornar. Consegui preparar melhor o retorno três meses após, com a máquina devidamente embalada, e com todas as lentes novas com o número registrado na Embaixada Brasileira.

Isso foi valioso para recuperar a máquina roubada anos depois, durante um veraneio, com ameaças à babá de nossos filhos. A máquina foi recuperada meses após, depois que li uma oferta de máquina e equipamento exatamente igual ao meu no correio do povo. O anúncio trazia a descrição da máquina, diferentes lentes, tripé, flash, filtros e ma-

leta. Contratamos, então, um detetive, que se decepcionou, mas seguiu em sua tarefa, pois esperava ser chamado para seguir algum cônjuge infiel. Foi levando o número de série de todos os equipamentos, que por sorte havia registrado na alfândega, no retorno dos EUA, que a suspeita se confirmou. E, acompanhado de uma inspetora de polícia que recolheu todo o equipamento, ele foi finalmente devolvido quando mostrei a declaração da Embaixada Brasileira e o registro de entrada no Brasil de todo o equipamento.

Recuperada, a máquina teve uma vida longa, até a chegada das primeiras máquinas digitais, com memória de disco, e, por último, dos celulares de múltiplas lentes; sempre buscando congelar e revelar o oculto em pessoas, gestos e cenas aparentemente comuns.

Na mente do autor, seguiu o mesmo propósito de mostrar o todo pelo detalhe, de eternizar um momento, uma fase de vida, um ângulo, uma luz e a riqueza da pessoa, da cena e do momento, que está disponível para ser decifrado, em seus múltiplos ângulos e camadas.

Roberto Giugliani

Meu interesse pela fotografia começou espontaneamente. Eu tinha 12 anos e resolvi trocar meus carrinhos de autorama por uma máquina fotográfica rudimentar. Recordo-me de que o nome era Bieka e de que o formato era 6x6. Desde o início, interessei-me por fotografar sombras, silhuetas, pessoas em movimento, imagens capturadas ao acaso. Eu levava meus rolos para revelar e aguardava ansiosamente os caderninhos com as fotos (preto e branco, é claro), mas não gostava da qualidade do que eu recebia e fui trocando a câmera, mas só os modelos primitivos cabiam em meu orçamento.

Felizmente, um tio generoso compartilhava do meu interesse e me surpreendeu, presenteando-me com um ampliador. Eu já tinha então uns quatorze anos e uma Minolta

Foto 14.
Giugliani, 2010.



bem simples, mas já 35mm. Improvisei um laboratório num pequeno cômodo do apartamento onde eu morava e fui me apaixonando cada vez mais pelo hobby. Até hoje, delicio-me com a lembrança do momento mágico em que a imagem começa a aparecer no quarto escuro.

Fazendo negócios aqui e ali, juntei US\$ 500 e resolvi que iria comprar uma câmera Reflex. Na época, a melhor relação custo-benefício era adquiri-la no Paraguai. Fui para lá em julho de 1969 com meu colega e amigo José Roque Guimarães

(hoje membro do Fotoclube Porto-alegrense), viajando de carona para não gastar. Em Assunção, escolhi uma Pentax 500 com uma lente 50mm f/1:2.0, que, embora não tivesse fotômetro embutido (o dinheiro não alcançou para tanto), foi um momento emblemático na minha trajetória fotográfica.

Com a nova câmera e com o laboratório em casa, comecei a fazer trabalhos fotográficos. Para as aulas dos meus professores do Colégio de Aplicação, eu fazia slides. Fazia de um dia para o outro, o que me permitiu logo ganhar esse mercado. Também fazia fotos dos filhos, que depois viravam pôsteres. Eu fotografava turmas nos finais de ano e depois vendia muitas cópias desses registros para os pais dos alunos fotografados. Com o dinheiro que ganhava, pagava com sobras as contas que fazia na A Cambial, na esquina da Dr. Flores com a General Vitorino, onde eu ia praticamente todos os dias. Logo juntei recursos para comprar uma Pentax Spotmatic, agora com fotômetro e uma lente 50mm f/1:1.4.

Por um período, tive um laboratório conjunto com Leonid Straliaev e com Ivan Pinheiro Machado, contemporâneos do Colégio de Aplicação. Eu podia não ter o talento deles, mas tinha o ampliador. Foi um breve, mas estimulante convívio. Logo a seguir, junto a outros dois colegas de colégio, aluguei um apartamento na Avenida Independência para montar um ateliê. Eu trabalhava, no local, com fotografia; e meus colegas, com artesanato. A partir disso, comecei a dar uns passos mais largos. Fui contratado pelo Círculo Social Israelita para documentar as produções culturais. Eu gostava mais dos ensaios do teatro. As fotos que eu tirava eram usadas nos cartazes, e logo passei a fazer o mesmo tipo de produção para o Teatro de Arena. Não ganhava muito, mas entrava de graça em todas as peças. A parte financeira eu resolvia prestando serviços para as construtoras. Para uma delas, documentei semanalmente a evolução da obra do Túnel da Conceição.

Na época em que ingressei no curso de Medicina (1971), fui contatado por uma empresa chamada Módulo Filmes, que produzia curtas publicitários para tevê e cinema, para fazer o making-off fotográfico das produções. Esse trabalho ganhou visibilidade e fui então chamado pela empresa de publicidade Escala para fazer fotografias para as suas campanhas. Lembro-me das reuniões com Soriano para discutir os cenários. Nessa época, fui convidado para instalar o ateliê fotográfico num espaço da empresa Expansul, na Rua Felipe Camarão, que tinha projetos grandiosos para o desenvolvimento do Rio Grande do Sul (possivelmente adiante de seu tempo), e que me levou na carona de seus sonhos. Foi então que, em 1973, participei de minha primeira exposição, uma coletiva chamada Foto/Amostra. Orgulhei-me de estar ao lado de nomes como Assis Hoffmann, Sérgio Arnoud e Olivio Lamas.

Foi um período desafiador cursar Medicina junto a essa crescente atividade fotográfica, já quase profissional. Tive meu primeiro emprego com carteira assinada como fotógrafo na Editora Edel, que, na primeira metade dos anos 1970, produzia os álbuns dos 150 anos da imigração alemã e dos 100 anos da imigração italiana, o que me permitiu conhecer grande parte do Rio Grande do Sul. Assim, ao concluir o terceiro ano do curso médico, no início de 1974, aceitei uma oferta de criar um curso profissionalizante em fotografia no Colégio de Aplicação e tomei a difícil decisão de fechar meu laboratório para poder me dedicar mais aos estudos. Nesse momento, a atividade fotográfica ficou concentrada nas aulas para os alunos do Ensino Médio e no hobby que eu exercitava principalmente nas viagens. Numa delas, quando fui ao Peru, tive a minha Pentax Spotmatic roubada, mas, por um acaso do destino, um mês depois ganhei uma câmera igual, ao ficar em primeiro lugar em um concurso de fotografia, o PhotoPuc.

Depois que abdiquei do laboratório, transitei do preto e branco para o colorido, trocando as fotos das viagens pela documentação da trajetória dos filhos, que foram nascendo e crescendo. Segui com o celuloide até o final de 2005, quando aposentei a Pentax e comprei uma Canon digital, e fui progressivamente atualizando os corpos e as lentes, sempre usando objetivas zoom que me davam a flexibilidade de que eu precisava. Digitalizei meus negativos e armazenei esses arquivos junto aos das fotos digitais, mantendo meu interesse em fotografar durante as viagens, com destaque para instantâneos que incluíssem a silhueta humana.

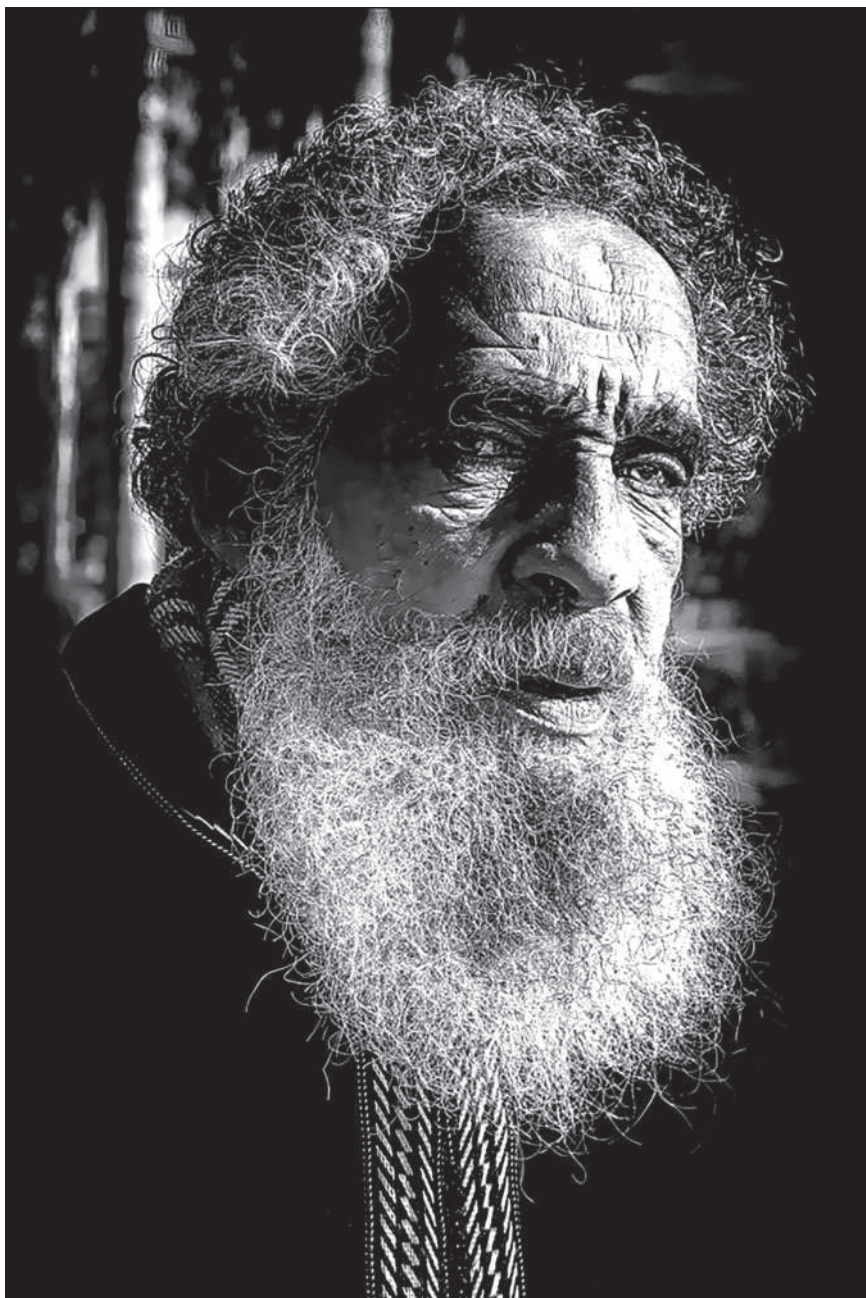
Quando completei 60 anos, tive a felicidade de ter sido selecionado para um projeto da UFRGS e, com a curadoria de Luiz Carlos Felizardo, tive minha primeira exposição individual, chamada “Sombras e lugares”, que ocorreu no hall da Reitoria, num primeiro momento, e no saguão do Hospital de Clínicas de Porto Alegre a seguir, ambas em 2012. Esse trabalho incluiu a publicação de um catálogo impresso. Em 2022, participei da exposição “Olhar viajante”, organizada pela ASRM, no Centro Cultural da Santa Casa, e, em 2023, participei da exposição multicultural comemorativa aos 125 anos da Faculdade de Medicina da UFRGS.

Mantive-me na plataforma Canon, melhorando progressivamente os equipamentos. Hoje utilizo uma Canon EOS 80D com objetiva zoom Canon EF 24-105mm f/1.4. Meus planos, neste momento, são de migrar para uma câmera “mirrorless” e trabalhar nos arquivos que armazenei ao longo dos anos (acabei de fazer um curso sobre o software Lightroom), para, quem sabe, participar de uma nova exposição no futuro.

Sérgio de Paula Ramos

Fui um adolescente tímido, e ter ganhado de minha tia uma câmera Agafa, aos 15 anos, foi um presente maravilhoso, pois, atrás dela, pude disfarçar minha timidez e experi-

Foto 15.
Ramos, 2018.



mentar algum sucesso. Explico. Sem ter nenhuma aptidão esportiva, logo fui convocado para a seleção de futebol do Colégio Dante Alighieri (SP). Posição: fotógrafo. E, desde então, não parei mais de fotografar.

Aos 17 anos, ganhei de meu pai uma Pentax, adquirida na zona franca de Manaus e, com ela, fiz minha primeira

fotografia exposta na Bienal de São Paulo, o que não foi mérito nenhum, pois, naquela edição, a Bienal se propusera a mostrar São Paulo pelo olhar da população e, com tal objetivo, se dispôs a expor todas as fotos enviadas. Essa foto tenho até hoje e segue me agradando.

Tornei-me um *street photographer*, e minha Pentax era companhia inseparável. Mais tarde, com dois amigos, montamos um estúdio e um laboratório fotográfico. Com eles, consegui aperfeiçoar minha técnica e ganhar destaque com as gurias fazendo seus *books*.

O entusiasmo com a fotografia chegou a um ponto que, quando já estava cursando o terceiro ano de Medicina, em um almoço de domingo, comuniquei à família que interromperia a faculdade para ser fotógrafo. Na ocasião, minha mãe, entre tolerante e firme, respondeu: “Claro, depois que terminar a faculdade”. E ponto. Nunca mais se discutiu o assunto, pois, em verdade, gostava muito da perspectiva de me tornar psiquiatra.

Durante minha infância, meu pai tinha como hobby a caça e a pesca, em uma época em que ambas eram politicamente corretas. Mais tarde, tornou-se um protetor da vida selvagem, criador de aves exóticas credenciado pelo IBAMA, de onde recebia as aves apreendidas. Acredito que ele tenha sido uma influência relevante para mim e gosto de pensar que, como ele, me transformei em um caçador. Caçador de imagens.

Com a passagem dos anos, como uma reação à pressão feita pelos paparazzi, surgiram as leis de proteção de imagem e, com elas, foi ficando cada vez mais difícil fotografar pessoas na rua. Fotos em que apareça alguém em destaque, para serem publicadas, necessitam de autorização escrita da pessoa fotografada.

Por esse motivo, fui migrando para fotografar a vida selvagem, mas, sempre que viajo, ainda faço retratos de

peessoas, mesmo sabendo que essas fotos poderão ser expostas apenas em ambientes de exposição artística.

Tornei-me um fotógrafo apaixonado por natureza e, nas últimas exposições das quais participei, a temática sempre foi fotos da vida selvagem. Dentre elas, em 2015, tive uma individual no MARGS, ocasião em que uma de minhas fotos foi solicitada para participar do acervo do museu. Participei de inúmeras coletivas, tanto no Rio Grande do Sul quanto em outros locais, como Punta del Este, onde ocorreu a última.

Meu local favorito para fotografar, no Rio Grande do Sul, é a Lagoa do Peixe, aonde tenho ido, com frequência, na companhia do Acadêmico Jorge Milton Neumann. No restante do país, fotografo, principalmente, o pantanal. No exterior, já estive na África subsaariana oito vezes e, em 2025, nas Malvinas, Geórgia do Sul e Antártida.

Meu atual equipamento: Canon R5, objetivas 24-70, 100-500 e macro de 100mm. Teleconverter 2x.

REFERÊNCIAS

- CANABARRO, I. S. **Dimensões da cultura fotográfica no sul do Brasil**. Ijuí: Editora Ijuí Afilhada, 2011.
- KOSSOY, B. **Dicionário histórico-fotográfico brasileiro**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002.
- KOSSOY, B. **Hercule Florence**: a descoberta isolada da fotografia no Brasil. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2020.
- WANDERLEY, A. C. T. **Dom Pedro II fotografado pelo italiano Luis Terragno** (c. 1831-1891): fotógrafo da Casa Imperial. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=28879>. Acesso em: 20 fev. 2025.
- WANDERLEY, A. C. T. **Luiz do Nascimento Ramos, o Lunara**. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?tag=luiz-do-nascimento-ramos>. Acesso em: 20 fev. 2025.

OS MÉDICOS E A NOSSA GRANDE ORQUESTRA

Gilberto Schwartzmann

A história da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (OSPA) é indissociável daquela do Orfeão Rio-Grandense, uma associação musical, criada no ano de 1930, em Porto Alegre, e que se notabilizou por seu papel no desenvolvimento do canto coral e da música operística no Estado do Rio Grande do Sul. Na construção da OSPA, participaram muitos médicos, que a influenciaram e apoiaram.

Ao final do século XIX, os músicos de nossa cidade reconheciam a necessidade de ser criada uma orquestra sinfônica. Nas décadas seguintes, formaram-se alguns grupos musicais de concerto, como as orquestras do Club Haydn, a do Centro Musical Porto-Alegrense e a do Sindicato dos Músicos Profissionais.

Porém essas iniciativas sofriam pela falta de financiamento regular. Daí, a ideia de que houvesse uma fundação amparada pelo Governo do Estado. Esta surge em 1944, com a assinatura de um convênio com o Orfeão Rio-Grandense, o qual passa a receber um financiamento para a organização das temporadas líricas oficiais.

O Orfeão Rio-Grandense teve a sua sede construída ao lado do Theatro São Pedro, abrigando escolas de canto,

de dança e de arte dramática, esta última tendo realizado diversas montagens teatrais. Mesmo sofrendo altos e baixos, devido a questões de financiamento, o Orfeão realizou uma série de concertos e recitais, com forte atuação até o início da década de 1950.

Em 1945, foi convidado o maestro húngaro Pablo Komlós para dirigir a ópera *Aida*, de Verdi, com muito boa receptividade. O maestro foi chamado a retornar a Porto Alegre no ano seguinte, regendo vários concertos sinfônicos com um grupo formado basicamente por músicos europeus radicados na capital.

Em 1949, Pablo Komlós é convidado a assumir a direção artística do Orfeão Rio-Grandense. Neste período, tomou-se a decisão de que fosse fundada uma orquestra sinfônica. Fica então decidido que Komlós ficaria como responsável na organização da orquestra e como maestro titular.

A OSPA, com estatuto e verba próprios, é criada em 17 de dezembro de 1949. Em 23 de março de 1950, a OSPA realizou o seu primeiro concerto, no Theatro São Pedro, com regência de Komlós e grande repercussão. No repertório, foram incluídas obras clássicas de von Weber, Mendelssohn Bartholdy, Berlioz e Beethoven.

Contudo, a vinculação da OSPA ao Orfeão Rio-Grandense gerou problemas jurídicos e administrativos. Por essa razão, o seu Conselho Diretor decide, em assembleia, por sua extinção em 31 de outubro de 1950. E em 23 de novembro do mesmo ano, a maioria dos seus antigos fundadores e outros simpatizantes, apoiados pelo Sindicato dos Músicos, fundam a nova OSPA – uma entidade independente.

Uma vez que o objetivo deste capítulo é dar destaque aos médicos que fizeram parte da história de nossa orquestra sinfônica, é mister chamar a atenção do leitor para a inclusão no programa artístico do primeiro con-

certo da OSPA, em 1950, também de uma obra do professor universitário, médico psiquiatra e compositor gaúcho Paulo Luís Vianna Guedes.

Paulo Guedes era médico e músico. É um dos eleitos para o primeiro conselheiro de nossa orquestra. Guedes fez parte do primeiro grupo de médicos com formação psicanalítica em Porto Alegre e foi um dos fundadores da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

Ele se formou em violino na Escola de Belas Artes de Porto Alegre, em 1934. Era também um excelente pianista e estudou composição com Ênio de Freitas e Castro. Após formar-se em música, ingressou na Faculdade de Medicina, diplomando-se no ano de 1939.

Guedes foi um professor muito apreciado por seus alunos, tendo sido paraninfo de várias turmas de formandos da Faculdade de Medicina e do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Casou-se com Zuleika Rosa Guedes, também uma reconhecida pianista e docente de nossa cidade.

Segundo informações que ouvi, quando criança, de minha mãe, o talento de Paulo Guedes como violinista podia ser apreciado também nas suas apresentações em um conhecido programa de música de concerto da Rádio Farroupilha.

Paulo Guedes faleceu no ano de 1969, em Torres. E aqui destaco um fato: quando criança, eu tive o privilégio de assisti-lo, uma vez, não lembro bem se ao violino ou à viola, integrando um quarteto de cordas, que encantava os veranistas da bela praia nos finais de semana.

Logo após a sua morte, foi realizado um concerto em sua homenagem, no Theatro São Pedro, em Porto Alegre. Sua produção musical foi muito rica. Infelizmente, há apenas duas gravações disponíveis de suas obras: *Quatro esboços brasileiros* e *Três peças em caráter popular*.

De volta à criação da OSPA, em 5 de dezembro de 1950, foi realizado então o primeiro concerto oficial da nova orquestra, com a execução da 9ª Sinfonia de Beethoven sob a regência de Komlós. Contudo, a nova OSPA não contou com o apoio financeiro do governo.

Uma vez que havia enormes dificuldades para fazer frente ao custeio para preenchimento de seus quadros, tornou-se necessária a colaboração de músicos amadores. No ano de 1953, a OSPA assina um convênio com a prefeitura, que inclui um auxílio financeiro e, caso fosse necessário, a utilização de membros da Banda Municipal.

Com isso, a OSPA pôde organizar uma programação artística mais estável. Outros convênios vieram depois. Em 1954, o Governo do Estado e o Governo Federal passam a arcar com as despesas da orquestra, ainda que com atrasos e de forma irregular.

A situação permanece complicada até os anos 1960, quando a OSPA é encampada definitivamente pelo Governo do Estado, sob a figura jurídica de uma fundação, a Fundação Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (FOSPA), autarquia criada através do decreto de lei nº 17.173, datado de 22 de janeiro de 1965.

Desde então, os músicos da orquestra são reconhecidos como funcionários públicos. Os músicos estrangeiros que integram a orquestra são igualmente incorporados, desde que sejam naturalizados brasileiros. Assim, a FOSPA é hoje um órgão da Secretaria Estadual de Cultura.

A FOSPA apresenta-se regularmente, em concertos semanais, tendo adquirido uma sólida imagem no cenário artístico e cultural de nosso estado. É a única orquestra sinfônica do país a atuar de forma ininterrupta desde a sua criação.

As suas atividades artísticas e culturais têm sido fundamentais para a educação musical do público, contando,

além de sua orquestra profissional, com uma orquestra jovem, um coro sinfônico e uma escola de música, para a formação das novas gerações de profissionais da música de concerto.

A FOSPA tem em sua trajetória uma forte tradição de trazer ao estado solistas e regentes de reputação nacional e internacional. Possui um público cativo em nossa capital e no interior, e é considerada um dos ícones da cultura do Rio Grande do Sul. Em 2010, a Prefeitura Municipal de Porto Alegre oficializou a FOSPA como um Patrimônio Imaterial de nossa cidade.

Atualmente, ela tem sua sede e seu memorial localizados no Centro Administrativo Fernando Ferrari (CAFF), na Avenida Borges de Medeiros, nº 1501, no Centro Histórico. Além disso, ela mantém a sua Escola de Música na antiga sede do vice-governador do estado – o Palacinho – situado na Avenida Cristóvão Colombo, nº 300, no bairro Floresta.

Ao longo destes 75 anos de existência, a nossa orquestra contou com médicos que atuaram como músicos, integrantes de seu coro sinfônico, regentes, solistas ou colaboradores didáticos. Além de Guedes, participaram o também psiquiatra Marcello Guerchfeld, como regente, solista, membro de bancas examinadoras de concursos e apresentador das nossas chamadas “master classes” musicais.

O médico Nei Fialkow é um exímio e reconhecido pianista, sempre requisitado para participar como solista nas programações artísticas da FOSPA. Participaram do Coro Sinfônico a médica e contralto Eliane Borges de Borges – minha colega de ATM 79, na Faculdade de Medicina da UFRGS; a pediatra e mezzosoprano Jeanne Bloedow Littig; o cirurgião e barítono Jorge Guardiola Meinhardt Jr.; e, do que pude me informar, entre outros, a médica intensivista Helena Beatriz Reck Sangali e o cirurgião, epidemiologista e doutor em Música, Marcos da Cunha Lopes Virmond.

Deve-se destacar, igualmente, que a FOSPA contou também com dois médicos na função de presidente da instituição. São eles Ivo Nesralla e Gilberto Schwartzmann. Ivo Nesralla foi professor titular da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, diretor da Fundação Universitária de Cardiologia, membro titular e presidente da Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina e membro titular da Academia Nacional de Medicina.

Foi o precursor, em nosso estado, de diversas técnicas de cirurgias cardíacas. Realizou a primeira cirurgia de ponte de safena no Rio Grande do Sul e uma das primeiras do Brasil. Em 1984, realizou o primeiro transplante de coração do nosso estado. Em 1999, implantou o primeiro coração artificial da América Latina. No ano 2000, realizou a primeira cirurgia robótica cardíaca da América Latina. Além da Medicina, dedicou-se às artes: presidiu a nossa orquestra sinfônica e foi conselheiro e presidente da Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul.

Gilberto Schwartzmann – que assina este capítulo – é professor titular da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professor emérito da Escola Latino-Americana de Oncologia. É membro titular e presidiu a Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina, e também é membro titular e ex-diretor da Biblioteca da Academia Nacional de Medicina. Além da Medicina, dedica-se à cultura e às artes. É membro titular da Academia Rio-Grandense de Letras, presidiu a Associação da Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul foi conselheiro e presidiu a Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul. Presidiu também a Associação de Amigos do Theatro São Pedro e atualmente preside o seu conselho deliberativo. É fundador e primeiro presidente da Bach Society Brasil, conselheiro da Fundação Iberê Camargo e patrono do Instituto de Artes Visuais Zoravia Bettiol. Atualmente, preside a FOSPA.

A propósito da interessante aproximação dos médicos com a música, e a título de ilustração, lembro que, na década de 1980, minha esposa e eu residíamos em Amsterdam e estávamos a passeio em Berlim, onde fomos convidados por um casal de amigos que lá vivia a assistir um concerto da sua maravilhosa orquestra filarmônica.

Ela estudava psicologia e ele – médico – realizava o seu pós-doutorado em psiquiatria em um importante centro berlinense. A obra apresentada no concerto eu não recordo bem, mas era de Bruckner. Mais importante, a regência estava a cargo do reconhecido compositor e regente italiano, hoje já falecido, Giuseppe Sinopoli.

Sinopoli havia conduzido as maiores orquestras do mundo, como a Estatal de Dresden, a Filarmônica de Viena e, naquela noite, a Filarmônica de Berlim. Após o concerto, na companhia do casal de brasileiros, nós fomos a um restaurante. Em um certo momento da conversa, falei da minha emoção em ver pela segunda vez o famoso regente italiano.

Comentei que quando moramos na Inglaterra, Leonor e eu o havíamos visto reger a Orquestra Filarmônica de Londres. Meu amigo psiquiatra sorriu e, para nossa surpresa, comentou que, além de ter conduzido também a Ópera de Berlim e a Orquestra Santa Cecília, de Roma, Sinopoli era nosso colega. O grande nome da música de concerto era médico e pós-graduado em psiquiatria. Dizia o folclore que ele já havia prestado atendimento a vários músicos que teriam passado mal durante ensaios ou mesmo concertos realizados sob a sua regência.

NETSUKES E **ARTE AFRICANA** **SUBSAARIANA**

Valter Duro Garcia
e Clotilde Druck Garcia

O COLECIONADOR

Madonna tem uma coleção de arte avaliada em mais de 100 milhões de dólares. O Xeiقة do Catar é considerado o maior colecionador de arte do mundo. Os irmãos Ezra e David Nahmad possuem um acervo de obras impressionistas e modernas que ultrapassa os 3 bilhões de dólares. Mas colecionar não é privilégio apenas dos milionários do mundo da arte. Muitas celebridades também têm coleções surpreendentes, mas bem menos luxuosas: Tom Hanks, por exemplo, possui cerca de 250 máquinas de escrever, quase todas funcionando. Angelina Jolie tem uma coleção de facas. E o poeta Pablo Neruda, além de suas palavras imortais, deixou um vasto acervo de mapas antigos, carrancas de navios, caixas de música, conchas e muitos outros objetos peculiares, hoje preservados em suas casas-museu no Chile.

O que faz com que essas pessoas — e milhões de outras ao redor do mundo — sintam esse impulso de reunir objetos? O que há no ato de colecionar que nos fascina tanto?

O prazer do colecionismo

Colecionar é mais do que acumular objetos: é construir uma narrativa pessoal, preservar fragmentos do tempo, mergulhar em histórias e paixões. Cada coleção reflete os interesses, as memórias e até a personalidade do colecionador. Para alguns, pode ser um hobby que começa na infância, reunindo figurinhas, folhas de árvores ou até carteiras de cigarro (como fizemos quando crianças). Para outros, uma busca por conhecimento, como os bibliófilos que se dedicam a edições raras. Há ainda aqueles que veem suas coleções como um investimento ou um legado cultural — afinal, museus e bibliotecas nada mais são do que grandes coleções organizadas.

Independentemente do motivo, colecionar é uma atividade que envolve pesquisa, descoberta e até conexões sociais. Feiras, leilões, grupos e fóruns criam verdadeiras comunidades em torno de interesses comuns. Além disso, essa prática pode trazer benefícios inesperados: desenvolvimento de habilidades de organização, aprofundamento cultural e até alívio do estresse.

O universo dos colecionadores

O mundo do colecionismo é vasto. Há colecionadores de arte, aqueles que buscam pinturas, esculturas e fotografias. Os amantes da música, que reúnem discos raros e memorabilia de artistas. Os aficionados por esportes, que guardam camisas, autógrafos e equipamentos históricos. E, claro, os colecionadores de antiguidades, livros raros, selos, moedas, cédulas, autógrafos, brinquedos antigos — a lista é infinita.

Nós mesmos trilhamos esse caminho ao longo dos anos. Durante a faculdade, nos anos 1970, colecionamos jornais alternativos, como *O Pasquim*, *Movimento* e *Pato Macho*. Nos anos 1980, nossa atenção se voltou para a arte africana, tapetes e telas de pintores brasileiros. Mais recen-

temente, passamos a colecionar livros sobre a história do transplante, objetos indígenas e *netsukes* — pequenas esculturas japonesas que contam histórias ricas em detalhes. Também guardamos conchas de praias visitadas, cédulas de países por onde passamos e até chaves de hotéis que marcaram nossas jornadas.

Muito além dos objetos

No fim das contas, colecionar é uma forma de dar sentido ao mundo ao nosso redor. Cada peça de uma coleção carrega um significado especial, seja pelo valor histórico, pelo vínculo emocional ou pela simples satisfação de tê-la encontrado. No Brasil, celebramos essa paixão no Dia do Colecionador, em 18 de novembro, reconhecendo que essa atividade une pessoas, preserva histórias e mantém viva nossa cultura. Nas próximas seções, exploraremos duas de nossas coleções mais especiais: a de *netsukes* e a de arte africana. Cada uma delas carrega um universo próprio, pronto para ser desvendado.

NETSUKE: A ARTE JAPONESA EM MINIATURA

Uma arte que cabe na palma da mão

Foi num leilão de antiguidades, daqueles que transformam tardes comuns em aventuras inesperadas, que tudo começou. Em meio a dezenas de objetos, uma pequena peça de marfim capturou nosso olhar. Não mais que alguns centímetros de tamanho, mas repleta de detalhes tão precisos que pareciam impossíveis para mãos humanas terem esculpido. Aquela miniatura — uma mãe com olhos tão expressivos que quase se podia sentir sua felicidade carregando seu filho — foi nosso primeiro *netsuke* (figura 1).

Naquela tarde, não sabíamos que aquela pequena aquisição seria o início de uma paixão que nos levaria a es-

*Já lhe contei,
dizia ele, como
nós amávamos
essas miniaturas
quando éramos
crianças? Que
minha mãe e meu
pai ganharam
essa coleção de
um primo em
Paris? E já lhe
contei a história
do bolso de Anna?
(Edmund de Waal,
A lebre de olhos
de âmbar, 2010.)*

Figura 1.

Netsuke em marfim. Mãe e filho. Coleção de Valter e Clotilde. Fotografia de Douglas Fischer.



tudar, viajar e nos tornar membros da *International Netsuke Society*. Hoje, quando seguramos qualquer uma das 84 peças de nossa coleção, sentimos a mesma fascinação daquele primeiro encontro.

Os *netsukes* são muito mais que simples ornamentos. São narrativas em miniatura que convergem funcionalidade e expressão artística numa forma única. Variando, geralmente, de um a seis centímetros. Essas esculturas — tradicionalmente confeccionadas em marfim, madeira ou cerâmica — possuem dois pequenos orifícios por onde passa um cordão de seda. Esse detalhe aparentemente simples revela sua função original: servir como contrapeso e fecho para os sacos que os japoneses usavam pendurados em seus quimonos. Mas como toda grande arte, os *netsukes* transcenderam sua função utilitária para se tornarem símbolos de uma cultura e época.

**Do útil ao sublime:
a jornada dos *netsukes* pela história**

Imagine o Japão do século XVII. As vestimentas tradicionais, especialmente os quimonos, não possuíam bolsos, que era um desafio prático para quem precisava carregar

pequenos objetos do cotidiano. A solução encontrada foi tão engenhosa quanto elegante: sacos suspensos (*sagemono*) presos ao cinto (*obi*) por meio de um cordão. Esses recipientes transportavam desde bolsas e caixas de medicamentos (*inro*) até materiais de escrita (*yatate*) e tabaco.

O problema é que esses cordões precisavam de algo que os impedisse de escorregar. Foi assim que nasceram os *netsukes*, inicialmente como simples contrapesos funcionais que, com o tempo, se transformaram em verdadeiras joias da arte japonesa.

A evolução dos *netsukes* acompanha as próprias transformações da sociedade japonesa. Podemos traçar sua história em três períodos fundamentais.

Durante o período inicial (do século XVII ao XIX), considerado a era de ouro da escultura de *netsukes*, as peças eram grandes e robustas. Foi uma época em que mercadores enriquecidos buscavam exibir seu status por meio de ornamentos luxuosos, o que impulsionou a criação de *netsukes* mais delicados e finamente esculpidos, embora mais frágeis.

Quando caminhamos em nossa casa, às vezes paramos para contemplar um *netsuke* particularmente antigo de nossa coleção: um velho sábio com um pergaminho, esculpido em marfim, amarelado pelo tempo. Imaginamos as mãos do artista moldando cada detalhe, as rugas do rosto, as dobras do tecido, criando uma peça que atravessaria séculos e continentes antes de chegar até nós.

Com a Revolução Meiji (1868–1945), o Japão abriu-se ao Ocidente e incentivou um estilo de vida ocidentalizado. Paradoxalmente, enquanto a demanda local por *sagemono* e *netsukes* diminuía, o turismo estrangeiro descobria essas miniaturas, proporcionando uma nova oportunidade para os escultores. Contudo, a qualidade das peças produzidas para exportação diminuiu, e apenas um pequeno grupo de artistas manteve a tradição de criar obras de alta qualidade.

No período posterior à Segunda Guerra Mundial (de 1946 até o presente), a demanda ressurgiu, mas muitos *netsukes* passaram a ser produzidos em massa, como souvenirs. Felizmente, a partir da década de 1970, alguns artistas buscaram inovar e refletir a contemporaneidade em suas obras, enquanto colecionadores estrangeiros fundaram associações para promover a troca de ideias e valorização desta arte.

Um universo de formas e significados

Um dos aspectos mais fascinantes dos *netsukes* é a diversidade de temas que retratam. Em nossa coleção, temos 43 figuras humanas, 5 máscaras e 36 animais diferentes — um pequeno zoológico que inclui gatos, cachorros, ratos, rinocerontes, leões, tartarugas, cavalos, sapos, peixes, leões-morsas, coelhos, alces, galos, caranguejos e até dragões. Nossos *netsukes* estão apresentados na figura 2.

Cada tema carrega significados culturais profundos. Os animais frequentemente simbolizam virtudes como longevidade e coragem. As figuras humanas retratam desde samurais e gueixas até deuses do panteão japonês e, também, estrangeiros como chineses e holandeses. Algumas peças são abstratas, apresentando padrões estilizados que destacam a habilidade técnica do artista.

Edmund de Waal, o célebre ceramista inglês e autor de *A lebre de olhos de âmbar*, descobriu os *netsukes* aos 17 anos,

Figura 2.
Visão geral
da coleção de
netsukes de
Valter e Clotilde.
Fotografia de
Douglas Fischer.



enquanto era aprendiz em Tóquio. Ele viu pela primeira vez a coleção de seu tio-avô, Ignace Ephrussi, mas somente anos depois, quando herdou essas esculturas, começou a compreender a extraordinária história que carregavam. De Waal destaca algo, que também descobrimos em nossa jornada: a importância do tato na apreciação dos *netsukes*. Quando acariciamos suavemente essas peças e as observamos atentamente, descobrimos detalhes sutis que o escultor incorporou, às vezes invisíveis ao primeiro olhar. É uma experiência íntima, quase como compartilhar um segredo com o artista através do tempo.

Os *netsukes* também variam em sua forma estrutural. Existem os *manju*, nomeados em homenagem a um popular doce japonês de pasta de feijão, com formato redondo e achatado; os *kagamibuta*, semelhantes ao *manju*, mas com uma tampa geralmente de metal sobre uma tigela oca; os *ryusa*, outra variação do *manju*, com esculturas abertas que os tornam mais leves; os *katabori*, tridimensionais, representando uma ampla gama de temas; e os *hitotsume*, versões em miniatura de máscaras tradicionais utilizadas em artes cênicas japonesas.

A alquimia dos materiais

A própria palavra *netsuke* revela suas origens modestas. Escrita em japonês, com dois caracteres (根付), que significam “raiz” e “anexado”, sugere que as primeiras peças eram provavelmente feitas de pedaços simples de raiz ou madeira, ou outros materiais naturais como conchas e pedras.

A introdução do marfim como material preferido veio com o comércio holandês, que importava esse material do norte da África. O marfim era altamente valorizado por sua suavidade e capacidade de possibilitar detalhes finos. Curiosamente, muitos *netsukes* foram criados aproveitando sobras da fabricação de palhetas para instrumentos mu-

sicais. Assim, pequenos pedaços triangulares que seriam descartados encontraram uma nova vida nas mãos de escultores habilidosos.

A técnica envolvida na criação dos netsukes era metódica. Os artistas dedicavam horas, às vezes dias, para esculpir e polir suas obras, buscando um acabamento perfeito. Era um trabalho que exigia não apenas talento artístico, mas também paciência e precisão incomparáveis.

Serendipidade: encontros inesperados

Em fevereiro de 2025, estávamos visitando a Cidade do Cabo, na África do Sul, com o objetivo principal de explorar a arte africana. Como acontece nas melhores viagens, um desvio no roteiro nos proporcionou uma surpresa memorável — decidimos visitar o *South African Jewish Museum* e descobrimos que o museu abriga, como acervo permanente, a impressionante coleção de netsukes de Isaac Kaplan (figura 3).

Em uma sala especial, cerca de 200 itens estavam expostos, todos exemplos notáveis datando dos séculos XVII a XIX, esculpidos em marfim, chifre de veado e madeira. Enquanto caminhávamos entre as vitrines, maravilhados com aquelas pequenas obras-primas, refletimos sobre os caminhos inesperados pelos quais o colecionismo nos leva. As peças representavam trinta anos de busca apaixonada de Kaplan. Na loja do museu, adquirimos o livro *Hidden Treasures of Japanese Art: The Isaac Kaplan Collection*, que se tornou uma referência valiosa para nossa própria coleção.

Essa experiência nos fez lembrar de outra coleção famosa — a de Edmund de Waal, que está permanentemente exposta no *Jewish Museum Vienna*. A história dessa coleção, narrada em *A lebre de olhos de âmbar*, é tão fascinante quanto as próprias peças. Originalmente, os netsukes foram presentes de casamento de Charles Ephrussi para seu primo Viktor, em 1899. Charles, crítico de arte e defensor



Figura 3.
Galeria Isaac Kaplan de *netsukes*, no South African Jewish Museum, Cidade do Cabo.

apaixonado dos impressionistas, era amigo de Renoir e foi retratado no quadro *O almoço dos barqueiros* — ele aparece ao fundo, uma figura distinta na multidão, vestido de preto, com uma cartola ligeiramente inclinada.

Após a anexação da Áustria pelos nazistas, em 1938, a Gestapo confiscou os bens da família Ephrussi, forçando-os ao exílio. Parecia que a coleção estava perdida para sempre, mas Anna, a camareira da família, arriscou-se para salvar os *netsukes*, escondendo-os em seu colchão durante toda a ocupação nazista. Após a guerra, ela os devolveu à família — um ato de coragem e lealdade que permitiu que essas pequenas obras de arte sobrevivessem para contar sua história.

Universos miniaturizados

Nossa coleção de *netsukes* nos oferece algo raro e precioso: a possibilidade de segurar a história literalmente na palma da mão. Cada peça não é apenas um exemplar de habilidade artesanal excepcional, mas também uma janela para a psicologia e as tradições de uma sociedade antiga.

A busca por novas peças para nossa coleção tem sido uma jornada de aprendizado constante e uma profunda

conexão com a arte japonesa. A diversidade de temas, materiais e técnicas usados na confecção dessas obras reflete a complexidade da cultura japonesa e seu valor atemporal.

Quando seguramos um *netsuke* — seja a mãe com o filho, que iniciou nossa coleção, ou qualquer uma das 83 peças que vieram depois — sentimos uma ligação quase mágica com o artista que o esculpiu séculos atrás. Seus dedos tocaram a mesma superfície que agora tocamos, e por meio dessa conexão tátil, conversamos silenciosamente através do tempo.

Talvez seja este o verdadeiro fascínio dos *netsukes*: sua capacidade de concentrar, em alguns centímetros de material, séculos de tradição, histórias de pessoas comuns e extraordinárias, símbolos de uma cultura milenar e a genialidade de artistas cujos nomes muitas vezes se perderam, mas cujo legado continua vivo em cada detalhe esculpido com precisão e amor.

Os *netsukes* não são apenas objetos decorativos; são tesouros que conectam passado e presente, revelando a essência da expressão artística nipônica e, ao mesmo tempo, algo de universal que transcende fronteiras e épocas. Na palma da mão, todo um mundo se revela.

A ARTE AFRICANA SUBSAARIANA: UM TESOURO REVELADO

O primeiro encontro com a África

Fevereiro de 1983. O calor úmido de Libreville nos recebeu como um abraço apertado quando descemos do avião no Gabão. Na época, nossos filhos eram ainda muito pequenos: Gabriel, com quase dois anos, e Leonardo, um bebê de apenas dois meses. Alguns amigos nos questionaram sobre a sensatez de viajar para a África com crianças tão pequenas, mas algo nos impulsionava, talvez a curiosidade, talvez um chamado que ainda não compreendíamos completamente.

Fomos visitar nossa prima Luciana e seu marido Beto, que trabalhava como secretário da Embaixada do Brasil no Gabão. Durante aqueles dez dias, o continente que conhecíamos apenas por livros e documentários revelou-se em cores, sons e texturas que nenhuma imagem poderia capturar.

Uma viagem ao interior nos levou a Lambarene, às margens do rio Ogooué. Ali, visitamos o hospital construído por Albert Schweitzer, médico, teólogo e músico, que em 1952 recebeu o Nobel da Paz por seu trabalho humanitário. O hospital, mesmo após a morte de Schweitzer em 1965, continuava funcionando. Conhecemos dois jovens médicos suíços, um clínico e um cirurgião, que dedicavam um ano de suas vidas àquela comunidade, antes de serem substituídos por novos voluntários — um ciclo de generosidade que perdurava no tempo.

Mas foi nas ruas, nos mercados e nas casas de artesãos que encontramos o que viria a se tornar nossa paixão: a arte africana. Em meio a estatuetas, máscaras e objetos ritualísticos, sentimos algo que transcendia a simples apreciação estética. Havia ali uma força, uma energia que emanava daquelas peças e nos falava de histórias ancestrais, de rituais, de uma conexão com a terra e com os espíritos que nós, médicos formados pela ciência ocidental, não conseguíamos explicar racionalmente.

Nossa coleção começou com várias pequenas estatuetas e objetos em madeira, marfim e pedra. Mas a peça que marcou o início dessa jornada foi uma estatueta de madeira, com 40 centímetros de altura, representando um pajé. Não estava à venda, e consegui-la exigiu não apenas recursos financeiros, mas também negociação e, talvez, um pouco do destino trabalhando a nosso favor. Hoje, quatro décadas depois, ela continua sendo uma de nossas peças favoritas, um lembrete constante daquele primeiro encontro com a alma artística da África (figura 4).

Figura 4.

Escultura de um Pajé, adquirida na feira de Lambarene. Coleção de arte africana de Valter e Clotilde. Fotografia de Douglas Fischer.



É curioso como os caminhos se entrelaçam: naquela mesma viagem, por intermédio da Embaixada Brasileira, tivemos uma reunião com o Secretário do Ministério da Saúde do Gabão. Conversamos sobre a possibilidade de implementar no país um programa de diálise e transplante renal. O Secretário, com sabedoria, nos explicou que, apesar da necessidade dessas tecnologias, a prioridade naquele momento era a atenção primária e a prevenção e tratamento das doenças

endêmicas. Os poucos casos que necessitavam desses procedimentos eram encaminhados para Paris. Hoje, o Gabão já possui unidades de diálise, mas o programa de transplante renal continua sendo um projeto para o futuro.

Aquela viagem marcou o início não apenas de uma coleção, mas de uma busca constante que nos levaria a antiquários, feiras, leilões e diversas outras viagens ao exterior. Ao longo dos anos, reunimos mais de 200 peças, incluindo esculturas, estatuetas e objetos ritualísticos, predominantemente em madeira, mas também em bronze, marfim, osso e pedra, originárias de diversos países africanos.

Um continente, muitas histórias

Para compreender a arte africana, é preciso primeiro entender o contexto de onde ela emerge. A África, considerada o berço da humanidade, viu os primeiros hominídeos habitarem suas regiões sul e leste há aproximadamente 50 milhões de anos. O *Homo sapiens*, nosso ancestral direto, surgiu nas áreas oriental e meridional, há cerca de 300 mil anos, antes de iniciar sua jornada pela Eurásia e Oceania, há 40 mil anos, e, posteriormente, pelas Américas, há 10 mil anos.

(1460 a 1591); o Reino de Daomé em Benin (1600 a 1904); e a Confederação Zulu, no sudeste africano (1818 a 1897).

A partir do século XV, essa narrativa se entrelaça tragicamente com a europeia. Navegadores de Portugal e Espanha, seguidos por ingleses, franceses e holandeses, estabeleceram feitorias e portos, não apenas para a extração de matérias-primas, mas principalmente para o tráfico de escravos destinados às colônias americanas. Estima-se que entre 15 e 20 milhões de africanos tenham sido escravizados entre os séculos XVI e XIX — uma ferida que ainda sangra na memória coletiva do continente e do mundo.

No século XIX, a imposição do regime colonial resultou na destruição ou profunda modificação das estruturas sociais, econômicas, políticas e religiosas da maioria dos territórios subsaarianos. A infame Conferência de Berlim (1884-1885) formalizou a “partilha da África” entre as potências europeias, usando o princípio da “ocupação efetiva” como justificativa para a anexação de colônias. Inglaterra e França foram os principais beneficiários desse arranjo, que ignorou completamente as realidades culturais e étnicas locais.

Somente após a Segunda Guerra Mundial começaram os movimentos de descolonização, culminando, entre 1960 e 1975, na independência da maioria dos países africanos. Esses novos Estados enfrentaram — e muitos ainda enfrentam — sérios desafios relacionados à integração nacional. Desafios esses que foram impostos pelas fronteiras arbitrárias herdadas do colonialismo, pela pobreza generalizada e por governos frequentemente caracterizados por ditaduras militares e presidencialismos autoritários.

A criação da Organização da Unidade Africana (OUA) em 1963, baseada na ideia do pan-africanismo, foi uma tentativa de promover a cooperação entre as nações recém-independentes para enfrentar esses desafios comuns.

A diversidade cultural africana

Quando nos deparamos com uma escultura ou máscara africana, estamos olhando não apenas para um objeto, mas para a expressão de uma identidade cultural específica. A África abriga cerca de 800 grupos étnicos, variando em tamanho e população. Alguns desses grupos representam milhões de pessoas, enquanto outros são compostos por apenas alguns milhares. Em determinados países, é possível encontrar mais de 70 diferentes grupos étnicos convivendo dentro das mesmas fronteiras nacionais.

Essa diversidade étnica se reflete na riqueza linguística do continente. O número de idiomas falados como línguas nativas é estimado entre 1.250 e 2.100, dependendo da distinção que se faz entre idioma e dialeto. A maioria dessas línguas é utilizada por grupos pequenos, com apenas centenas ou algumas dezenas de falantes. Entre as mais amplamente faladas estão o amárico, o berbere, o swahili, o hauçá, o igbo e o ioruba, todas com milhões de falantes. O português, o francês e o inglês são predominantes nas ex-colônias, especialmente entre a população urbana.

A diversidade religiosa também é notável. A maioria da população da África Subsaariana se identifica como cristã (57%) ou muçulmana (29%), enquanto muitos também praticam religiões africanas tradicionais (14%), que englobam uma variedade de crenças específicas de grupos étnicos. Frequentemente, observa-se um sincretismo religioso, em que elementos das religiões tradicionais se mesclam com práticas cristãs ou islâmicas.

Essa imensa diversidade cultural é, em parte, resultado da preservação contínua de uma estrutura social tribal, que se manteve até tempos recentes, permitindo que distintas práticas e tradições culturais fossem preservadas e transmitidas ao longo das gerações.

A redescoberta de uma arte incompreendida

Por muito tempo, a história africana foi escrita e interpretada pelos colonizadores europeus, que frequentemente consideravam a arte dos povos da África Subsaariana como manifestações “primitivas” ou “bárbaras”. Essa visão reducionista a classificava como uma expressão típica da fase inicial do desenvolvimento humano, sugerindo que só poderia evoluir para algo mais “sofisticado” após passar de uma fase “primitiva” para uma fase “superior”.

Por trás dessa concepção estavam não apenas preconceitos nascidos da ignorância sobre a riqueza da arte tribal africana, mas também uma ideologia colonialista, que via os povos da África Subsaariana como inferiores e necessitados da “civilização” europeia.

Felizmente, a valorização artística dos objetos africanos começou a ser reconhecida antes de seguir o longo percurso preconizado pela teoria evolucionista. Essa redescoberta encontrou apoio em críticos de arte e importantes artistas ocidentais, como Guillaume Apollinaire, Paul Guillaume, Henri Matisse, André Derain, Maurice de Vlaminck, Pablo Picasso e Georges Braque.

Esses artistas, atraídos pelas estatuetas, máscaras e outros objetos ritualísticos trazidos da África pelos colonizadores, perceberam que essas obras possuíam um valor artístico intrínseco, reconhecendo-as como arte em seu sentido pleno.

Para Picasso, em particular, esse encontro foi transformador. Ele utilizou elementos das máscaras e da iconografia africana para desenvolver o estilo artístico conhecido como cubismo, que fragmentava as figuras e inaugurava uma nova maneira de perceber e representar o mundo. Pode-se dizer, portanto, que a arte africana ofereceu uma contribuição significativa ao modernismo ocidental, embora essa influência nem sempre tenha sido devidamente reconhecida.

Até o início do século XX, a arte da África Subsaariana era praticamente desconhecida no Ocidente. Um marco importante no seu processo de reconhecimento ocorreu em 1915, quando o escritor, historiador e colecionador alemão, Carl Einstein, publicou a obra *A arte negra*. Esse foi o primeiro livro dedicado exclusivamente ao estudo das artes dos povos africanos, no qual Einstein tratou o tema de maneira independente, reconhecendo sua riqueza e diversidade artística.

A linguagem visual da África

A arte africana compreende a totalidade de expressões artísticas presentes no continente, especialmente na região Subsaariana, onde se destacam as áreas ocidental e central. Frequentemente designada como tradicional ou tribal, constitui um verdadeiro reino de criatividade, enraizada nas diversas culturas e tradições locais.

A história dessa expressão artística remonta ao período pré-histórico, com as esculturas mais antigas datadas de 1500 a.C., produzidas pela cultura Nok, na região que hoje corresponde à Nigéria. O povo Igbo Ukwu é conhecido por suas notáveis obras em metal, especialmente em bronze, além de trabalhos em terracota, marfim e pedras preciosas. Outro importante exemplo são as esculturas em marfim dos povos Ioruba e Bakongo.

Contudo, o material mais amplamente utilizado pelos artistas africanos foi a madeira, com a qual confeccionaram uma variedade de máscaras e esculturas. Infelizmente, uma parcela significativa dessas obras se perdeu ao longo do tempo, em decorrência de intempéries climáticas e da intolerância religiosa por parte de grupos muçulmanos e cristãos que, ao entrar em contato com essas civilizações, destruíram parte de seus acervos culturais.

A arte africana se caracteriza pela diversidade de técnicas de criação: os objetos podem ser esculpidos, fundidos,

pintados ou trançados, e frequentemente são utilizados tanto como adornos corporais quanto como itens sagrados ou de uso cotidiano. Em geral, as obras representam ancestrais e apresentam figuras geométricas, antropomórficas, zoomórficas ou antro-po-zoomórficas.

Embora cada uma das centenas de povos que habita o continente possua particularidades e costumes distintos, existem algumas características comuns que perpassam suas manifestações artísticas. Pode-se dizer que os africanos conseguiram produzir uma arte que, embora livre e criativa, preserva a rigidez exigida por suas tradições, em busca de um entendimento mais profundo da espiritualidade e da ancestralidade.

As máscaras, em particular, ocupam um lugar especial nesse universo artístico. Utilizadas para incorporar espíritos, ancestrais ou divindades durante rituais religiosos, essas peças eram dotadas de poder espiritual e desempenhavam um papel fundamental na conexão entre os reinos humano e espiritual.

É importante ressaltar que essas máscaras eram criadas por indivíduos especiais dentro da comunidade, que tinham a responsabilidade de produzir obras que representassem toda a coletividade, em vez de meramente refletirem anseios ou inspirações pessoais, como frequentemente ocorre na arte ocidental. Os principais países e respectivas etnias, de onde se originam as máscaras, estão presentes na figura 6.

Um senso estético permeia todas as áreas da atividade cultural africana, manifestando-se não apenas nas esculturas e máscaras, mas também em objetos utilitários e ornamentais. O “apoio de cabeça” (*head-rest*), por exemplo, tem como objetivo manter a cabeça na mesma altura dos ombros durante o sono, mas sua função transcende o utilitarismo, sendo associado ao sono e ao sonho, além de ser

País	Etnias					
Angola	Chokwe					
Benin	Yoruba					
Burkina Faso	Bobo	Bwa				
Camarões	Babanka	Bamileke				
Congo	Songye	Ekte	Bakongo	Yombe	Lega	Lulua
Costa do Marfim	Baule	Dan	Yaourê	Grebo	Guro	Senufo
Gabão	Fang	Bulu	Ngontang	Baule	Kwele	Punu
Guiné	Baga					
Liberia	Grebo	Dan				
Mali	Bambara	Dogon	Bamana			
Senegal	Laobe	Serer				
Serra Leoa	Mende					
Tanzania	Laonde					
Zaire	Luba	Kwele				

Figura 6. Principais países e respectivas etnias de onde se originam as máscaras.

considerado um receptáculo de forças ocultas. Esse objeto é pessoal e nunca deve ser emprestado a outra pessoa.

O assento, frequentemente na forma de banco ou cadeira, é uma das peças mais importantes do mobiliário africano, servindo como uma insígnia social. Os membros de cada sub-grupo tribal têm o direito de usar um tipo específico de assento, de acordo com seu status na hierarquia. Para um homem, não ter um banco equivale a não ter dignidade. O significado do banco está ligado a antigas crenças religiosas, e, assim como o apoio de cabeça, também é um objeto estritamente pessoal.

A arte, nesse contexto, atua como um veículo de comunicação, estabelecendo vínculos entre os planos sagrado e humano. Esses objetos criam laços significativos que mantêm a unidade do grupo social e asseguram o bom cumprimento dos rituais de passagem, que são episódios essenciais para a trajetória dos indivíduos e das sociedades.

O legado saqueado e a luta pela restituição

Uma realidade dolorosa que não podemos ignorar é que aproximadamente 90% do patrimônio artístico africano encontra-se fora do continente, principalmente na Europa. Somente o Museu Quai Branly, em Paris, possui

cerca de 70.000 objetos africanos. Grande parte dessas obras foi obtida de forma ilegal durante o período colonial.

Desde 2016, países como Benin, Senegal, Costa do Marfim, Etiópia, Chade, Mali e Madagascar têm se mobilizado para a repatriação das obras saqueadas. Em abril de 2020, a Alemanha chegou a um acordo com o governo da Nigéria para devolver cerca de 1.130 estatuetas conhecidas como “bronzes de Benim”, que adornavam o palácio do reino de Benin e foram pilhadas durante a era colonial.

Em novembro de 2022, o governo francês autorizou a devolução de 26 obras de arte de um conjunto de mais de 5.000 peças que foram saqueadas do palácio do reino de Daomé, em sua capital Abomey, no sul do atual Benim, por tropas coloniais francesas em 1892.

A devolução ocorre num momento em que se fortalecem as campanhas para que museus e galerias devolvam para os países de origem as obras de arte obtidas ilegalmente durante a era colonial. No entanto, essa decisão não é consensual, recebendo críticas de alguns setores da sociedade europeia.

O documentário *Dahomey*, dirigido por Mati Diop e produzido na França e no Senegal, que trata desse tema, recebeu o prestigiado troféu Urso de Ouro de Melhor Filme no Festival de Cinema de Berlim de 2024. Essa obra destaca a importância da memória coletiva e da identidade cultural, evidenciando como as narrativas históricas influenciam o presente.

Nas últimas décadas, tem-se observado um crescente movimento entre artistas africanos contemporâneos que, inspirados por suas raízes tribais, têm integrado técnicas e temas tradicionais a interpretações modernas. Instituições como o *Institut Fondamental d'Afrique Noire (IFAN)*, em Dacar, e o *Zeitz Museum of Contemporary Art Africa (MOCAA)*, na Cidade do Cabo, têm um papel fundamental na exibição dessas iniciativas artísticas.

Tesouros de nossa coleção

Ao longo de quatro décadas, nossa busca por peças africanas nos levou a antiquários, feiras, leilões e viagens por diversos países. Dentre os objetos mais significativos da nossa coleção, que hoje conta com mais de 200 peças, destacamos alguns que carregam histórias especiais.

Temos grandes e belas figuras femininas esculpidas em madeira nobre, algumas adquiridas em leilões no Brasil, principalmente de espólios de diplomatas, e outras em galerias, feiras e mercados na África e Europa (figura 7).



Figura 7.

Figuras femininas de madeira. Acervo de Valter e Clotilde. Fotografia de Douglas Fischer.

Há também belas figuras menores em marfim, cada uma com sua expressão única e significado cultural próprio, duas delas estão apresentadas na figura 8.

Um par de grandes estátuas de madeira com aplicações de marfim, representando uma guerreira e um caçador, ambos com 175 centímetros de altura, provenientes da África do Sul, foi adquirido em um leilão no Brasil. Essas imponentes figuras, vistas na figura 9, ocupam um lugar de destaque em nossa casa, como sentinelas silenciosas que narram histórias de coragem e tradição.

Outra peça notável é um grupo escultórico em madeira tingida e platinada com aplicações em búzios, denominado

Figura 8.

Figuras femininas em marfim. Acervo de Valter e Clotilde. Fotografia de Douglas Fischer.

Figura 9.

Figura de caçador e guerreira da África do Sul em madeira com aplicações em marfim. Acervo de Valter e Clotilde. Fotografia de Douglas Fischer.



Casal real em viagem (figura 10). Composto por cinco peças — a maior representa o casal real sentado no trono, e as outras quatro são os guerreiros que os carregam —, essa obra, originária da República de Camarões, da etnia Bamaleke, impressiona não apenas por sua beleza estética, mas também pelo simbolismo de poder e hierarquia que representa.

Uma aquisição que guarda uma história particularmente interessante é um casal de caçadores africanos em madeira, com 70 e 50 centímetros de altura. Encontramos essas peças em 2010, em uma feira de arte em Porto Alegre, sendo vendidas por um jovem nigeriano. Localizar o vendedor foi um desafio — ele estava sempre passeando pela cidade, e só o encontramos na quarta tentativa. Nossa intenção inicial era adquirir apenas a figura masculina, mas ele se recusou a separar o casal, insistindo que deveriam permanecer juntos. Hoje, agradecemos por sua insistência, pois as duas peças, lado a lado, contam uma história muito mais rica do que fariam separadas (figura 11).

A partir de 1995, começamos a colecionar máscaras tribais e já adquirimos 72 delas, produzidas em 12 países e por mais de 20 povos. Embora geralmente seja possível identificar o país de origem, em alguns casos não conseguimos distinguir a etnia específica. Cada máscara, com sua



Figura 10.

Casal real em viagem. Figuras em madeira. Família Real sentada em seu trono, originária da República de Camarões, da etnia Bamaleke. Acervo de Valter e Clotilde. Fotografia de Douglas Fischer.

expressão única, cores e materiais distintos, representa não apenas uma função ritual específica, mas também a estética e os valores culturais de seu povo de origem (figura 12).

Em julho de 2023, durante uma visita a Paris, ficamos inicialmente desanimados ao perceber que na Rue de Beaux-Arts, que anteriormente abrigava cerca de uma dezena de galerias de arte africana, restava apenas uma, apresentando poucas peças a preços exorbitantes. No entanto, a sugestão valiosa de nossa amiga e colega, Rita Brossard, nos levou ao Marché d'Aligre, no 12º *arrondissement*.



Figura 11.

Casal nigeriano de madeira. Acervo de Valter e Clotilde. Fotografia de Douglas Fischer.



Figura 12.

Máscaras em madeira de variadas etnias tribos. Acervo de Valter e Clotilde. Fotografia de Douglas Fischer.

Nesse vibrante mercado, conseguimos, após fazer uma encomenda, adquirir, de um jovem artesão originário de Camarões, três belos descansos de cabeça. Duas dessas peças eram feitas de madeira — uma apoiada em uma figura humana e a outra em uma figura de jacaré. A terceira era uma delicada peça de osso. Além disso, encontramos um magnífico pote circular, confeccionado em madeira e bronze, que era utilizado por curandeiros para guardar suas poções Medicinais. (figura 13).

Figura 13.
Três apoios de cabeça, um deles de osso, e dois de madeira — um representando uma figura humana sustentando o apoio e o outro com figura de jacaré. Ao fundo, há um pote de madeira e bronze para colocar ervas Medicinais. Acervo de Valter e Clotilde. Fotografia de Douglas Fischer.



A magia que permanece

De todas as nossas coleções, talvez a de arte africana seja a que mais nos proporciona prazer. Isso se deve não apenas à beleza e originalidade das peças, mas, principalmente, à magia e ao encantamento que elas nos transmitem.

Cada objeto carrega consigo uma história e uma conexão espiritual, que nos transporta para outras culturas e nos faz refletir sobre a rica variedade da experiência humana. Quando contemplamos uma máscara ritualística ou uma estatueta ancestral, sentimos algo que transcende a apreciação estética, é como se, por um momento, pudéssemos vislumbrar um mundo de significados e crenças profundamente diferentes dos nossos, mas igualmente válidos e complexos.

As peças de nossa coleção não são apenas adornos em nossa casa; são pontes que nos conectam com tradições milenares, com visões de mundo que sobreviveram a séculos de adversidades, e com a extraordinária diversidade cultural que faz da África um continente de infinitas histórias e expressões artísticas.

Em cada uma dessas obras, sentimos o pulsar de uma tradição viva, que continua a inspirar não apenas artistas contemporâneos africanos, mas também todos aqueles que têm o privilégio de contemplar e compreender esses tesouros culturais. E, para nós, como colecionadores, cada peça é um lembrete constante da beleza que nasce da diversidade humana e da importância de preservar e valorizar todas as expressões culturais, especialmente aquelas que, por tanto tempo, foram incompreendidas ou marginalizadas.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Agradecemos o apoio e a colaboração de nossos filhos e nora pela revisão e edição do texto — Leonardo e Gabriel Garcia e Claudia Backes — e aos amigos Jorge Neumann e Douglas Fischer pelas fotografias.

REFERÊNCIAS

- BLIER, Suzanne Prestes. **Las artes de los reinos de África**. Madrid: Ediciones Abat S.A., 1998.
- BLOM, Philip. **Ter e manter**: uma história íntima de colecionadores e coleções. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- BOLZ, Franziska. **African art**. Paris: Editions Place des Victoires, 2018.
- BUSHELL, Raymond. **The Inro Handbook**: studies of netsuke, inró and lacquer. 3. ed. New York: Weatherhill, 20??.

- DAVIES, Barry; BOCK, Russel; HARRIS, Victor; EARLE, Joe; KAPLAN, Mendel. **Hidden treasure of Japanese art: the Isaac Kaplan collection.** Cape Town: Kaplan Kushlick Foundation, 2005.
- DE WAAL, Edmund. **A lebre com olhos de âmbar.** Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.
- FAUVELLE, François-Xavier; SURUN, Isabelle. **Atlas historique de l'Afrique: de la préhistoire à nos jours.** Paris: Autrement, 2019.
- O'NEILL, Elena; CONDURU, Roberto (org.). **Carl Einstein e a arte da África.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2015.
- RODRIGUES, João Carlos. **Pequena história da África Negra.** São Paulo: Globo, 1990.
- RYERSON, Egerton. **The netsukes of Japan: legends, history, folklore and customs.** New York: Castle Books, 1958.
- SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA JAPONESA E ASSISTÊNCIA SOCIAL – BUNKYO. **Exposição netsuke.** Disponível em: <https://bunkyo.org.br/br/2025/01/exposicao-netsuke-muse>. Acesso em: 18 ago. 2025.

A ARTE DE DESENHAR PALAVRAS NO AR

Júlio Conte

MEDICINA, TEATRO E DRAMATURGIA EM PORTO ALEGRE

Há mais mistérios entre a Santa Casa de Misericórdia e o Theatro São Pedro do que supõe nossa médica e vã filosofia. Uma relação complexa entrelaça a Medicina e o teatro porto-alegrense. Talvez seja necessário ampliar a análise da relação entre os médicos e a arte em geral para então adentrar a questão do teatro — e, mais profundamente, da dramaturgia.

Como se sabe, as raízes da dramaturgia se firmam mais na realização da peça do que na simples escrita. A obra escrita é, antes de tudo, um registro do teatro, não seu suporte essencial. A arte coletiva da cena sempre superou o trabalho do escritor de gabinete. Sófocles, por exemplo, era considerado um poeta trágico e, além de ser um influente político, foi um estrategista e, o que é de suma relevância, sacerdote de Asclépio, ou seja, um ancestral de todos os médicos.

Em Porto Alegre, essa conexão histórica entre drama e Medicina está oculta pela obscuridade e pelo esquecimento, em razão da escassez de registros. No contrafluxo

do olvido, temos a extensa pesquisa do professor Antenor Fischer, o qual, num grande esforço de importante relevância, que mantém essa memória viva, organizou uma série de verbetes sobre dramaturgos atuantes no estado, no período entre 1900 a 1950, registrados em *A Literatura Dramática do Rio Grande do Sul*.

A carreira médica, com sua fusão intrínseca de arte e ciência, já exige, por si só, dedicação integral, o que muitas vezes impede o envolvimento mais ativo do profissional com as Artes Cênicas. Soma-se a isso o fato de o movimento do teatro no Rio Grande do Sul ser incipiente, tendo ciclos de expansão e retração, e a frequente migração de artistas e grupos rio-grandenses para o eixo Rio-São Paulo. A chamada “diáspora gaúcha” levou grandes talentos do Teatro do Estudante, do Teatro de Equipe e do Grupo Província, entre outros, para fora do estado.

Apesar disso, graças à tradição oral, sabemos que muitos médicos estiveram envolvidos com o teatro, principalmente atuando como autores e dramaturgos. Vários profissionais da área dedicaram-se com afincado à atividade teatral, mesmo sem se profissionalizarem. Esses médicos promoviam saraus, onde a nata da intelectualidade se reunia para discutir grandes textos, os quais, muitas vezes, nem sequer chegavam aos palcos. Desses encontros nasceram, inclusive, peças autorais.

Um exemplo disso é o Dr. Paulo Guedes, que dá nome a uma ala do antigo Hospital São Pedro. Segundo relatos e textos, a mim confiados pelo psicanalista Paulo Sérgio Guedes, seu pai fora um dramaturgo do cotidiano: escrevia cenas da vida familiar, com diálogos ágeis e observações sensíveis. Esses textos eram encenados por um grupo de médicos, amigos e intelectuais. A realização desses saraus recuperava momentos clássicos da história do teatro, quando os espetáculos eram realizados por membros da mesma

classe social — sinal de que o teatro estava, sim, presente no imaginário e na sensibilidade de muitos médicos.

Há também relatos de que o Dr. Godoy teria escrito várias peças, compondo uma obra dramatúrgica que, segundo dizem, mereceria ser conhecida. *Fingindo Pedra*, texto escrito junto com Mauricio Cardoso e Alziro Onarino, foi apresentado no Teatro Coliseu, em Porto Alegre, em 1911. Além do Dr. Jacintho, temos uma extensa lista de outros médicos que escreveram obras teatrais, na qual estão Mário Totta, Emílio Kemp, Florêncio Ygartua, Pedro Escosteguy, Henrique Gazzana e Miguel Russowsky. Este último, além de poeta, escreveu e colocou no palco *O segredo do pântano*. Já Mário Totta teria participado do Partenon Literário e da Academia Rio-Grandense de Letras, além de liderar o ciclo “As Horas de Arte”, que promoveu atividades culturais de meados dos anos 1920 até a metade dos anos 1930.

Boa parte dos textos dramáticos desses médicos deve estar em acervos de família, e alguns talvez tenham até se perdido no tempo, enquanto outros ainda podem estar à espera de serem descobertos. Revelam-se, assim, a amplitude do tema e a penumbra que recobre essa que é a mais enferma das artes.

Recentemente, o Dr. Gilberto Schwartsmann escreveu e encenou três textos teatrais de forma notável, apresentando domínio técnico apurado e diálogos sarcásticos e instigantes. Também desenvolveu peças inspiradas em Homero e Boccaccio, obtendo resultados que anunciam que se trata de uma dramaturgia promissora e sensível. Seus textos trazem ao palco a alma do médico-poeta, somando-se as peças teatrais à sua obra literária anterior, repleta de lirismo e observações poéticas.

Acredito que o que define verdadeiramente um dramaturgo não é apenas a escrita de peças, mas também a capacidade de compreender e expressar o subtexto do te-

atro — aquilo que está além das palavras, nas entrelinhas da emoção e do gesto. Escrever para o teatro é desenhar palavras no ar.

Minha própria experiência teatral, também exercida em dupla função, nasceu nas enfadonhas aulas de Citologia, ministradas na sala 4 do Instituto de Biociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, durante as quais eu rabiscava diálogos imaginários, para escapar do tédio e do sono pós-prandial, inevitável após os almoços gordurosos do Restaurante Universitário, localizado na avenida João Pessoa.

Tempos depois, a peça *Bailei na Curva* foi gestada, no ano em que fui reprovado por dois décimos em Medicina Interna, e por isso acabei tendo um ano sabático involuntário, no qual me dediquei exclusivamente ao teatro — mas essa é outra história, que não cabe aqui. Importa registrar que, ao longo do tempo, o diálogo entre a Medicina e o teatro foi se intensificando. Por mais de dez anos, dirigi o grupo de teatro da Associação Médica do Rio Grande do Sul (AMRIGS), realizando montagens anuais de dramaturgia, baseadas inicialmente em autores consagrados e posteriormente em criações coletivas, que surgiram a partir das contribuições de mais de sessenta colegas médicos-atores.

Foi uma experiência marcante, pois possibilitou que eu percebesse a profunda ligação entre a dor humana — presente nas enfermarias — e os sentimentos representados no palco. Há uma continuidade sensível, acessada pela empatia dos médicos-atores. Se conseguimos apresentar cerca de dez espetáculos, foi porque um sentimento humano de solidariedade e cuidado esteve sempre presente. A partilha de vivências, a intimidade com o sofrimento e a percepção refinada das nuances da alma humana que experienciamos ofereceram uma base riquíssima para a criação de personagens teatrais autênticos.

Nunca me afastei da Medicina, tampouco do teatro, salvo por breves períodos. Minha formação médica foi profundamente influenciada pelo Dr. Waldomiro Manfroi, com quem hoje compartilho a Academia Rio-Grandense de Letras, junto ao próprio Gilberto Schwartsmann. No teatro, fui aluno de mestres como Irene Brietzke, Maria Helena Lopes e, na dramaturgia, de Carlos Carvalho e, sobretudo, Ivo Bender — dignos descendentes de Asclépio, no sentido mais amplo da expressão, tendo a Medicina como arte curativa da alma.

Se a palavra teatral flutua entre corpos humanos em ondas sonoras, ela pode tanto se perder na surdez da insensibilidade quanto atingir, mais do que o nervo auditivo, a essência quântica do sujeito. Assim, ela se entrelaça à partícula essencial do ser — ao humano por excelência —, tocando o Bóson de Higgs da alma.

O CASO DO DR. CARLO CARBONE

Leonor Baptista Schwartzmann

Erico Verissimo sofria das coronárias. O seu médico oficial era o famoso Prof. Eduardo Zaccaro Faraco (1917-1992), então chefe da Enfermaria 38 da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, e mais tarde reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Salientamos que foi dele a idealização do Hospital de Clínicas de Porto Alegre como uma instituição pública, mas dotada de um modelo de funcionamento de maior autonomia. Não obstante a sua grande reputação como cardiologista, segundo o próprio Erico, o Prof. Faraco era dado a muitas formalidades, e “os dois não combinavam muito”. De fato, de quem o escritor mais gostava, e queria para os seus atendimentos, era um dos médicos assistentes da equipe do Dr. Faraco — o jovem e talentoso Aloyzio Achutti, futuro titular da Cadeira 31 e presidente da Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina. Conta o Dr. Achutti que ele e Erico se tornaram grandes amigos (SCHWARTSMANN, 2025).

Os textos literários que narram atividades médicas relacionadas a doenças são, segundo Laplantine, reveladores das representações que uma sociedade cria, em determinado período, acerca dos médicos e da Medicina. Além disso, são considerados como contribuições literárias ao conhecimento científico. Muitas vezes essas características são percebidas no gênero literário conhecido como romance

médico, no qual são representados certos estereótipos apreciados pelo grande público, como a abnegação, a superação de dificuldades e a salvação de vidas humanas (Laplantine, 1992, p. 28-31). Esse tipo de romance situa, então, o médico e a Medicina no centro da história que é contada, e não o doente ou a doença. Essa forma de narrar pode ser observada em uma série de indícios na obra de Erico, que apontam para as condições da prática médica contemporânea ao autor. Podemos, dessa maneira, inferir que, para a compreensão da atividade dos médicos, a literatura pode ser utilizada como ferramenta auxiliar, de forma a tornar possível o exame de um determinado período histórico.

Eneida Menna Barreto identifica, no romance histórico, a existência de uma intersecção entre a realidade e a possibilidade, entre o que ocorreu e o que poderia ter ocorrido. Acrescenta que, para o autor do gênero, é importante verificar a presença de potencialidades históricas em conflito e a possibilidade de recriar suas dimensões trágicas ou festivas. Em suas próprias palavras:

O texto realista emerge, então, do material comum de que a história e romance se ocupam. Da realidade da história faz parte a própria realização do romance, ou seja, os vestígios textualizados servem de embrião para a construção criadora. Da realidade do romance faz parte a realização e a irrealização da história, sendo os silêncios da história preenchidos sob a ótica da arte (Menna Barreto, 2001, p. 32).

ERICO E AS FARMÁCIAS DE CRUZ ALTA

Erico Verissimo nasce em Cruz Alta/RS, no dia 17 de dezembro de 1905, e vem a falecer em Porto Alegre, no dia 28 de novembro de 1975, aos 69 anos de idade. Dentre as suas obras mais conhecidas, incluem-se *Olhai os Lírios do Campo* (1938), a saga *O Tempo e o Vento*, escrita entre 1949 e 1962, e *Incidente em Antares* (1971). Tendo recebido muito reconhecimento literário, Erico recebeu o Prêmio Machado

de Assis, pela Academia Brasileira de Letras, no ano de 1953, e o Prêmio Jabuti, em 1965.

Uma análise mais aprofundada da obra do autor nos revela uma série de indícios de seu interesse e sua familiaridade em relação aos temas médicos. O escritor possuía ascendência portuguesa, e seu avô paterno, o Dr. Franklin Verissimo, havia se instado em Cruz Alta. Seu filho Sebastião, o genitor de Erico, receberia do pai, além de uma casa, uma farmácia.

Erico Verissimo nasceu nessa mesma casa, onde hoje há um museu em sua homenagem. Ele cresceu em um ambiente onde não faltava cultura. Seu pai possuía uma biblioteca de cerca de dois mil volumes e apreciava música de concerto – a família possuía um gramofone e vários discos. Erico dizia ter sido uma criança que vivia mais no mundo da imaginação do que no da realidade. Reconhecia que fora um menino um tanto apático, cuja cara e olhos carregavam uma melancolia de “bugre”.

Aos quatro anos de idade, Erico contraiu uma meningite, complicada por uma broncopneumonia, e foi tratado pelo médico Olinto de Oliveira, pediatra e professor da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, que viera especialmente da capital para atendê-lo em Cruz Alta. Dr. Oliveira era considerado o mais famoso pediatra do Estado (Verissimo, 1994, p. 33).

No mais, desde a infância, Erico observava o pai trabalhando na farmácia. Em 1920, foi matriculado no extinto Colégio Cruzeiro do Sul, mais tarde denominado de IPA, em Porto Alegre. Completados os seus estudos, em 1922, seus pais se separaram. Erico, a mãe e os irmãos passaram, então, a viver com os avós maternos. Endividado, o pai perdeu a farmácia. Anos depois, em 1926, Erico se tornou sócio de outra farmácia, junto de um amigo de seu pai, o que também revela a sua proximidade com os temas médicos.

Naqueles tempos, as farmácias concentravam o atendimento inicial dos pacientes, pois os tratamentos eram quase sempre preparados ou formulados naquele mesmo local. Muitas farmácias instalaram consultórios médicos nos seus estabelecimentos, os quais normalmente ficavam localizados nos andares superiores dos prédios, e, não raro, encontravam-se médicos e farmacêuticos na mesma família. Citamos, como exemplo, os médicos Biaggio Rocco, Giovanni Palombini e Michele de Patta, que tinham irmãos mais jovens farmacêuticos, o que demonstra que havia um planejamento familiar e econômico em torno dessa atividade (Schwartzmann, 2017).

O pai de Erico mandara construir, nos fundos da farmácia, dois pavilhões de madeira, para abrigar os doentes recém-operados. Dessa maneira, o autor teve a oportunidade de testemunhar atendimentos de doentes em diferentes situações. No livro *Solo de clarineta*, obra que contém as recordações de Erico de cenas que presenciou na infância, é relatado que, no pátio que se situava entre a farmácia e os recintos em que ficavam hospedados os pacientes em convalescença, havia muito quadros de Bosch, Bruegel e Goya, além de elementos cômicos que se alternavam com o trágico, o pitoresco com o grotesco, de maneira a misturar sonho com pesadelo (Verissimo, 1994, p. 37).

Em *Olhai os lírios do campo* (1938), livro que o consagrou no cenário literário, Erico vale-se das experiências vividas nas duas farmácias de Cruz Alta, sua cidade natal, onde atuavam profissionais diplomados, licenciados e não formados, para criar o romance e seus três personagens médicos e brasileiros. Infere Elizabeth Torresini que o diálogo de Erico com a modernidade, vivenciado nessa obra, tem sua expressão na representação da prática médica, sobretudo a realizada no Rio Grande do Sul, onde estava ocorrendo, naquele período, a definição do campo da Medicina

e a valorização das práticas científicas, em substituição às advindas da tradição (Torresini, 2003, p. 155). *Olhai os lírios do campo* trata da chegada da modernidade no espaço urbano, bem como de aspectos da inserção de mulheres na profissão médica. Trata-se de um cenário fértil para que Erico trabalhasse as contradições de seu tempo.

A REPRESENTAÇÃO DE MÉDICOS ESTRANGEIROS NA OBRA DE ERICO

É reconhecida a presença de médicos europeus como personagens na literatura rio-grandense do século XX. Erico criou dois desses profissionais, que se destacaram em sua obra: o Dr. Winter, médico alemão, e o Dr. Carbone, italiano, ambos personagens da trilogia *O tempo e o vento* (1949-1962). Luiz Antonio de Assis Brasil, por sua vez, criou o personagem português Dr. Gaspar de Fróis, pertencente ao romance *Um quarto de légua em quadro: diário do doutor Gaspar de Fróis* (1976), e o Dr. Fischer, psiquiatra alemão, de *Videiras de cristal* (1990).

O Dr. Gaspar de Fróis é o narrador da violência e das contradições verificadas ao longo do processo de colonização dos imigrantes açorianos. O livro *Um quarto de légua em quadro*, que possui a forma de um diário, se ambienta no século XVIII, período de expansão da coroa portuguesa. Vindo da Ilha Terceira do arquipélago dos Açores, desiludido pela morte da mulher e do filho e infeliz com a própria profissão, o personagem acompanha o processo migratório na procura de novas terras, primeiramente, no Desterro e, em seguida, no Rio Grande. Suas impressões denotam a angústia que acompanha o desalento e a solidão exemplificados pelo seu drama individual, mas também acompanham o drama coletivo de centenas de famílias que se deslocaram na procura de melhores condições de vida. Segundo Beatriz

Rebolho, o médico simboliza um intelectual esclarecido que se situa em contradição entre a ética e a realidade da inadaptação frente a um cotidiano caótico (Rebolho, [s. d.]).

Já a obra *Videiras de cristal* retrata o episódio dos Muckers (1874). Entre os personagens da obra, destaca-se o Dr. Christian Fischer, um psiquiatra alemão com um projeto de vida utópico e que termina por aderir à causa dos Mucker. O médico comunicava-se regularmente por cartas com o seu tio, que residia na Alemanha. A última carta recebida do Brasil, após dois longos anos de espera, informava que Christian desejava

ver e sentir com sua própria visão e sua pele tudo o que se passava naquela colônia alemã perdida ao sopé de um morro conflagrado, onde os homens se matavam uns aos outros e a demência corria à solta (Assis Brasil, 1990, p. 536).

Conforme afirma Léa Masina, nessa obra observa-se a manifestação do trágico que se situa por detrás das vontades humanas, ou seja, pode-se perceber a vontade divina que a própria seita dos Mucker e a figura mítica de Jacobina Maurer representam. A lei que essa comunidade viola é a da ordem estabelecida. Em outras palavras, ocorre a transgressão da lei dos homens, propiciando o surgimento do trágico na presença do interdito (Masina, 1992, p. 130-134).

Em contrapartida, Carl Winter, médico alemão, nos direciona para a imigração germânica e o cenário da Revolução Federalista. Verissimo, no livro *O Continente* (1949), através do olhar de estranhamento desse personagem que, não se enquadrando no estereótipo do imigrante com características de colono, explora e examina a sociedade rio-grandense e analisa criticamente os imigrantes alemães. Há a construção de um juízo de valor frente a violência gerada pela guerra, pela violência estabelecida e pelas mortes cruéis verificadas. Nas palavras de Carina Balzan, o olhar de estrangeiro de Carl Winter revela os valores humanistas do escritor, na medida

em que este se posiciona contra a destruição física e espiritual causada pelas guerras, que se contradiz a própria história do Rio Grande do Sul (Balzan, 2008, p. 180-181).

Os personagens médicos Winter e Fischer, citados acima, são, para Ligia Chiappini, “frutos da mescla rio-grandense para dar conta dos embates quotidianos do mundo gaúcho” (Chiappini, 2008, p. 65). Para a autora, a presença do imigrante se apresenta como um paradoxo, que tem conexões mais amplas, globalizando, pelos seus significados, a Europa com o mundo gaúcho (*Ibid.*). Tanto o imigrante europeu como o indígena e o negro, na literatura gauchesca, foram utilizados na dramatização dos contatos, confrontos e encontros culturais e raciais, produzindo o que Léa Masina denominou de regionalismo étnico (Masina, [s. d.]). Assim, a representação de médicos portugueses, alemães ou italianos na literatura gaúcha é um reflexo da imigração de trabalhadores altamente qualificados, que, por diversos motivos, partiram da Europa para o Rio Grande do Sul nos últimos três séculos.

Erico conviveu com médicos italianos em Cruz Alta. Cesar Merlo, exímio cirurgião, atendia no consultório da Farmácia Brasileira, de propriedade de seu pai, Sebastião Verissimo. Ele era auxiliado nas cirurgias pelo colega Franklin Verissimo, avô do escritor. A trajetória de Cesar Merlo se entrelaça com a criação de uma casa de saúde em Jaguari/RS, juntamente com o agente consular Giovanni Lena. Ainda, Merlo trabalhou no Hospital de Caridade de Santa Maria, junto com Nicola Turi, e em Caxias do Sul, onde se radicou e criou a primeira policlínica da cidade, em parceria com os colegas Enrico Fracasso e Vincenzo Bornancini (Schwartzmann, 2017, p. 327).

Citamos também a atuação de Pedro Turi, em Santa Cruz do Sul, e dos familiares do oftalmologista Arrigo Cini, que compunham sua parentela. Contatos com profissio-

nais provenientes desse mesmo grupo étnico se repetiram em Porto Alegre. Vale lembrar que a época em que Erico escreveu sua obra, *Olhai os lírios do campo* foi caracterizada também pelas discussões acaloradas relacionadas ao tardio reconhecimento da profissão médica, aos reflexos negativos da liberdade profissional e à regulamentação do exercício de médicos estrangeiros no Rio Grande do Sul (Schwartzmann, 2017).

Inferimos que essas vivências habilitaram Erico a criar o personagem Carlo Carbone. Certamente, o escritor inspirou-se no Dr. Cesar Merlo, que, como mencionado, realizava cirurgias na sala de operações da farmácia de seu pai, em Cruz Alta. Verissimo o descreve com admiração na obra autobiográfica *Solo de Clarineta* (1974). O autor destaca ironicamente, além das habilidades técnicas do cirurgião, o questionamento e as dúvidas, por parte da população, frente ao fato de um cirurgião considerado tão habilidoso estar trabalhando na pequena cidade de Cruz Alta, conforme pode ser observado no excerto a seguir:

Na sala de operações da farmácia, o Dr. Cesare Merlo, cirurgião italiano, novo na cidade trabalhava sem cessar. Era alto e elegante. Tinha uma bela voz de barítono e a barba castanha lhe dava um ar de conde de opereta. Murmurava-se que havia roubado a um amigo na Itália, a mulher com quem vivia agora, Dona Marianna, simpática, rapariga de olhos vivos e voz meio rouca, que eu achava muito parecida com a Gigetta, personagem duma série de filmes cômicos do cinema italiano.

Garantia-se na roda da farmácia que o marido legítimo de D. Marianna jurara assassinar o Dr. Merlo, e isso explicava o fato de um cirurgião de tal calibre ter vindo bater com os costados naqueles cafundós, onde pela graça de Deus vivíamos.

A reputação do médico de “mãos mágicas” aumentava dia a dia, de sorte que não só da nossa cidade como também das colônias italianas do interior do município pacientes chegavam-lhe às dezenas. E o cirurgião operava hérnias, extraia tumores, fazia ablações, laparotomia (Verissimo, 1994, p. 36).

Nas obras *O retrato* (1951) e *O arquipélago* (1961), há uma série de indícios quanto à percepção do personagem

Carlo Carbone e às características da prática médica no Rio Grande do Sul, representada no cenário da cidade fictícia de Santa Fé. Conta a narrativa que Carlo Carbone retornara à Itália para participar da Grande Guerra e assumir o posto de coronel médico do exército italiano. Após o final do conflito, esse profissional retornaria para Santa Fé.

Na realidade, médicos italianos residentes no Rio Grande do Sul de fato foram convocados ou atuaram como voluntários no exército italiano durante a primeira Guerra Mundial (Schwartzmann, 2017). Entre eles, encontravam-se os médicos Cesar Merlo, Riego Sparvoli, Bartholomeu Tacchini, Pietro Francesco Bertoni, Conde Pietro Polcenigo, Celso Taddei, Pasquale Manera, Atilio Giuriolo e Guido Nastrucci — sendo que este morreu no front de guerra —, os quais tiveram carreiras médicas reconhecidas na Medicina rio-grandense (Schwartzmann, 2017, p. 345). Tanto esses médicos como muitos daqueles que imigraram após o conflito atuaram como oficiais médicos durante a guerra e adquiriram habilidades técnicas no processo, as quais foram desenvolvidas para tratar os feridos da carnificina bélica. Esses profissionais tornaram-se reconhecidos médicos no Rio Grande do Sul e ajudaram a criar casas de saúde, hospitais, enfermarias para tuberculosos e enfermarias de ginecologia, obstetrícia e pediatria. Além disso, um marco importante da Medicina gaúcha foi a criação do Hospital Tacchini, em Bento Gonçalves, que até hoje carrega em seu nome a homenagem ao seu fundador. Destaca-se, ainda, o papel de Riego Sparvoli na criação de enfermarias de ginecologia e obstetrícia separadas das de cirurgia e maternidade na Santa Casa de Rio Grande, além do fato de este ser um reconhecido cirurgião geral.

O nome do personagem Carlo Carbone é sugestivo, pois existiu de fato um médico com o mesmo sobrenome. Romulo Carbone residiu em Porto Alegre, onde acumulou as funções de professor de Clínica Cirúrgica e de diretor da Escola

Médico-Cirúrgica de Porto Alegre, que foi criada em 1915 e encerrada na década de 1930. Durante a estadia na capital, Carbone criou uma casa de saúde no bairro Menino Deus, juntamente com o nobre colega Conde Pietro Polcenigo. Em Caxias do Sul, Romulo Carbone assumiu a direção do Hospital de Caridade Nossa Senhora da Pompéia. Nesse hospital, cuidou dos revolucionários feridos na Revolução de 1923, atuando como médico e diretor da Cruz Vermelha. Ele foi retratado em fotografias em que aparece socorrendo os combatentes feridos, publicadas no *Álbum dos Bandoleiros: Revolução Sul Rio Grandense* (1923). A sua morte, ocorrida em 1961, foi considerada uma grande perda para a cirurgia tanto de Caxias do Sul quanto de todo estado, conforme publicações dos jornais da época (Schwartzmann, 2017, p. 349).

Voltando à obra de Verissimo, o texto de *O retrato* revela as condições dos atendimentos médicos realizados no período, bem como descreve os locais onde estes eram realizados — os consultórios, a concepção das farmácias e das casas de saúde e as necessidades prementes dos doentes. Aqui identificamos grande semelhança entre a narrativa ficcional e seu relato autobiográfico na obra *Solo de Clarineta*, no que tange às características do Dr. Merlo e às do personagem denominado Carlo Carbone. No excerto reproduzido abaixo, é descrita a criação de uma espécie de casa de saúde que vivia lotada:

[Rodrigo Cambará] Felicitava-se por ter tido a ideia de trazer aquele italiano para Santa Fé. O diabo do gringo tinha mãos de mago: era indubitavelmente o maior operador que aparecera no Rio Grande do Sul. Outra grande ideia fora a de construir no quintal da farmácia aqueles pavilhões de madeira com os quartos onde ficavam os doentes para as operações. Era uma espécie de paródia de sua sonhada casa de saúde... E esse hospital improvisado vivia sempre cheio e não raro tinham de acomodar precariamente os operados nos corredores em cima de colchões estendidos no soalho. De todos os pontos de Santa Fé e dos municípios vizinhos afluíam doentes. O Dr. Carbone trabalhava desde o raiar do dia e às vezes tinha de continuar operando noite adentro (Verissimo, 1975, p. 431).

O trecho a seguir consta no capítulo intitulado “Lenço encarnado”, da obra *O arquipélago* (1961). O episódio situa-se na Revolução de 1923, durante um confronto entre chimangos e maragatos. O Dr. Carbone é chamado para prestar o atendimento dos feridos que estavam alojados na intendência de Santa Fé. Apesar de seu demonstrado interesse em participar ativamente dos combates, as pretensões do médico foram-lhe negadas, só restando a ele ficar na retaguarda e socorrer os feridos.

Um homem dirigia-se para a Intendência, tendo numa das mãos um pau com uma bandeira branca na ponta, e na outra uma maleta. O Dr. Carbone! Vinha metido no uniforme cor de oliva dos bersaglieri. As plumas de seu romântico capacete fulgiam ao sol. Ao avistar os irmãos Cambarás, apressou o passo. Ao chegar à calçada, largou a bandeira, atravessou a rua correndo, caiu nos braços de Rodrigo, beijou-lhe ambas as faces e, de olhos enevoados, no seu cantante dialeto ítalo-português, deu notícias do Sobrado — ah! Carino, iam todos bem, a Flora, a vecchia, os bambini, todos! E como era belo ver os dois fratelli juntos e vivos e fortes. Toríbio puxou-o pra dentro da Intendência, dizendo:

— Está bem, doutor, depois falamos nisso. Não temos tempo a perder. Há muitos feridos, alguns em estado grave.

Carbone explicou que deixara Dante Camerini, Gabriel e Santuzza na farmácia preparando tudo. Sugeriu que os feridos fossem removidos o quanto antes para a Casa de Saúde, onde poderiam ser atendidos com mais eficiência. Ergueu a bolsa e declarou que ali trazia apenas o necessário para o primo socorro.

— Veja então primeiro o Miguel — pediu Rodrigo. Conduziu-o até onde estava o ferido. O Dr. Carbone tirou o capacete, pô-lo em cima duma cadeira, despiu o casaco, arregaçou as suas mangas e ajoelhou-se junto do doente, erguendo o poncho que o cobria. Miguel Ruas abriu os olhos, reconheceu o médico e murmurou:

— É o fim, doutor!

— Ma Che!

O ferido balbuciou que estava com sede e com frio. [...] O Dr. Carbone chamou Rodrigo para um canto do vestibulo e murmurou-lhe ao ouvido:

— Poverino! Uma violenta hemorragia interna. Um caso perdido. (Verissimo, 2005, p. 40-42).

No registro, Erico preocupa-se em sublinhar os traços particulares do cirurgião, representados por meio da menção a certos atributos característicos de um estrangeiro italiano — como a fala peculiar e a utilização do uniforme militar de *bersaglieri* — enquanto o personagem trata os feridos, o que enfatiza a sua identidade italiana. Aliás, Carbone repete o uso, durante o atendimento de emergência, do uniforme de guerra usado pelo médico Michelle De Patta, no episódio que ficou conhecido como “a selvageria de Anta Gorda”, quando houve um cerco, tiroteio e o incêndio do hospital por ele construído na antiga colônia de Anta Gorda. Na ocasião, o médico e seus familiares estavam dentro do recinto atacado (Schwartzmann, 2017, p. 243-252). Esse episódio ocorreu nos primórdios dos conflitos que resultaram na Revolução de 1923.

São descritas a forma de atendimento aos feridos e as possibilidades de tratamento oferecidas à época para os ferimentos causados pelas armas de fogo e suas funestas consequências. Há a demonstração da intensa relação afetiva existente entre o médico e os outros personagens do romance, principalmente os membros da família Cambará, o que sugere a integração desse profissional na sociedade local. No entanto, subjaz no romance uma disputa psicológica entre Cambará e Carbone, demonstrada pela frustração do primeiro ante os dotes e o sucesso profissional alcançado pelo segundo.

As características do atendimento aos combatentes feridos são sugeridas pela explicação de Carbone, que informa que irá realizar somente os primeiros socorros no local, de maneira que os feridos necessitariam ser encaminhados à farmácia para receberem o atendimento adequado; os casos de maior gravidade deveriam ser transferidos para uma casa de saúde. De fato, na época em que se situa o romance, esses eram os locais em que se efetuavam cuidados médicos, con-

siderando a gravidade dos casos. O doutor cita, ainda, o nome dos que o auxiliam na farmácia: o médico Dante Camerino, o prático de farmácia, Gabriel, e Santuzza, sua mulher.

Dante Camerino é um exemplo dos novos médicos que estavam surgindo no Rio Grande do Sul, descendentes de imigrantes. Sabemos que imigrantes italianos de primeira geração se formaram precocemente na Faculdade de Medicina e Farmácia de Porto Alegre, já na primeira década da existência dessa instituição, como foi o caso de José Ricaldone, diplomado em 1909. Na obra, temos o personagem Gabriel, que atuava como prático de farmácia, ou seja, sem estar devidamente habilitado, o que era permitido pela legislação vigente. A participação de Santuzza nos cuidados dos doentes e na administração do consultório também é enfatizada. Destacamos que várias mulheres italianas seguiram a profissão de parteiras, muitas habilitadas ainda na Itália, e auxiliavam seus maridos nas atividades diárias das casas de saúde distribuídas pelo interior do Rio Grande do Sul. Percebemos, portanto, que existe um confronto entre práticas de saúde antigas e novas, envolvendo diferentes atores.

É através de um olhar de estranhamento que o escritor utiliza o personagem Rodrigo Cambará para descrever a dedicação do colega italiano. Após a trágica morte da filha, Rodrigo Cambará desiste do exercício de sua profissão e dedica-se à política, como fizeram tantos médicos em nossa história.

A obra literária de Erico Verissimo, dessa maneira, pode nos auxiliar, contribuindo como um sintoma de uma época. Através da narrativa, bem como da construção dos personagens, são desvelados sofrimentos, desejos e frustrações. Trata-se de uma estrutura narrativa que não é a tradicional, no sentido de que não se trata da utilização de documentos oficiais ou relatórios. Conforme salienta Sandra Pesavento, é através da literatura que se obtém a sensibilidade necessária, que nos permite captar o passado (Pesavento, 2007, p. 250).

Erico Veríssimo teve a competência de identificar, em sua obra, mudanças sociais, políticas e econômicas, que foram acompanhadas por novos paradigmas na ciência e na vida social e cultural. O cenário retratado em sua magnífica obra, carregado de elementos que identificam a participação de médicos estrangeiros, permite-nos refletir sobre as consequências do fenômeno migratório de indivíduos com formação especializada e a contribuição destes para o desenvolvimento da Medicina.

REFERÊNCIAS

- ASSIS BRASIL, Luiz Antônio de. **Videiras de Cristal**. Porto Alegre: Mercado aberto, 1990.
- BALZAN, Carina Fior Postingher. **Carl Winter: um alemão em Santa Fé**. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional) — Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2008.
- CHIAPPINI, Ligia. **Hibridismo e fronteiras**: La mirada y el cristal. CENSIVE: Revue Internationale d'études lusophones, Nantes, 2008.
- LAPLANTINE, François. **Anthropologie de La maladie**. Paris: Éditions Payot, 1992.
- MASINA, Léa. **O trágico em Videiras de Cristal**. Travessia, Porto Alegre, n. 25, p. 130-134, 1992.
- MASINA, Léa. **Regionalismo étnico no Rio Grande do Sul**: síntese de uma proposta conceitual. Centro de Estudos de Literatura e Psicanálise Cyro Martins, Porto Alegre. Disponível em: http://www.celpcyro.org.br/joomla/index.php?option=com_content&view=article&Itemid=0&id=42510. Acesso em: 2 abr. 2015.
- MENNA BARRETO, Eneida Marília. **Demônios e santos no Ferrabrás**: uma leitura de Videiras de cristal. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2001.

- PESAVENTO, Sandra. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2007.
- REBOLHO, Beatriz Fontoura. **Gaspar de Fróis**: um herói problemático em Um quarto de légua em quadro. Leffa. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/CILLC_I_URI,Artigos. Acesso em: 10 ago. 2025.
- SCHWARTSMANN, Leonor Baptista. **Médicos italianos no Sul do Brasil (1892-1938)**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2017.
- SCHWARTSMANN, Gilberto. Depoimento oral de 5 de abril de 2025.
- TORRESINI, Elizabeth Rochadel. **História de um sucesso literário: Olhai os lírios do campo** de Erico Verissimo. Porto Alegre: Literalis, 2003.
- VERISSIMO, Erico. **Olhai os lírios do campo**. Porto Alegre: Globo, 1937.
- VERISSIMO, Erico. **O retrato**. Porto Alegre: Globo, 1975. t. 2. (O tempo e o vento).
- VERISSIMO, Erico. **Solo de clarineta**: memórias. 19. ed. São Paulo: Globo, 1994.
- VERISSIMO, Erico. Lenço encarnado. In: VERISSIMO, Erico. **O arquipélago**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. v. 2.

O UNIVERSO CRIATIVO E INQUIETANTE DOS MÉDICOS ESCULTORES

José Francisco Alves

APRESENTAÇÃO (POR LUIZ A. PEREIRA)

As relações entre amigos são importantes. Pertencer à Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina e ter a oportunidade de participar das atividades organizadas pelo professor José Francisco Alves, na Casa da Memória da Federação das Unimeds do estado e em outros locais culturais, permitiu um estreitamento de amizades. O professor Alves é muito mais que um doutor em História da Arte, é um talentoso e generoso artista, um amigo que colabora com esta publicação da Academia com um excelente texto, que você lê a seguir.

INTRODUÇÃO

As relações entre Arte e Medicina são milenares, podendo ser encontradas desde as primeiras civilizações. Enquanto a Filosofia cumpriu um papel configurador em relação à Medicina em seus primórdios, no sentido de tornar-se a primeira *tékhnē* a partir de uma visão de predominância do caráter artesanal sobre o científico e uma concepção de método baseada no bom senso (Piñero,

1995, p. 2), a arte foi o instrumento utilizado para prover a visualidade de patologias, diagnósticos e procedimentos. Estabeleceu-se um rico aparato iconográfico produzido pelos artistas. No Renascimento, os Gabinetes de Anatomia surgiram como encontros particulares entre Ciência e Arte

na procura da compreensão do mistério do corpo e da representação humana. Pintores e escultores procuraram através do corpo humano celebrar a nobreza do espírito a harmonia essencial da Natureza (Fernandes, 2011).

Leonardo da Vinci e Michelangelo não poderiam ter realizado suas obras sem terem tido experiências com a dissecação de cadáveres.

No Rio Grande do Sul, nos últimos anos, tivemos abordagens do tema na forma de exposições, destacando-se os exemplos das exposições *De humani corporis fabrica: anatomia das relações entre Arte e Medicina*, promovida em 2013, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS); e *Diagnosis: reflexões sobre Arte, Medicina e Saúde*, realizada em 2022, na Casa da Memória Unimed Federação/RS. Artistas que produzem ou produziram obras nesse sentido foram reunidos e divulgados em razão de certos aspectos de suas obras que nem eles mesmos conscientemente percebiam estarem presentes.

Outra forma de chamar a atenção para as convergências dessas duas áreas é ressaltar o fato de os médicos estarem, no Rio Grande do Sul, entre os profissionais mais profícuos na apreciação da arte por meio do colecionismo. Como exemplos, podemos citar Ruben Knijnik e João Borges Fortes Filho e, mais recentemente, Gilberto Schwartzmann e Carlos Jader Feldman. No entanto, é no campo do “duplo ofício”, termo cunhado pelo escritor e médico Nilson Luiz May, que julgamos relevante aqui mencionar três médicos que exercem a arte da escultura também de forma profissional, com atuação expográfica reconhecida, e cujas obras

figuraram em coleções privadas e institucionais. São eles Paulo Aguirsky, Lúcio Spier e Paulo Favalli.

Esses três médicos exercem a escultura por meio de técnicas artesanais das mais tradicionais. No caso, trabalham basicamente a escultura em pedra e a modelagem com fins de fundição, habilidades que requerem um intervalo de produção tão intenso quanto a cirurgia ou a atividade clínica. Arte e Medicina, assim, interpõem-se sob uma linha quase indissociável entre ciência e humanismo. A missão do médico de tratar e curar, a profissão do artista de propor a emoção das formas, ambas alimentam o espírito.

Como observou Carlos Scarinci, tradicionalmente a escultura:

[...] não é mais do que expressão material em três dimensões, que opõe uma superfície a um cerne ou miolo, no geral, à figura humana tal como aparece à flor da pele, que esconde (ou mostra) músculos, carne, força, nervos, ossamenta [...]. E tão substancial se pronuncia o amálgama do dentro e do fora, que tal composto uma coisa só parece, unitária, a poucos chegando a ser questionável a lógica que faz o que está dentro, sem aparecer, estar conforme com a fora, que se mostra. [...] Ela põe ordem na matéria e revela que tem o conteúdo da sua densidade, do seu peso, e das orientações, sinais que troca como espaço, definindo-o, definindo-se. (Scarinci, 1990, p. 83).

A categoria escultura experimentou e tem experimentado, na contemporaneidade, uma elasticidade em sua manifestação; ela ampliou-se para o espaço físico, arquitetural e de paisagem, funcionando como suporte, de modo a compor-se numa nova modalidade: a instalação. Nossos três médicos escultores atuam em todas essas possibilidades escultóricas.

Dois dos três escultores, Aguirsky e Spier, exercem a sua arte no âmbito da escultura em rochas duras. A escultura em pedra é uma arte milenar, que está entre as primeiras manifestações artísticas da humanidade, surgida milênios antes das pinturas das cavernas. Os homens primitivos esculpiam formas humanas e animais, a exemplo da Vênus de Willendorf, hoje exibida no Museu de História

Natural de Viena. A rocha, um material natural produzido há milhões – ou bilhões – de anos, apresenta-se a nós como um aviso sobre a insignificância do tempo humano. As camadas geológicas, de onde extraímos a matéria-prima das esculturas, são como folhas da história de nosso planeta, e é praticamente impossível compreender essa grandeza em nossas vidas cotidianas, em que rochas estão presentes para chamar a nossa atenção, bem como para que delas possamos extrair formas e beleza.

PAULO AGUINSKY

Paulo Aguinsky (São Borja, 1942) formou-se em Medicina em 1972. Antes, já tinha tido seu primeiro contato com a escultura, em 1959, quando começou a realizar trabalhos em cerâmica. Em 1969, experimentou a madeira. Em 1985, passou a frequentar o Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre (hoje Atelier Livre Xico Stockinger) e iniciou-se no material que o definiu como escultor: a pedra. Começou, a partir daí, a sua grandiosa carreira de exposições, premiações e distinções, algumas das quais podemos aqui citar de forma exemplificativa, conjunto em que se destacam suas relações com o circuito de arte francês. Em 1986, conquistou o primeiro prêmio de escultura no 15º *Salão do Jovem Artista* da RBS, em Porto Alegre. Em 1988, realizou a sua primeira exposição individual, no Centro Municipal de Cultura de Porto Alegre. Em 1990, empreendeu uma viagem de estudos a Pietrasanta, na Itália, onde desenvolveu suas técnicas e práticas escultóricas.

Além disso, em 1992, Aguinsky participou do *Salon d'Automne*, evento promovido no Grand Palais, localizado na avenida Champs Elysées, em Paris, e também do *Le Salon 92, Salon des Artistes Français*, no qual obteve uma medalha de bronze com a obra *Peixe extinto* (hoje parte do

Foto 1.

Paulo Aguiński em 2024.
Foto de José Francisco
Alves.



acervo do MARGS). No ano seguinte, voltando ao mesmo evento, conquistou uma medalha de prata com a escultura *Galinha-objeto*. Em 1994, participou do *Prix Vital Cornu*, o evento *Le Salon 94, Salon des Artistes Français*, realizado em Eiffel Branly, também na capital francesa. Em 1996 recebeu a medalha de ouro no *Le Salon des Artistes Français*, ainda em Paris, ocasião em que também se tornou membro da Sociedade dos Artistas Franceses; mais tarde, veio a virar associado da Fundação Taylor. No mesmo ano, foi convidado do evento *Les 100 Contemporains, I ère Biennale Internationale des Arts Ville de Rosny-Sous-Bois*. Em 1998, foi agraciado com o *Prix de la Ville de Paris*, sendo convidado de honra na comemoração dos 50 anos do *Salon Violet*, e participou da grande mostra *L'Art de l'Amérique Latine et des Caraïbes à l'Aube du 21ème Siècle*, promovida na sede da UNESCO, em Paris. Em 1999, ainda na França, recebeu da *Arts-Sciences-Letters (Société Académique d'Éducation et d'Encouragement)* o *Diplôme de Médaille de Vermeil*.

Foto 2.

Escultura *Plissé* (2022) de Paulo Aguinsky, feita em mármore do Rio Grande do Sul. Foto de José Francisco Alves.



Foto 3.

Escultura de Paulo Aguinsky em granito exposta na Vila Ventura. Foto de José Francisco Alves.



Em 2001 foi concedido a Aguinsky, pela Câmara Municipal de Porto Alegre, o Prêmio de Artes Plásticas Iberê

Camargo. Em 2003, foi convidado da Bienal Internacional de Florença, Itália, e recebeu o Primeiro Prêmio de Escultura no Encontro Internacional de Esculturas de Rosário, Argentina. Em 2004, nas dependências do Hospital Moinhos de Vento, em Porto Alegre, inaugurou suas primeiras esculturas ao ar livre, intituladas *Soma e Embrião*. Em 2005, realizou a mostra itinerante Pedras do Brasil. Em 2007, sua peça individual *Genitus* marcou a comemoração dos 80 anos do Hospital Moinhos de Vento. Em 2010, foi o homenageado de honra do Salão do Hotel Sol Vitoria, em Entre Ríos, na Argentina, e participou da inauguração do Espaço Cultural da Maya com a mostra *50 Anos de Escultura*, em Bagé/RS. Em 2011, exibiu a obra individual *Esculturas em Pedra*, no Espaço de Artes da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre. Em 2012, obteve o prêmio Leon Rignault no *Salon des Artistes Français*, em Paris. Recentemente, passou a organizar um ateliê no Vila Ventura Ecoresort, em Viamão/RS, onde também mantém uma exposição permanente de suas esculturas, para a apreciação dos hóspedes e visitantes do hotel. O escultor mantém-se ativo, participando de exposições individuais e coletivas e sendo com frequência convidado de honra nas exposições da Confraria das Pedras, grupo de escultores gaúchos que produz arte a partir das mais diversas rochas, tanto nacionais como importadas.

As esculturas de Paulo Aguiusky buscam dar ênfase a formas orgânicas e fluídas. A escolha das rochas como material evidencia uma conexão com a tradição escultórica clássica, mas com uma abordagem contemporânea. Seus trabalhos exploram a textura natural e o peso do material, criando peças que parecem emergir da própria natureza. O uso do volume fechado adquire dinamismo com os sulcos profundos, criando efeitos de organicidade. Seu universo, nesse sentido, compõe-se de carapaças, conchas, escamas ou asas, a evocar formas anatômicas ou naturais, lembran-

Foto 4.

Obra *Gênese do Verde II*,
Paulo Aguiñsky.
Acervo do
artista.



do órgãos, sementes ou fósseis. Esse estilo semiabstrato permite múltiplas interpretações e incentiva o espectador a explorar as formas de maneira mais livre.

Sua abordagem parece refletir um interesse pela integração entre o natural e o humano, celebrando a vitalidade em esculturas que exploram o equilíbrio entre volumes fechados e espaços vazios, criando tensões e contrastes visuais. Essa dualidade também se reflete nas texturas, com áreas lisas e outras rugosas, conferindo dinamismo às peças. Suas obras monumentais sugerem uma interação direta com o ambiente, seja pelo uso de grandes blocos de pedra, seja pela sua disposição no espaço público, um convite à contemplação e ao toque. A escala pública proporciona uma interação com o espaço em torno. Com toques de humor e leveza, ao sugerir figuras animais de forma quase lúdica, o artista nos lega um universo característico, que se apresenta como uma das produções mais significativas da escultura em pedra produzidas a partir do Rio Grande do Sul.

LÚCIO SPIER

Lúcio Spier (Porto Alegre, 1951) é bacharel e licenciado em Ciências Sociais pela UFRGS, em 1975, e médico formado pela Fundação Faculdade Federal de Ciências Médicas de Porto Alegre (atual UFCSPA), em 1986. A inspiração artística de Spier advém de sua mãe, Hertha Spier (1918-2020). Ela residiu na Polônia e foi a única de sua família a sobreviver aos campos de extermínio nazistas. Depois da guerra, reiniciou sua vida em Porto Alegre e também dedicou-se à escultura e à pintura, tendo passagem pelo Atelier Livre da Prefeitura. Essa sua veia artística e seus passos foram seguidos pelo filho. Spier, em seus primeiros experimentos com a escultura, teve a orientação do escultor Hidalgo Adams. Assim ingressou no apaixonante mundo das pedras, apoderando-se da origem do material e de sua diversidade, estrutura e maleabilidade, bem como vindo a dominar os instrumentos necessários para moldá-lo, como as ferramentas, maquinários e EPI's. Desse aprendizado resultou a sua primeira escultura de mármore, em 2008. Em 2015 ele começou a produzir esculturas de forma intensa, participando continuamente da oficina de escultura em pedra do Atelier Livre Xico Stockinger, *pari passu* ao seu exercício da Medicina em consultório e hospital.



Foto 5.
Lúcio Spier
trabalhando no
Atelier Livre.
Foto de José
Francisco Alves.

Foi com sua produção no Atelier Livre que Spier iniciou sua carreira de exposições. Participou do *Festival de Esculturas do Parque Pedras do Silêncio*, em Nova Petrópolis (2016); dos *Workshops Internacionais de Esculturas de Itapuã* (de 2015 a 2019); do evento *Escultores em Pedra – Encontro Brasil-Portugal*, em Silves, Portugal (2017); e dos *Encontros Internacionais de Escultores*, em Camboriú/SC (2016, 2018 e 2019). Ocupando espaços expositivos, Lúcio Spier participou, entre outros, de *Escultores do Tempo* (junto de Ricardo Aguiar e José Kanan), em 2018, no Espaço Cultural Correios, em Porto Alegre, e de *Sinfonia das Pedras*, entre 2019 e 2023, realizadas no mesmo espaço.

Também participou de exposições coletivas em centros municipais de cultura de Porto Alegre, Gramado, Bento Gonçalves e Canela, quase todas integradas às ações da Confraria das Pedras, da qual é um dos coordenadores. Em 2020, realizou a sua primeira mostra individual, na Casa da Memória Unimed Federação/RS, intitulada *O Desafio da Pedra*, expondo 18 obras produzidas de 2008 a 2020, em rochas de diversos tipos. O título da exposição destacou o desafio que é para o escultor enfrentar cada tipo de pedra, cada forma diferente com que se depara, predispondo-se a moldar com sensibilidade e habilidade, transformar rudeza disforme em bela forma. Em 2023, Spier foi um dos convidados da segunda edição do simpósio brasileiro *Domadores de Pedra do Sul*, módulo especial do quinto Simpósio Internacional de Escultores, realizado em Bento Gonçalves/RS, junto com Luiz Augusto Rubin e Paulo Jocemar Miranda. Com essa participação, sua obra passou a integrar o Parque Internacional de Esculturas Domadores de Pedra, localizado nos Caminhos de Pedra, uma região turística de Bento Gonçalves. Também estão expostas obras suas em exposição ao ar livre no parque Pedras do Silêncio (Nova Petrópolis) e na Casa da Memória Unimed Federação/RS (Porto Alegre).



Foto 6.

Escultura em mármore (2019) de Lúcio Spier. Foto de José Francisco Alves

Foto 7.

Escultura em sodalita (2016) de Lúcio Spier. Foto de José Francisco Alves.

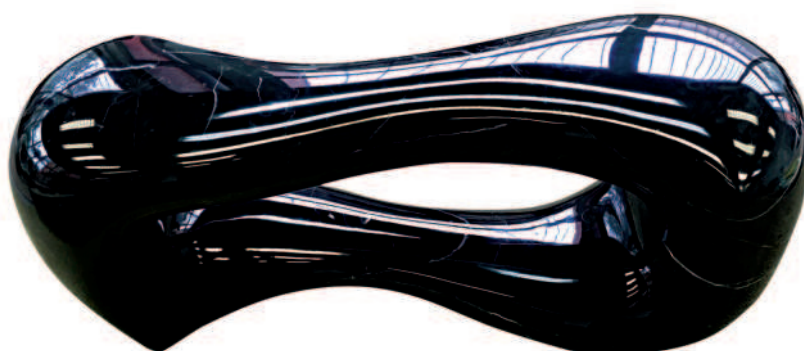


Foto 8.

Escultura em mármore (2016) de Lúcio Spier. Foto de José Francisco Alves

As esculturas de Spier habitam o limiar entre o gesto humano e o da matéria. Pertencentes à tradição moderna, elas recusam a descrição literal, mergulhando na essência das formas. São presenças silenciosas, densas e sensíveis, que evocam corpos não representados, mas sentidos. Entre o seu nascimento e a sua erosão, a pedra é tratada como entidade viva. Nelas, o espaço não é apenas ausência, mas ar que respira, memória que pulsa em formas suavemente curvilíneas ou angulares, uma relação entre massa e vazio, volume sólido e espaço ao redor, o dentro e o fora. Em alguns trabalhos, o material original — ou parte dele — ope-

ra como significante: áreas são mantidas em sua textura natural, como integrantes essenciais da obra. Trata-se não só de um elemento de suporte, mas de uma parte do discurso escultórico, a sugerir uma fusão entre a intervenção humana e força natural.

De forma instintiva, vemos nas obras de Spier a continuidade de uma tradição de mestres da escultura moderna, como Brâncuși (1876-1957), Jean Arp (1886-1966), Henry Moore (1898-1986), Barbara Hepworth (1903-1975), Bruno Giorgi (1905-1993) e Francisco Stockinger (1919-2009). Spier trabalha com rochas metamórficas, ígneas e vulcânicas, a exemplo dos mármore nacionais, procedentes do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo, e de países estrangeiros, como o caso do mármore de carrara (da Itália). Ainda, realiza obras em rochas incomuns na escultura, em razão do seu trato difícil, como a colorida sodalita, da Bahia. Um dos aspectos mais reconhecíveis da obra do escultor é o modo como ele realiza o polimento das rochas, demonstrando extremo conhecimento e habilidade técnica. Em síntese, as obras de Spier versam sobre interioridade e silêncio, pois “ouvem” mais do que falam.

PAULO FAVALLI

Paulo Favalli (Porto Alegre, 1974) formou-se em Medicina pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em 1998. Na infância, os livros de anatomia do pai, o psicanalista Paulo Henrique Favalli, o fascinavam, a ponto de despertar o seu interesse pelo desenho da figura humana. Durante sua formação médica, a atração pela arte foi impulsionada pelos estudos de anatomia. Especializou-se em cirurgia plástica, a qual exige o talento de reconstituir e transformar a composição anatômica. Favalli, gradualmente e como autodidata, começou a modelar esculturas

e vertê-las para o bronze, com sua primeira obra em 2008. Iniciou-se, assim, a trajetória do escultor em “duplo ofício”, conciliando a arte com o exercício da Medicina. Sua carreira decolou de forma impactante a partir de sua “descoberta” por Paulo Amaral, que, na condição de diretor do MARGS, convidou-o para realizar uma exposição. Desse modo, em janeiro de 2019, a individual *Homo Machina* apresentou ao mundo o seu gabinete de anatomia *high tech*.

Em razão do sucesso no MARGS, Favalli foi convidado a apresentar uma versão da exposição na inauguração da Casa da Memória Unimed Federação/RS, agora intitulada *Homo Machina nos 500 anos pós Leonardo da Vinci*, em junho de 2019. No final de 2020, primeiro ano da pandemia de Covid-19, a Associação Médica do Rio Grande do Sul (AMRIGS) comissionou Favalli para a criação de um memorial em homenagem aos médicos que perderam a vida trabalhando durante a pandemia. O resultado foi o memorial da gratidão *A Esperança de Pandora*, inaugurado em 16 de dezembro de 2021, na sede da AMRIGS. No Hospital Moinhos de Vento, encontramos



Foto 9.

Paulo Favalli e a obra *A Lenda de Shinkô Kurogane* (2025). Foto de Sílvia Brum.

também outras obras suas, mais especificamente nos centros de Fertilidade, de Cardiologia, da Mulher e do Homem. Além dessas, suas esculturas integram coleções no Brasil e no exterior. Entre março e maio de 2025, Favalli promoveu a exposição *Homo Machina Reloaded*, no Museu de Arte do Paço, antiga sede da Prefeitura de Porto Alegre. Essa exibição individual, fruto de dois anos de trabalho, apresentou desdobramentos significativos para a sua obra.

Como mencionado, as esculturas de Favalli têm como base essencial a modelagem anatômica. Primeiramente o artista esboça as peças em desenhos, a ponto de, após esse passo, o conceito da escultura estar pronto para a modelagem da figura humana em argila, plastilina ou similar, sendo que posteriormente as peças são vertidas ao bronze. Na fundição artística, há o complexo, especializado e dispendioso, processo de realização das fôrmas, cópia em cera, finalização do molde e fundição, além da cera perdida e dos acabamentos – rebarbação, soldagem, cinzelamento, lixamento e aplicação de variados tipos de pátina, que proporcionam os efeitos visuais particulares de cada artista. Nessa linha, entre os artistas contemporâneos que Favalli admira, está o francês Christophe Charbonnel. Integra-se ao conceito de suas obras o interesse de Favalli em ciência, cinema e ficção científica. Dentre as abordagens da sua obra, podemos destacar essa tradição da modelagem para a fundição em bronze.

Em acréscimo às figuras de anatomia, o escultor conta como diferencial a sua linguagem original, a sua relação com a arte contemporânea e seus processos formativos de apropriação de materiais de universos não artísticos, ou seja, o recurso duchampiano da apropriação de elementos industrializados. Nessa perspectiva, fundem-se à carne de bronze componentes *high tech*, a exemplo de microcomputadores, telas e iluminação LED, exibidas em funcionamento pleno, conforme o tema da escultura.



Foto 10.

Produção
(modelagem)
da obra
Nexus-6
Facelift (2018)
de Paulo
Favalli. Foto de
Sílvia Brum.



Foto 11.

Nexus-6
Facelift (2018)
de Paulo
Favalli. Foto de
Sílvia Brum.

Foto 12.

Detalhe da
instalação
*Homo – Aurora
e Crepúsculo*
(2025) de
Paulo Favalli.
Foto de José
Francisco
Alves



Trata-se de um numeroso e diverso conjunto de itens analógicos e digitais descartados pela desatualização tecnológica, os quais são selecionados e inseridos como elementos constitutivos das esculturas figurativas em bronze. Desse modo, os músculos e ossamentos combinam-se também com múltiplos outros itens: peças de vídeo cassete, circuitos

de computador, discos rígidos, pendrives, tomadas, interruptores, válvulas de rádio, manetes, cabos de freio, molas de bicicleta, fones de ouvido, fios de cobre, chapas de raios X, parafusos, cabos de aço, lentes fotográficas, peças de filmadora, filmes Kodak, microscópios antigos, tecidos, aço corten, vidro, madeira etc. O resultado é uma obra que propõe um mundo de atmosfera cibernética, a projetar combinações humanas anatômicas e componentes robóticos. Trata-se de uma original ficção científica plástica, com personagens e situações especulativas que exploram cenários imaginários baseados em caminhos ou descaminhos científicos e tecnológicos, bem como nas suas repercussões na sociedade e nos indivíduos. Geralmente ambientadas no futuro ou em realidades alternativas, o artista situa suas obras levando em consideração contextos como o futurismo, os avanços médicos e a adaptação humana, combinando excelência artística, criatividade e pensamento crítico para refletir sobre os limites da ciência e os desafios atuais da humanidade.

REFERÊNCIAS

- FERNANDES, José Fernandes e. Apresentação. In: ALVES, Manuel Valente. **Gabinete de Anatomia:** Arpad, Vieira e os desenhos anatômicos do Museu de Medicina. Lisboa: Fundação Arpad Szenes – Viera da Silva, 2011.
- PIÑERO, José María López. La Medicina en la Antigüedad. **Cuadernos Historia**, n. 16, 1995.
- SCARINCI, Carlos. José Francisco Alves: Galeria Arte & Fato/Porto Alegre. **Galeria Revista de Arte**, São Paulo, n. 20, p. 83, jun./jul. 1990. Seção Retrospectiva.

DAS DOENÇAS E DOS MUSEUS DA MEDICINA

Germano Mostardeiro Bonow

INTRODUÇÃO

À Beatriz

Os médicos do Sindicato Médico do Rio Grande do Sul (SIMERS), no início do século XXI, diante de um possível aumento do número de escolas médicas no país, intensificaram os encontros e reuniões com os colegas do interior e da região metropolitana de Porto Alegre. A pauta: o posicionamento do sindicato sobre este tema. Hoje se sabe o que aconteceu: um aumento de 10 para 20 faculdades de Medicina no Estado. A história nos dirá se isso foi um acerto ou um trágico equívoco.

O fato novo, decorrente dos encontros, foi o conhecimento da existência de inúmeras instituições que preservavam suas histórias em memoriais ligados à Medicina. Instituições como o Hospital Psiquiátrico São Pedro, a Santa Casa, a Faculdade de Medicina da UFRGS e o Hospital Colônia Itapuã; os próprios prédios onde estão instalados são históricos e procuram preservar suas histórias. A PUCRS disponibilizou, em seu Espaço de Documentação e Memória Cultural, os acervos de seus médicos. A UFCSPA apresenta o Museu de Anatomia, muito procurado por

estudantes das redes públicas e privadas de ensino, bem como por alunos de cursos técnicos.

As entidades médicas como a UNIMED e a AMRIGS, e os hospitais Moinhos de Vento e HPS, também preservam suas histórias. A Casa da Memória – UNIMED possui um espaço para exposições. Além dos citados, existem outros memoriais relacionados com a saúde entre as instituições vinculadas ao Sistema Estadual de Museus.

Os memoriais têm os mais diversos objetivos. Alguns contam a história de uma instituição. Outros, de pessoas que lá viveram ou passaram boa parte de suas vidas. Há também os que participaram da existência e história de uma doença que quase não existe mais. Doenças que eram o terror da humanidade em outros tempos, como a paralisia infantil, a lepra, a varíola e a tuberculose.

POLIOMIELITE – A PARALISIA INFANTIL

Descrição: infecção viral aguda com grau de gravidade variável, desde uma infecção inaparente, uma doença febril não paralítica, a uma meningite asséptica, ou uma doença paralítica e possivelmente a morte.

Agente infeccioso: o poliovírus tipos 1, 2 e 3; os três tipos causam a paralisia.

Distribuição: mundial.

Modo de transmissão: contato direto através de estreita associação com pessoas infectadas.

Tratamento específico: nenhum.

Em 1979, o Brasil era governado por João Figueiredo (1918–1999) e o Ministro da Saúde era o médico Mario Augusto Jorge de Castro Lima. Em fins de outubro daquele ano, o Dr. Castro Lima foi substituído pelo médico Waldyr Mendes Arcoverde, então presidente do Instituto Nacional de Previdência Social (INPS).

O Dr. Arcoverde, nascido no Piauí, formado no Paraná, pós-graduado em Saúde Pública pela USP, exerceu a Medicina no Rio Grande do Sul. Primeiro em um município do interior do estado, Campinas do Sul, e depois na Unidade de Planejamento da Secretaria Estadual da Saúde.

No final de 1979, a imprensa noticiava uma epidemia de poliomielite acontecendo na divisa dos estados do Paraná e de Santa Catarina. De acordo com o Ministério da Saúde, naquele ano foram confirmados 2.564 casos da doença no país, número superado pelos do ano de 1975, em que foram registrados 3.596 casos.

No mundo, a doença acometia muita gente. Não só crianças. A história do presidente dos Estados Unidos, Franklin Roosevelt (1882-1945), portador de sequelas de poliomielite, mostrava que a doença também atingia os adultos. No fim da Segunda Guerra Mundial, o presidente, morto em 12 de abril de 1945, foi homenageado com a denominação de uma avenida de Porto Alegre. Sergio da Costa Franco escreve “[...] numa homenagem ao grande chefe de estado que acabava de concorrer decisivamente para a vitória dos aliados na Segunda Guerra Mundial, consumada em 7 de maio”.

As evidentes sequelas da polio, apresentadas pelo presidente estadunidense, impulsionaram as pesquisas de vacinas na América do Norte. Assim, Jonas Salk (1914-1995) criou a vacina contra a poliomielite (vírus inativado para aplicação intramuscular ou subcutânea) e Albert Sabin (1906-1993) criou a vacina de vírus vivo atenuado para uso oral, por volta de 1960. O Brasil já tinha vivência com campanhas de vacinação. Uma desastrosa, no início do século XX e outra, nas décadas de 1960 e 1970, bem-sucedida, com aconsequente declaração da OMS do Brasil como um país livre da varíola. Se foi possível com a varíola, por que não repetir a estratégia?

A epidemia no Sul (SC/PR), o noticiário pressionando por uma solução, as lideranças, políticas ou não, exigindo uma posição das autoridades sanitárias do país, levaram o ministro a convocar uma reunião técnica, da qual resultou a proposta de criação de um Dia Nacional de Vacinação.

De acordo com Moacyr Scliar:

[...] Surgiram resistências. Uma, previsível, vinha de sanitistas que defendiam a proposta de melhorar o desempenho das unidades de saúde, (mas as duas coisas, viu-se depois, não eram excludentes). A outra reação foi surpreendente. Vinha do próprio Albert Sabin, que casado com uma brasileira, morava em nosso país, e fora convidado para assessorar o Ministério da Saúde. Sabin não acreditava que o Brasil pudesse realizar uma vacinação em massa em um único dia. Além disso, queria que fosse realizada uma pesquisa para averiguar o número de pessoas com sequelas de poliomielite o que, aos técnicos do Ministério, parecia dispensável, sobretudo numa situação de verdadeira emergência sanitária.

Superados os entraves, foi criado pelo ministro Waldyr Arcoverde o Dia Nacional da Vacinação. No primeiro ano de implantação desta estratégia (1980), o Brasil ainda teve um número elevado de casos, 1.920, e depois, em 1981, esse número caiu bastante: 122 casos.

Em 1994, o Centro Estadual de Vigilância em Saúde (CEVS), da Secretaria da Saúde do RS, informava que a poliomielite era considerada oficialmente eliminada do território nacional, segundo certificado emitido pela Organização Pan-Americana da Saúde. Apesar da eliminação, no entanto, o risco de reintrodução do vírus ainda era alto.

Nota: CEVS – Centro Estadual de Vigilância em Saúde. Anualmente, o Brasil e os estados realizam análise de risco para reintrodução do Poliovírus Selvagem (PVS) por meio de metodologia proposta pela OMS/OPAS, considerando quatro componentes (Imunidade, que possui o maior peso, Vigilância Epidemiológica, Determinantes, que se referem ao acesso aos serviços básicos de água e esgoto, e casos e surtos de doenças imunopreveníveis). O Brasil encontra-se em muito alto risco para reintrodução do PVS e no Rio Grande do Sul, 83,6% dos municípios estão em muito alto ou alto risco para reintrodução.

VARÍOLA

Descrição: doença exantemática que se caracteriza por início súbito, com febre, mal-estar, cefalalgia, raquialgia intensa, dores abdominais e prostração, que comumente perduram por 3 ou 4 dias, variando de 1 e 5 dias.

Distribuição: variada. É endêmica e prevalente em regiões da Ásia, África e América do Sul, sendo permanente ameaça para todos os países.

Agente infeccioso: *Orthopoxvirus variolae*.

Modo de transmissão: contato direto.

Tratamento específico: nenhum.

Em outubro de 1972, a OMS dedicou todas as páginas de sua revista *World Health [A saúde no mundo]* a uma doença transmissível. A começar pela manchete de capa: “*Smallpox target zero*” [*Varíola objetivo: incidência zero*]. A importância da revista pode se avaliar pela nota na página 3, explicando que a publicação sai em inglês, francês, alemão, árabe, hindu, japonês, português, russo e espanhol.

Em um dos artigos, Donald A. Henderson, chefe da Unidade de Erradicação da Varíola da OMS, conta a história da doença desde os tempos em que

[...] soldados, peregrinos, tribos primitivas, populações de cidades inteiras, famílias reais, todas foram dizimadas por essa doença terrível e desfiguradora para a qual não havia e ainda não há tratamento. [...] A varíola chegou finalmente a representar uma endemia mundial.

No Brasil, a vacinação contra a varíola começou a ser feita no início do século XIX. No Rio Grande do Sul foi interrompida entre 1816 e 1820. A partir de então, Portugal começou a enviar remessas regulares de vacinas.

As primeiras remessas regulares de vacinas, pela demora de viagem, além de outras causas, chegaram deterioradas, pelo que tratou-se de enviar a Lisboa alguns escravos que seriam inoculados, praticando-se depois a transmissão de braço a braço; sistema bárbaro esse de dispor-se de uma criatura, na verdade escrava, condição ínfima pois, que a tanto autorizava naqueles afastados dias [...]

No início do século XX, os relatórios do governo do estado registravam a presença da doença em Porto Alegre e as medidas tomadas pelo governador para isolar e tratar os doentes. Uma delas foi utilizar o navio “Horizonte” como se fosse uma enfermaria.

Enquanto isso, no Rio de Janeiro, em novembro de 1904, ocorria um motim popular conhecido como a Revolta da Vacina, em oposição à obrigatoriedade da vacinação contra a varíola. Oswaldo Cruz, um dos maiores sanitaristas brasileiros, era o responsável pela campanha de vacinação. A Revolta da Vacina deixou um saldo de quase mil pessoas presas, mais de 100 feridos e 30 mortos. Foi ainda na primeira década do século XX, mais precisamente em 1902, que os países das Américas criaram a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS).

A exemplo do que ocorreu nas Américas, em 1948 foi criada a Organização Mundial de Saúde (OMS), agência especializada das Nações Unidas (ONU), que tem suas origens na Organização da Saúde vinculada à Liga das Nações.

O médico Edward Jenner havia descoberto a vacina contra a varíola em 1796. A questão era como disponibilizar a vacina para toda a população. Seja ela pobre ou rica, rural ou urbana, jovem ou idosa, homens ou mulheres, brancos, pretos ou amarelos, enfim, era preciso vacinar toda a população. Alguns países atingiram suas metas logo após a Segunda Guerra Mundial, outros não. Nos anos cinquenta, a Europa e a América do Norte eliminaram a varíola através da vacinação. Também controlaram a doença alguns países da América do Sul, da África do Norte e da Ásia. Consequentemente, as nações em que o vírus da varíola não havia sido eliminado representavam uma terrível ameaça e era necessário um “tratamento multinacional”. Assim, em 1958, a OMS lançou um programa de erradicação mundial da varíola.

O período de 1958 a 1966 foi marcado por novos insucessos. Desta forma, chegamos a XIX Assembleia Mundial de Saúde que aprovou, em 1966, uma resolução que propunha a intensificação do programa de erradicação da varíola. A nova estratégia entrou em vigor em princípios de 1967. Cabe aqui a transcrição de uma pequena parte do artigo de Henderson:

Naquele ano (1966) a varíola era considerada endêmica em 30 países: na África, a maior parte dos países ao sul do Saara; na Ásia, o Afeganistão, a Índia, a Indonésia, o Nepal e o Paquistão; e na América do Sul, apenas o Brasil.

A OMS e a OPAS disponibilizaram técnicos para auxiliar as nações na erradicação da doença. No Rio Grande do Sul, também o Ministério da Saúde e a Fundação SESP se fizeram presentes. O governador, Walter Peracchi Barcellos (1907-1986), e seu secretário da Saúde, Dr. Francisco de Castilhos Marques Pereira (1906-1972), reforçaram a estrutura de planejamento, administrativa e epidemiológica da SES. A união de todos resultou na erradicação da doença.

O último caso de varíola no Brasil ocorreu no Rio de Janeiro, em abril de 1971. E na Somália, foi registrado o último caso ocorrido no mundo, em 1977. Finalmente, em maio de 1980, a OMS declarou a varíola oficialmente extinta.

Ao findar o século XX, a revista estadunidense *Science* indagou vários colaboradores “quais os passos mais importantes da Medicina desde 1960”. Entre as respostas: “A erradicação da varíola no mundo e da poliomielite no hemisfério ocidental”.

LEPRA – O HOSPITAL COLÔNIA ITAPUÃ (HCI)

A história do HCI começou em 1924, na cidade de Santa Cruz. Uma instituição privada — Sociedade Beneficente Pró-Leprosário Riograndense — propunha-se a fundar e conservar um asilo para leprosos. O assunto foi levado pelo

padre João Rick, secretário da União Popular das Colônias, ao presidente desta entidade, o major Alberto Bins.

O tema passou a ser debatido envolvendo muitas senhoras da sociedade riograndense e com importante participação dos médicos J. Maya Faillace (1898–1975) e Raul Di Primio (1894–1973). A conclusão dos debates ocorreu com a criação da Sociedade Riograndense de Assistência aos Lázaros e Defesa contra a Lepra.

Ao mesmo tempo, Raul Di Primio projetou a construção de um pavilhão anexo ao Hospital de Isolamento para acolher os leprosos indigentes. Auxiliado por Carolina Annes Dias e Luiza de Freitas Vale Aranha, com material de construção cedido por firmas da capital e donativos angariados junto à comunidade, viabilizou o projeto. Assim o Hospital de Emergência para Leprosos se tornou uma realidade em 1936. Anexo ao Hospital de Isolamento para doenças infecciosas agudas, foi instalado, na época, a 7 km da “cidade”, no que é hoje o bairro Partenon, em Porto Alegre. Possuía um consultório médico, um refeitório, três pavilhões dormitórios, oito casas particulares, um armazém e dois chuveiros coletivos.

Alguns anos passaram entre o movimento de Santa Cruz, a abertura do Hospital de Emergência e o lançamento da pedra fundamental do Leprosário Itapuã, em 1936. Nessa época, na falta de tratamento específico para a doença, considerava-se o isolamento compulsório dos pacientes como o único meio para prevenir a disseminação da lepra.

Um trabalho apresentado à 1ª Conferência Nacional de Assistência Social aos Lázaros, no Rio de Janeiro, em 1939, dá uma noção, nos dias de hoje, sobre como era a relação entre os leprosos e os sadios:

Repelidos dos asilos e hospitais comuns, durante muitos anos os desventurados lázaros do Rio Grande (do Sul) com frequência vagavam ao desamparo em ininterrupto e torturante ‘desfile macabro’.

O Hospital Colônia Itapuã (HCI), também conhecido como Leprosário, dista da capital 67km e o acesso a ele podia ser feito por via fluvial. Está situado à margem das lagoas Negra e dos Patos, no município de Viamão.

A inauguração do hospital ocorreu em 11 de maio de 1940 e contou com a presença do governador (Interventor Federal), coronel Cordeiro de Farias; do Dr. Coraci Prates da Veiga, prefeito de Viamão; do presidente da Sociedade de Medicina, Dr. Hugo Pinto Ribeiro; e do diretor do Departamento Estadual de Saúde, Dr. Bonifácio Paranhos da Costa. O Dr. Coelho de Souza, Secretário de Educação e Saúde Pública, fez uso da palavra e pediu que o arcebispo d. João Becker encerrasse a cerimônia. O arcebispo procedeu à benção do Leprosário, ato que foi reverentemente assistido por todos os presentes.

O Hospital Colônia seguia, como os demais construídos no Brasil, o modelo americano, tendo o aspecto de uma pequena cidade, com casas, ruas, praças, igrejas (uma, católica e outra evangélica), 15 pavilhões tipo “Carville”, 13 casas geminadas, cozinha com refeitório, lavanderia, necrotério, um pavilhão para doentes mentais e presos, posto policial, forno de incineração, residências para médicos, dentistas com equipamentos, administrador e casa para “irmãs”; padaria, garagem, usina para gerador de eletricidade e um hospital propriamente dito, com salas de cirurgia, enfermarias, ambulatórios etc. Também estavam previstos: portaria, oficinas, poteiros, galinheiros, estábulos etc.

A década de 1940 ficou marcada por uma publicação composta por artigos escritos por seus profissionais e relatórios anuais, que podem ser encontrados na publicação *Arquivos do Dep. Estadual de Saúde*. Os relatórios apontam para o êxito da política nacional de isolamento do leproso, ou seja, o paciente com o diagnóstico lepra será compulsoriamente internado. O rigor desta política pode ser melhor ava-

liado com a leitura do artigo 15 da Lei 610, de janeiro de 1949: “Todo recém-nascido, filho de doente de lepra será compulsória e imediatamente afastado da convivência dos pais”. Por volta de 1950, o HCI chegou a abrigar mais de 700 pacientes.

Em *Arquivos do Dep. Estadual de Saúde RS*, volumes 9 e 10, referentes aos anos de 1948-1949, publicado em 1951, (Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial Porto Alegre) constam importantes informações acerca dos dispensários do Hospital de Emergência para leprosos, localizados no Partenon e também sobre o HCI. Estes investimentos acenam para o acerto da política de isolamento de todo o paciente leproso adotada pelo país. Porém, no mesmo artigo, quase no mesmo parágrafo, consta: “Na colônia Itapuã, iniciou-se auspiciosamente o tratamento pelas sulfonas, sendo esta nova medicação contra a lepra aplicada em mais de 300 doentes”.

Era o início do fim da forma como eram tratados os doentes de lepra. As sulfonas, aliadas a antibióticos, curavam os pacientes leprosos. O Hospital Colônia Itapuã ainda, durante algum tempo, recebeu pacientes de outras especialidades médicas. No ano de 2024 fechou as portas, e hoje, junto com outros prédios, tais como o Hospital Psiquiátrico São Pedro, Hospital Sanatório Belém, prédio da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, aguardam decisões sobre seu futuro.

TUBERCULOSE

Descrição: doença bacteriana crônica, que constitui importante causa de morte na maior parte do mundo.

Distribuição: ocorre em quase todas as comunidades.

Agente infeccioso: *Mycobacterium tuberculosis*, o bacilo da tuberculose.

Ao findar do século XIX, a tuberculose, que causava grande número de vítimas, foi incluída entre as moléstias

notificáveis. A sua profilaxia deixava de ser um problema só de higiene para ser um problema social. Os relatórios do Governo do Estado, nas primeiras décadas do século XX, no que diz respeito à doença, expressavam-se de maneira pouco formal: “A tuberculose cresce de modo pavoroso”.

A preocupação com a enfermidade aumentava, governo após governo. Um país com as dimensões do Brasil, com uma República muito jovem, com uma gama de problemas internos para resolver, e de repente defronta-se com duas “Grandes Guerras”, uma pandemia e uma ditadura, além de mais uma série de contratempos de menor porte.

Então chegamos ao término dos anos 1930 e início da década seguinte. Vivíamos em plena ditadura Vargas, e a Segunda Guerra Mundial estava começando. A década de 1940 começava com uma alteração na administração do estado: a criação do Departamento Estadual de Saúde (DES), ligado diretamente ao governador (Intendente Federal), do qual Bonifácio Costa era o diretor-geral. Esta decisão impactou a saúde pública no estado.

Assim, informações sobre o que ocorria no estado passaram a ser divulgadas na publicação *Arquivos do DES*. Em geral, o diagnóstico da situação vinha com dados estatísticos e de como resolver a questão, evidentemente com os meios que a Medicina dispunha naquela época. Isso era um trabalho de educação sanitária.

Os *Arquivos do DES* foram publicados, ano a ano, até o início da década de 1950. Além da organização do Sistema de Saúde no Estado, relata os notáveis avanços decorrentes da introdução dos antibióticos no tratamento das doenças infecciosas.

No encerramento do Segundo Congresso Nacional de Tuberculose, em 19 de outubro de 1941, o Dr. Bonifácio Costa, então diretor-geral do DES, discursou sobre “A luta contra a tuberculose no Rio Grande do Sul”. Na ocasião, mencionou

os hospitais que possuíam leitos destinados ao tratamento ou recolhimento de tuberculosos. Em sua apresentação, separou o Serviço Oficial (hospitais públicos) daqueles de iniciativa particular (hospitais privados).

I. Públicos:

1. Hospital de Isolamento

A. cirurgia torácica: 18 leitos

B. hospitais tipo abrigo: 52 leitos

2. Hospital Psiquiátrico São Pedro

Enfermaria especial: 60 leitos

3. Hospital Centenário de São Leopoldo: 20 leitos

II. Iniciativa particular

1. Sanatório Belém – Porto Alegre: 200 leitos

2. Hospitais gerais com enfermarias para tuberculose

Santa Casa de Misericórdia:

de Porto Alegre: 55 leitos

de Pelotas: 50 leitos

de Rio Grande: 26 leitos

de Bagé: 24 leitos

de Jaguarão: 16 leitos

de Livramento: 16 leitos

de Uruguaiana: 16 leitos

de Santa Vitória do Palmar: 6 leitos

Hosp. São Vicente de Paulo, de Passo Fundo: 6 leitos

Hosp. São Vicente de Paulo, de Cruz Alta: 10 leitos

Hosp. São Patricio, de Itaqui: 10 leitos

Ainda no discurso, o orador diz que o DES está agindo no sentido de fazer com que todos os hospitais gerais subvencionados pelo estado, localizados nos grandes núcleos de população, organizem serviços específicos para tratamento da doença.

O tratamento da tuberculose propiciou, sob a ótica dos sanitaristas, um notável avanço na direção de um sistema único de saúde. Um convênio firmado entre o governo do Brasil e o governo do Estado do Rio Grande do Sul, conhecido como “Convênio INAMPS”, entregou à Secretaria da Saúde do Rio Grande do Sul a responsabilidade pelo atendimento do tuberculoso em território riograndense. Talvez possa se dizer que foi um dos primeiros passos em direção ao SUS da Constituição Federal de 1988.

As décadas de 1940 e 1950 assistiram a uma verdadeira revolução no enfrentamento das doenças transmissíveis. O ingresso dos antibióticos e quimioterápicos no tratamento dessas doenças mudou a perspectiva de vida dos pacientes. Entre as “transmissíveis”, a tuberculose ocupava um lugar de destaque, pois estava entre as principais causas de óbito no estado no início do século XX.

Uma doença que se conhecia bem e que ocorria em todas as partes do mundo. O reservatório: o homem. O modo de transmissão é a exposição ao bacilo, o que acontece através de gotículas suspensas no ar procedente da tosse de um tuberculoso. A suscetibilidade é geral. O diagnóstico clínico é corroborado pelo laboratório ou pelo raio X. Pelo laboratório, é feita a visualização do bacilo *Mycobacterium tuberculosis* no escarro. A descoberta do agente etiológico da doença ocorreu em 1882, pelo médico e bacteriologista alemão Robert Koch (1843-1910).

O diagnóstico também poderia ser feito por radiografias. O Departamento Estadual de Saúde equipou os Centros de Saúde (Porto Alegre) com esses aparelhos. Na década de 1930, o médico paulista, Manoel de Abreu (1894-1962), inventou a abreugrafia. Sobre Manoel de Abreu, o professor Carlos da Silva Lacaz (1915-2002) escreve: “Além do seu grande e maior invento, a fotografia do écran fluoroscópico, hoje universalmente conhecida como abreugrafia”. Lacaz

incluiu biografia de Manoel de Abreu em sua obra *Vultos da Medicina Brasileira*, editado em 1963.

As ações de saúde, nos anos de 1970, incluíam prioritariamente um plano de saúde para enfrentar a tuberculose. O Programa de Controle da Tuberculose exigia que a coordenação das ações ficasse ao encargo do Núcleo de Tuberculose da Secretaria Estadual da Saúde. A secretaria possuía pelo menos uma unidade em cada município do estado; uma rede de laboratórios que desse cobertura às unidades sanitárias; hospitais próprios e, se necessário, contrataria leitos em hospitais privados.

Tendo a rede de saúde, o laboratório, os leitos hospitalares, sob o controle de médicos da Secretaria e Supervisão da Regional e a Central pelo Núcleo, só restava o treinamento do pessoal e a garantia do Ministério da Saúde e do Ministério da Previdência do fornecimento dos medicamentos e dos recursos necessários para êxito do programa. O coordenador do programa, Werner Ott, fez contato, e os ministros o designaram representante dos Ministros da Previdência Social e da Saúde para discutir com os secretário e superintendente do INPS a adoção do Convênio de Tuberculose (1980).

O êxito do Programa de Controle da Tuberculose pode ser avaliado através de vários indicadores. Desde a queda do número de óbitos ou o seu relacionamento com o obituário de outras doenças. O sucesso do Programa de Controle da Tuberculose deve-se muito aos funcionários da Secretaria Estadual da Saúde, em especial ao Núcleo de Tuberculose e à pessoa que chefiou o núcleo. O chefe do Serviço de Tuberculose da Secretaria da Saúde e coordenador do Programa da Tuberculose no estado (1971-1984), assessor da OPAS em Washington (1977) e da OMS em Genebra (1981), também prestou assessoria a outras entidades públicas e privadas no país. Seu nome: Werner Paul Ott (1934-2021), médico alemão, nascido em Stuttgart, naturalizado brasileiro em 1964, e membro da ASRM.

O MUHM – MUSEU DA HISTÓRIA DA MEDICINA DO RIO GRANDE DO SUL

O Museu da História da Medicina do Rio Grande do Sul (MUHM) foi criado em 18 de outubro de 2007, Dia do Médico, pelo Dr. Paulo Argollo Mendes, presidente do SIMERS, que é sua entidade mantenedora.

O museu constitui acervos, cuidando de sua preservação, conservação, organização e divulgação. Busca promover e divulgar a história da Medicina através de exposições, publicações e ações educativas, além de colaborar com a comunidade científica, disponibilizando seus acervos à pesquisa. As ações do MUHM são voltadas, prioritariamente, para a história da Medicina no Rio Grande do Sul.

Possui dois espaços em Porto Alegre. A sede da exposição de seu acervo, na Av. Independência, 270, quase ao lado da Igreja Nossa Senhora da Conceição, na frente do Colégio Marista Rosário, próximo aos hospitais da Santa Casa e do Centro Histórico de Porto Alegre. Ocupa o prédio histórico do que foi em outros tempos o Hospital da Beneficência Portuguesa de Porto Alegre, construído entre 1867 e 1870, ano de sua inauguração. Seu objetivo era “cuidar e amparar seus associados na doença, na velhice e na morte”.

Esse hospital, no decorrer do século XX, foi ampliado, com a construção de novos prédios, e equipado com o que havia de melhor no campo do diagnóstico e da terapêutica. Após ser reconhecido “como um dos melhores hospitais do estado, a Beneficência Portuguesa entrou em decadência”. No início do século XXI, encerrou suas atividades.

O prédio da Beneficência é onde hoje são desenvolvidos projetos como “Maturidade Ativa” e “Médicos e Música”. Também realiza suas próprias exposições, como *Gripe espanhola: a marcha da epidemia*, que recebeu, em

2020, um número significativo de visitantes. Além das exposições, as salas são próprias para as parcerias com instituições educativas e culturais.

O outro espaço do MUHM, localizado no Partenon, guarda seu acervo. É lá que os pesquisadores são recebidos, em busca de informações para elaborar suas obras. O local não é um simples depósito. Ali as publicações recebem um tratamento adequado para ficar disponíveis para a comunidade científica e cultural. O local é a Reserva Técnica do museu.

A Reserva Técnica - RT

A Reserva Técnica do MUHM está situada na av. Bento Gonçalves, nº 2318, um pouco antes do Hospital Psiquiátrico São Pedro. A “Bento” começa na Azenha e, após percorrer os bairros Partenon e Agronomia, termina no limite de Porto Alegre com Viamão. Antes de chamar-se Av. Bento Gonçalves, era conhecida como Caminho da Capela e, mais adiante, Estrada do Mato Grosso. Recebeu o nome do líder da Revolução Farroupilha, por uma lei de 24 de março de 1936. A RT realiza as atividades de conservação preventiva, preservação e salvaguarda do acervo. Suas atribuições preveem tanto a busca de doações quanto a garantia de preservação do patrimônio histórico da Medicina do Rio Grande do Sul, já arrecadado.

O acervo do MUHM é composto de objetos, livros e documentos relacionados à história da Medicina no Rio Grande do Sul. O acervo é o resultado de uma construção coletiva de profissionais comprometidos com a memória médica.

Em fins de 2024, o MUHM contava em seu acervo com mais de 12 mil livros cadastrados, cerca de seis mil objetos tridimensionais e ainda 16 mil documentos. Cabe observar que estes números se referem ao que está cadastrado, mas há um expressivo número ainda por cadastrar. Tal acervo traz uma importante retrospectiva da história da Medicina

e da saúde no estado. Oportunizando uma reflexão sobre o passado, comparando com o presente e imaginando o futuro.

A nossa história é guardada nos acervos: bibliográfico, arquivístico e tridimensional.

O Acervo Bibliográfico - AB

É formado por livros, catálogos e manuais de Medicina dos séculos XIX e XX. Os próprios livros também têm suas histórias. Por exemplo, o *Panteão médico*, um livro raro e pouco conhecido, foi encontrado no chão de um pequeno depósito, em um Posto de Saúde no interior do estado, em meados da década de 1970. Este exemplar é assinado pelos autores e leva o número 138.

O *Panteão médico*, publicado em 1943, com tiragem de 600 exemplares, trata da história da Medicina no Rio Grande do Sul; a faculdade; os hospitais; biografias dos médicos que aqui trabalhavam; os professores; as especialidades; as doenças endêmicas ou não, e um breve relato sobre os municípios. Sobre os 88 municípios aqui existentes: o clima, a demografia, as fontes de riqueza; as vias de comunicação; o padrão de vida, o urbanismo, os cuidados com a água, hospitais, postos de saúde, farmácias, as doenças, o nome dos médicos de cada município, enfim, como diz o Dr. Werner Schinke, referindo-se ao panteão: uma obra completa e atualizada até o ano de 1942. A publicação, o plano e a execução da obra de Álvaro Franco e Sinhorinha Maria Ramos foram feitos em 1943, sob os auspícios da Sociedade de Medicina de Porto Alegre e do Sindicato dos Médicos de Porto Alegre.

A organização da reimpressão *fac-simile* feita em 2018 pelo MUHM, SIMERS e pela Associação de Amigos da História da Medicina, com a autorização da senhora Lia Fausta, filha de Álvaro Franco e Sinhorinha Maria Ramos, contou com o apoio das entidades: UNIMED Federação RS, UNICRED, AMRIGS, CREMERS, ASRM e SIMERS.

Outro exemplar desta obra, de número 454, também rubricado pelos autores, está no Museu Schinke, na cidade de Estrela. Isto quem contou foi o médico, filho de Günter F. H. Schinke, cujo nome está na página 461 do panteão como um dos que exercia a Medicina em Novo Hamburgo.

O Acervo Arquivístico

É constituído e organizado através de fundos institucionais e pessoais, e composto por fotografias históricas, diplomas, receituários, teses acadêmicas, trabalhos publicados, anotações, personagens médicas, entrevistas nos meios de comunicação, documentários, obras raras e de referência, revistas, homenagens e críticas recebidas. Possibilita pesquisar a trajetória de muitos profissionais que se formaram ou atuaram no estado, bem como os relatos, pareceres, declarações, palestras, atas de instituições que aqui existiam. Algumas dessas instituições são: a OMS, responsável pela erradicação da varíola no mundo; a OPAS, responsável pelo controle e erradicação da poliomielite nas Américas, em que o médico sanitarista Ciro de Quadros teve importante participação; a Fundação de Serviço Especial de Saúde Pública (FSESP), do Ministério da Saúde, que junto com a OPAS, nos anos de 1960 e 1970, capacitou os profissionais da Secretaria Estadual de Saúde nas áreas de planejamento, administração, epidemiologia, estatística, saneamento e controle das doenças transmissíveis; e ainda a Rockefeller Foundation, em fins da década de 1910, início da década de 1920, no enfrentamento de um dos mais graves problemas sanitários do Brasil: as verminoses, assunto tratado no *Panteão médico*, na página 188. A fundação também possibilitou que um médico do RS, o Dr. Freitas e Castro, fizesse sua pós-graduação nos Estados Unidos.

Entre as teses ali arquivadas, está aquela apresentada na Faculdade de Medicina de Porto Alegre, em 30 de setem-

bro de 1904 por Alice Maeffer, natural do estado, a fim de obter o grau de doutora em ciências médico-cirúrgicas. O título da dissertação era “Hematologia da disenteria amé- bica na infância”, para a disciplina de pediatria. O trabalho, supervisionado pelo professor Olinto de Oliveira, é citado no livro *Em comemoração do centenário do ensino médico (18 de fevereiro de 1808 - 10 de fevereiro de 1908)*, organizado pela Academia Nacional de Medicina, em 1908. No capítulo que trata da disenteria, o autor, Azevedo Sodré, comenta:

Pertencem a esta última fase dois trabalhos de incontestável valor, duas contribuições verdadeiramente originais; refiro-me a memória apresentada ao 2º Congresso Médico Latino-Americano de Buenos Aires, em 1904, pelo Professor Olinto de Oliveira e a tese sustentada perante a Faculdade de Medicina de Porto Alegre em 1904 pela Dra. Alice Maeffer.

Anos depois, em 1943, no livro *Panteão médico*, o professor Nino Marsiaj cita a tese da dra. Alice. Os dois livros estão no acervo do MUHM. O museu tem procurado outros trabalhos da dra. Alice, bem como indícios de suas atividades médicas e/ou familiares e nada tem encontrado, a não ser a citação de seu nome nas publicações referentes aos formandos de Medicina de 1904, ou seja, *Fogos de Bengala nos céus de Porto Alegre – A Faculdade de Medicina faz 100 anos. 1898-1998, e 125 anos Faculdade de Medicina UFRGS 2023*.

Alice Maeffer era a única mulher entre os onze alunos formados em Medicina em 1904. A segunda mulher, Noemy Valle Rocha, graduou-se em 1917. Depois, Izolina Miranda Dutra, em 1928; Calpurnia Freire, em 1929, e Maria Clara Mariano da Rocha, em 1935. Essas são as cinco mulheres formadas em Medicina nos primeiros anos da Faculdade de Medicina de Porto Alegre.

O Acervo Tridimensional - AT

É formado por instrumental médico e cirúrgico, usados na prática médica, na promoção da saúde, na preven-

ção das doenças, no diagnóstico e tratamento das doenças e na recuperação e/ou reabilitação da saúde.

Em tempos recentes, é neste acervo que se encontram equipamentos usados na traumatologia, ortopedia e nos transplantes. Estes objetos são divididos por coleções, conforme as especialidades médicas e institucionais. No Acervo Tridimensional há 39 coleções, conforme as especialidades médicas ou acervos pessoais e institucionais. A listagem a seguir permite uma melhor compreensão.

Lista do Acervo Tridimensional do MUHM

<i>Nº</i>	<i>Coleção</i>	<i>Total de itens</i>
I	Anestesiologia	326
II	Cardiologia	36
III	Cirurgia Geral	1922
IV	Obstetrícia	92
V	Endoscopia	8
VI	Ginecologia	166
VII	Oftalmologia	174
VIII	Pediatria	26
IX	Pneumologia	37
X	Proctologia	28
XI	Radiologia	18
XII	Urologia	191
XIII	Farmacologia	1371
XIV	Hematologia	14
XV	Microbiologia	11
XVI	Acervo Pessoal	589
XVII	Medicina de Laboratório	117
XVIII	Otorrinolaringologia	121
XIX	Tisiologia	7
XX	Fisiologia	2
XXI	Eletroterapia	29
XXII	Clínica Médica	261

XXIII	Gastroenterologia	19
XXIV	Ortopedia e Traumatologia	75
XXV	Odontologia	35
XXVI	Medicina Tradicional	96
XXVII	Neurologia	19
XXVIII	Medicina Alternativa	10
XXIX	Anatomia	11
XXX	Endocrinologia	12
XXXI	Acervo Institucional – MUHM	172
XXXII	Cirurgia Plástica	7
XXXIII	Patologia	16
XXXIV	Acervo Institucional - SIMERS	61
XXXV	Psiquiatria/Psicologia	5
XXXVI	Alergologia	2
XXXVII	Dermatologia	1
XXXVIII	Saúde Pública	4
XXXIX	Angiologia	1

MUSEU JOAQUIM CAETANO DA SILVA

Há uns anos, um advogado de Porto Alegre fez um concurso público de provas e títulos para juiz de Direito da Justiça do Distrito Federal e territórios. Aprovado, foi nomeado para a Comarca de Oiapoque no, então, T. F. do Amapá.

O município de Oiapoque foi criado em 23 de maio de 1945 através do Decreto-Lei 7.578, e instalado em primeiro de julho no mesmo ano. Está situado na parte mais setentrional do território que hoje constitui o Amapá. É a única cidade do estado que tem fronteira com a Guiana Francesa. É também em Oiapoque que está situado o distrito de Clevelândia, de triste memória na história do Brasil. Foi para lá que foram enviados os presos políticos durante o governo de Arthur Bernardes (1922-1926).

Os primeiros passos do Juiz no Território do Amapá foram dados em Macapá, quando conheceu a Fortaleza São José de Macapá. Construída no século XVIII, está situada na margem esquerda do Rio Amazonas, em frente à cidade de Macapá. Na ocasião de sua visita, o guia turístico que o acompanhou à fortaleza fez referência aos restos mortais do médico gaúcho Joaquim Caetano da Silva, que era homenageado pelo povo de Macapá. O juiz ficou surpreso, pois não conhecia a história dele e narrou o fato a seus familiares, em busca de uma resposta à pergunta: quem foi Joaquim Caetano da Silva?

Joaquim Caetano da Silva (1810-1873) nasceu em Jaguarão/RS, mesmo município em que nasceu o pai do juiz. O Dr. Joaquim foi autor da obra *L'Oyapoc et l'Amazone* (1861), de fundamental importância na elaboração da defesa apresentada pelo Barão do Rio Branco (que definiu os direitos do Brasil na questão de limites com a França em 1900). A visita do juiz à fortaleza ocorreu em 1964. Quando ele faleceu, em 1984, já havia lido sobre a vida do médico e tinha conhecimento de que Joaquim estudara letras na França e era formado pela Faculdade de Medicina em Montpellier (1837).

Joaquim Caetano da Silva atuou como professor de gramática portuguesa, retórica e grego no colégio Dom Pedro II, no Rio de Janeiro (1838); como reitor do colégio, em 1839; como diplomata, encarregado dos negócios do Brasil (1851-1861), conduziu em Haia as negociações para o ajuste de limites com a colônia de Suriname; como cônsul-geral do Brasil (1854) na Holanda. Além de ter sido professor do Liceu Provençal de Niterói (RJ) e diretor do Arquivo Nacional (1864-1873).

A história relatada ao juiz, em 1964, de que os restos mortais de Joaquim repousavam na Fortaleza de Macapá, uma vez passados mais de 60 anos, precisava ser atualizada.

A Constituição de 1988, transformou os então territórios em estados, criando o estado do Amapá, cuja capital segue sendo Macapá. O decreto número 112, de 16/11/1990, cria

o Museu Histórico do Amapá “Joaquim Caetano da Silva”, sendo sua sede o prédio secular da antiga Intendência. O nome do museu é uma homenagem ao médico e diplomata gaúcho Joaquim C. da Silva.

No museu há informações sobre a história, a antropologia e a arqueologia do estado. Há um acervo de cerâmicas, fotografias históricas, objetos pessoais de personalidades públicas, documentos, manuscritos, moedas e a resposta à pergunta: “Os restos mortais do diplomata e historiador (eu acrescentaria médico) Joaquim C. da Silva, que dá nome ao museu, também estão no local”.

OBSERVAÇÕES

1. O Decreto-Lei 7.578, de 23 de maio de 1945, que fixa a divisão administrativa e judiciária do Território Federal do Amapá, é assinado por Getúlio Vargas.

2. O juiz de nome Germano Bonow Filho, (1913-1984) é pai do autor destas linhas, Germano Mostardeiro Bonow. Em uma visita à casa de meus pais, em Macapá, conheci a fortaleza. Na mesma época (1965), acompanhei o juiz até Oiapoque, e ficamos hospedados no hotel de trânsito da Unidade Militar do Exército Brasileiro em Clevelândia, distrito de Oiapoque.

REFERÊNCIAS

- ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA. **Em comemoração ao centenário do ensino médico**. Rio de Janeiro: Tip. Jornal do Commercio, 1908, p. 562-563.
- ARQUIVO DO DES. A luta contra a lepra no Rio Grande do Sul – Inauguração do Leprosário Itapuã. **Arquivos Riograndenses de Medicina**, v. 1, p. 233, jun. 1940.
- BENENSON, A. Controle das doenças transmissíveis no

- Homem. Relatório Oficial da Associação Americana de Saúde Pública. OPAS/OMS. **Publicações Científicas**, n. 442, ed. em português, p.282-287, 1983.
- CEVS. **Poliomielite**. Centro Estadual de Vigilância de Saúde RS. Disponível em: <https://www.cevs.rs.gov.br/poliomielite>.
 - COSTA, B. A luta contra a tuberculose no Rio Grande do Sul. In: **Panteão médico**, p. 164. 2º Congresso Nacional de Tuberculose. 19 out. 1941.
 - CUNHA, C. V. As verminoses no Rio Grande do Sul. In: **Panteão médico**. p. 188.
 - FRANCO, S. da C. **Porto Alegre**: guia histórico. Porto Alegre: Ed. Edigal, 2018, p. 66-67.
 - OMS. Profilaxia das doenças transmissíveis. **Publicações Científicas**, n. 51, ed. 9, p. 255-261, dez.1962.
 - OMS. Profilaxia das doenças transmissíveis. **Publicações Científicas**, n. 162, ed. 10, 1965.
 - OMS. **Uma estratégia mundial contra a varíola**. A saúde no mundo, out. 1972.
 - Porto Alegre. **A fundação de Porto Alegre**. Porto Alegre: Ed. Globo. 1909, p. 130.
 - SCHINKE, W. **A Medicina no Vale do Taquari**. Ensaio histórico autobiográfico. Estrela: Edição Independente, 2019, p. 146.
 - SCLIAR, M. A Cena Médica. **Jornal Zero Hora**, Porto Alegre, 14 de ago. 2010.
 - WEBER, B.; SERRER, J. C. **Instituições de saúde de Porto Alegre** - Inventário. Porto Alegre: Ideograf, 2008, p. 23-25.

MÉDICOS E POETAS NO RS SUL DESDE A SUA POVOAÇÃO

Rogério Gastal Xavier

INTRODUÇÃO

A colonização do sul do Brasil se dará tardiamente quando os colonizadores portugueses avançarem os limites estabelecidos pelo Tratado de Tordesilhas rumo às descobertas no Novo Mundo, em 1494. Ao domínio de Espanha estavam todas as terras ao oeste desta linha imaginária que cruzava de norte a sul e finalizava à altura de Laguna, em Santa Catarina.

O estabelecimento da cultura portuguesa, envolvendo todas as artes e as ciências, seria uma consequência natural do progresso instalado no novo território. A princípio, o domínio português fez-se por mais de dois séculos nas províncias do norte, nordeste e centro do país. Eram as primeiras a manter laços fortes com o domínio português, então vinculado às plantações de cana-de-açúcar e ao extrativismo de ouro e minerais preciosos, além do pau Brasil. Nem mesmo assim essas circunstâncias teriam atrasado muito o início das letras no Rio Grande do Sul, pelo menos quanto à literatura moderna, isto é, aos movimentos do romantismo e realismo, no século XIX.

— *Quién eres
solitario / viajero
de las noche?*

— *Yo soy la
poesía / que un
tiempo aquí
reinó, / yo soy el
postrer gaucho
/ que parte para
siempre / de
nuestra vieja
patria / llevando
el corazón.*

*Fernando O.
Assunção
(Montevideu,
1931-São Paulo,
2006)*

Sob o ponto de vista histórico, Joaquim Manuel de Macedo (Itaboraí, 1820 – Rio de Janeiro, 1882), teria sido o primeiro autor desses movimentos literários. Aos onze anos de idade publica o poema *O Sete de Abril*, pela abdicação de Dom Pedro, nosso primeiro imperador, em favor de seu filho, Dom Pedro de Alcântara, marcado assim o fim do Primeiro Reinado, dez anos após a independência de Portugal. Quando de seu primeiro romance, *A Moreninha*, leva também o mérito de descrever pela primeira vez a vida da sociedade brasileira em linguagem simples, mas com riqueza de detalhes. E ocupa-se do tema do amor que então centralizava as atenções de todas as camadas sociais, a torná-lo logo conhecido. Segue-se uma sucessão de romances, livros de memórias e inova ao poema-romance *A Nebulosa*, de 1857, além de peças de teatro e livros didáticos para o ensino básico. Tornando-se professor do Colégio Pedro II, instituição magna da instrução pública, passa a tutor das filhas da Princesa Isabel e recebe as comendas das Rosas e da Ordem de Cristo, em reconhecimento nacional.

Outro escritor pioneiro e seu contemporâneo era Caldre e Fião, natural de Porto Alegre. Este, inconformado com o rumo fratricida da Revolução Farroupilha, transfere-se ao Rio de Janeiro onde gradua-se médico em 1851 e retorna ao Rio Grande do Sul, em companhia da esposa Maria Isabel, após o casamento no Rio de Janeiro. Desde esse tempo, dedica-se à campanha pela abolição da escravatura e a favor dos direitos femininos. E será pioneiro por introduzir o tema do regionalismo sulino em seu romance *A Divina Pastora*. Envolve-se em várias atividades de assistência social. Abriga em sua propriedade, no município São Leopoldo, aos cidadãos marginalizados e passa a lecionar nos colégios da capital, além de exercer a profissão de médico. Reúne-se a Apolinário Porto Alegre e a outros intelectuais da capital e do interior do estado para fundar a Sociedade Partenon

Literário, em 1868. Publica extensa obra poética e outras de promoção cultural e social, organizando sessões culturais e conferências de grande alcance, a ser publicadas nos jornais, em que culmina a professora de ensino primário Luciana de Abreu, a ser a porta-voz ao sufrágio feminino e de exercer indiscriminadamente o direito ao estudo superior, então cerceado aos homens e à escolha da profissão.

Portanto, não foi de todo inusitado que uma nova geração de escritores e poetas tenha surgido no seio das mulheres gaúchas e no litoral do Rio do Grande Sul. Justamente onde havia começado os primeiros povoados pelas instalações militares do forte Jesus-Maria-José e pela instalação dos novos colonos açorianos nas imediações ao Porto de São Pedro do Rio Grande. Assim, as primeiras autoras de poesia eram nascidas e batizadas à Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em São José do Norte: Maria Clemência da Silveira Sampaio e Delfina Benigna da Cunha. Maria Clemência, filha de família de ricos empresários em Pelotas e Rio Grande, era a autora de *Versos Heroicos*, longo poema de 135 versos publicado em jornal do Rio de Janeiro por ocasião da aclamação de Dom Pedro I como Imperador do Brasil.

O primeiro livro de contos no estado seria também de autora feminina por Ana Eurídice Eufrosina de Barandas, *Filósofa por Amor*, de 1845. É também de sua autoria o livro de poemas *O Ramallete ou Flores Escondidas no Jardim da Imaginação*, ao mesmo ano; filha de médico cirurgião, de boa formação cultural e em boa situação social, ela funda escola mista para meninas e meninos carentes. E teria sido Maria Josefa da Fontoura Pereira Pinto, nascida em Viamão, a primeira mulher a exercer o jornalismo no estado, fundando o semanário *Belona*, identificando-se como “A Senhora da Guerra”, em vigilância pela imprensa aos acontecimentos da Revolução Farroupilha, entre 1835 e 1845.

AUTORES

A contribuição dos autores brasileiros em geral e daqueles sul-rio-grandenses em particular à literatura nacional é sabidamente expressiva. E, dos poetas de formação médica, aconteceria em grande parte pela Medicina ser “ciência e arte”. Contudo, se por vezes a produção dos autores médicos seja ajuizada como não tão vasta em relação a outros casos, compreenda-se que as exigências de tempo e esforços a sua profissão tenham concorrido com a obra literária, ainda que sem deslustrar da qualidade.

Assim, seguindo Guilhermino César, inesquecível autor da obra fundamental *História da Literatura no Rio Grande do Sul (1737-1902)*, nos vimos mais propriamente alentados em redigir para aprender sobre o tema requisitado pela ASRM, do que ousar em esgotá-lo ao colaborarmos neste livro.

Passaremos à narrativa dos médicos e poetas sul-rio-grandenses levantados, partindo de uma ordem cronológica de época do nascimento, ainda que não rigorosamente linear. Embora não se possa estabelecer uma classificação estanque da literatura gaúcha em períodos clássico, moderno e contemporâneo para abarcar as publicações, entre o século XIX e o atual poderemos verificar que a produção literária de cada autor muitas vezes se sobrepõe ou imbrica-se nesses períodos. Entretanto devemos compreender que os autores eram expostos a múltiplas influências, e a decisão de qual rumo permanecer ou seguir adiante era uma definição pessoal.

Caldre e Fião, José Antônio do Vale (Porto Alegre, 1824 - 1876)

É considerado o decano da literatura sul-rio-grandense e um de seus primeiros poetas. Natural de Porto Alegre, teria ficado órfão de pai aos dois anos de idade e, aos treze, iniciava a trabalhar em farmácia da cidade. Aos dezesseis,

requer e é admitido de auxiliar à botica da Santa Casa de Misericórdia da cidade. No ano seguinte, segue ao Rio de Janeiro, durante a Guerra dos Farrapos, e lá, trabalhando em periódicos, começa a escrever artigos e poemas nos jornais e textos teatrais.

Sua temática primordial localiza-se à causa abolicionista, além de dar voz à mulher e à identidade do povo brasileiro em geral. Funda e dirige o jornal *O Filantropo*, entre 1849 e 1851. Pelo seu romance *A Divina Pastora*, de 1847, é creditado de haver sido o primeiro autor brasileiro a relatar o tema regionalista na sua descrição do gaúcho em seu ambiente natural, e o segundo do gênero romance no Brasil. Ainda estudante no Rio de Janeiro, publica o poema elegíaco *Elogio Dramático ao Faustosíssimo Batizado do Príncipe Imperial D. Pedro*, os romances *Imerisa*, em 1848 e *O Corsário*, de 1849 e alguns livros didáticos, pois lecionava em ginásios para jovens estudantes de ambos os gêneros, quando a maioria das escolas lecionavam a classes exclusivamente masculinas. Era professor em várias disciplinas, desde o latim a línguas estrangeiras, filosofia, ciências naturais e física, enquanto estudava no Liceu de Medicina Homeopática e atendia à farmácia dessa instituição, para finalmente frequentar e formar-se à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1851.

Seria Caldre e Fião o grande idealizador e um dos fundadores da Sociedade Partenon Literário, em 1868, em colaboração a Apolinário Porto Alegre e outros reconhecidos intelectuais porto-alegrenses e do interior do estado, e que muito viria em incentivar as publicações literárias e de artigos nos jornais da capital e do interior do estado. É fundada a *Revista do Partenon Literário* por esta sociedade, onde ele escreve com frequência artigos de fundo patriótico e cultural, além de biografias, como a de Joaquim Marques Lisboa, o Marquês de Tamandaré, e da insigne professora e poeta, Luciana de Abreu.

São desta época seus poemas: *O escravo brasileiro*, *Um lírio*, *Canção da filhinha*, *A Mucio Teixeira*, *Canto à cítara*, *Um amor*, *A aurora*, *A manhã*, *O passeio*, *O incógnito*, *O canto do cisne*, *O adeus*, *Clorara*, *O despertar da alma*, *A dália* e outros.

Distingue-se como poeta desde seu *Elogio dramático ao faustosíssimo batizado do Príncipe Imperial Dom Pedro*, editado pela Tipografia Silva Lima do Rio, em 1848, com 16 páginas, e *Ramalhete poético dos excelentes versos recitados na Bahia*, de 52 páginas, homenagem a João Caetano dos Santos, considerado o pai do teatro brasileiro, impresso à Tipografia Fluminense em 1848. É deputado geral da província em 1855 pelo Partido Liberal Progressista e membro fundador do Instituto de História e Geografia da Província de São Pedro. Destaca-se ainda sua atividade médica por ocasião da epidemia do cólera de 1866.

Amaro Juvenal, Ramiro Barcellos (Cachoeira do Sul, 1851 - Porto Alegre, 1916)

Médico e historiador, poeta e jornalista, redator do jornal *A Federação*, representando junto à imprensa o grupo político do Partido Republicano Rio-Grandense, muito ligado à presidência da província. Assume várias atribuições: professor de Propedêutica Médica da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, chefe de Clínica Cirúrgica da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, secretário da Fazenda do estado, deputado federal, ministro plenipotenciário do Brasil no Uruguai e senador constituinte do Rio Grande do Sul.

Em 1890 atua militarmente pelo senador Pinheiro Machado e em defesa de Júlio de Castilhos, para depois ser seu exegeta e crítico agudo do Positivismo, ideário em que se calcava a primeira constituição republicana do estado. Entre 1906 e 1912, assume a superintendência das obras do Porto do Rio Grande, pelo governo do estado e ainda da companhia de transporte Brazil Railways.

É seguidor da linguagem nativista inaugurada por José Hernández, que publicara os clássicos argentinos *El gaucho Martín Fierro*, em 1872, e *La vuelta de Martín Fierro*, de 1879. Poeta satírico, é dele o épico *Antônio Chimango*, de 1915, onde lê-se os versos:

65# Do meio-dia pra tarde/ Se foi o tempo arruinando. / Soprava de quando em quando/ Um vento quente do Norte. / Assim é que muda a sorte/ De um pobre que anda tropeando. 66# Dia quente, de mormaço. / A gente vinha abombada: / Custou-se a achar uma aguada/ Onde o boi bebesse a gosto, / E era já quase sol posto, / Não se tinha andado nada. 67# Lá 'pras' bandas do poente; / Formou-se uma barra escura; / A felicidade não dura/ E é china que não se roga; não há menea nem sogá/ Que a possa manter segura. 130# Cada qual tem o seu fraco/ E também sua pereva, / É por aí que se os leva /, A não dá-los a perceber; / Está tudo em se meter/ Com jeito o porco pra ceva. / 142# Home é bicho que se doma/ Como qualquer outro bicho; / I em às vezes seu capricho, / Mas logo larga de mão; / Vendo no cocho a ração, / Faz que não sente o rabicho.

Augusto Meyer dele dizia: “Há também outro motivo para lhe assegurar repercussão prolongada na história do regionalismo gaúcho — a sua originalidade da composição.” Carlos Nejar, poeta gaúcho contemporâneo, brilhante ensaísta e escritor em vários gêneros, membro titular da Academia Brasileira de Letras, teria revivido o estilo épico de Ramiro Barcellos em que inspira-se a *Sinfonia Pampiana*.

Mário Totta (Porto Alegre, 1874 - 1947)

Médico, romancista, poeta e jornalista. Desde jovem, escrevia no *Jornal do Comércio*, a convite do editor Aquiles Porto Alegre. Mas, por discordância de um de seus colegas, Caldas Júnior, com o dono do jornal de quem era genro, é convidado a associar-se a ele e a Paulino de Azurenha na empreitada de fundar um novo jornal, *O Correio do Povo*, em 1895, este que irá completar cento e trinta anos de existência no ano corrente de 2025.

Logo depois, será a vez de Mário Totta aliar-se a Azurenha e Souza Lobo para publicarem em parceria um romance na-

turalista, *Estricnina*, a ser editado pela Livraria Americana, em 1897, por intercessão de Mário que lá havia trabalhado de caixeiro, e publicara um primeiro livro de poemas, aos dezoito anos de idade.

Meu canteiro de Saudades será seu terceiro livro de poesia, saindo em Porto Alegre pela Editora Globo em 1912. Este poeta já granjeara a boa fama de culto, competente e generoso. Indicado ao cargo de secretário da Instrução Pública, ficaria ainda mais conhecido. E, ainda, aluno do curso de Farmácia. Porém continuaria seus estudos para graduar-se na Faculdade de Medicina de Porto Alegre em 1904. Ao frequentar as dependências da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, considera que o atendimento às parturientes estaria muito deficiente. Então, após a formatura, bate-se para conseguir apoio público para erguer o pioneiro Serviço de Maternidade desta instituição, e sob seus cuidados haveria de receber modernizações sucessivas até a inauguração do Pavilhão Daltro Filho, em 1931, e da Maternidade Mário Totta, de 1940, em que é homenageado e permanece fiel para que as gestantes e parturientes recebam atendimento gratuito.

De presença constante nas apresentações culturais e artísticas de Porto Alegre, organiza uma associação cultural que se torna famosa, o Clube Jocotó, nome então empregado a muitas manifestações populares acontecidas em todo país para o cultivo da música, poesia e literatura de cordel.

Dyonélio Machado **(Quaraí, 1895 - Porto Alegre, 1985)**

O Patrono da Cadeira de Número 19 da ASRM era médico psicanalista, poeta, contista, romancista, ensaísta, jornalista e militante político, considerado como um dos autores mais representativos do modernismo brasileiro, além estar entre os cem melhores escritores do país. Marcado pela per-

da do pai aos seis anos de idade, obriga-se a colaborar com a economia da família auxiliando os colegas de escola mais atrasados nos estudos para em troca ser dispensado do pagamento da matrícula a si e ao irmão menor. Ainda estudando, emprega-se em jornal onde exerce os primeiros contatos com a literatura e, em companhia a Décio Freitas, criam o jornal *O Martelo*. Dado o título, cedo teria sido despertado ao interesse social e a convicção política ao comunismo.

Nesta época, vai se associar com outros intelectuais de Quaraí que fundam a Associação dos Amigos do Saladeiro, a partir de convite da poeta Ophelia Calo Berro de Ribeiro. Esta senhora, em exílio voluntário de sua juventude rio-platense, decide retornar às origens, abrindo a “casona”, antiga propriedade de família do Matadouro São Carlos, então desativado à beira do rio Quaraí-Mirim, para promover saraus literários e musicais. Lá Dyonélio encontra outros quaraíenses e futuros autores. Cyro Martins, que vai integrar o grupo de romancistas da Geração dos Trinta com sua trilogia do *Gaúcho a pé: Campo Fora* (1934), *Sem Rumo* (1937), e *Porteira Fechada* (1944). Lila Ripoll, prêmio Olavo Bilac de Poesia pela Academia Brasileira de Letras, por *Céu Vazio* (1941), e prêmio Pablo Neruda, do Chile, por *Novos Poemas* (1951). Carlos Reverbel, jornalista, ensaísta e pesquisador responsável pelo resgate de parte incógnita da obra inaugural de Simões Lopes Neto. Luiz Menezes, autor das poesias em forma musical de *Piazito carreteiro* e *Última Lembrança*, dois clássicos das cantigas nativistas rio-grandenses. E Nílson Bertoline, o poeta das “longas angústias e vida curta”, com muitas edições pela Globo, entre outros.

Gradua-se pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre em 1929, aos 34 anos, pois, a não ser aprovado no primeiro vestibular, presta concursos públicos para se manter, trabalha em diversas repartições de funcionário e no Hospital São Pedro. Especializa-se em psiquiatria no Rio de Janeiro, e se

torna um dos primeiros mentores da psicanálise no país, traduzindo a obra fundamental *Elementos de Psicanálise*, publicada em 1934 pelo médico psiquiatra italiano Edoardo Weiss (Trieste, 1889 – Chicago, 1948).

Como médico, vivia de sua atividade de consultório. Na função de diretor do Hospital São Pedro, introduz importantes atualizações médicas e administrativas, onde leciona neste nosocômio estadual afiliado a UFRGS. É um dos fundadores da Associação Rio-Grandense de Imprensa e, junto a Décio Freitas, criam o jornal *Tribuna Gaúcha*, porta-voz do Partido Comunista Brasileiro, o PCB, em 1946. Nesta época é eleito deputado estadual e líder de bancada, mas por se ver cassado no mesmo ano e não sentindo-se suficiente apoiado, não retorna à vida política.

Era ávido leitor dos clássicos russos, a começar pela obra pioneira de Aleksandr Púchkin, um dos precursores do modernismo e da poesia contestatória. Nascido ao final do séc. XVIII, o russo atravessa várias formas autocráticas de governo e mantém-se fiel à construção da liberdade individual, vista neste poema escrito em epígrafe a seu livro de contos *A Dama de Espadas*, em tradução de Haroldo de Campos:

*MAS, tardes de borrasca – todos à tasca! / Trucavam: cem mais cem!
Que Deus no além lhes perdoe (Amém!). / Apostas, riscos, bis! Quem
ganha faz um X com giz. / Tardes de borrasca. Encargos graves à tasca.*

Dyonélio inicia sua obra ficcional no livro de contos *Um Pobre Homem* (1927). No romance *Os Ratos* (1935), para muitos sua obra prima, segue a linha moderna mas não direcionada ao regionalismo. Torna-se muito conhecido após a publicação de *O louco do Cati* (1942), que será adaptada para peças teatrais em vários estados. O autor insere neste texto de prosa o soneto *Almas penadas* (*Sugestões do cárcere*):

*Não se sabe quem foi. Nem sequer se foi Deus. Ou se foi o Demônio
Engenhoso e Magano ou mesmo um Poeta triste e por isso com seus
Sorrisos de Comédia, entre divino e humano. / Não se sabe quem
foi. Só se sabe que os Céus um dia se fecharam, que um profundo*

oceano de fogo e de sofrer se abriu para esses réus. – O Inferno, assim criado, entronizava o Insano. / Uma a uma, depois vieram todas as almas. – Almas sem esperança, ímpias almas penadas: É do Fado amargar dores mudas e calmas. / Todas têm um sinal: são possessas, danadas. Mas passam, sem ouvir o apupo ou palmas... — A tristeza que há nessas almas geladas.

O poema é atribuído à personagem do poeta Leandro, o companheiro de cárcere do “louco”, ao cubículo 14 da Casa de Detenção no Rio de Janeiro. Lá onde o próprio autor estivera preso, de 1935 a 1937, junto com outros intelectuais que encontravam-se cativos por motivos políticos, entre eles Graciliano Ramos, com quem formaria sólida amizade.

Se Púchkin tivesse assistido à divulgação mundial de seu romance *Eugene Onegin*, escrito em versos, adaptado em ópera por Tchaikovsky (1879), ou ainda à sequência musicada de seus contos em *A Dama de Espadas* pelo mesmo Tchaikovsky (1890), poderíamos igualmente pensar neste encantamento às obras de Dyonélio. Portanto, não restaria dúvida de que tanto Púchkin quanto Dyonélio souberam transformar seus textos pungentes (e quase aos gritos!) em hinos de alerta ao direito em se atingir a liberdade. E a ser carregado de nuanças, nome que deu título a um dos seus romances, compondo a *Tetralogia dos Ratos* (*O louco do Cati*, 1942; *Desolação*, 1944; *Passos perdidos*, 1946; e *Nuanças*, 1981) que, segundo o autor Cleber Eduardo Karls, caracteriza a liberdade pela ânsia peculiar em mantê-la do homem moderno.

Aureliano de Figueiredo Pinto
(Fazenda São Domingos, antiga estância jesuítica
entre os municípios de Tupanciretã e Júlio de
Castilhos, 1898 – Santiago do Boqueirão, 1959)

O Patrono da Cadeira de Número 7 da ASRM teria sido alfabetizado pela sua mãe na fazenda, e inicia os primeiros estudos no Ginásio de Santa Maria, terminando-os no Colégio Júlio de Castilhos, em Porto Alegre. Aos dez anos

de idade, já escreve poesia. E, aos dezesseis, tem seus poemas classificadas em concurso a ser publicados na revista *Reação*, dirigida por Walter Jobim, advogado porto-alegrense com escritório de sucesso em Santa Maria e que viria a seguir carreira pública como deputado estadual, embaixador no Uruguai e governador do estado (1947 – 1951).

Em 1916, Aureliano muda-se para Porto Alegre visando preparar-se para o curso de direito, porém opta pela Medicina e publica poemas no *Correio do Povo*. Toma parte ativa na Revolução de 1923 como capitão-médico ao primeiro piquete para entrar em Itararé, divisa de São Paulo e o Paraná. Segue ao Rio de Janeiro para estudar Medicina com o amigo e companheiro de sempre, Antero da Silva Marques (São Francisco de Assis, 1904), médico, pecuarista, político, poeta e memorialista, autor de artigos como *Mensagem a poucos, vivências de um estudante revolucionário* (1923) e *Assis Brasil e a evolução nacional* (1945-1957). Na então capital federal, Aureliano escreve coletânea de poemas em *O mar visto por um gaúcho*.

O autor retorna a Porto Alegre para terminar o curso de Medicina. Sua produção literária era constante, mas a considerava secundária ao ofício de médico, colaborando nas revistas *Kodak* e *Ilustração Pelotense* em poesias líricas e simbolistas, assinando suas obras ora como Júlio Sérgio de Castro, Jorge Pena ou Jango Borba.

Passa a ler autores regionalistas rio-platenses, de ambos lados do Prata: a revista *El Fogón*, de Montevideu, *Martín Fierro*, de José Hernández, seguido por *Don Segundo Sombra*, de Ricardo Güiraldes e os contos de Horacio Quiroga, uruguaio de Salto, mas argentino de adoção. Nesta época, pela influência marcante da poesia platina, teria poemas também escritos em espanhol.

Mas o modernismo avança e toma espaço nas discussões literárias da “República de Estudantes”, rua da Olaria (bairro Cidade Baixa), onde moravam ele e seus amigos.

Ao graduar-se, dedica sua tese de doutoramento ao grupo de amigos, com menção especial a Cyro Martins. Depois de formado, muda-se para a cidade de Santiago, próxima a sua terra natal, onde trabalha em sua clínica e atende à saúde pública, logo passando a chefiar o Posto de Saúde local. Para garantir que a clientela empobrecida não deixasse de aviar suas receitas, combina com o farmacêutico e os amigos mais abastados de aplicar um sistema especial de códigos a dar cobertura às despesas dos medicamentos, e mantendo-o desconhecido aos pacientes.

Casa-se com Zilá Lopes em 1933, e são três filhos do casamento: José Antônio, futuro médico, Laura Maria e Nuno Renan. O primeiro será também o responsável pelo resgate de boa parte das obras literárias do pai, pois o escritor as mantinha guardadas em segredo.

Dedica a Cyryno Lopes, conhecido estancieiro, o poema *Os Fletes*:

*Onde estarão?! ... Onde estarão?! ... Porque decerto não morreram!
/ Algo sobrou, que não freuiu na relva verde nutrida pelos corpos
de meus fletes. / O corpo deles sofreu a minha espora; a solicitação
de meus impulsos; e a direção de minha rédea; / a clina deles que
ondeou no vento bravo das rajadas; / e os relinchos que sangravam o
silêncio da seiva e carne das auroras; / certo tudo morreu na mancha
pobre a que desceram as corvadas... / Mas as almas deles, as almas
humanas dos meus fletes andam errantes nos espaços. / E já lhe
são eternos os efêmeros instantes em que sonhamos sós por esses
campos. / Por cerros altos, rinconadas e capões que davam medo;
/ na claridade das planuras; à beira da água viva dos arroios; / e no
destino das estradas que se perdem no horizonte. / Quantas vezes
as nossas almas conversavam na solidão da mesma cisma! / E nas
nossas pupilas fulgurava a mesma luz de Deus! / Decerto não mor-
reram os meus fletes e vivem nos rincões dos intermúndios. / Um
dia iriei fazer a recolhida: hão de reconhecer a minha sombra / e o
velho amigo que, como eles e com eles campo-fora! / esquecia a dor
da Vida nos desesperos das atropeladas...*

Leitor dos clássicos nacionais e estrangeiros, mistura os linguajares culto e popular com maestria, e seu palavreado gauchesco migra entre as fronteiras do Rio Grande e dos países platinos. E vale reler *Martín Fierro*:

IX. Matreriando lo pasaba / Y à las casas no venia / Solia arrimarme de dia / Mas, lo mesmo que el carancho / Siempre estaba sobre el rancho / Espiando à la polecia... / Aqui no valen Dotores, / Solo vale la esperencia, / Aqui verían su inocência / Esos que todo lo saben, / Porque esto tiene otra llave / Y el gaucho tiene su cencia... / Me encontra como digo, / Em aquella soledá / Entre tanta escuridá / Echando al viento mis quejas, / Cuando el grito del chajá / Me hizo parar las orejas. / Como lambriz me pegue / Al suelo para escuchar, / Pronto senti retumbar / Las pisadas de los fletes, / Y que eran muchos ginetes / conoci sin vacilar ...

Pela editora Sulina publicam-se os livros inéditos de Aureliano *Romances de Estância* e *Querência II*, em 1973, e pela editora Movimento, de Carlos Jorge Appel, *Memórias do Coronel Falcão*, além de outros poemas inéditos, resgatados pelo filho José Antônio em um caderno esquecido do pai, livro com o título *Itinerários – Poemas de cada instante*, de 1996. Nestas últimas obras, a largueza de horizontes próprios do pampa e os hábitos campeiros dão lugar ao mundo interior e à paixão humana, a passar tantas vezes despercebida e assim resgatada ao lúmen da literatura. Também Gustave Flaubert, em *Madame Bovary*, é uma de suas influências na sexualidade do gaúcho desvelada por exemplo em *Memórias do Coronel Falcão*. Aureliano de Figueiredo Pinto seria o autor expoente do modernismo à feição própria e regionalista do Rio Grande do Sul.

Aurora Nunes Wagner (Garupá, distrito de Quaraí, 1899 – Porto Alegre, 1973)

A poeta, tendo sido estudante no Colégio União, de Uruguaiana e no Instituto Ginásial Júlio de Castilhos, em Porto Alegre, era diplomada em Odontologia pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre, 1919. Cirurgiã-dentista em Porto Alegre, professora da Escola Médico-Cirúrgica de Porto Alegre, da Faculdade de Medicina da UFRGS e da Faculdade de Odontologia da PUCRS, em que recebe o título de Professora Emérita, em 1970. Membro da Academia Literária Feminina

do Rio Grande do Sul (foi sua presidente) e da Academia Brasileira de Odontologia. Fundadora e diretora da revista *Atheneia*, de Porto Alegre.

Publica poemas em jornais, lança seu livro de poemas *Prelúdios – versos*, em 1946, e participa de publicações na revista *Ilustração Brasileira*, porém ficando inédito o livro *Sorrisos de outono – versos*. Também é autora de ampla obra profissional sobre odontologia infantil e ortodontia. Teria sido influenciada por Gustavo Barroso, museólogo, político e escritor do Rio de Janeiro, considerado mestre do folclore brasileiro e primeiro diretor do Museu Histórico Nacional, mas também tradicionalista católico de extrema-direita e um dos principais líderes da Ação Integralista Brasileira.

Balbino Marques da Rocha (Santa Maria, 1915 – 1996)

Médico formado pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre, em 1937, especializa-se em cirurgia ginecológica nesta capital e prestaria atendimento à Sociedade Beneficência Portuguesa e ao Hospital Ernesto Dornelles, além da dedicada assistência aos ambulatórios da previdência social durante quase 50 anos.

Manfroi, em seu livro *Médicos Escritores*, de 2013, faz o registro da grande repercussão causada dentro e fora da Faculdade de Medicina de Porto Alegre pelo poema deste jovem aluno de Medicina, *A Estância de Dom Sarmento, trovas do Amigaço*, em 1937. A sátira dirigia-se à vida da faculdade, então dirigida pelo insigne professor, o médico Eduardo Sarmento Leite. Esta crítica daria continuidade à campanha exercida pela Associação Médica e por outros órgãos de classe contra o exercício irregular da profissão no estado. Desprovida da regularização do diploma e de sua formação, essa orientação era acatada pelo diretor da escola médica. Em razão das ideias positivistas vigentes, era a fa-

vor do livre exercício profissional, pelo Presidente Antônio Augusto Borges de Medeiros (Caçapava, 1863 – Porto Alegre, 1961) que estava entronizado no executivo estadual por vinte cinco anos, de 1898 a 1928. Diz o poema:

I. E um potro baio-amarelo, Que não pelava o lombilho, Com cada um coromilho De assustar domador, Ali estava no piquete, Esperando algum ginete Pra passar-lhe o maneador! / II. Mas tinha uma condição: Era, depois de encilhá-lo Deixar tão manso o cavalo Que, palanqueando o bagual Fosse uma china sozinha Dar um nó num fio de linha Na rédea atrás do bocal. / III. Não se enxergava um campeiro Que aguentasse esse tirão, Porque soltar redomão A um potro de tal tope-te, Só dá pra fazer picuinha, Inda mais atar a linha De trás do bocal do flete. / IV. Mas como foi se espalhando, A notícia de tal potro, Se pensava num e noutro, E as morenas como um raio, Pois ia ser a rainha Quem atasse o fio de linha De atrás do bocal do baio. / V. Nisto alguém se levantou, Deu de mão num buçal grosso, Num mango cabo de osso, Num maneador e num laço E foi ali repontar O pingo pra encilhar, O nosso pardo Amigaço.

VI. É que uma ali, cor de cuia, China de trança cuidada, Não quis le dar muita entrada, E o caboclo, de soslaio, Notou que a china estranhava Porque ninguém se ensaiava Pra repicar o tal baio. / VII. Quando o pardo alevantou-se, A chinoca estremeceu... “Se este povo percebeu, Virge Santa, se pareça Que eu fui a causa de tudo, Vou dizer ao chilenudo Que tire isto da cabeça!” / XIV. Passou-se mais um bocado De ânsia desengrenada... Lá adiante, junto da estrada, No rebordo de um capão, Amadrinhador do lado – O potro vinha estonteado, Num trote de redomão! / XV. Apeou-se meio longe, Pra não judiar do cavalo, Pois não queria surrá-lo ... E o amarrou num moirão, Pedindo pra caboclinha Que no mais atasse a fita Na rédea do redomão. / XVI. A moça toda risonha Foi chegando pra o cavalo, E no tentar alisá-lo O baio lambeu-lhe a manga; E depois de atar a linha, Considerou-se rainha, Vermelha como pitanga!

Pelo seu estilo regional e ufanista, recorrendo a chistes ou a palavreado próprio das estâncias, Balbino Marques da Rocha distancia-se dos autores clássicos e modernistas que ambicionavam criar um novo tempo pelo estilo e a maneira de pensar, remontando às tradições campeiras para marcar seus pontos de vista. Embora surja por vezes um linguajar platino a reforçar sua autenticidade pampiana, pela maneira de se manifestar pela ironia, é de se reparar os efeitos, em que utiliza ambiguidade e duplo sentido para fazer humor castiço, à moda portuguesa e açoriana de nossos

antepassados colonizadores. Portanto o autor encontra-se na boa companhia de importantes autores gaúchos da cepa de Apparício Silva Rillo, Alcy Cheuiche, Antônio Augusto Fagundes, Chico Gaudério, Glauco Saraiva, Guilherme Schutz Filho, Hélio Moro Mariante, Horácio Paz, Jayme Caetano Braun, José Hilário Retamozo, Lauro Rodrigues, Sílvio Duncan, Vargas Neto, entre outros.

Hugolino Andrade

(Santana do Livramento, RS, 1905 - 1990)

Forma-se pela Faculdade de Farmácia e a seguir pela de Medicina do Rio de Janeiro, em 1927, aos 22 anos de idade! Ainda no Rio, especializa-se em Clínica Médica e Radiologia, para logo retornar à terra natal. Segue atividade ininterrupta à Santa Casa de Misericórdia de Livramento, como diretor médico e radiologista, e responsável pelo serviço binacional de doenças infecto-parasitárias da fronteira rio-grandense. Vice-presidente da Associação Médica do Rio Grande do Sul, membro e presidente do Colégio Brasileiro de Radiologistas, era uma eminência médica nacional vivendo no extremo sul do Rio Grande.

Edita livro médico sobre *Hidatidose*, de 1982, em que, por ser grande especialista no tema, debatia-se pelas campanhas preventivas contra esta zoonose que não poupava o gado nos rebanhos nem os cães e, por consequência, os humanos.

Militante convicto do partido republicano rio-grandense, era grande orador e foi patrono à fundação da ASRM. Bom leitor, a quem o conhecemos pela apresentação do amigo médico Luiz Maria Yordi, especialista em cardiologia intervencionista no Instituto de Cardiologia de Porto Alegre, e aproximando-nos também ao livreiro e editor Edgardo Rodrigues Xavier, homem de grande cultura literária, nascido em Lisboa, mas porto-alegrense de coração. É do poeta e Dr. Hugolino:

Sonho ou realidade, / súbito / entraste em minha vida. / Poesia sendo, / contigo sonho, / fazendo-te real / ou mágica. / Não decifro a verdade / nos devaneios / de mentira. / Transfiguro-me / na Utopia, / exaurindo-me na Quimera. / Agito-me / em perpétuo pesadelo, espantando a fantasia. / Não reencontro / no sonho / que, obstinado / envolve a realidade.

Seu estilo lírico, mas imbuído de realismo, toma maior expressão no poema-elogio *Ao grande Mestre Rubens Maciel*, médico e cidadão santanense, assim como ele, em *Os Olhos do Mestre*:

Impertinente nubécula / ameaçou toldar a luz / dos olhos do Mestre. De imediato / todos começamos / a ver menos. / As letras confundiram-se / as cores de apagaram... / Como a leitura organizar / e as sete cores / do arco-íris destacar? / Se os olhos do Mestre / a luz não via. / Aos poucos / foi a cortina / entreabrindo-se: / a luz novamente iluminou os olhos do Mestre / que não via. / Semicegos / retornamos à leitura para entender / e as sete cores / do arco-íris perceber... / É verdade / que juntos com o Mestre / os males do mundo / tornamos a rever... / Mas que importa / se, unidos, deslumbramos / o multicolorido das rosas / que não víamos!

É notável também sua capacidade de contestação modernista em vários outros poemas de *Ressurreição*, por exemplo o intitulado *Perguntas a um poeta concretista e polêmico*:

Você diz / o que diz / porque acredita / no que diz? / Ou você diz / aquilo que diz / sem pensar / no que diz? / Se você / não pensa / no que diz, / porque teima / em dizer / e mal dizer / àqueles que / não dizem / o que você / diz, porque / na verdade / você nada diz!

E a quem teria dirigido o poema contestatório? Se não a Paulo Leminski, autor de *Catatau*, de 1975? Ou a Ferreira Gullar, que mais tarde receberia por sua obra consagrada o Prêmio Camões, em 2010? Ou a ambos, por autêntico saudosismo conservador?

João Gomes da Silveira (Cruz Alta, 1913 - Porto Alegre, 1989)

Filho de Dario Silveira e Cândida Gomes, ambos letrados, ela tendo sido a responsável da sua alfabetização aos quatro anos de idade. Os seus avós paternos, nascidos nos

campos do planalto médio, também teriam importância em sua formação, ao com eles conviver à Estância Figueiras, em Tupanciretã, nos antigos campos dos jesuítas espanhóis das Missões. Seu avô paterno estudara na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, porém teria interrompido o curso por súbita surdez e, ao mudar os planos, matricula-se na Escola de Agronomia e Veterinária Eliseu Maciel, de Pelotas, e é autor de publicações zootécnicas, à época do centenário da Revolução Farroupilha. Quem nos revela isso é seu neto, Dr. Gustavo Py Gomes da Silveira, médico ginecologista e historiador, professor universitário e membro titular da ASRM, no seu livro de notas biográficas em homenagem ao pai *2013. Centenário de João Gomes da Silveira*, onde carinhosamente relata que João Gomes, pois assim era mais conhecido, seria “um homem intrépido para qualquer época em que nascesse!”.

Privilegiado também intelectualmente, começa a mostrar o pendor familiar pelas Letras. Aos onze anos de idade publica quadras em jornal estudantil, *Suas primeiras manifestações futuristas do jovem poeta*. Segundo o filho, assina como “Arievlis”, à inversão do nome Silveira, e “Tupaceretã”, pela antiga grafia do distrito de origem e tornado município pelo desmembramento de Cruz Alta, movimento que apoiaria com entusiasmo à imprensa. É seu poema desta época, *No pico do mormaço*: ‘Que calor e que massacre! / Que sol que pinga lacre! / De nada me serve o acre! / Se no bolso, nem um níquel!’ Ou ainda, em: *Dum momento triste*: ‘Homens, mulheres, / Crianças e cachorros, / Trepados sobre um morro, / Gritavam por socorro.’

Em Santa Maria, à adolescência, funda o semanário *O Juvenil*, impresso por ele mesmo com os conhecimentos que adquirira trabalhando na tipografia do jornal *O Castilhistas*, em que estivera empregado nas folgas escolares. Ainda colaborando com jornais, aos quinze anos já assina como “Gomes da Silveira”, vindo a receber o primeiro salá-

rio no jornal *Sul Brasil*, órgão do Partido Libertador, o PL, e, o jornal, pertencente ao Dr. Walter Jobim, porto-alegrense que advogava em Santa Maria e futuro governador do estado. Pelas suas colunas, o ainda jovem escritor batia-se pela independência do município de Tupanciretã, alcançada em 1928 por decreto do então presidente do estado, Getúlio Vargas. Em 1929, publica pela editora Globo seu livro de poemas *Pompeia Ressurgida*, que dedica ao amigo Manoelito de Ornellas. Este escritor regionalista, nascido em Itaqui, fazia sua fama como jornalista em São Paulo ao publicar os livros *Máscaras e muros de minha Terra*, em 1966; e *Terra Xucra*, de 1968, entre suas obras históricas e romances, a amizade se prolongando até a morte de Manoelito, em 1969.

João Gomes, em 1929, dirige-se ao Rio de Janeiro para estudar Direito e trabalhar na banca de João Neves da Fontoura, porém contrai tuberculose, fazendo-o retornar a Santa Maria. Ao ser considerado curado, decide-se por ingressar no ano seguinte à Faculdade de Medicina de Porto Alegre. No quarto ano da faculdade, inicia namoro a Cely, irmã do colega de turma Ayrton Tavares Py e filha do seu professor Aurélio de Lima Py. Em quermesse colegial, enviará à pretendente seu *Telegrama*:

A moça de cor de rosa / Dona de teu coração / É mais linda e mais formosa / Do que uma rosa em botão. / Ao te ver falar-lhe agora / Pensei, sem saber porquê: / Será certo que essa Rosa / Gosta mesmo de você?

E depois, em 1934, ao atender o pedido da noiva, escreve *Poema*:

Por que buscar a frase que se gasta, / As rimas pobres, as estrofes frias, / Se o teu nome é, só ele, uma canção? / Para que fazer versos, se me basta / Que apareças, que fales ou sorrias, / Para que eu sinta em festa o coração? / Para que versos, se nós nos queremos / Duma forma tão suave e singular, / Sem angústias, sem mágoas, sem temor? / Fiquemos em silêncio. Não deixemos / Que uma palavra venha perturbar / A serena ilusão de nosso amor.

Como médico recém-formado em Porto Alegre, exerce logo a profissão como cirurgião geral em municípios e dis-

tritos rurais de Ana Rech, Vila Seca e Fazenda Souza; e na cidade de Caxias do Sul. Nos anos seguintes, retorna à capital para prestar concurso de livre docência na Faculdade de Medicina de Porto Alegre e, após novo concurso, torna-se Professor Catedrático de Ginecologia pela UFRGS. Exercerá também a chefia dos Serviços de Ginecologia na Faculdade Católica de Medicina de Porto Alegre e na PUCRS.

**Prado Veppo, Luiz Guilherme do
(Porto Alegre, 1932 - Santa Maria, 1999)**

Filho único de Altino Paim Veppo e de Alba Rosa do Prado Veppo, tem a infância marcada por algumas privações. Em Porto Alegre, vive em chácara no Morro do Menino Deus. Com menos de dois anos de idade, falece sua mãe de tuberculose e, pouco depois, o avô e seu cuidador, de infarto fulminante. Porém, casado o pai novamente, conhece de volta, através de Helena, sua madrastra, o zelo e carinho de mãe. Perde o pai aos 14 anos e inicia a trabalhar de contínuo em companhia de seguros de dia e à noite completa o curso ginásial Colégio Dom Pedro II. Deixa Porto Alegre, em 1950.

Em férias, visita os tios maternos em Uruguaiana, resultando em nova mudança de vida. A seu convite, passa a morar com eles e ingressa no Colégio Sant'Anna, a completar o curso científico. Comunica-se com facilidade, vai bem nos estudos e lidera debates políticos entre secundaristas, tornando-se presidente da União Estudantil de Uruguaiana. Presta vestibular a Medicina em Porto Alegre, resta suplente e, entre os alunos excedentes, organiza grupo de apoio à criação da nova Faculdade de Medicina, em Santa Maria. Seu líder, o santamariense professor José Mariano da Rocha, médico e fundador da nova faculdade e que será reitor da primeira universidade federal do interior do Brasil. Lá gradua-se em Medicina (1960) e é orador da turma. Se trans-

fere no mesmo ano a São Paulo, aprovado à Escola Paulista de Medicina, UNIFESP, para residência em Clínica Médica.

Em 1962 sai publicado seu primeiro livro de poesia, *Alba tempo e rosa*. Casa-se em 1964 com sua antiga namorada santa-mariense, Zélia Maria Braga e publica novo livro de poemas, *O andarilho*. Entre 1970 e 1972, o casal, já com dois filhos, transfere-se para São Paulo, desta vez para Prado Veppo cursar a especialidade de endocrinologia no Hospital das Clínicas de São Paulo.

Retornando à Santa Maria, estava em efervescência o movimento nativista gaúcho. Veppo participa e logra o título da canção mais popular da II Tertúlia de Santa Maria: *O bugio*, em parceria com Luis Carlos Borges e o Grupo Horizonte. Entre outros registros musicais, é autor do hino ao Colégio Coração de Maria e das canções *Meu poema mais brasileiro* e *Onde fica Uruguaiana*, em parceria com os professores Ellen Rolin e Frederico Richter, respectivamente, em 1981.

Fará nova especialização médica, desta vez em psiquiatria, com o professor Portella Nunes, no Rio de Janeiro, em 1984. Lá leciona literatura e redação no Curso Pré-Vestibular Paralelo. Voltando à Santa Maria, assume apresentação radiofônica periódica à convite da Rádio Universidade, em pauta cultural e literária própria, e alcança grande notoriedade, apresentando-se em festivais de música. A sua composição *O açude*, à melodia de Mario Barros e interpretação de Maria Luíza Benitez, alcança o primeiro lugar da *Coxilha Nativista de Cruz Alta*, em 1990. E sua canção *Decisão*, música de Ellen Rolim e interpretada por Gelson Manzoni, integra o LP *Musipoemas* que reúne músicos, poetas e compositores de Santa Maria, em 1992. Após intervalo de dezenove anos, retoma a publicação de livros de poesia com *Passos do vislumbre*, em 1994, e *Os Breves*, de 1995.

Dez anos após seu falecimento, sai volume com sua *Obra Completa*. Organizado sob a coordenação de Pedro

Brum Santos e Vitor Biasoli, professores de literatura e história da UFSM. Segundo Jaime Ginzburg, doutor em letras e professor da Universidade de São Paulo, à apresentação do livro, em 2009, diz:

A leitura dos poemas de Prado Veppo, antes de mais nada espanta pela singularidade de sua produção. Variada nas formas e nos temas, ela oscila entre o movimento de recuperação da memória literária tradicional e o estranhamento suscitado por procedimentos de vanguarda.

Essa observação pode ser confirmada em exemplos de seus textos poéticos:

‘O Sol é meu companheiro / Mais antigo do que a Lua, / Pois quando eu era menino / A noite não tinha rua. / Tinha meu quarto fechado / Onde cedo me escondia / E, quando a Lua chamava, / Meu sono não atendia. / Certa noite fiquei moço / E fugi pela janela... / Colhi a Lua num salto / E coloquei na lapela.’

‘Na vida persistem / O azeite e o vinagre. / E nós a misturá-los / Com a ponta do sabre. / O frasco poderoso / do dia os contém. / E urge derramá-los / Na noite que vem. / Humana alquimia / Do ódio e do amor. / Melhor pipetá-los / Com o talo da flor’.

‘Senta-te à sombra / Da laranjeira, / Quando ela esteja / Mais brasileira. / Gasta teu tempo / Com o teu filho / Que cresce igual / Ao pé de milho. / Dá só pra ele / Aquele segundo / Da curta vida / No grande mundo. / Ensina a tirar / Dos mistérios o véu, / Descasca primeiro / A laranja do céu’.

E são palavras de Tarso Genro, amigo dos primeiros tempos e seu advogado, político e poeta santa-mariense, que dizem à contracapa destas *Obras Completas*:

Luiz Guilherme de Prado Veppo / A neve e os óculos / a lente e o sol / O dia perdido / e sem dimensão. / O homem fazia poemas / Como Deus fazendo flores. / O homem fez uma vida / Como se flores fizesse.

Miguel Russowsky **(Santa Maria, 1923 - Joaçaba, SC, 2009)**

Médico e poeta, faz curso primário à Escola São José, em Jaguari (Jaguar-y, o Rio do Jaguar, em tupi-guarani), à fronteira oeste do estado, e o secundário à escola santa-mariense dos maristas, para graduar-se à Faculdade de Medicina de Porto Alegre em 1946. Exerce a profissão de

cirurgião geral em Joaçaba, Santa Catarina, a partir de 1948. E, salientando-se nesta comunidade, torna-se empresário de sucesso e constrói salas de cinema também em outros estados, a partir de 1958. Em Joaçaba, funda com recursos da comunidade o Hospital São Miguel, em 1963, que se torna centro de excelência em saúde no estado catarinense. É também campeão catarinense de xadrez por duas vezes e vice-campeão por muitas outras, e participa da equipe brasileira de xadrez em disputas internacionais.

Como escritor, publica *O julgamento de Tiradentes*, texto poético para peça teatral em dez quadros, e *O segredo do pântano*, peça teatral em versos. O primeiro livro de poesia é *Céu de estrelas*, de 1951, seguido dos livros *Poesias Melancólicas*, *Noite de Lua*, *Cadeira de Balanço* e *...Confeitos de Quimera*, pela Alcance, do editor e poeta Rossyr Berny, membro titular da Academia Rio-Grandense de Letras, em Porto Alegre (2000).

Waldomiro Manfroi, médico e escritor, membro titular da ASRM e da Academia Rio-Grandense de Letras, na sua revisão dos autores médicos sul-rio-grandenses (2013), destaca o poema em que Russovsky faz declarações amorosas a sua esposa e relaciona sentimentos às particularidades anatômicas:

Cístico-duodeno-cólico / Dito em linguagem anatômica / Eixo de víscera bucólico / Constante com liga crômica... Isto é da lógica um ramo / Não entendes meu amor cálido? / Só quero dizer que te amo.

E, à poesia *Vulcão extinto (quase)*, o autor se compraz comemorando:

Quando quero compor... viajo de improviso / na boleia do sonho usando uma caneta. / E vejam... Vejam só! Vou a qualquer planeta / sem passaporte até. Nem dinheiro preciso. / Poeta pensa assim. A vida é uma roleta / que dá prêmios a quem souber usar com juízo / um anseio... uma flor ... um Bom Dia! ... um sorriso... / uma carta de amor que mofou na gaveta... / Quando quero compor... empenhado me esforço / para obter o melhor. Dar-me-ia remorso / por velhice calar, qual um vulcão extinto. / Se não quero compor?!... / (É mentira, pois quero) / digo: Poesia é besteira! ... É farsa! ... É lero-lero...! / Não dá felicidade a ninguém! ... (Só que minto!).

Sua poesia parece levar-nos aos valores universais e tão bem ditos com a simplicidade da literatura de cordel que a distribuía em folhetos nas praças do medievo. Talvez por isso se prolonge e adeque-se com vigor à linguagem eletrônica atual, tão ao gosto dos jovens e a muitos de nós mesmos, “vulcões extintos (quase)!”.

Paulo Sérgio Rosa Guedes (Porto Alegre, 1941)

Médico psico-analista (grafia preferencial do autor), poeta e ensaísta, gradua-se à Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas. Na ocasião, reúne seus colegas para organizar livro de poemas para autoria ser de todos, em *Palavras Guardadas*, de 1999. Mais tarde, em entrevista ao poeta e jornalista Carpinejar, de 2012, esclarece-nos

que era extremamente ligado a seu avô Otelo, pois contava histórias saborosas e brincava de cartas. À morte do avô por infarto fulminante numa terça chuvosa, e Paulo com quinze anos de idade, reprisaria muitas vezes a cena pensando se não teria tido condições de socorrê-lo, e assim saberia salvar a toda sua família.

Carregado desta culpa, seguiria racionalizando por condicionais: ‘E se eu tivesse dormido em sua casa, ele não teria morrido?’ Mas, ao tratar-se pela psico-análise, ‘em se desfazendo dessa onipotência, auxiliará seus pacientes a perceber que na maioria das vezes a culpa na seria inventada’.

Era filho do Dr. Paulo Luís Vianna Guedes, médico psico-analista, professor de Psiquiatria da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, além de exímio violinista que exercia em dupla função a de professor no Instituto de Artes da UFRGS. Paulo Sérgio, ao receber o piano de sua mãe Zuleika, também concertista, pareceu rever o texto de *Gradiva* (título que significa aquela que caminha, em grego). Pois

lembraria da interpretação de Freud, em 1907, sobre este romance, de autoria do médico e escritor Wilhem Jensen, ao contar a obsessão de um jovem arqueólogo que, desencantado com o amor, ao encontrar uma moça na rua, a ela se apaixona instantaneamente por relacionar sua imagem a uma escultura que muito o admirara ao executar

trabalho em Pompeia. Entretanto, a moça que ele de logo não reconhece, era Zoé, uma garota de quem se enamorara anos antes e que o auxiliará a se dar conta da obsessão pela qual estaria passando.

Nos seus novos livros, *Nada precisa ser como é* (2009), *A paixão, caminhos e descaminhos* (2010), e *É preciso viver no mundo da lua* (2015), reviveria no primeiro a conversa com o pai, em *Nossos sonhos*:

Lembras de um tempo que passamos juntos? / Procuro recordá-lo e ... não sei, eu não consigo. / Parece que a memória teima em não deixar / que eu relembre só, o que vivi contigo. / Como eu gostaria de re-ter este passado. / Sonho que é possível a ele retornar, e / penso, que se isto a ti também tocar / talvez possamos tê-lo, em parte, e renovado. / Se não te interessarem estas nostalgias / não liga estas palavras, segue teu caminho / (no mínimo ele é mais seguro). / Agora, se te atraí buscar longínquos dias / dá um jeito e me avisa, não sei tudo sozinho / (sei apenas que te espero e em segredo, eu juro).

E ao seu poema, *A nossa Rosa do Cairo*:

Trabalha num bar sem parar. / Quieta, sorri com tristeza / e procura, na incerteza, / disfarçar a sua dor: / 'Boa tarde, doutor'. / Ouve sempre os mesmos sons / um pingado, por favor, um suco de abacaxi, / como é que está a rosquinha? / 'Está quente, está bem fresquinha'. / Perguntas, pedidos muitos, / assim é que vive a Rosinha. / Ela não para nunca! / Talvez se parasse um dia, / certamente ouviria / mesmas frases, outros sons: / Que tal é a tua rosquinha? Alcança um presunto e queijo / ('Me daria ele um beijo?') / Tem suco de abacaxi? / (Quero olhar bem para ti'). / E o poder ouvir tais tons / em meio aos sons gastos, de sempre, / levaria esta mocinha a / descobrir em sua pessoa / rosas desconhecidas / de há muito amortecidas / que neste momento, então, / floresceriam Rosinha / dando-lhe outra versão: / Trabalha num bar, / mas não cansa. / Quieta, sorri com leveza / e procura à esperança de / equilibrar sua dor: / 'Boa tarde, doutor'.

Analogia e repetição estão nessa linguagem que extravasa à poesia as emoções do autor em sua profissão, características de uma tendência surrealista mesclada a tema popular, à maneira dos poemas de João Cabral de Melo Neto?

Celso Gutfreind (Porto Alegre, 1963)

Médico psicanalista e professor de psiquiatria, estando entre os poetas e escritores rio-grandenses mais reconhecidos da atualidade, tem sua formação escolar no

Colégio Israelita Brasileiro, e gradua-se pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal das Ciências da Saúde de Porto Alegre (1987). Faz a residência em Medicina Geral no Hospital Nossa Senhora da Conceição (1991), médico especialista em Psiquiatria pela Fundação Mário Martins, e psicanalista pela Sociedade de Psicanálise de Porto Alegre (1994). No exterior, completa sua especialização, mestrado, doutorado e pós-doutorado na França, entre 1996 a 2001, a *L'Université de Paris-13 (Paris-Nord)*, *L'Université Paris Descartes* e *L'Université Pierre et Marie Curie*.

Participa em diversas antologias no país e no exterior, com obras traduzidas a francês, inglês e espanhol. Seu primeiro livro de poemas é *A Gema e o Amarelo* (1988); entre os infantis, *O caminho do pintor* (2008) e *O boto do Arroto* (2013). Em seus últimos livros, *Meus melhores poemas* (2024) e *Sesta Rural/Siesta Rural*, em edição bilíngue (2025), o autor adentra cenários intimistas, mas, ao devassá-los, mantém imparcialidade de juízos. O cenário passando-se à península de José Ignacio, no Uruguai, o autor reconstrói um vasto panorama constituído por areias revoltas e seus habitantes pescadores, em meio ao silêncio insular da floresta que os engloba, alertando aos presentes com a leitura de painel à frente de um dos estabelecimentos comerciais: “Lo posible es el espejismo del presente en el pasado”.

No livro *Em defesa de certa desordem* (2013), segue trazendo surpresas a cada verso. No *Entanto, N° 2*, em epígrafe cita:

Os que perguntam são aqueles / A quem darás as respostas, mas /
Os que te ouvirão são aqueles / Que farão as perguntas', de Bertolt
Brecht. E no poema: 'A cada volta, / outra pergunta. / Confuso? Não,
/ é só a vida. / E tem a dança / só ou com outro, / que nem precisa
/ ser respondida.' Ao “Primeiro Poema da dor”: 'Não seas exigente
com a tua dor, / ela não lembra nem se entusiasma / com o futuro.
A dor só olha agora / como Santo Agostinho (sem passado), / volta
logo que passa, ignorante / da possibilidade de sumir. / E ordena que
estejas a seu lado / até o insuportável de seu ápice, / onde nasce o
esboço da palavra / e, nos casos melhores, dança inteira.

Em *Segundo Paradoxo*: ‘Esta gente é um desgosto, / sem arte é tudo desgraça. / Expressando, crescem e oh / essa gente é uma graça...’

À *Aula de Fisiologia*:

As células não são quietas, / tampouco, definitivas. / Lógica não manda nelas / nem o tempo em movimento. / A alegria decide se elas morrem / ou se ficam vivas – um olhar. / E tocar negocia com o tempo, / e cantar traz o êxito do negócio. / A beleza, conjunto de formas / com seu lugar exato no espaço, / varia não conforme a luz, / mas, novamente, e sempre, a alegria. / Já ouvi um sorriso tornear a coxa. / Já vi um desejo esculpir a bunda.

A poesia construtivista iniciada com Asseiev, Maiakovski e outros autores da vanguarda russa, em inícios do século XX, cresceria vertiginosamente nos anos 60 com Augusto de Campos, em São Paulo. No Rio de Janeiro, ao neoconcretismo do *Poema sujo*, por Ferreira Gullar que, ao exílio em Buenos Aires, reúne em multiplicidade de estilos e temas no seu *Livro-Poema*. É desta época o “manifesto concretista”, pelo grupo em que pontifica Paulo Leminski, do Paraná, a seguir espalhando-se para romper com a poesia tradicional, e o enlevo e a musicalidade dão lugar a experimentação visual e a funcionalidade. Nesse contexto, Celso Gutfreind talvez não fuja à influência desta corrente contemporânea. Entretanto, mantida a ideia de que a arte não tem definição, mas deva ser sentida antes de ser julgada em perspectiva comum, a experiência emocional e sensorial diante da obra deste poeta planteia-se como ele próprio diz em verso: ‘Confuso, não. / É só a vida’.

João Gomes Mariante (Porto Alegre, 1918 - 2020)

Médico psicanalista, jornalista e poeta. Decano acadêmico da ASRM Segundo o acadêmico Blau Fabrício de Souza, em homenagem a João Gomes Mariante, à VII Jornada Cyro Martins sobre Saúde Mental:

Mariante era de boa cepa açoriana paterna que, pela adição do sangue germânico da mãe, nascia o menino João, em 26 de fevereiro de 1918, à rua Mariante, esquina da Castro Alves, em Porto Alegre. Nos tempos em que as crianças nasciam em casa e com amparo das parteiras.

Por coincidência, ele nasce no mesmo dia em que morria seu avô, Guilherme Mariante, homem a quem sua rua homenageava. Boa parte da infância, João vive à estância do pai, em local que não por acaso se chamava Porto Mariante, às margens do Taquari, um dos destinos da diáspora açoriana ao Continente de São Pedro. Aprendidas as primeiras letras, e graças às múltiplas fontes de conhecimento que o prepararam para o exame de madureza, o chamado Artigo 100, insere-se no Colégio Pedro II no Rio de Janeiro, para logo ingressar na Faculdade Fluminense de Medicina, na qual se formaria em 1946, sendo o orador da turma.

Retorna a Porto Mariante após sua formatura, cheio de ideias para exercer a profissão, a logo erguer edifício para o hospital. Realiza campanhas para exterminar os mosquitos, vetores das febres desencadeadas pelas doenças virais. Decidido ao exercício da Medicina em centro maior, retorna ao Rio de Janeiro para especializar-se em psiquiatria, e segue a Buenos Aires para complementar sua formação de psicanalista. Lá permanecendo por oito anos, colabora de docente e profere conferência, sendo convidado a dar duas aulas magnas à Faculdade de Medicina de Buenos Aires. É sabido haver confraternizado com intelectuais de grande envergadura cultural à livraria “El Ateneo”, ao lado de Sigmund Freud e Jorge Luís Borges.

Voltando a São Paulo, torna-se membro titular da Sociedade Paulista de Psicanálise, membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise, professor de pós-graduação da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, e mantém o atendimento clínico, por 26 anos.

Retorna ao Sul, residindo em Porto Alegre para dedicar-se à psicanálise, para encontrar alguma incompreensão de

seus colegas da especialidade, dada à pluralidade de suas atividades. Porém aproxima-se de Cyro Martins, que o acolhe, nele encontrando o antigo amigo e colega de mesma visão de mundo e do veio humanístico que tanto os caracterizava.

Mais tarde irá sofrer duro golpe quando sua residência e consultório conjugados ardem em chamas, por incêndio accidental e que haverá de destruir grande parte de sua valiosa biblioteca. Não desanimando, funda seu próprio jornal *Mente-Corpo*, com a distribuição mensal de 35 mil exemplares. É desta época quando passa a descrever suas experiências anteriores de jornalista político no Rio de Janeiro, agora acrescidas com a vivência de psicanalista, nos livros *Os Azes de Trinta* e *Três no Divã*. Segundo Alcides Maia, ‘Mariante seguiria sendo o mesmo gaúcho campeiro e extasiado ao encher-se de ternura por contemplar as planuras do campo’. Pois, assim se refere Mariante em seu conhecido poema *Sanga Funda* (1939):

Sanga funda, / Perigosa, barulhenta, / Ninguém sabe ao certo / Quando ela apareceu. / Eu acho que foi assim: Vinha um redomão a / Corcovear, quando / O domador o tironeou. / Com o puxão que levou, / E na grama se pranchou. / Do escalavrado que ficou / das patas do cavalo que rodou, / Com as chuvaradas caindo, / Sanga funda se formou! / Em cada manga d’água / Bota água pela estrada / Que inté dá pra arrepiá. / Ouve-se, lá pelas tantas, / Do potro quebrado, / Sem podê se levantá. / Essa sanga guarda / Tabatinga, gravatá / E santa fé. / Tem um poço / onde as almas do / Outro mundo / Se encontram / Com boitatá. / E se eu dissé, / Mas esse gemido-relincho, / É a alma do cavalo / Com saudade de vivê!

Em 2016, lança novo livro: *Getúlio Vargas, o lado oculto do presidente*, onde define a personalidade de Getúlio ‘que fez o Brasil dormir endoidecido de ódio e acordar enlouquecido de amor’, no dia de seu suicídio histórico, em 24 agosto de 1954. Mesmo em seus últimos anos de acadêmico, Mariante participaria regularmente dos “Encontros de Literatura & Medicina”, promovidos pela ASRM, a partir de 2016. Para ele, em suas próprias palavras, ‘era uma academia dentro da Academia’. Apresenta temas culturais

desafiadores: sobre a inquietação contínua de Vargas com sua perspectiva de suicídio, em 18 de outubro de 2016; e, ao tema de *Édipo na Mitologia Africana*, em 15 de maio de 2018, particulariza o mito de Édipo na cultura iarobá, oriunda da costa oeste africana e trazida ao Brasil pelos escravizados.

O Mariante, autor, celebrava o estilo satírico e regionalista de Ramiro Barcellos. Assim dizendo: ‘Antônio Chimango permance sendo além um belo poema que descreve a vida e o habitat interiorano gaúcho, obra literária ainda capaz empolgar a juventude.’ Seu teor contestatório em respeito à liberdade, a repetir os versos de Amaro Juvenal: ‘Nos cerros de Caçapava / Foi que viu a luz do dia. / À hora d’ Ave Maria / De uma tarde meio suja; / Logo cantou a coruja / Em honra de quem nascia’.

Gilberto Schwartsmann (Passo Fundo, 1955)

Médico e escritor, poeta e organizador cultural, completou seus estudos pré-universitários na capital do estado, graduando-se na Faculdade de Medicina de Porto Alegre, em 1980, sendo orador da turma. Após concluir a residência em clínica médica no Hospital de Clínicas de Porto Alegre, rumou para a Europa onde especializou-se em oncologia médica no Royal Marsden Hospital de Londres (1985), mestrado e doutorado nesta especialidade pela Free University Hospital de Amsterdã (1988), e pós-doutorado no National Cancer Institute, de Bethesda, EUA (1992). Atualmente, é Professor Titular de Oncologia do Hospital de Clínicas de Porto Alegre e recebeu a distinção de Professor Emérito da UFRGS (2025). Membro titular da ASRM e seu presidente (2017-2019); e membro titular da Academia Nacional de Medicina, do Rio de Janeiro (2005). O prêmio aos estudantes pós-graduados de Medicina em Oncologia da UFRGS leva seu nome, recebendo várias premiações médicas nacionais e internacionais, e orientado mais de cem alunos

em defesas de teses. Publica 250 trabalhos da especialidade, em revistas nacionais e estrangeiras. Diretor do Centro Europeu para o Desenvolvimento de Novos Medicamentos para o Câncer (1989-1992), chefia por diversos períodos o Serviço de Oncologia e o Núcleo de Pesquisa em Oncologia do Hospital de Clínicas de Porto Alegre.

Apresenta larga obra de escritor, em contos, crônicas, peças de teatro e poemas. *Histórias de afeto*, *Acta Diurna*, e *Max e os demônios*, em 2020. *Gabinete de curiosidades* e *Divina Rima*, poesia, com desenhos Zoravia Bettiol, em 2021. *Com meus olhos*, sua versão ao espanhol *Con mis ojos*, *A Amante de Proust* e a versão ao francês *La Maîtresse de Proust*, de 2022. *O sol brilhou na Corrupnia*, e as versões francesas *Il a suffit d'une tempête*, *Le Dibbouk* e *Le parent d'humanité*, com Emmanuel Tugny e outros, em 2023. *Dibuk*, *Nausicaa*, *A Força da Arte*, *Persona – Trilogia*, de 2024; e *Teatro de amor ao livro*, em 2025, em obras de rara originalidade.

Em seu livro de poesia, *Divina Rima*, faz versos em terza rima, abrindo diálogo ficcional com o próprio Dante, a partir de sua obra clássica, *A Divina Comédia*. Coleciona exemplares de edições raras, ao ter se aficionado desde jovem, por influência da mãe e professores. Assim, para conservar consigo as edições de *A Divina Comédia* pela Livraria Hachette, de Paris (1858), da Ulrico Hoepli, de Milão (1911), e de antigas edições nacionais pela Editora Globo, e da Editora Unicamp, além da mais recente publicação pela Flammarion, de Paris. Entretanto, esclarece que muito contribuíram ao seu entendimento todos os comentários apontados por Jorge Luís Borges, à edição espanhola da editora Oceano, a mais bela apreciação no seu entender desta obra clássica.

Jaime Vaz Brasil (Bagé, 1962)

Médico psiquiatra e escritor, diretor técnico e docente do Instituto Fernando Pessoa, em Porto Alegre, este autor cedo

encontraria o reconhecimento público pela sua poesia ligada à tradições regionalistas do Rio Grande do Sul. Participa com muita atenção dos festivais de música nativista no interior do estado, desde a década de oitenta. Acadêmico Emérito da Academia Rio-Grandense de Letras, em Porto Alegre, tem recebido muitas distinções pela sua produção poética e musical: indicação ao Prêmio Açorianos de Literatura, por *Os olhos de Borges*, em 1997; vencedor do Açorianos de Literatura, por *Livro dos amores*, de 1999; indicado ao Prêmio Açorianos de Literatura por *Inventário de Cronos*, em 2002. Vencedor do Açorianos de Melhor Composição para Teatro, em colaboração com Flávio Vaz Brasil. Prêmio Paulo Sérgio Gusmão, com o poema *O Amor Intestino*, integrante do *Livro dos amores*. Ainda, ao Concurso Literário Felipe d' Oliveira, com o poema *A Primeira Morte*. Por três edições consecutivas, tem o Prêmio Melhor Letra, merecedor do Troféu Apparício Silva Rillo da Califórnia da Canção. Participa de mais de cerca de 20 premiações de melhor letrista em outros festivais, com destaque para a Moenda da Canção.

Em seu livro, *Pandorga da Lua*, de 2006, os poemas estão musicados a partir de ritmos particulares aos gaúchos, como o xote, a canção, a vaneira e o bugio, a ser interpretados por reconhecidos nomes do cenário musical rio-grandense e brasileiro, como Lucinha Lins, Geraldo Flach, Luís Carlos Borges, Mano Lima, Renato Borghetti e Yamandú Costa. Em *Os olhos de Borges*, de 1997, o autor revisita a obra do grande Jorge Luís Borges, combinando a melodia à metáfora e cria poemas que viram música na voz de Vitor Ramil, Hique Gomes e Pery Souza. Ivan Junqueira, da Academia Rio-Grandense de Letras, disse sobre *Inventário de Cronos*, de 2007:

Há nesses poemas uma sábia e harmoniosa comunhão entre forma e fundo, o que torna seu verso inteiro, inconsútil ou, numa palavra, estritamente necessário. Em versos encarreirados, o autor faz surgir o intercâmbio de vozes doloridas masculinas e femininas, prescrevendo-as com maestria.

Assim, vejamos:

Deixo contigo meu sangue / meus livros e minhas horas. / E a dor cansada na insônia / contra o lençol das demoras. / Deixo a paz que encontrei / mas me fugiu entre os dedos / E a chave surda e sem uso / da gaveta de meus medos. / Deixo perdido um poema / e não por esquecimento: / mas pra que um dia eu te encontre / na leve pauta dos ventos. / Deixo contigo meu ventre / meus olhos, minhas entranhas. / E com as mãos nuas, reflito: / Perde mais quem hoje ganha? / Deixo contigo meus beijos / meu suor, meu desabrigo. / Deixo roupas, documentos. De meu, nada irá comigo. / Deixo a sombra, de teimosia. Deixo as fotos, deixo a casa. / Do poço mais infinito / só levo a alma, presa e rasa.

Escreve Moacyr Scliar, a quem o autor dedica texto em *Os olhos de Borges*: “É um livro fantástico, o próprio Borges se orgulharia”. E Armindo Trevisan, ao assinar o prefácio: “Livro dos mais deliciosos que o Rio Grande do Sul publica nas últimas duas décadas”.

José Eduardo Degrazia (Porto Alegre, 1951)

Médico e escritor, exímio em vários gêneros literários, membro titular da Academia Rio-Grandense de Letras, tem a educação primária em Santa Maria e secundária em Porto Alegre. Gradua-se pela Faculdade de Medicina da Universidade Católica de Pelotas em 1977. Especializa-se em oftalmologia no Instituto Professor Ivo Corrêa-Meyer, de Porto Alegre, credenciada pelo Conselho Brasileiro de Oftalmologia. E diploma-se em administração hospitalar na PUCRS em 1987. José Eduardo descende de destacadas famílias gaúchas dedicadas às áreas da Medicina e literatura, convivendo com elas desde cedo. Filho do Dr. Carlos Oswaldo Degrazia (Itaqui, 1922 – Porto Alegre, 2022), professor de patologia na UFRGS, onde este gradua-se em 1947, e fundador da Fundação Universitária de Rio Grande, onde era professor de histologia e embriologia, e da Faculdade de Medicina da UFSM, lecionando histologia e patologia.

Membro honorário da ASRM, com estudos originais de imunologia e histologia para caracterizar a anatomia e a pa-

tologia ocular. Sua produção literária inclui *Hino de Galeno*, tomos I e II, *Ensaio sobre evolucionismo*, *Poesia*, *Verdade e Filosofia* e *Vila Alba e outras crônicas*.

José Eduardo irá publicar vários trabalhos científicos da área de oftalmologia, bem como de história da Medicina e da saúde no país. Preside a Associação de Oftalmologia do Rio Grande do Sul e é diretor de várias entidades médicas: Conselho Brasileiro de Oftalmologia, Sindicato Médico do Rio Grande do Sul, Associação Médica do Rio Grande do Sul.

Tem pródiga produção literária e vários livros de poesia. *Lavra permanente*, Porto Alegre, 1975; *Cidade submersa*, Porto Alegre, 1979; *A porta do sol*, Curitiba, 1982; *Piano Arcano*, Porto Alegre, 1999; *Antologia de Poesia*, IEL/CORAG, 2002; *A urna guarani*, Porto Alegre, 2004; *Um animal espera*, Porto Alegre, 2010; *Corpo do Brasil* e *A flor fugaz*, Porto Alegre, 2011; *Nova Iorque/New York*, Santa Cruz do Sul, 2014; *Love is geometry*, Gravataí, 2015; *Lições de geometria fantástica*, São Paulo, 2016; *Havana*, Porto Alegre, 2017; *Matemática para centauros*, Guaratinguetá, 2018; *A nitidez das coisas*, Porto Alegre, 2018; *Parábola para unicórnios*, Guaratinguetá, 2019; *O rio eterno*, São Paulo, 2020; *O súbito vento*, Porto Alegre, 2020; *Sopa de cebola*, Belém, 2022; *Os melhores poemas*, Porto Alegre, 2022; *As cidades condenadas*, Porto Alegre, 2023; *Memórias da Febre*, Guaratinguetá, 2023; *Batida de limão*, Guaratinguetá, 2024; *A montanha se aproxima*, Porto Alegre, 2024. Além disso, publica nove livros de contos e minicontos; três infanto-juvenis; uma premiada novela pela Associação Gaúcha de Escritores: *O reino de Macambira*, Porto Alegre, 2005; o romance *A fabulosa viagem do mel de lechiguana*, Porto Alegre, 2008; e sua premiada peça teatral *A Casa dos Impossíveis*, Porto Alegre, 2018.

Recebe prêmios no exterior da Academia Internacional Mihai Eminescu, da Romênia, por sua obra em prosa, 2012. Prêmio Internacional de Poesia de Trieste, Itália, 2013. Prêmio de Poesia da A.C.O. Karamanov, Macedônia do Norte, 2022.

Contribui à editora L&PM, de Porto Alegre, traduzindo cinco livros de poesia de Pablo Neruda: *Cantos cerimoniais* (1978), *Crepusculário* (2004), *Terceira residência* (2004), *Jardim de Inverno* (2005) e *Memorial da Isla Negra* (2007). Tem 21 traduções de importantes obras literárias no italiano, espanhol e croata. Recebe os prêmios: “Poesia, União dos Escritores da Moldávia”, 2015, e “Tradução, Associação de Editores da Romênia”, 2016. Diz Eduardo Jablonski, mestre em literatura brasileira pela UFRGS, e organizador da edição *Os melhores poemas*, de José Eduardo Degrazia:

Difícil de escolher quais serão os mais destacados, pois todos merecem atenção! E o autor consegue mudar seu estilo de uma à outra coletânea. Se às vezes produz um poema mais denotativo, atenção: estará à entrelinha a sua significação?

Em sua peça para o teatro, *A Casa dos Impossíveis*, Degrazia leva-nos pela mão às cenas em que a personagem principal, o professor, ensina sarcasticamente a seus alunos como enganar aos arrogantes e pretensiosos em sua “escola de assaltantes”. Além do professor e seus alunos, aparecem duas personagens: a de um velho esfarrapado que bate à portaria de um prédio chique, pede ajuda e, não permitida sua entrada, é identificado pelos alunos ser um provável “ladrão de merda”. Seguido por outra personagem, muito bem vestida e caracterizada de “ladrão de colarinho branco”. O velho esfarrapado logo é afugentado pelo porteiro, não sendo permitido seu acesso para falar pelo interfone com o proprietário. O do “colarinho branco”, que engana o porteiro, fala com o proprietário ao interfone para pedir licença de subir pelo elevador e realiza o assalto, saindo com a maleta cheia de joias e notas de dinheiro estrangeiro, roubando a cena e a todos fazendo rir!

No miniconto *Deus não protege os certinhos...* as “últimas palavras”, ‘Ouviru antes de entrar à briga de bar: Quero que o diabo me abrace antes de eu morrer.’, lembram-nos da pers-

picácia irônica de Jorge Luís Borges, não? E, em seu poema *Chuva antiga*, parece construir um diálogo consigo próprio:

A chuva escreve / hieróglifos / na janela / do ônibus. / Cada pinga / traça um sonho / cada sonho respinga / uma saudade / e desenha um rosto / na paisagem que passa. / A chuva termina / o sonho acaba / e o ônibus vai embora / sem se importar com teu rosto e com meu sonho.

E se Drummond estivesse passeando por aqui, talvez diria o mesmo?

Gustavo Franco Carvalhal (Porto Alegre, 1969)

Raro poeta para um jovem médico, notabiliza-se nas duas áreas de conhecimento pela qualidade inequívoca de suas obras. Gradua-se pela Faculdade de Medicina da UFRGS em 1991. Faz especialização em Urologia após residência médica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (1995). Completa sua formação acadêmica de *Visiting Doctor* na Universidade de Londres (1996), e a pós-graduação de Mestrado e Doutorado pela Universidade de São Paulo (1997-2001). Cursa *Research Fellow* em Uro-oncologia pela *Washington University School of Medicine* (St. Louis, 1998-1999) e pós-doutorado pela *Northwestern University* (Chicago, 2009).

O Dr. Gustavo estaria sempre cercado pela Medicina e literatura, filho do Dr. Alcides Diniz Carvalhal, exemplo de médico e professor urologista à PUC-RS, e da Dra. Tania Franco Carvalhal, professora em literatura pela UFRGS, à disciplina de teoria da literatura, e de organizadora da disciplina em literatura comparada. Ela estuda a poesia de Augusto Meyer, um dos precursores do modernismo de feição regionalista no Rio Grande do Sul, e as obras literárias de Marcel Proust e André Malraux, sendo convidada à docência em universidades americanas e europeias, especialmente da França.

Nos últimos anos, o Dr. Gustavo dedica-se também à criação de música clássica para violão, lembrando orientação materna pela citação do pensamento filosófico de

Umberto Eco, em *Rápida Utopia* (2019): “O custo da aceleração da descoberta é a hiperespecialização”.

No dizer da professora de literatura da PUCRS, Maria Luíza Berlangier da Silva, ao prefácio do primeiro livro de poemas de Gustavo, *Ver o mar* (2016), o autor pratica

uma lucidez reconfortante ao desdobrar os diversos “eus” em identidades compartilhadas, assim faz-se uma mediação exemplar à paisagem da intimidade recomposta em seus poemas.

Em *De agora em diante*:

Desde já / Não haverá horas inférteis / E nada mais será sem propósito / A existência será plena / De significado e paixão. Todos os momentos / serão únicos / E as pequenas coisas da vida / Não mais serão pequenas.

E em *Hoje, o sol*:

Como um primitivo / Interrompo o texto / Apago as luzes / Abro as cortinas da sala. / Como um beduíno / me sento no chão / De cócoras, no frio / Frente a janela leste. / Como um Buda / Cerro os olhos / Expiro / E me dissipo nas trevas. Como um dervixe / Sinto o planeta girar / Sobre si mesmo / Até que no meu peito nu / Enfim o sol.

Na apresentação do livro *Ver o mar* ao “Encontro de Literatura & Medicina da Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina (18/04/2017)”, são palavras de seu editor, Carlos Jorge Appel: “Carvalhal destaca-se pela contemporaneidade. Locais e línguas diferentes consubstanciam a modernidade e seus modos de vida, bem filtrados pelo autor”. Em seu segundo livro de poesia, *Todo o amor deste mundo* (Bestiário, Porto Alegre, 2024), assinala o poeta e médico Celso Gutfreind:

Se a essência da poesia é o estranhamento, encontrando palavras até então desconstruídas (Maiakowski), a poesia de Gustavo Franco Carvalhal desloca e estranha a lírica convencional.

Isso porque o lírico nem sempre é ele, e personas vão se sucedendo ao longo dos poemas. Ele dedica a Tania o poema *Beata es virgo*, escrito em inglês:

Looking for a background image for an Air / The Annunciation cantata, BWV1 / Yes, I've got it on the guitar, now / And it will be forever mine, mom / As that image we have found / At the Art Museum, when you visited me / We were both attracted by it / Was it you or

me who saw it first? / Paolo de Matteis, 1712 / How come it ended up in St. Louis? / But it was there that afternoon / Among so many other paintings / Among so many other things.'

Por isso, acrescenta Celso Gutfreind sobre Gustavo: “Essa poesia que tanto passeia não veio ao mundo a passeio. Mas com lastro para se estabelecer”.

Ronaldo Lucena (Caxias do Sul, 1967)

Relata haver passado sua infância no lugarejo de Ana Rech, antigo ponto de parada dos tropeiros que subiam à Caxias do Sul, sede do município. Havia apresentações artísticas frequentes, e seus pais interpretavam cenas no palco do colégio. Teria aí iniciado suas primeiras aventuras de redigir canções e poesia. Deixa a casa paterna para tomar rumo à capital, graduando-se à Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre. Especializa-se em radiologia no programa de residência médica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, sendo admitido posteriormente a médico radiologista desta instituição. Faz outros estudos: pós-graduação em Letras, UniRitter, MBA em Desenvolvimento de Gestores, Fundação Getúlio Vargas, e MBA de Gestão em Saúde, Faculdade Unimed, Porto Alegre.

Desde sua graduação, publica livros e recebe distinções em concursos literários: Prêmio Off Flip de Literatura de Parati, RJ (2010); *O ventre do verbo*, livro premiado pelos concursos Sintrajufers e de contos Appacicio Silva Rillo (2013); *A escrita no chão* (Buqui, Porto Alegre, 2014), ganhador do concurso de contos João Simões Lopes Neto, Santo Ângelo.

Participa da coletânea *Cobras na cabeça - Santa Sede*, em homenagem a Luís Fernando Veríssimo (2015); do caderno de literatura Ajuris (2017); do prêmio Off Flip de Literatura, contos (2021), das crônicas ao concurso literário Carlos Barbosa e *Histórias médicas contadas por médicos*, do Sindicato Médico do RS (2022). E *Das crises no meu caminho*, crônicas, editora Coralina, Porto Alegre, 2023.

Participa do projeto “Poesia no HCPA”, completando neste ano de 2025 dez anos de atividade para promover a cultura e a humanização dos profissionais, funcionários e pacientes do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, mediante a realização de mini-saraus, cursos e concursos literários. Ronaldo é contemplado por duas ocasiões aos prêmios de poesia e contos deste projeto (2017, 2018), entre dezenas de profissionais da saúde que apresentam suas produções literárias. À passagem do poema *Onde estou*, de 2025, lê-se:

Na manhã, feito chuva, dóida em minhas juntas / aguardo o rio que verte sobre a frente / embaça o vidro do meu olhar / que desfoca a estrada, / no lento dançar da mata / sem ouvir a canção em mim ao meu redor / e fez a ponte entre os mundos / unindo o que nunca deixou de ser / mesmo sem não mais existir / e descalou o pai que me encontrou cansado / desde que se foi sem o adeus / no fevereiro destonado / feito flores com sede / que só querem água / com pés singrando a margem do rio / foram brotadas as palavras / ditas úmidas, desesquecidas / chafurdadas / e me encaminharam em direção ao mar / que revirou o sal, encontrando de volta o porto / alegre da tristeza que me trouxe aqui / de volta para casa / firme onde estou.

Dele escreve Uili Bergamin, escritor em Caxias do Sul, comentando o livro de Ronaldo *A Escrita no Chão* (Revista Acontece, 2014): “Textos breves, lapidados com sutileza e muita sensibilidade, o autor nos apresenta histórias simples, de gente simples, mas de forma altamente impactante”.

Domingos D’Ávila (Pelotas, 1939)

Membro Fundador da cadeira 3 da ASRM, sendo o seu patrono Antônio Alves de Paula Azambuja, colega de seu mestre e membro fundador, Rubens Mário Garcia Maciel, da cadeira 60. É filho de Dácio Palmeiro D’Ávila e Maria Thereza Lorenzoni D’Ávila, descendentes da tradicional família sul-rio-grandense Carneiro da Fontoura Palmeiro, que constituiria um dos principais troncos das famílias portuguesas fundadoras do estado, a partir do Coronel dos Dragões João José Palmeiro e de sua esposa Maria Josefa da Fontoura, se-

diados em Rio Pardo, e de Maria Dorothea, irmã de Maria Josefa, avó do escritor João Simões Lopes Neto.

Graduado pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre, em 1963, cumpre residência médica sob a orientação do professor Rubens Maciel na Enfermaria 29 da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, e *fellowship* em Medicina Interna no Hospital de Chapel Hill, Universidade da Carolina do Norte (1967-1968), completando sua especialização em Nefrologia na unidade de transplante renal no Denver Hospital, Universidade do Colorado (1982). Conclui Doutorado em Nefrologia pela Universidade Federal do Estado de São Paulo, em 2002. Docente da Universidade Federal das Ciências da Saúde (1970), e do Departamento de Medicina Interna da UFRGS (1976), torna-se professor titular de Nefrologia do Hospital da PUCRS em 1982.

Em nota a seu livro *Espelho e Fotografia, Poesia, 2000-2024* pela editora Alcance, Porto Alegre (2025), o Dr. Domingos diz ter tido o primeiro entendimento de desejar ser poeta ao encontrar dois exemplares de livros clássicos em sua biblioteca. O primeiro de Walt Whitman, considerado o “pai do verso livre”, e o segundo de Maiakovski, fundador do cubo-futurismo, versão do modernismo russo no século XX. Começaria então a tarefa traduzir do inglês ao português os versos de Wislawa Szymborska (Bnin, Polônia, 1923-Cracóvia, 2012), autora redescoberta ao grande público pelo Nobel de Literatura em 1996. E Maria Araci, sua esposa, cria blog e inicia a postar alguns poemas seus deixados à escrivaninha. E revela-nos que talvez o principal fator à escrita de sua poesia tenha sido pela necessidade de reflexão sobre desenlaces não esperados ao trato de pacientes em estado grave, em diálise de substituição à função renal comprometida ou aguardando para transplante renal.

Em seu poema, *Saudade de Wislawa*, escreve: ‘Quando busco o Futuro, / só o alcanço no presente. / Quando busco

o Silêncio, / preciso gritar mais alto. / Quando busco fazer Nada, / logo fico exausto.’

Ou ainda, em *Aurora brevis*:

Há muito não lia a palavra aurora. / Serena, ela esperava o meu olhar. / Por mais estranho que pareça agora, / De longe – no saco de roupa para lavar. / Tal lugar, por certo, não merecia! / Ela, do dia deusa da esperança / Exposta – em marca de lavanderia! / Seria de um passado amor lembrança, / Um proprietário amante à natureza, / Ou o poeta que a encontrou sonora? / É engenho a que ninguém dará certeza. / Cogito que é preciso olhar à volta, / Pois, à espera pode estar um’outra aurora, / A despedir a que do olhar se solta.

Ao prefácio de *Espelho e Fotografia*, o médico e escritor Ivan Carlos Antonello, seu colega e distinguido professor, nos diz:

O conjunto de poemas parece tratar da finitude e da magia de ver o mundo com a simplicidade e a sedução que se apresenta. Das certezas, dos desejos, da dúvida. O que dizer do texto inteiro? Da sua necessidade? Poemas não são necessários, inevitável é respirar, dormir e comer, por exemplo. Mas fazem parte do que vivemos.

Talvez por isso o autor Domingos D’Ávila tenha se sentido surpreso ao escrever estas linhas ao primeiro verso de *Recomeçando*: ‘Quero recomeçar a vida de onde a parei – quando entrei em casa e os sapatos deixei fora – a cumprir um desterro que nunca imaginei.’

Para finalizar esta síntese sobre os médicos e poetas do Rio Grande do Sul, desde a sua fundação, caberia em primeiro lugar agradecer ao convite formulado pela Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina para que este texto fizesse parte de valioso volume sobre a Medicina e Arte em nosso estado. E, em segundo lugar, com a ressalva que ao construirmos esse vínculo entre as duas importantes áreas de conhecimento, que se deveria enviá-lo com os resultados de nossas indagações, mesmo sabendo improvável de ser atingido um mais largo por imenso continente gaúcho de escritores por natureza.

LEITURAS SUGERIDAS

- ASSUNÇÃO, Fernando O. **Historia del Gaucho**. El gaucho: Ser y Quehacer. Buenos Aires: Claridad, 2007.
- ALEGRE, Apolinário Porto. **O Vaqueano**. Porto Alegre: Movimento, 5ª ed., 2012.
- AMABILE, Luís Roberto; FERREIRA GULLAR; CUNHA, Patrícia Lessa Flores da; EDGAR ALLAN PÖE; FRITSCH, Valter Henrique; EMILY DICKINSON. KAHMANN, Andrea; FEDERICO GARCIA LORCA. In: **Guia de Leitura, 100 poetas que você precisa ler**. MASINA, Léa; BARBERENA, Ricardo; CARNEIRO, Vinicius (Org.). Porto Alegre: L&PM, 2015.
- ANDRADE, Hugolino Leal de. **Ressurreição**. Poesia. Porto Alegre: Movimento, 1987.
- BAIRROS, Maria Helena Campos de. **A produção de poesia lírica das mulheres sul-rio-grandenses: Uma escrita amarfanhada**. Tese de Doutorado, Pós Graduação de Letras PUCRS, Teoria da Literatura, Porto Alegre: Editora PUCRS, 2004.
- BRASIL, Jaime Vaz. **Os olhos de Borges**. Série Poemas, V I. Porto Alegre, WS Ed, 1996.
- BRASIL, Jaime Vaz. **Livro dos Amores**. Série Poemas, VII. Porto Alegre, WS Ed, 1999.
- CALDRE E FIÃO. **O Corsário**. Porto Alegre: Movimento, Coleção Rio Grande, v 37, 1985.
- CARPI, Maria. **O que resta está por vir**. Poesia. Porto Alegre: AGE, 2019.
- CARVALHAL, Gustavo Franco. **Ver o Mar**. Porto Alegre: Movimento, Coleção Poesiasul, v 122, 2016.
- CARVALHAL, Gustavo Franco. **Todo o amor deste mundo**. Porto Alegre: Bestiário, 2024.

- CÉSAR, Guilhermino. **História da Literatura do Rio Grande do Sul (1737-1902)**. Coleção Meridionais. Porto Alegre: IEL/CORAG, 2006.
- D'Ávila, Domingos Otávio. **Espelho e Fotografia**. Poesia 2000-2024. Porto Alegre: Alcance, 2025.
- DEGRAZIA, José Eduardo. **Deus não protege os certos & outros minicontos impuros**. Contos, minicontos e micronarrativas. Porto Alegre: Penalux, 2020.
- DEGRAZIA, José Eduardo. **O Rio Eterno**. Poesia. São Paulo: Lumme Editor, 2020.
- DINIZ, Carlos Francisco Sica. **João Simões Lopes Neto, Uma biografia**. Universidade Católica de Pelotas. Porto Alegre: AGE, 2003.
- DORNELLES, Jonas. **As ironias de Dyonélio em O Louco do Cati**. Dissertação em Teoria da Literatura. Pós Graduação de Letras, UFRGS, Porto Alegre, 2019.
- FLORES, Moacyr. **Colonialismo e Missões Jesuíticas**. 2ª Ed. Porto Alegre: ND/EST, 1986.
- FLORES, Hilda Hübner. **Ana Eurídice Eufrosina de Barandas**. Porto Alegre: Nova Dimensão, EDIPUCRS, 1990, p 15.
- FLORES, Hilda Hübner. Delfina da Cunha, A Musa Cega. In: **Revista da Academia Rio-Grandense de Letra**, Porto Alegre, Nº 27, 2022, p 123.
- FRANCO, Sérgio da Costa. Homens de letras e a política rio-grandense ao tempo do castilhismo-borgismo. In: **Revista Métis: história & cultura**, 2003, v 2 (4), p 263.
- FRANCO, Sérgio da Costa. A Faculdade de Medicina no contexto social de Porto Alegre. In: **A Velha Porto Alegre**. Crônicas e Ensaios. Porto Alegre: EST Ed. / Canadá Ed., 2008, p 92.
- 23. GUEDES, Paulo Sérgio Rosa. **Diálogos com José Pedro Goulart**. É preciso viver no mundo da lua. Porto Alegre: Mínima Livros, 2015.

- GUEDES, Paulo Sérgio Rosa. **Paulo Sérgio Guedes**: compositor da saúde mental. Entrevista a CARPINEJAR. Porto Alegre: Jornal ZH, 13/01/2012.
- GUEDES, Paulo Sérgio Rosa. **Nada precisa ser como é**. Poesia. Porto Alegre: Editora do Autor, 2009.
- GÜIRALDES, Ricardo. **Don Segundo Sombra**. Romance. 53ª Buenos Aires: Editorial Losada, 2002.
- GUTFREIND, Celso. **Em Defesa de Certa Desordem**. Poesia. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2013.
- GUTFREIND, Celso. **Meus melhores poemas**. Porto Alegre: Bestiário, 2024.
- GUTFREIND, Celso. **Sesta Rural/ Siesta Rural**. Poema. Edição bilíngue. Porto Alegre: Bestiário, 2024.
- HERNÁNDEZ, José. **El gaucho Martin Fierro y La vuelta de Martin Fierro**. Poesia. Buenos Aires: Tientos, 2004.
- KARLS, Cleber Eduardo. **Quando o médico e o literato se encontram**: As representações da loucura e o crime em Dyonélio Machado. 2008. Dissertação (Mestrado em História). Porto Alegre: UFRGS, 2008.
- LEMIESZEK, Dyonisia Bonow. Luciana de Abreu. In: **A Mulher na História**. Porto Alegre: Sagra – D.C. Luzzatto Editores, 1997, p 114.
- LEMINSKI, Paulo. **Toda Poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- LESSA, Barbosa. **Rio Grande do Sul, prazer em conhecê-lo**. Como surgiu o Rio Grande. Porto Alegre: Editora AGE, 8ª Ed, 2025.
- MACHADO, Dyonélio. **Os ratos**. Romance. São Paulo: Editora Todavia, 2022.
- MANFROI, Waldomiro. **Médicos escritores**. Ensaio. Porto Alegre: Editora Buqui, 2013.

- MANFROI, Waldomiro. A Divina Pastora de José Antônio do Vale Caldre e Fião: uma análise a partir dos princípios de Edgar Morin. In: **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**, Porto Alegre, n 27, 2022, p 214.
- MARIANTE, João Gomes. **Getúlio Vargas. Ensaio.** O Lado Oculto do Presidente. Porto Alegre: Editora Sfera, 2016.
- MARTINS, Ari. **Escritores do Rio Grande do Sul.** Dicionário Bibliográfico. Porto Alegre: Ed. UFRGS/IEL, 1978.
- NEJAR, Carlos. **História da Literatura Brasileira:** da carta aos contemporâneos. São Paulo: Editora Noeses, 2022.
- ORNELLAS, Manoelito de. A Gênese do Gaúcho Brasileiro. Ensaio. In: **Máscaras e Murais de Minha Terra.** Porto Alegre: Globo, 1966, p 113.
- PINTO, Aureliano de Figueiredo. **Itinerário, Poemas de cada Instante.** Coleção Poesiasul, v 79. Porto Alegre: Movimento, 1998.
- PINTO, Aureliano de Figueiredo. **Romances de Estância e Querência.** Marcas do tempo. Coleção Poesiasul, v 79. Porto Alegre: Movimento, 1997.
- PRADO VEPPPO. **Obra Completa.** Poesia. SANTOS, Pedro Brum; BIASOLI, Vitor (Org.). Santa Maria: Editora UFSM, 2019.
- PRATES, Paulo Roberto (Org.). **Patronos da Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina.** 1822-2022. Bicentenário da Independência. Porto Alegre: AGE Editora, 2022.
- PUSHKIN, Alexander. Eugene Onegin. **A Novel in Verse.** Londres: Penguin Books, 2003.
- QUIROGA, Horacio. **Los Cuentos de Horacio Quiroga.** LAMBRÉ, Tomás (Coord.). Buenos Aires: Díada, 2014.
- ROSA, Letícia Vieira Braga da. 1750: Princípio do povoamento do Rio Grande do Sul com os Casais Sem Número. In: BARROSO, Vera Lúcia Maciel (Coord.). **Raízes Açorianas do Rio Grande do Sul / Brasil.** Porto Alegre: Evingraf / ISCMPA, 2024, p 201.

- RIPOLL, Lila. **Obra Completa**. Poesia. MOREIRA, Alice Campos (Org.). Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro: Movimento, 1998.
- RUSSOWSKY, Miguel. **Confeitos de Quimera**. Poesia. Porto Alegre: Alcance, 2000.
- RUSSOWSKY, Miguel. Poemas: Vulcão Extinto (Quase); Carta a uma fã. **Revista da Academia Sul Brasileira de Letras**, Pelotas, v 2, nº 1, Mai. 2003, p 68.
- SCHLEE, Aldyr Garcia. **Dicionário da Cultura Pampeana Sul-Rio-Grandense**. V 1 e V 2. Pelotas, Fructos do Paiz, 2019.
- SCHWARTSMANN, Gilberto; BETTIOL, Zoravia. **Divina Rima**: um diálogo com a Divina Comédia de Dante Alighieri. Poesia. Porto Alegre: Meridional, 2021.
- SILVEIRA, Gustavo Py Gomes da. **2013: Centenário de João Gomes da Silveira**. Porto Alegre: Edições Caravela, 2013.
- SOUZA, Blau. **Homenagem ao Dr João Gomes Mariante**. Porto Alegre: VII Jornada Cyro Martins sobre Saúde Mental, 2010.
- SPINELI, Teniza (Org.). **Casa de Noemy Valle Rocha**. História e Memória da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Vidrágua, 2017.
- XAVIER, Rogerio Gastal (Coord.). **Encontros de Literatura & Medicina**, A segunda paixão dos médicos. Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina (10/2016 a 05/2021). Porto Alegre: Scriptum, 2021.
- ZILBERMAN, Regina. **A literatura do Rio Grande do Sul**. 3ª Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

Produção editorial: **Maiara Alvarez**
Famílias de fontes: **Rogliano e MODERNOIR**
Papel: Couchê Brilho Nevia 115g
Impressão: Gráfica Pallotti, Santa Maria - RS

Porto Alegre, março de 2026.